

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

ESPORTE PARA TODOS:

A desescolarização da Educação Física  
e do Esporte e o universalismo  
olímpico.

EDISON FRANCISCO VALENTE

CAMPINAS - SÃO PAULO  
1996



EDISON FRANCISCO VALENTE

ESPORTE PARA TODOS: a desescolarização da Educação Física e do  
Esporte e o universalismo olímpico.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
CAMPINAS - SÃO PAULO  
1996

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

ESPORTE PARA TODOS: a desescolarização da Educação Física e do  
Esporte e o universalismo olímpico

Este exemplar corresponde à redação final da Tese de Doutorado, defendida por EDISON FRANCISCO VALENTE e aprovada pela Comissão Julgadora da Faculdade de Educação Física/UNICAMP, em 27 de março de 1996.

Data: 5 de Dezembro de 1996.



Assinatura do Orientador:

CAMPINAS - SÃO PAULO  
1996

9705704

UNIDADE	BC
N.º CHAMADA:	7/UNICAMP
V	234e
V.	Ex.
FOMBO BC/	30452
PROC.	281197
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	23/05/197
N.º CPD	

CM - 0 00 9 544 1 - 1

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA-FEF-UNICAMP

V234e

Valente, Edison Francisco

Esporte Para Todos: a desescolarização da Educação Física e do esporte e o universalismo olímpico/Edison Francisco Valente - - Campinas-SP : [s.n], 1996.

Orientador: Ademir Gebara

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

1. Esportes-História. 2. Educação Física-Estudo e Ensino.  
3. Jogos Olímpicos-História. I. Gebara, Ademir. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

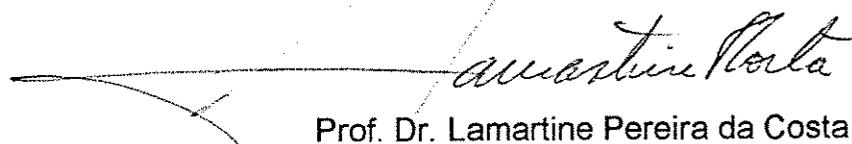
COMISSÃO JULGADORA:



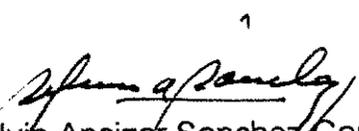
Prof. Dr. Ademir Gebara



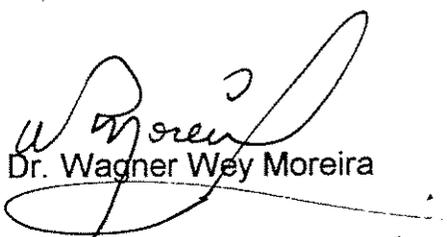
Prof. Dr. Antonio Carlos Bramante



Prof. Dr. Lamartine Pereira da Costa



Prof. Dr. Sílvia Ancizar Sanchez Gamboa



Prof. Dr. Wagner Wey Moreira

CAMPINAS - SÃO PAULO  
MARÇO DE 1996

## Sumário

Agradecimentos.....	ii
Dedicatória.....	iii
Resumo.....	iv
Abstract.....	viii

### **Esporte Para Todos: a desescolarização da Educação Física e do esporte e o universalismo olímpico.**

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO I: Refletindo o campo do esporte.....</b>	<b>15</b>
Marco teórico.....	18
Um caminhar histórico.....	20
É o campo esportivo, um campo de luta social?.....	23
O contexto: segundo autores.....	27
Como justificar teoricamente essas questões.....	35
<b>CAPÍTULO II: Olimpismo: um mito na luta pela dominação do mundo dos esportes.....</b>	<b>69</b>
O idealismo olímpico: concepções e valores.....	76
A ideologia Coubertiniana de 1894.....	87
<b>CAPÍTULO III: Esporte Para Todos: o universalismo olímpico e a desescolarização .....</b>	<b>100</b>
Esporte Para Todos: novas eras.....	101
Então, como conceituar o Esporte Para Todos.....	127
<b>CAPÍTULO IV: Esporte Para Todos (EPT) no Brasil.....</b>	<b>131</b>
EPT: o mito.....	147
<b>CAPÍTULO V: A desescolarização: significados e evidências.....</b>	<b>156</b>
A escolarização da Educação Física e dos esportes.....	169
A desescolarização de práticas corporais: algumas evidências.....	187
<b>CONCLUSÕES.....</b>	<b>198</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>214</b>

## AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador e amigo Prof. Dr. Ademir Gebara, não só pela oportunidade de concretização desta pesquisa num programa de doutorado, mas pelo apoio moral, material e, até, psicológico, dado durante os quase seis anos convividos em Campinas; pela oportunidade de estarmos juntos na construção de novos conhecimentos; na implantação do Grupo de História do Esporte, Lazer e Educação da FEF/UNICAMP; enfim, pelo fato de você, Ademir, ser meu grande amigo e irmão!

Ao amigo Lamartine Pereira da Costa pelas oportunidades oferecidas de novos conhecimentos, inclusive ao nível internacional; por estar sempre disponível para o atendimento às minhas solicitações e/ou angústias acadêmicas; e, por sua amizade, dedicação ao trabalho científico e ensinamentos.

Aos Professores Doutores Wagner Wey Moreira, Sílvio Sanchez Ancizar Gamboa, Lamartine Pereira da Costa, Antonio Carlos Bramante e Ademir Gebara, membros da Banca Examinadora de Qualificação e Defesa de Tese, por suas contribuições preciosas e pertinentes para a consecução desta tese.

Aos colegas do Grupo de História do Esporte, Lazer e Educação Física, por nossos grandes momentos acadêmicos, profissionais, de lazer e de amizade.

À Direção e Vice-Direção da Escola Técnica Federal de Alagoas, pela confiança e o apoio institucional, dado para a continuidade dos nossos estudos no doutorado.

Aos membros do Conselho Superior; ao Departamento de Recursos Humanos; à Chefe do Núcleo de Recursos Humanos; enfim, a todos os amigos da Escola Técnica Federal de Alagoas por acreditarem na minha capacidade de trabalho.

Aos Professores e Funcionários da Faculdade de Educação Física, da Faculdade de Educação e do IFCH, todos da UNICAMP, pela forma carinhosa e profissional como sempre me receberam.

Em especial à minha outra grande família, de Santa Cruz da Conceição, composta pela Vó Alice e Vô Nardo; Lígia, Nado e filhos Maura e Humberto; Mara, Sérgio e filhos Dago e Tandi; onde sempre fui recebido com muito calor humano e onde, muitas vezes, consegui desafogar minhas mágoas.

## DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Iracema e Rodrigo; à minha irmã Terezinha, ao cunhado Peixoto e sobrinhos Patrícia, Ricardo e Dudú os quais, com suas atitudes de carinho, proporcionaram-me forças para a superação dos inúmeros obstáculos aparecidos durante todo o transcorrer deste trabalho.

À minha esposa Márcia, "carro-chefe" de toda essa minha caminhada acadêmica e aos meus filhos André e Isabela, orgulhos de minha vida, dedico todo esse trabalho acadêmico.

À minha neta Maria Clara, motivo do meu rejuvenescer e alegria de viver.

À minha grande amiga, orientadora e Professora de Inglês Vera Lúcia P.C. Lemos - vera- efígie de excelente personalidade e senso de profissionalismo- a qual recebeu-me com carinho, alegria, preencheu vazios e, com veracidade, encheu-me de motivação para o aprendizado da língua Inglesa.

**"O pesquisador não se desprende da sua vida: as agruras de um alagoano (de coração) em rever as questões ligadas ao trabalho e ao não trabalho, fez você conseguir dialogar a História de sua vida com a sua História acadêmica".**

**(BRAMANTE, 1995)**

## RESUMO

**"Esporte Para Todos: a desescolarização da Educação Física e do Esporte e o universalismo olímpico"** tem por objetivo discutir questões inerentes ao Olimpismo, ao Esporte Para Todos e à desescolarização enquanto fenômenos históricos marcadamente presentes na sociedade contemporânea, os quais foram mitologizados e se tornaram histórias nessa sociedade.

Levando-se em conta de que a História enquanto processo de conhecimento é tarefa e responsabilidade individual no processo das relações sociais e que a historiografia possui um papel de crítica epistemológica e/ou ideológica - um interrogar dessa História como conhecimento e como ideologia - este trabalho tenta procurar desvendar um véu de penumbras que ainda paira entre a História e a Memória do Esporte Para Todos - EPT - procurando identificar qual a correlação existente entre esse movimento e o Movimento Olímpico Internacional.

Partindo de experiências acadêmica e existencial do autor, este estudo buscou pressupostos na pesquisa "Perspectivas Históricas do Movimento Esporte Para Todos no Brasil", concluída em 1993, a qual levantou uma série de outras tematizações e questionamentos a respeito desse movimento ao nível nacional. Na tentativa de cada vez mais aprofundar o estudo; identificar possibilidades, ao nível internacional, sobre a lógica interna que comanda o EPT, principalmente quando relacionado ao Movimento Olímpico, foram levantadas hipóteses e alguns questionamentos que nortearam o estudo, tais como: ao nível internacional, que ideologia dá sustentação ao Esporte Para Todos? Como contextualizar o EPT na sociedade capitalista? Como correlacionar a idéia de educação, apregoada pelo Movimento Olímpico, com o Esporte Para

Todos? Como relacionar o discurso do EPT com as questões do campo esportivo e da desescolarização? O EPT possui uma ética particular em relação à ética capitalista? Como entender a relação EPT e desescolarização numa sociedade onde o processo de globalização encontra-se cada vez mais ascendente?

Diante desses e outros questionamentos, bem como de hipóteses formuladas, este trabalho objetivou analisar fatos da natureza do EPT que mais têm deixado dúvidas em relação às suas concretidades.

Assim, partindo de uma visão internacional e de marcos teóricos e históricos que pudessem permitir outras apreensões desse objeto de estudo; e, dialogando com autores como Marx, Weber, Thompson, Hobsbawm, Bourdieu, Huizinga, Guttmann, DaCosta, Lefebvre, Kurz, dentre outros, procurou discutir, inicialmente, questões sobre a esportivização dos jogos, no sentido de buscar encontrar contradições e/ou ambiguidades no seu relacionamento com o mundo capitalista - presentes também no Movimento Olímpico Internacional - recorrendo a algumas das particularidades contextuais onde preliminarmente esses fatos aconteceram - a sociedade burguesa do século XIX. Buscou, ainda, entender questões ligadas ao campo esportivo, no processo das relações sociais, que exerceram influências para a implantação do Movimento Olímpico Internacional e para a restauração dos Jogos Olímpicos da era Moderna.

Para a contextualização do estudo, além de outros autores, baseou-se em Hobsbawm para a reinterpretação de fatos marcantes nessa sociedade burguesa, do século XIX e início do século XX, em seus diferentes sistemas de valores e significados, procurando correlacioná-los com a origem dos esportes e, conseqüentemente, com a origem dos Jogos Olímpicos e do Esporte Para Todos - tidos como marcos históricos e mitos da humanidade os quais tornaram-se história, inspiraram ideais e assumiram os mais diversos papéis no mundo contemporâneo.

Analizou, ainda, opiniões de outros autores sobre o Esporte Para Todos Internacional, na esperança de apontar indicadores que tentassem desvendar a sua gênese.

Correlacionando esses estudos com o processo de desescolarização - visto como fato histórico crescente no mundo capitalista - procurou confrontar tais idéias com a ideologia universal do olimpismo. Para tal, teve que recorrer a autores como: Coubertin, Müller, Dieckert, Palm, Yalouris, Despotopoulous, Filaretos, Chalip, Troeger, Bento - dentre outros - bem como a dados coletados na Academia Olímpica Internacional-Grécia, onde o autor esteve presente em 1994. Além desses procedimentos metodológicos, foi feita, também, uma tentativa de identificação do EPT brasileiro, no sentido de verificar quais os nexos existentes entre o Olimpismo, o Esporte Para Todos e a Desescolarização, a partir de uma visão brasileira, que pudessem fornecer outros dados e que nos conduzissem a outros possíveis entendimentos. Foram utilizados, além dos estudos da pesquisa "Perspectivas Históricas do Movimento Esporte Para Todos no Brasil", os mais variados estudos efetivados por autores brasileiros, com o objetivo de identificar seus vínculos e, ao mesmo tempo, buscar entendimentos sobre essas possíveis conexões com os movimentos internacionais.

Por esse "caminhar histórico", após as discussões sobre o mito do Olimpismo, passou a examinar o Esporte Para Todos no contexto da "Desescolarização". Com esta configuração, tentou dar uma visão mais explicativa aos aspectos norteadores das atividades esportivas não formais; usualmente sujeitas a interpretações reducionistas, e mesmo aparentes, por parte da grande maioria dos intelectuais da Educação Física e dos Esportes no Brasil.

O estudo do fenômeno da desescolarização, induziu o autor a revisar alguns aspectos das epistemologias de Marx e Weber, no sentido de buscar uma melhor historicização para esse fenômeno e o norteamo das discussões sobre o mesmo;

referendando-se em questionamentos que levassem ao relacionamento e/ou entendimento da desescolarização, enquanto fenômeno de uma sociedade onde as questões da globalização se fazem cada vez mais presentes e onde as notações de tempo e espaço assumem os mais diferenciados valores e significados.

Tanto o Movimento Olímpico quanto o Esporte Para Todos, genealogicamente, apresentaram-se institucionalizados, a partir de idéias adotadas por Pierre de Coubertin, quando da instauração do Comitê Olímpico Internacional, em 1894; codificadas quando da concretização da Olympic Charter; apesar de o EPT ter sido considerado, por grande parte dos historiadores, como advindo de fora do Movimento Olímpico - desescolarizado.

Portanto, não obstante os fatos inerentes à globalização, os quais configuraram-se como norteadores da sociedade capitalista contemporânea, esta pesquisa histórica conseguiu, à guisa de conclusão, levantar evidências sobre o Olimpismo, o Esporte Para Todos e a desescolarização das práticas corporais e/ou esportivas, identificando-os enquanto fenômenos sociais marcadamente presentes nas mais diversas sociedades - principalmente a Européia - onde todos eles - Olimpismo, Movimento Olímpico, Jogos Olímpicos, Esporte Para Todos e o próprio fenômeno da desescolarização - apresentam-se como formas de produção, reprodução e consumo; trabalhados com notações de tempo e espaço diferenciados; e, onde a relação tempo-espaço-trabalho demonstram ser seus "a priori" - também diferenciados.

Com a globalização, o Olimpismo, os Jogos Olímpicos, o Movimento Olímpico, o Esporte Para Todos e a desescolarização são identificados como fenômenos avançadíssimos no mundo dos negócios e do ócio, em uma sociedade altamente globalizada, onde prenuncia-se um mercado cada vez mais em expansão e onde o mundo dos esportes, dos lazeres e das práticas corporais já é tido como supranacional.

## ABSTRACT

***"SPORT FOR ALL: the unschooling of Physical Education/sport and the Olympic Universalism"*** aims to discuss questions about Olympism, Sport For All and Unschooling, while historical phenomenons presents in the contemporary society.

According to the academical and existential experiences of its author, this study sought a priorities from the research "Historical Perspectives about the Sport For All Movement in Brazil" to reinterpret facts, evidences and to understand preliminary aspects about that movement in Brazil, as well as to study it deeply at an international level. Some questions were presented, based on the following: Which ideology has given support to Sport For All Movement? How can the Sport For All be contextualized in capitalist society? How can the Sport For All discourse be connected with the sportive field and the unschooling of the corporal practices? What is the internal logic that has given support to the Sport For All ideology? How can the Olympic Movement promote Sport For All? How can we connect Olympism, Olympic Movement, Olympic Games, Sport For All and Unschooling phenomenons?

After these questions, this study sought to analyse and to explain facts and evidences about the Sport For All from theoretical marks and point of view of different authors - Brazilian authors and international authors. Another strategy used was the dialogue among classical authors as Marx, Weber, Thompson, Hobsbawm, Bourdieu, Parlebas, Huizinga, Guttmann, Lefebvre, Kurz and others, to discuss questions about time, space, work, leisure and production in capitalist society, to understand aspects about the sportivization of the games. This study also sought contradictions, values and meanings about the relationship between the bourgeois society and the origin of the International Olympic Movement in the capitalist context from the 19th century.

According to these arguments, questions and contextualization, this study reinterpreted facts about the bourgeois society from the 19th and from the 20th centuries, based on different systems of values and meanings, to seek correlation between the genealogy of the sport, Olympic Games and of the Sport For All, as a historical marks and humanity myths.

However, the study about the unschooling phenomenon obliged its author to review Marx's and Weber's epistemologies to delimitate better that phenomenon, in relation to the different meanings of time, space, work and leisure in society.

Therefore, this study sought evidences about its subjects to identify how production, reproduction and consumption forms have been used in its historical process where the relationship among time, space, work, Olympism, Sport For All and unschooling have been showed on different conditions where all of them have been dependent on cultural aspects in social relations.

Summarising, to understand the questions and hypothesis formulated, this research is divided into five chapters, following:

- In Chapter I - "Reflecting the Sport Field"- it tries to do a Historical and theoretical articulation from the sportivization of the games, identifying its contradictions and its relationship with the capitalist world that has been lived by International Olympic Movement since 1894. This study was based on Marx's, Weber's, Hobsbawm's, Bourdieu's, Huizinga's and Guttmann's ideas.

In Chapter II - "Olympism: a mythological struggle through sports world" - the discussion is based on the analysis about cultural phenomenons of the bourgeoisie from society of the 19th century, where the sport was considered one of the principal social activities that became as a historical myth, principally when Coubertin himself restored the Olympic Games in 1896.

In Chapter III- "Sport For All and the Olympic Universalism" - it tries to recuperate points of views and apprehensions of authors about the International Sport For All and their understanding about the games and sport - meanings/values - as a cultural and historical phenomenon of the Olympism.

The Chapter IV - "The Brazilian Sport For All" - is a reinterpretation of the Brazilian Sport For All History. This chapter is based on the last researches about this knowledge field in Brazil since 1979 where the author of this research tries to show one of the relative forms that was developed by Brazilian Sport For All Movement and try also to show the impossibility of the Sport For All universalization.

In Chapter V - "The unschooling: meanings and values" - it tries to discuss the unschooling from the schooling of Physical Education and Sport while a demystification of the Olympism, formal sport and schooling Physical Education, an exigence of contemporary society. It tries also to discuss questions from globalization phenomenon as an important historical fact of the 20th century, that has had great influence in the capitalist society.

Finally, this research itself identified the Olympism, the Olympic Games, the Olympic Movement, the Sport For All and the Unschooling as very advanced phenomenons in the business and leisure worlds, in one society too much globalized, where there is a market in great expansions and where the fields of sport, leisure and corporal practices have also crossed frontiers like super-national phenomenons.

**Um dos papéis fundamentais do cientista é o de apoiar-se na ciência para tentar conhecer o desconhecido; isto, sem jamais esquecer de que a ciência desvinculada da vida, perderá o seu sentido de existir.**

## Introdução:

Parafraseando Hobsbawm, em "A Era dos Impérios", para nós há, ainda, uma grande penumbra entre a História e a Memória do Esporte Para Todos<sup>1</sup> - EPT - no Brasil. Ou seja, uma penumbra "entre o passado como um registro geral aberto a um exame mais ou menos isento e o passado como parte lembrada ou experiência de nossas vidas". Esta afirmação vem a propósito do Movimento Esporte Para Todos no Brasil, um marco histórico relevante nos campos da Educação Física, Esporte e Lazer, a partir da década de 70, com pouca coisa explorada por profissionais da área, conseqüentemente, pouco se sabe sobre ele. A extensão dessa zona de penumbra que envolve o EPT, provavelmente, tenha sido a principal barreira para a apreensão do seu conhecimento, variando tanto quanto a obscuridade e a imprecisão que o caracterizam. Isto posto, é parte da História procurar reinterpretar seus fatos para a busca de outras compreensões, significados e valores norteadores deste objeto em construção, identificado pela expressão "Esporte Para Todos", no Brasil, e por outros termos e/ou expressões ao nível internacional.

Para a efetivação deste estudo, inicialmente partimos de pressupostos de nossa própria época, lugar e situação. Levamos em conta toda uma experiência vivenciada, aproximadamente de dez anos, enquanto ex-agente de ligação do EPT do Estado de Alagoas; como pesquisador que, desde 1979, vem estudando questões ligadas ao mundo do Esporte Para Todos; e, como acadêmico e profissional vinculado a área de concentração da História do Esporte, Lazer e Educação Física, desde 1990, na UNICAMP. Temos habitualmente trabalhado em arquivos e outras fontes primárias; lido uma enorme quantidade de obras da literatura; procurado abrir caminhos através de debates acadêmicos - ao nível nacional e internacional; e, muitas vezes,

---

<sup>1</sup>. Em todo este trabalho quando nos referirmos ao Movimento Esporte Para Todos, estaremos, também, utilizando a sua sigla "EPT", revestida de todos os valores e significados desse movimento.

administrando desavenças acumuladas, ao longo do tempo, a respeito do EPT brasileiro. Além disso, tivemos oportunidade de vivenciar, em 1994, por dois meses, outras experiências na International Olympic Academy-Olympia/Greece, convivendo e discutindo, quase que diuturnamente, questões sobre o relacionamento entre o Movimento Olímpico e o Esporte Para Todos Internacional<sup>2</sup>.

Dois conceitos de história deverão ser levados em conta neste estudo; interrelacionado-os com o acadêmico e o existencial - o arquivo e a memória pessoal. A memória pessoal moldada - delineada - pela tradição, segundo expectativas de comportamento público e/ou particular. Ela faz parte de um mundo privado de cada indivíduo, é pessoal; e, o acadêmico, configurado quando cientificamente elaboramos uma vasta reinterpretação de fenômenos do EPT brasileiro, publicados em eventos científicos e, principalmente, nas pesquisas "Esporte... 'para todos': conceitos e preconceitos"; em "Perspectivas Históricas do Movimento Esporte Para Todos no Brasil"; e, no "Sport For All: unchooling of Physical Education and the Olympic Universalism".

Foi basicamente através da pesquisa "Perspectivas Históricas do Movimento Esporte Para Todos no Brasil" que iniciamos uma busca científica de fatos que nos levassem a reinterpretações do Esporte Para Todos; isto favoreceu para a abertura de um leque de tematizações para outros estudos científicos e possíveis definições de fenômenos, que ainda continuam na obscuridade, e/ou estão aparentemente identificados nesse campo do conhecimento.

Referendado em uma pesquisa histórica, a mesma tentou identificar a lógica interna que comandou a História do Movimento EPT, no Brasil, a partir da década de 70.

---

<sup>2</sup>. Estiveram presentes vinte e sete representantes de países, participantes do "Second International Seminar of Select Students", onde foi possível coletar riquíssimo material, bem como realizar uma série de entrevistas com seus participantes.

A não existência de um padrão definido na construção do objeto "Esporte Para Todos" e a tentativa de continuar desvendando a História desse movimento no Brasil, impôs-nos um outro desafio: a análise de suas experiências ao nível internacional.

Na verdade, esse estudo nos levou a perceber que as experiências, vivenciadas no EPT brasileiro, possuíam amplitude maior do que as comentadas por autores na literatura ou mesmo existentes na documentação. A conceituação de experiências objetivas e intersubjetivas, foram expressões externa e internamente evidenciadas naquela pesquisa; marcadamente presentes, também, naquele movimento.

Ficou bastante nítido que se ficássemos analisando os valores do EPT somente por seus documentos, produzidos ao longo de mais de dez anos de sua História, estaríamos fadados a uma leitura reducionista, ou então, muito genérica, posto que a existência dos fatos seria secundária. E, segundo KOSIK (1976:44) entre as generalizações e/ou reducionismos e os fatos, existe uma dependência recíproca: tanto as generalizações, quanto os reducionismos, só se explicam a partir dos fatos que o integram. Ou seja, da problematização e da contextualização dos fatos; motivo pelo qual procuramos dialogar com os autores e, mesmo, com os documentos - deixando que eles também "falassem".

Não obstante esse estudo anterior, esta pesquisa foi delimitada levando em conta quatro aspectos distintos, mas que ao mesmo tempo se interligam: nas várias versões de nomenclaturas e interpretações existentes a respeito desse movimento EPT, em níveis internacional e nacional. São eles: nas dificuldades de se formular conceitos que permitissem identificar o EPT, para análise de sua existência no Brasil; na falta de uma melhor explicitação sobre a dinâmica que comandou a gênese do Movimento Esporte Para Todos, enquanto uma ideologia universal do Olimpismo; e, ser o EPT um fato da História da Educação Física e dos Esportes, conceitualmente ambíguo e carente de uma reinterpretação histórica que o identificasse dentro de uma nova (possível) perspectiva de leitura e interpretação.

Isto posto, sentindo a necessidade de reescrever a História do Movimento Esporte Para Todos, levantamos uma série de temas, possibilidades, bem como, alguns outros questionamentos, tais como: que tipo de ideologia pode dar sustentação ao Esporte Para Todos? Como contextualizar o Esporte Para Todos na sociedade? Qual a relação existente entre o Esporte Para Todos e o Movimento Olímpico? Como correlacionar a idéia de educação, apregoada pelo Movimento Olímpico, com o Esporte Para Todos?

Algumas das ambigüidades conceituais existentes, na literatura, sobre a gênese do Esporte Para Todos, levaram-nos, ainda, a questionar, primeiramente na "Perspectivas Históricas do Movimento Esporte Para Todos no Brasil", fatores que determinaram o Movimento EPT ao nível internacional e no Brasil; as características desse Movimento EPT, enquanto legislação, teoria e prática; as explicações estruturais, materiais e político-ideológicas que justificariam a dinâmica que comandou a lógica interna do Movimento EPT no Brasil.

Diferentemente do que aconteceu naquela pesquisa, quando procuramos aprofundar as discussões sobre esse objeto de estudo, baseado numa periodização específica - 1977-1979 (período de implantação da Campanha EPT do MOBREAL - EXPERIMENTAL); 1980-1981 ( período de replanejamento do Programa Esporte Para Todos da SEED/MEC ); e, 1982-1986 (período de implementação do Movimento EPT - DA REDE EPT) - aqui, nesta pesquisa, tematizamos o nosso objeto de estudo procurando contextualizá-lo a partir do final do século XIX, quando da implantação do Movimento Olímpico Internacional.

Utilizamos como pressuposto o fato de que em toda pesquisa científica sempre se trabalha com um "a priori" fundamental do real; com o tempo, espaço e com uma maneira de apreensão destes, como um dado, um elemento de contexto, para a explicação e a compreensão dos fatos que norteiam a historicidade do objeto de estudo - em nosso caso o Esporte Para Todos, sua conexão com o Movimento Olímpico Internacional e com o fenômeno da desescolarização.

Conforme o que aconteceu anteriormente em nossa dissertação de mestrado, esta pesquisa, metodologicamente, foi dividida em três fases: descritiva, teórica e conceptual. Na descritiva, buscamos evidências tentando contextualizar e recuperar fatos desses momentos históricos, procurando, diacronicamente, fazer uma projeção do objeto em estudo. Na teórica, procuramos buscar o significado dos fatos e, dentro de um contexto maior, "mergulhar" - aprofundar - na História do Movimento EPT, na tentativa de "radiografar" e/ou conhecer detalhes sobre esse movimento, levando em consideração aspectos temporais, espaciais e/ou sócio-culturais envolventes, que o identificam historicamente. Recorremos, então, a alguns autores clássicos como Marx, Weber, Thompson, Hobsbawm, Bourdieu bem como à historiografia - num sentido mais amplo - para discutir questões e hipóteses levantadas sobre a contextualização do EPT nos níveis internacional e nacional. Num terceiro momento - conceptual - também denominado de criativo, objetivamos identificar significados e valores a respeito do Movimento Esporte Para Todos, a partir dos resultados obtidos nas fases descritiva e teórica.

Como instrumentais, foram utilizados, além de pesquisas bibliográfica e documental, entrevistas informais - técnica exploratória de auxílio para a elucidação dos fatos.

A partir do reconhecimento dos principais temas, na redação final organizamos a apresentação da pesquisa, preocupados em estabelecer conexões entre o todo do trabalho com suas partes, para evitar que os temas levantados ficassem justapostos.

Os temas, reinterpretados na pesquisa "Perspectivas Históricas do Movimento Esporte Para Todos No Brasil", foram os seguintes: "Abordagem Histórica sobre o EPT brasileiro: o contexto", onde foram apresentadas considerações gerais do contexto histórico - nacional e internacional - vivenciado pelo EPT; "O EPT e a historiografia brasileira", através do qual buscou-se discutir idéias de autores brasileiros sobre o EPT, publicadas na literatura; "O EPT: sua gênese", apresentou uma visão genérica - conceitual - do EPT, a partir de sua experiência, na década de 60, na Noruega; "O

EPT no Brasil", em que foram analisados fatos sobre a gênese do EPT brasileiro, além do conteúdo do "Documento Básico do EPT"; e, "A Rede Esporte Para Todos", através do qual foram analisados fatos relacionados com experiências vivenciadas por Agentes, profissionais da Educação Física, Instituições e comunidades, a partir de 1982, quando da implantação da Rede EPT no Brasil.

A análise desses fatos, deram sustentação à afirmação de que a gênese do Movimento Esporte Para Todos foi uma resultante de experiências historicamente construídas mediante um conjunto de práticas do esporte no Brasil, as quais, ofertadas aos agentes sociais (mais tarde agentes EPT), destinavam-se ao encontro de uma certa demanda mercadológica existente no contexto social brasileiro, na década de 70.

Assim como tem sido verificado na Educação Física, na Educação e no Esporte de modo geral, aquela pesquisa identificou o Esporte Para Todos como um produto dotado de lógica e de história próprias. Apesar de estar articulado com outros eventos da sociedade contemporânea, possui especificidade em seus tempo e espaço; formas de evolução, crises e cronologias próprias.

Demonstrou ter sido, o EPT brasileiro, resultado da incorporação de conhecimentos advindos de um "produto" criado na Noruega, em 1967 - o movimento de marketing TRIM - e "consumido", de forma diferente, por outros países da Europa; dentre esses, a Alemanha - matriz inspiradora do EPT brasileiro - tendo como seu principal divulgador Jürgen PALM - a partir das "Jornadas Internacionales de Estudio sobre el Deporte", em 1973, na Argentina - quando esse pesquisador fez a apresentação do modelo TRIMM. Presentes os brasileiros Lamartine Pereira da Costa e Octávio Teixeira, os quais trouxeram para o Brasil a proposta daquele modelo alemão.

Evidenciou, ainda, que a apreensão daquele conhecimento, estimulada pela ânsia de apresentar alguma inovação metodológica na prática da Educação Física e no Esporte brasileiros, configurou-se como um dos pontos de partida do EPT, para

acelerar mudanças já então observadas no "Diagnóstico da Educação Física/Desportos no Brasil", publicado em 1971.

Conseqüentemente, a demanda para a implantação de um movimento popular, que estimulasse a prática de atividades lúdicas e não formais do esporte, marcadamente estava presente no "momento" brasileiro. Exemplo disso, foram outros movimentos surgidos como o COOPER, os sucessos dos eventos promovidos pela Prefeitura de São Paulo, a MEXA-SE, o MUDES, além de iniciativas isoladas acontecidas em quase todo o País; todas anteriores à implantação da Campanha Esporte Para Todos. Esses movimentos variaram de significado e função social em relação à valoração que diferentes classes davam aos diferentes esportes. Ficou nítido que a lógica dessas diferenças estava alicerçada, não só em aspectos econômicos, distintamente identificados naquele contexto - o que justifica as diversas manifestações intencionais de indivíduos, em relação à valoração dessa prática no tempo de lazer, mas como um processo de emancipação cultural.

Assim, a pesquisa "Perspectivas Históricas do Movimento Esporte Para Todos no Brasil" descartou a idéia de que a gênese do Movimento Esporte Para Todos no Brasil tenha sido, apenas, iniciativa de pioneiros; isto porque os fatos demonstraram que a essência do EPT brasileiro foi sendo progressivamente construída, a partir de iniciativas comunitárias, culturalmente identificadas - como tem sido o caso do futebol pelada.

Foi observado, também, que o EPT, enquanto projeto de Governo, não foi um dado diferente dos demais projetos. Foi um projeto que procurou incorporar idéias diferentes daquelas, costumeiramente, verificadas nos campos da Educação Física e Esportes, adicionando-as às propostas tradicionais, no sentido de tentar enriquecer sua prática. As idéias de "ordem e progresso" - presentes até então nesses campos do conhecimento - passaram a dar espaços à descentralização, ao não formalismo, ao pluralismo, aos anseios das comunidades, onde seus atores e autores passaram a ser entendidos nos seus próprios tempos históricos e dentro de seus contextos.

Cotejando a historiografia, com o que apresentam os documentos do EPT, bem como com as experiências "epetistas"<sup>3</sup> registradas no centro de memória da Rede EPT- hoje à disposição dos pesquisadores na Biblioteca da FEF/UNICAMP - aquela pesquisa concluiu que o Movimento Esporte Para Todos no Brasil, de modo geral, foi muito bem recebido pelas comunidades, mal interpretado por uma grande quantidade de intelectuais da Educação Física e Esportes e, em muitos casos, utilizado como instrumento de manipulação. Porém, todos esses fatores foram tidos como inevitáveis em um movimento gigantesco como, no caso, o Esporte Para Todos do Brasil.

No entanto, a dissertação de Mestrado "Perspectivas Históricas do Movimento Esporte Para Todos no Brasil", enquanto um trabalho acadêmico bastante complexo, não conseguiu dar conta de todos os temas registrados e marcos da História do EPT; mesmo porque isso é praticamente impossível, em um trabalho desse porte, levando-se em conta a infinitude, a multiplicidade, a universalidade do conhecimento. Além disso, embora várias produções tenham sido publicadas e reconhecidos os avanços na produção do conhecimento do EPT, principalmente após a tematização levantada por essa dissertação, várias questões ainda permaneceram em aberto. Por exemplo: como relacionar o discurso do EPT com as questões do campo esportivo? Possui o EPT uma ética particular em relação a ética capitalista? Qual a relação do EPT com a lógica do trabalho e do lazer? Como traduzir suas idéias "para todas" as línguas? Qual é a conexão existente entre o Esporte Para Todos e o Movimento Olímpico?

A introjecção de valores históricos, a partir desses questionamentos, nos levaram a esclarecer outros problemas relacionados ao objeto desse estudo - o Movimento Esporte para Todos - permitindo-nos a apreensão de novos conhecimentos; permitiu evidenciar, também, a importância da continuidade de um estudo com base nessas perspectivas, pois, esses caminhos, possivelmente, nos levassem a repensar o EPT, não como um fato acidental, mas como um fato que por sua dimensão multicultural e por sua qualidade de não formalidade poderia, até, se

---

<sup>3</sup>. O termo "epetista" será mais uma das metáforas utilizadas neste trabalho para representar ações e/ou fatos do Movimento Esporte Para Todos - EPT.

apresentar como uma pretensa alternativa metodológica para a Educação Física e o Esporte, como uma das formas de reação a extremismos característicos de sistemas homogêneos (padrões), no Brasil, e comuns em sociedades capitalista.

Diante das hipóteses e questionamentos levantados, procuramos dar um trato a esse trabalho histórico como ele manifestamente é - uma estrutura composta de experiências práticas e verbais - tentando combinar uma certa quantidade de dados, conceitos teóricos, para explicar esses dados; e, como, uma estrutura narrativa que os apresenta como um ícone de conjuntos de eventos ocorridos em tempos passados. Levamos em conta, também, que esses questionamentos e hipóteses comportam um conteúdo estrutural profundo, muitas vezes poético e, especificamente, lingüístico em sua natureza, fazendo as vezes de um paradigma pré-criticamente aceito, para uma explicação eminentemente histórica do Esporte Para Todos.

Segundo WHITE (1992:11), esse paradigma funciona como um elemento "meta-histórico" em todos os trabalhos históricos e são muito mais abrangentes em sua amplitude do que monograficamente ou em informe de arquivo.

Afirma esse autor:

***"(...) Distingo, porém, três tipos de estratégias (...) para alcançar diferentes tipos de impressão explicativa. (...) explicação por argumentação formal, explicação por elaboração de enredo e explicação por implicação ideológica. Dentro de cada uma dessas diferentes estratégias identifico quatro possíveis modos de articulação(...) Para os argumentos há os modos do formismo, do organicismo, do mecanicismo e do contextualismo; para as elaborações de enredo há os arquétipos da estória romanesca, da comédia, da tragédia e da sátira; e, para a implicação ideológica há as táticas do anarquismo, do conservantismo, do radicalismo e do liberalismo. Uma combinação específica de modos constitui o que chamo de 'estilo' historiográfico de determinado historiador ou filósofo da história". (p.12)***

Utilizando-se da matriz metodológica de White, organizamos o projeto desta pesquisa, objetivando buscar valores e significados do Esporte Para Todos, por argumentações formais e com base na contextualização dos seus fatos. Nesse nível, acreditamos estar prefigurando o seu campo histórico e constituí-lo como um domínio no qual estaria sendo possível aplicar teorias específicas para as explicações sobre o que estava realmente sendo reinterpretado. Esse ato de prefiguração, por sua vez, deverá assumir certos números de formas, cujos tipos poderão ser caracterizáveis pelos modos lingüísticos em que estão vazados, bem como pela possibilidade de outras possíveis reinterpretações.

***"Seguindo uma tradição de interpretação que remonta a Aristóteles e que, mais recentemente, foi desenvolvido por Vico, pelos lingüistas modernos e pelos teóricos da literatura, dou a esses tipos de prefiguração os nomes dos quatro tropos<sup>4</sup> da linguagem poética: METÁFORA, METONÍMIA, SINÉDOQUE E IRONIA - quatro modos principais de consciência histórica" (WHITE, 1992:12).***

Esse pesquisador, conforme as citações acima, identifica cada um desses modos de consciência, como sendo a base para um protocolo lingüístico preciso, necessário para prefigurar o campo histórico. Somente após essa prefiguração é que podem ser empregadas estratégias específicas de interpretação histórica para explicá-lo. Para WHITE (1992:13), esse modo tropológico dominante e seu concomitante protocolo lingüístico compõem a base irredutivelmente meta-histórica de todo trabalho histórico. Como exemplo, afirma que na metáfora (transferência), os fenômenos podem ser caracterizados em função de sua semelhança ou diferença com um outro, à maneira da analogia ou símile, como na frase "meu amor, uma rosa". Na metonímia (literalmente troca de nome), o nome de uma parte de uma coisa pode substituir o nome do todo, como na expressão "cinquenta velas" quando o que está sendo

---

<sup>4</sup>. Tropo significa "emprego de uma palavra em sentido figurado" e tropologia significa "emprego de linguagem figurada".

indicado é "cinquenta navios". Com a sinédoque ( tropo que confere a um termo maior extensão do que ordinariamente ele compreende, como "o pão está caro; isto é, a vida está cara" ou "ele é todo coração") um fenômeno pode ser caracterizado usando-se a parte para simbolizar qualidade que se presume seja inerente à totalidade. Através da ironia, é possível caracterizar entidades por meio da negação no nível figurado do que é afirmado positivamente no nível literal. Por exemplo, na frase "fria paixão". (p.48)

Como vimos, a metáfora é essencialmente **representacional**, a metonímia é **reducionista**, a sinédoque é **integrativa** e a ironia é **negacional**.

Baseando-se nesses tropos de linguagens, este trabalho buscará melhor entendimento histórico das questões relacionadas com o Olimpismo, o Esporte Para Todos, bem como de suas interrelações existentes, entre estes, com o fenômeno da desescolarização. Ou seja, partindo-se do pressuposto mito do Olimpismo, tentaremos identificar qual a sua conexão com o Esporte Para Todos no contexto da desescolarização e como seus conceitos estão relacionados com as atividades caracterizadas como não formais.

Intencionalmente, utilizaremos o termo **DESESCOLARIZAÇÃO**<sup>5</sup> como representativo - modo de consciência metafórica - para tentar alcançar essa forma explicativa e procurar adotar um estilo historiográfico para este fato histórico, cada dia mais marcante em nossa sociedade; cujos significados e valores estão sendo vinculados a fenômenos sócio-culturais de práticas de atividades, esportivas ou não, fora do contexto escolar e desvinculados da obrigação curricular. Não se trata de destruir a escolarização, pelo contrário, mas a utilização de um termo com valores e significados o qual, dialeticamente, poderá ser um elo de entendimento e de possível efetivação da conexão entre o Movimento Olímpico, o Esporte Para Todos e a crescente busca de indivíduos por práticas de atividades fora da escola - desescolarizadas - enquanto mais uma das alternativas de educação, de lazer no

---

<sup>5</sup>. Temos que deixar bem claro que este termo não foi criado pelo autor desta pesquisa, pois ele já existe há algum tempo e outros autores já o tem utilizado, como, por exemplo: **ILLICH** e **PARO**.

cotidiano da sociedade contemporânea, via esporte - apesar de reconhecermos que poderão haver outros significados e/ou interpretações para esse termo (reducionista, integrativo ou negacional). Dessa forma, procuraremos tratar, especificamente, a desescolarização como um fato, cada vez mais evidente, o qual, a cada dia, vem se ampliando na cotidianidade social.

Evidentemente, com esse trabalho objetivamos explicar fatos da natureza do EPT, ainda não descritos na historiografia brasileira, partindo de uma visão internacional e de marcos teóricos e históricos que possam permitir outras apreensões desse objeto de estudo.

Assim, metodologicamente, procuramos estruturar o desenvolvimento desta pesquisa, tentando buscar articulações em torno do nosso objeto de estudo, partindo de conceitos e contextos mais amplos, para chegarmos a conceitos e significados mais singulares, sobre as conexões existentes entre o Olimpismo, o Esporte Para Todos e a Desescolarização.

No Capítulo I - "Refletindo o Campo do Esporte" - procuramos articular histórico-teoricamente a esportivização dos jogos, bem como identificar suas contradições e o seu relacionamento com o mundo capitalista, vivenciado pelo Movimento Olímpico Internacional desde sua instauração. Serão discutidas, ainda, formas de apreensões e ordenações históricas da sociedade européia, cujos significados e valores diferenciados, ligados à doutrinas e sistemas, demonstram ter contribuído para tipos específicos de formação, como: formas de linguagens e expressões; comportamentos e terminologias próprias; e, onde a educação formal e os esportes foram tidos como um dos meios específicos de ascensão social.

O Capítulo II - "Olimpismo: um mito na luta pela dominação do mundo do esporte" - inicialmente, apresenta-se como uma análise de fenômenos culturais que identificaram a sociedade burguesa dos séculos XIX e XX, em seus diferentes sistemas de valores e significados, correlacionando-os com a origem dos esportes, dos Jogos Olímpicos e do Esporte Para Todos. Nele, serão discutidas, ainda, questões

relacionadas com o Olimpismo, enquanto mais um dos marcos históricos ou mito que se tornou história, inspirou ideais e assumiu diversos papéis no mundo contemporâneo; e, a ideologia Coubertiniana de 1894, seus valores e significados para a sociedade burguesa, a partir do século XIX.

Com o Capítulo III - "O Esporte Para Todos e o Universalismo Olímpico" - buscar-se-á recuperar pontos de vistas, e/ou formas de apreensões de diversos autores, sobre o Esporte Para Todos Internacional; e, entendimentos do esporte e do jogo, voltando essa análise, mais especificamente, para aspectos culturais e históricos, utilizando-se como referencial o Olimpismo. Trata-se de mais uma tentativa de desvelar conceitos e evidências; identificar a gênese do Esporte Para Todos enquanto um fenômeno internacionalizado, na dimensão cultural do esporte e/ou atividades motoras, procurando verificar qual a sua correlação com o processo de desescolarização, enquanto um fato histórico marcadamente crescente na história da sociedade contemporânea - principalmente em países mais desenvolvidos e em desenvolvimento.

O Capítulo IV - "O Esporte Para Todos no Brasil" - estará reinterpretando fatos da história do movimento Esporte Para Todos no Brasil, utilizando-se, como base, estudos anteriores, concretizados na pesquisa "Perspectivas Históricas do Movimento Esporte Para Todos no Brasil". Neste capítulo serão abordadas questões sobre a mitologização do EPT, através das quais o autor pretendeu apresentar evidências que nortearam a lógica interna que comandou esse movimento no Brasil.

O Capítulo V - "A Desescolarização: significados e evidências" - discutirá o papel da desescolarização na sociedade contemporânea - globalizada - a partir da escolarização. Discutirá, ainda, a desescolarização da Educação Física e dos Esportes, como sendo uma provável desmitificação do Olimpismo, do esporte formal, da Educação Física Escolar e enquanto uma possível exigência dessa sociedade contemporânea; apresenta, como referencial básico, conceitos e valores emitidos por

pesquisadores, bem como experiências brasileiras vivenciadas, na escola e fora da escola, nos últimos anos.

Portanto, com este trabalho acadêmico, buscamos realizar um estudo em que o presente histórico estivesse projetado sobre o passado e onde os nossos interesses e necessidades atuais, de reinterpretar a história do Esporte Para Todos, fossem determinados pelo campo e o nosso modo de visualizar esse estudo - mediante "as agruras de nossa história de vida e de história acadêmica". Dessa forma, a partir dos conflitos ainda existentes em torno desse objeto de estudo, fomos estimulados à desvelar evidências que nos conduzissem ao clareamento de algumas questões e a outras/possíveis (re)interpretações do Movimento Esporte Para Todos Internacional e Nacional.

## Capítulo I

### Refletindo o campo do esporte:

Estudos historiográficos sobre o Olimpismo<sup>1</sup>, no final deste século, evidenciam, das mais diversas formas de abordagens, que os ideais Coubertinianos, propostos no final do século XIX e começo do século XX, já estavam sendo superados e revertidos pelo mundo dos negócios, principalmente a partir do momento em que os "Jogos Olímpicos", foram implantados e também passaram a exigir maior racionalização em suas relações com os processos econômico, político e social<sup>2</sup>. O humanismo, calcado em um idealismo positivista que Pierre de Coubertin apregoava pelos quatro cantos do mundo, enquanto proposta do Movimento Olímpico e em torno da valorização do homem, através do esporte, foi sendo mesclado por outros "jogos de valores" e significados do mundo do capital, sombreando uma realidade até então sonhada por aquele aristocrata, deixando transparecer que Coubertin foi, também, vítima do sistema capitalista e dominado pelo culturalismo.

Esses estudos indicam, ainda, que no contexto social da Europa, do início do século XX, a máxima Coubertiniana "Citius, Altius, Fortius" - o mais veloz, o mais alto e o mais forte - começou a retratar outras máximas que condiziam plenamente com o mundo capitalista. Ficou bastante evidente que o "Citius, Altius, Fortius"<sup>3</sup>, passou, também, a representar, no campo dos esportes, dentre outros significados, "maior agilidade nos negócios ligados ao esporte, poder econômico de compra e venda e maior disciplinarização do modo de produção" que este mundo do capital passou a exigir. Prioritariamente, essa máxima transformou-se em dinheiro, mercadoria - componentes básicos da máxima capitalista. O mundo dos esportes começou a sofrer

---

<sup>1</sup>. Ver coletânea de autores em "Sport The Third Millennium", editado por LANDRY et all, 1991, 811 p.

<sup>2</sup>. Ver LANDRY et all (1994), GÜTTMANN (1984), BOULOGNE (1994),

<sup>3</sup>. Idem.

transformações, onde o amadorismo começou a ceder espaços para o profissionalismo.

Os aspectos éticos defendidos por Coubertin, ligados à religiosidade, à exaltação aos símbolos nacional, à igualdade entre homens e povos, ao cavalheirismo, à paz entre as nações; ao esporte enquanto arte, beleza, esteticismo, participação popular, honestidade - dentre outros - também já se apresentavam imbricados nos ideais capitalista, enquanto metáforas correlacionadas com a infra-estrutura e com a superestrutura.

Dessa forma, fica evidenciado de que a máxima de Coubertin não mais se constituiu como novidade em seu contexto social, mas simplesmente reproduziu as aspirações da sociedade capitalista Européia, onde o esporte era tido como um dos instrumentos de ascensão político-econômico e social<sup>4</sup>.

Evidenciam, também, que as bases piramidais propostas para os Jogos Olímpicos foram, inicialmente, relacionadas com atividades culturais, comunitárias e/ou originadas do esporte popular - de massa. Esses "Jogos", já no início do século XX, foram sendo profissionalizados, em função de um internacionalismo econômico crescente, de disputas acirradas e de disciplinarização que esse mundo do esporte passou a exigir.

Com isso, observa-se que a base dessa pirâmide, anteriormente comunitária, tradicional, passou a incorporar outros significados e valores. O elitismo, a eficiência de um trabalho produtivo, racionalizado, quantitativo, com sofisticação tecnológica, universalizado, apresentam-se como causas de transformações dos tradicionais "jogos" em "esportes".

---

<sup>4</sup> Dentro dessas perspectivas, arriscamos em afirmar que Coubertin foi mais uma das vítimas do sistema capitalista e, ao mesmo tempo, dominado pelo culturalismo.

***"Desde o último quartel do século XIX que os jogos, sob a forma de esportes, vêm sendo tomados cada vez mais a sério. As regras se tornaram cada vez mais rigorosas e complexas, são estabelecidos recordes de altura, de velocidade ou de resistência, superiores a tudo quanto antes foi conseguido...". (HUIZINGA, 1980:218)***

Começa a despontar um novo mercado de trabalho. Com a abertura desse campo, o surgimento de novos grupos e/ou corporações, ligadas ao "campo esportivo" como: técnicos, dirigentes, empresários do esporte, árbitros, atletas e "super-atletas", cronistas, psicólogos, cientistas, dentre outros, já se apresentavam como inevitáveis.

A mídia foi outro elemento que contribuiu para o aceleração dessas questões, tornando a comunicação e as relações entre os povos extraordinariamente mais fáceis. A técnica, a publicidade e a propaganda contribuíram decisivamente para a promoção do "esporte competição", oferecendo, em escalas altíssimas, meios para satisfazê-lo; principalmente, a partir da década de 60 quando as transmissões por canais de televisão, ao vivo, passaram a atingir o mundo, via satélite.

Não sendo uma exceção neste mundo do esporte espetáculo, do dinheiro, da mercadoria, da força do trabalho, da força produtiva, da mais valia e do ganho em função do trabalho excedente, expropriado, tecnológico, racionalizado, quantificado e qualificado, o Olimpismo, a partir da metade do século XX, conseguiu adquirir grande poder e prestígio internacional. Ao mesmo tempo, observa-se uma certa perda de comando de suas ações, por parte do Comitê Olímpico Internacional, quando se deixou influenciar pela mídia e pela realização dos grandes contratos comerciais, efetivados basicamente com empresas multinacionais. Inevitavelmente, a história nos mostra, ainda, que os calendários Olímpicos passaram a ficar cada vez mais aprimorados e dependentes, no sentido de tentar atender a grande massa de patrocinadores em função da grande demanda de espectadores - seus maiores consumidores.

Face ao que foi exposto, tentaremos, neste capítulo, analisar idéias de autores que de forma direta ou indireta e/ou histórico-teoricamente trabalham essas questões e nos induzem a refletir o contexto e o possível momento da esportivização dos jogos, nos apontando caminhos para identificar a relação existente entre a esportivização dos jogos com o Movimento Olímpico Internacional.

### **Marco Teórico:**

Para estudarmos a esportivização dos jogos, identificar suas contradições e o seu relacionamento com o mundo capitalista vivenciado pelo Movimento Olímpico Internacional, recorreremos a algumas particularidades contextuais em que esses fatos aconteceram, no sentido de um melhor norteamento de nossas discussões.

Assim sendo, neste capítulo, estaremos dialogando com os autores, na tentativa de reinterpretar historicamente questões ligadas ao "campo esportivo no processo das relações sociais", utilizando-se como marco teórico referencial dessas problematizações, idéias elaboradas por BOURDIEU (1983), HOBBSAWM (1992), HUIZINGA (1980), GUTTMANN (1984), MARX (1975) WEBER (1967) e THOMPSON (1991), no sentido de uma melhor compreensão sobre a origem dos Jogos Olímpicos, bem como de aspectos contextuais vivenciados no momento da implantação do Movimento Olímpico Internacional.

Para refletirmos sobre esses problemas e, basicamente, para entendermos acontecimentos do mundo capitalista contemporâneo, dois pensadores são importantes: Marx e Weber. Ambos elaboraram propostas para a História Universal e construíram uma teoria social.

Esses pensadores utilizam-se de matrizes diferentes as quais distanciadas em suas epistemologias - de forma quase opostas - poderão nos levar à diferentes conclusões, para diferentes aplicações e, até, para objetos específicos. Por exemplo, Marx, utilizando-se da matriz Hegeliana, nos leva a refletir sobre a dialética, mediante o princípio da contradição; Weber, referendado na matriz Kantiana, nos leva a refletir sobre categorias a priori no que se refere a tempo e espaço, propondo a racionalização, enquanto princípio da conexão dos sentidos das relações sociais<sup>5</sup>.

São dois pensadores com grandes contribuições para a História Universal, que necessitam ser estudados mais detalhadamente - principalmente nos campos do conhecimento da Educação Física, Esporte e Lazer. Reconhecemos, entretanto, que este não seria o momento adequado, uma vez que necessitaríamos de um outro âmbito de discussão. No entanto, nesta pesquisa, tentaremos nos limitar a fazer uma leitura um tanto superficial sobre alguns dos objetos de estudo desses autores, na tentativa de buscar uma base de sustentação teórica para as discussões sobre o processo de controle de espaço e tempo, em relação ao processo produtivo, bem como maiores entendimentos sobre questões ligadas ao capitalismo. Em Weber, procuraremos discutir aspectos ligados ao surgimento e ao desenvolvimento do capitalismo; em Marx, estaremos tentando buscar outros pressupostos e desdobramentos, que nos conduzam a possíveis novos entendimentos sobre essa tematização, onde tempo, espaço, o mundo do trabalho e não trabalho também fazem parte da discussão. O mesmo procedimento será adotado quando estudarmos Thompson<sup>6</sup>, Hobsbawm, Bourdieu, Le Goff e outros autores.

Isto posto e tendo em vista a grande complexidade que circunda as idéias desses autores, lembramos, mais uma vez, de que não será nossa preocupação, no

---

<sup>5</sup>. Ambos os autores apresentam reflexões sobre o capitalismo e estão preocupados se o capitalismo é, ou não é, transitório. Marx com o princípio da contradição e Weber com o princípio da conexão dos sentidos das relações sociais. (Apontamentos de aula do Prof. Dr. Octávio Ianni, IFCH/UNICAMP, 1993).

<sup>6</sup>. Trata-se de um pensador neo-marxista, que possui grandes contribuições para o nosso trabalho, principalmente quando busca fazer críticas à leituras estruturalistas, de questões ligadas ao mundo capitalista, em relação aos tempos de trabalho e não-trabalho. Portanto, não se trata de ecletismo. Daí a necessidade, de certa forma, de apontarmos esses riscos que corremos quando utilizamos esses autores - apesar de outros autores trabalharem, também, essas questões.

momento, fazer um estudo epistemológico específico desses autores; o nosso propósito, portanto, estará concentrado na necessidade de buscarmos uma sustentação teórica para o nosso objeto de estudo, na tentativa de, também, tentarmos estabelecer um diálogo claro com os nossos interlocutores sobre questões levantadas por esses autores, as quais, da mesma forma, tornam-se pertinentes em discussões mais aprofundadas sobre o Esporte, Lazer e a Educação Física.

### **Um Caminhar Histórico:**

Objetivando conceituar historicamente a genealogia do esporte, mais especificamente, os princípios de transformações das práticas e dos consumos esportivos, BOURDIEU (1983:135) referencia sua análise baseado na hipótese da não existência de um único esporte, mas um conjunto de práticas esportivas - "um campo esportivo" - com histórias próprias, relativamente autônomas, dependente das relações sociais de "oferta", "demanda" e "consumo".

Algumas problematizações foram utilizadas para o norteamento das discussões efetivadas por esse autor: "Existe um espaço de produção esportiva dotado de lógica e histórias próprias? Em que condições sociais se produz a demanda dos produtos esportivos? Historicamente, como foi se constituindo o corpo de conhecimento e de especialistas do esporte?".

Levando em conta ser o "campo esportivo" um campo de concorrências entre "agentes" e "interesses específicos", afirma o autor: "não podemos compreendê-lo num dado momento social, em relação direta com o econômico, político ou cultural, isto porque a história do esporte é relativamente autônoma, tem seu próprio tempo, leis de evolução, crises e cronologia específica".

Elege como tarefa importante para a história do esporte, a descoberta de sua genealogia. Ou seja, a descoberta de seu possível objeto, como "realidade específica" e a partir de quando ele se constituiu num "campo de concorrência", enquanto jogo ritual ou divertimento festivo.

Questiona, ainda, se a aparição do esporte não foi proveniente de um processo de "ruptura" com as atividades que aparecem como ancestrais - entre o "esotérico" (profano) e o "profissional" (trabalho)?

Na tentativa de responder a essa problematização, apela para a necessidade da fundação de uma "ciência social do esporte", cujo objeto específico, em oposição ao simples jogo, deveria nos levar a conhecer os nexos que compõem a lógica interna da história dos esportes.

Referendando-se no que, superficialmente, diz conhecer sobre a História do futebol e do rugby, BOURDIEU levanta a hipótese de que a passagem do "jogo" ao "esporte propriamente dito", tenha sido resultado advindo de "Escolas de Elites da Cultura Burguesa, principalmente da English Public School", onde os jogos ditos "populares" (vulgares) receberam mudanças de função e significado. A título de exemplo cita:

***"exercícios corporais da elite foram separados das ocasiões sociais ordinárias, às quais os jogos populares - vulgares - permaneciam associados (à festas agrárias...) e desprovidos das funções sociais (religiosas, políticas...), ainda ligados a vários jogos tradicionais".***

Ainda afirma:

***"A escola, lugar da SKHOLE, do lazer é o lugar onde as práticas dotadas de funções sociais e integradas no calendário coletivo, são convertidas em exercícios corporais e inseridos num calendário específico. A Escola é o lugar por excelência do exercício gratuito, onde se adquire uma disposição distante e neutralizante em relação ao mundo social (...) a ginástica faz uso do corpo como seu fim".***

Interessado em analisar o ethos fundamental das elites burguesas das escolas Victorianas, afirma ter sido a "inclinação à atividade para nada", em relação aos interesses materiais, a grande estratégia estabelecida nos "grandes internatos" da época. Citou, também, o "fair play" - jogo justo - como outro exemplo de "ethos" do esporte - jogar sem que se perca a noção do jogo e do papel do jogador - na busca de um tipo ideal de prática.

Identificou que para a manutenção do ethos que cada prática exigia, necessitava-se de um processo de "racionalização", cuja materialização efetivou-se a partir da criação e recriação de regras específicas e gerais, em função de um inter-relacionamento social - "justo de trocas" - entre jogadores.

Com a autonomização das práticas esportivas e para a possível manutenção desse ethos esportivo, surgem trabalhadores especialistas, os quais, mais tarde, passaram a receber alguns títulos, como "treinadores", "instrutores", "professores", dentre outros.

Para BOURDIEU, "a constituição de um campo das práticas esportivas, se acompanha da elaboração de uma filosofia política do esporte".

Não cremos que, no contexto referendado pelo autor, possamos identificá-lo como um campo filosófico, mas, como um campo ideológico, definido por algumas categorias hegemônicas como: energia, coragem, vontade, liderança, iniciativa, espírito empreendedor, em oposição à docilidade escolar, erudição, conhecimento. Estas categorias foram sendo alteradas, em significados e funções, segundo

momentos históricos vivenciados no campo das relações sociais. Trata-se de mais um ETHOS de concorrência entre classes sociais?

Na verdade, BOURDIEU (1983) tenta identificar esses momentos como sendo "o lugar de lutas em disputa de monopólios de imposição e legitimação" do tipo: tradicionalismo X racionalismo, amadorismo X profissionalismo, esporte-prática X esporte-espetáculo, esporte popular (de massa) X esporte elitista nos fazendo, ainda, refletir sobre outras formas de dominação que norteiam o esporte, tais como: legalidade, tradicionalismo, carisma, dentre outras; componentes daquilo que ele denominou de "Campo Esportivo".

### **É o campo esportivo, um campo de luta social?**

Na tentativa de analisar o "princípio das transformações das práticas e dos consumos esportivos", BOURDIEU (1983) encontrou a expressão "campo esportivo" para identificar o processo de relações sociais, entre os espaços da prática esportiva e das posições sociais, em relação aos aspectos corporais. Dentro de sua percepção, "campo esportivo" é um campo de lutas pela definição do "corpo legítimo" e do "uso legítimo do corpo", onde se opõem os mais diversos segmentos da sociedade - clero, intelectuais, dirigentes, políticos, professores, dentre outros<sup>7</sup>.

Recorrendo a duas formas - denominando de duas filosofias - tenta, ainda, explicar a possível oposição existente, no campo esportivo. A primeira, é aquela que trata da própria expressão "Educação Física", dando ênfase ao termo "Educação" e alimentando o "Anti-Physis", no contra-natureza, no contra-esforço, mas na correção, na retidão, na disciplina, na racionalização e possui características ascéticas - de renúncia.

---

<sup>7</sup>. WEBER denomina este fato como a busca de um "tipo ideal" no processo das relações sociais.

A segunda, é mais "hedonista" - faz do prazer o fim da vida - privilegiando a natureza, a "Physis", reduzindo a "educação do corpo" a uma espécie de "laissez-faire" ou retorno ao "laissez-faire". É, por exemplo, o que acontece, atualmente, com a ginástica corporal - não formal - que não se preocupa, prioritariamente, com questões disciplinares mas com o consumo da prática em si, em busca de um determinado prazer - é predominantemente ativista e ligada aos prazeres da vida.

BOURDIEU (1983) argumenta ainda que a "autonomia relativa do campo das práticas corporais" estão na dependência das formas -ascética ou hedonista - como essas práticas são orientadas. Dependem, ainda, do "estado de relações de forças sociais da classe dominante e entre as classes sociais no campo das lutas, pela definição do corpo legítimo e do uso legítimo do corpo".

É uma forma direta de nos mostrar que as questões voltadas para a "expressão corporal" serão também compreendidas relacionando-a com o "progresso moral, hierárquico, material, cultural", ou seja, processo de relações sociais com suas éticas específicas.

Mais uma vez, apelando para a história, diz: "O esporte traz consigo a marca de suas origens: além da ideologia aristocrática (...) como atividade desinteressada e gratuita (...), contribuiu para mascarar a verdade de uma parte crescente das práticas esportivas (...), devendo, sem dúvida, uma parte de seu interesse aos lucros de distinção em torno de atividades esportivas (...). Os lucros distintivos são dobrados quando a distinção entre as práticas distintas e distintivas - esportes chiques e vulgares -acontecem devido à divulgação de vários esportes, originariamente reservados às elites, acrescida da oposição entre a prática do esporte e o simples consumo de espetáculos esportivos".

Com relação ao consumo do esporte, o autor apresenta uma série de variáveis intervenientes. Por exemplo: a possibilidade da prática do esporte decrescer, a partir da adolescência, em função da "hierarquia social"; dos jogos populares serem menos

assistidos na televisão, na medida em que a "hierarquia social" seja elevada; dos esportes ditos populares, nascidos dos jogos populares, serem mais bem aceitos pelas classes ditas populares e retornarem ao povo como "espetáculo" produzido pelo povo - "folk"; desse esporte espetáculo aparecer mais como negócio - mercadoria de massa - "show business", com bastante influência da mídia, enquanto um campo em que se exige o mais alto grau de profissionalismo e sofisticação; do espaço esportivo estar inserido num universo de práticas e consumos, enquanto sistemas.

O autor adverte que, principalmente com o advento da televisão, o esporte passou a ser considerado, também, como um dos objetos de luta política, de dominação, de concorrência entre instituições e organizações e um dos fatores de "necessidade social" na busca do poder político. Nele, os "interesses" e os "valores" voltados para o campo esportivo passaram a ser mais diversificados, pluralizado, polimorfo e, até, infinito.

Considerando, ainda, ser o "campo esportivo" um "campo de produção", esses valores e interesses se apresentam pela oferta, demanda e o consumo. Quando esses valores e interesses vão de encontro à forma particular como este se reveste para a sua prática, configura-se como oferta, a qual é proposta num dado momento do tempo - pelo consumo - segundo interesses, expectativas e valores de "agentes", em função da dimensão que estes agentes tenham em relação aos diferentes esportes, enquanto dimensão de relação particular com o próprio corpo - pela demanda.

Certamente o princípio de transformações das práticas e dos consumos esportivos, historicamente, é, para o autor um processo de relações sociais entre os espaços de práticas esportivas e de posições sociais, inserido num universo de práticas e consumos, enquanto sistema, envolvendo categorias de oferta, demanda e consumo. A oferta, enquanto formas particulares que se reveste esta prática. É o espaço dos esportes entendidos como programas, técnicas e dependentes de invenções, importações, equipamentos e/ou reinterpretações de propostas para os jogos e os esportes. A demanda, está prioritariamente na dependência do interesse,

da expectativa, dos valores, das transformações dos estilos de vida dos seus agentes - na diversidade de suas ações. E, o consumo, configura-se como a consecução da proposta em um dado momento histórico, comprovando, assim, que a análise do campo esportivo deva levar em conta, basicamente, o contexto em que este estava sendo vivenciado por seus agentes.

Isto posto, o autor nos leva, também, a refletir sobre a inexistência de "um esporte" em si, mas na existência de "vários esportes", de um campo amplo de esportes com histórias próprias e relativamente autônomas. Um campo de conhecimento específico no contexto das relações sociais, o qual, necessariamente, deva ser trabalhado cientificamente, enquanto construção adequada de objetos de pesquisa, em busca de seus significados e de outras possíveis tematizações, tentando o desvelamento de suas dinâmicas e/ou de outras lógicas internas que comandam esse fenômeno social.

Em resumo, BOURDIEU (1983) nos aponta questionamentos e hipóteses os quais, nos induzem a pensar o esporte, não de forma isolada, mas como um campo esportivo, repleto de valores e significados. Segundo esse pesquisador, por suas complexidades e infinitude, esse campo do esporte só poderá ser desvendado pelo conhecimento científico. Enquanto um campo de produção, deverá se afastar do tradicionalismo para evoluir na dependência de um processo particular de racionalização do consumo esportivo ligados à oferta e à demanda, segundo uma ordem econômica historicamente preestabelecida.

Diante do exposto, como correlacionar teórico-historicamente essas questões apresentadas por BOURDIEU para a compreensão da origem dos Jogos Olímpicos e do Movimento Olímpico Internacional? Como contextualizá-las?

## O Contexto: segundo autores.

Para compreendermos e contextualizarmos questões referentes ao momento histórico da implantação do Movimento Olímpico Internacional, não poderíamos deixar de fazer referências ao sistema mundial, vivenciado naquele momento, no que diz respeito à preservação de culturas satélites enquanto meios de reprodução de capital na ordem dominante européia, através do Eurocentrismo. Baseado no ganhar mais, a riqueza européia, principalmente na sociedade burguesa, atrelada à reprodução e até mesmo à transformação criativa da ordem cultural desses povos, tentou encontrar caminhos para a construção e reconstrução de suas histórias.

HOBBSAWM (1992), utilizando-se de análises econômicas, políticas, culturais, envolvendo questões da segregação residencial, do esporte e da educação formal, enquanto variáveis marcantes da sociedade européia, procura reinterpretar fatos de um mundo em transformação.

Esse historiador, em "A era dos Impérios: 1875-1914", no capítulo: "Quem é quem ou as incertezas da Burguesia", nos induz a relacionar fatos de um mundo Europeu que se transformava sócio-culturalmente, no século XIX, e vivenciava um grande processo de ebulição revolucionária em direção ao século XX.

Este estudo engloba um momento histórico, a partir do instante em que sociedade européia reconstruía novos modelos de condutas, envolvendo questões sociais, econômicas e culturais, os quais passaram a refletir em outras sociedades e em outras formas de comportamentos sociais.

HOBBSAWM aponta ter encontrado nos estudos desse contexto social, vários paradoxos. Dentre eles: "O paradoxo do mais burguês dos séculos, consistia em que seus estilos de vida só se tornariam burgueses mais tarde". Historicamente, este fato apresenta-se como marcante, a partir do momento em que o autor detecta que essa

transformação social ocorreu, primeiramente, ao nível da periferia do que no seu centro. Consequentemente, enquanto modo de vida especificamente burguês, seu triunfo verificava-se, apenas, momentaneamente.

Essas circunstâncias favoreceram para o estabelecimento urgente de critérios identificáveis para os então membros - reais ou virtuais - da burguesia ou da classe média, bem como, particularmente, para aqueles cujo dinheiro, por si só, não seria suficiente para a compra de um status seguro, de respeito e privilégio, para si e sua descendência.

Assim, os três modos identificados, por esse autor, para se estabelecer esse pertencimento de classe, adquiriram grande importância naquele contexto. Foram eles: o processo de segregação residencial, enquanto um modo de estruturação das massas "endinheiradas", como grupamento social, bem como, mais uma das formas de distinção clara entre os membros da classe média e os membros das classes operárias, camponesas e de outros segmentos que se ocupavam com trabalhos manuais, na tentativa de apresentar uma hierarquia de exclusividade, porém sem se afastar da possibilidade de ascensão na escala social.

O esporte foi outro modo de pertencimento de classe. Apesar de ser considerado uma atividade dita ociosa - porque era praticado no tempo de ócio, de não trabalho - foi visto na sociedade burguesa como uma nova invenção e fator de grande ascensão social. Mas, o principal indicador do pertencimento de classe crescente naquela sociedade, veio a ser a educação formal, cujo objetivo básico era o de abrir, um pouco mais amplamente, as carreiras à meritocracia do talento, especialmente, na própria indústria educacional que se expandia<sup>8</sup>.

De acordo com Hobsbawm, os adolescentes tinham condições de adiar a tarefa de ganhar a vida. O conteúdo do modelo educacional, vigente na época, tornava-se secundário em relação ao modelo exigido pela sociedade. Nessa realidade, o valor

---

<sup>8</sup>. WEBER, em "A ética protestante e o espírito do capitalismo" trata essa questão, enquanto talento à vocação.

vocacional do grego e do latim, que tanto absorviam o tempo dos meninos da "escola pública" na Inglaterra, passou a ser considerado como desprezível. Com as mudanças das formas de conduta social, os custos dessa educação passaram a ser, também, um distintivo social.

Isto significa dizer que:

***"A educação formal, preferivelmente coroada por algum diploma, havia sido, até esse momento, irrelevante para a elevação à burguesia, exceto no caso das profissões cultas dentro e fora dos serviços públicos, em cujo treinamento consistia a principal função das universidades, ao qual acrescentavam um ambiente convidativo para a bebida, a devassidão e as atividades esportivas dos jovens cavalheiros, para os quais os exames reais eram absolutamente sem importância(...)".<sup>9</sup> (p.246)***

A partir desse momento, a instrução escolar passou a se constituir "bilhete de entrada para as faixas, médias e superiores, reconhecidas da sociedade". A economia altamente localizada, em parte, em grupos minoritários, religiosos e étnicos, com afinidade especial pelo capitalismo - como protestantes, franceses, quacres<sup>10</sup>, unitários, gregos, judeus, armênios, etc. - originaram uma espécie de redes informais e pessoais de mútua lealdade, de parentesco e de transações comerciais que se estenderam por outros países, favorecendo para o surgimento dos grandes banqueiros, negociantes ou manufactureiros<sup>11</sup>.

A socialização das escolas de elites foi tão importante para a classe aristocrata quanto para a classe burguesa. Na medida em que essa socialização começou a adquirir importância, como nas "Escolas Públicas Inglesas", valores aristocráticos

<sup>9</sup>. WEBER também trata essa questão quando fala da burocratização enquanto uma "jaula de ferro" para a nova sociedade capitalista.

<sup>10</sup>.Membros de uma seita religiosa que não admite nenhum sacramento, não prestam juramento perante a justiça, não pegam em armas e não admitem hierarquia eclesiástica. Esta seita foi fundada pelo inglês Jorge Fox, em 1647 e espalhada sobretudo nos Estados Unidos da América e Inglaterra.

<sup>11</sup>.Os grandes trustes desta época foram formados por homens, em conversas informais, e concretizados em jantares e jogos de golfe e tênis (Ver HOBBSAWM, 1992, 248).

foram sendo estimulados e assimilados, segundo uma moral destinada à sociedade burguesa e para os serviços públicos. O estilo de vida adotado era muito dispendioso e exigia muito dinheiro; caso esses segmentos sociais não conseguissem acompanhá-lo, estariam fadados ao esquecimento, ao isolamento e/ou à marginalização no contexto social.

A escola e a universidade passaram a ser elementos importantes para aqueles que galgavam subir a escada social e dependiam exclusivamente da educação<sup>12</sup>

Segundo HOBBSAWM (1992:248):

***"As burguesias de fins do século XIX eram, portanto uma estranha combinação de sociedades fechadas mas educacionalmente abertas: abertas, por ser a entrada franqueada em virtude do dinheiro, ou mesmo (por meio de bolsas de estudos e outras providências destinadas a estudantes pobres) do mérito, mas fechadas, na medida em que era claramente dado a entender que alguns círculos eram consideravelmente mais iguais que outros. A exclusividade era puramente social".***

Dessa forma, a escola constituía-se como "a escada pela qual os filhos dos membros mais modestos do estrato intermediário passavam para os estratos mais altos; pois, até nos sistemas educacionais mais meritocráticos, poucos eram os filhos de verdadeiros camponeses, de operários, que passavam além dos degraus mais baixos da escala social"<sup>13</sup>.

Tanto no que se refere à segregação residencial, quanto na educação formal, e até conjugando a uma prática institucionalizada, o esporte, apesar de ser considerado atividade nova em ascensão, passou a ter papel importante nesse contexto, bem como, exemplo de gradações de status social, enquanto mais um demonstrativo de poder, desenvolvido na sociedade burguesa. Ele passou a ser identificado como uma

<sup>12</sup> .HOBBSAWM, 1992, p.249, cita o exemplo dos filhos dos pastores protestantes pobres e dos filhos dos profissionais liberais que ambicionavam vê-los em uma escala social mais elevada e respeitada.

<sup>13</sup> .Íbidem, p.253.

das atividades que preenchia uma necessidade social, o qual, formalizado nesta época, na Inglaterra, "alastrou-se como um incêndio aos demais países"<sup>14</sup>

Aquilo que, anteriormente, era considerado passatempo, jogo, brincadeira, passou a ser modificado - formalizado - pela burguesia, transformando-se em "esporte". O futebol era um dos esportes praticados, também, pela classe operária e já conseguia despertar paixões, envolvendo os mais variados estratos da sociedade Inglesa.

HOBBSAWM afirma: "o futebol incorporou ao esporte um critério de classe próprio", identificado pela relação entre o amadorismo e o profissionalismo. Com o profissionalismo o esporte, também passou a ser dinheiro e poder para os mais endinheirados, cujos investimentos aumentavam dia-à-dia.

Identificou, também, no esporte, um dos elementos importantes da nova classe dominante; como um meio fundamental para o alargamento do estreito círculo de relações sociais, criando um universo fora do relacionamento doméstico e como um instrumento, no processo das relações sociais, que conseguiu reunir a classe média e a nobreza, em cujo ideal do amadorismo entesourou-se com criação do Comitê Olímpico Internacional (1894) e passou a ser consagrado, internacionalmente, a partir da realização dos I Jogos Olímpicos da era Moderna (1896).

***"De fato a extraordinária rapidez com que todas as formas de esporte organizado conquistaram a sociedade burguesa, entre 1870 e os primeiros anos de 1900, sugere que o esporte preenchia uma necessidade social consideravelmente maior que a de exercícios ao ar livre. Paradoxalmente, pelo menos na Inglaterra, um proletariado industrial e uma nova burguesia, ou classe média, emergiram ao mesmo tempo como grupos autoconscientes, que se definiam um contra o outro por meio de maneiras e estilos de vida e ação coletiva. O esporte, criação da classe média transformada em duas alas com óbvia identificação de classe, constituía um dos modos mais importantes de realizar aquela definição"<sup>15</sup>.***

---

<sup>14</sup>.Ibidem, p.255.

<sup>15</sup>.HOBBSAWM, 1992, 258.

GUTTMANN (1984), afirma a ascensão do esporte, da mesma forma como ocorreu com a "Ética Protestante". Utilizando-se das matrizes de MARX e WEBER, tenta explicar a lógica interna que comandou a passagem dos jogos aos esportes nas sociedades feudal e capitalista.

Seus estudos sobre a passagem dos jogos medievais aos esportes modernos, utilizando-se como referenciais teóricos idéias de historiadores Marxistas, Neo-Marxistas e Weberianos, estimularam-nos a um aprofundamento nos estudos de MARX e WEBER, em relação à gênese do mundo capitalista, para relacioná-lo com o mundo dos esportes.

Em MARX e WEBER pelo fato da historicidade estar sempre presente nesses dois pensadores. Pelo fato, também, de que, ambos, preocupados com a história, de formas diferentes e, até, complementares, são pensadores que nos fazem refletir, a partir do mundo do trabalho, questões diversas relacionadas com o mundo dos jogos, dos tempos de trabalho, não trabalho e dos esportes.

MARX, por nos proporcionar uma visão de história que busca desvendar a dinâmica dos acontecimentos e/ou encontrar a lógica interna que comanda o processo das relações sociais, a partir da Revolução Industrial. Por nos induzir, ainda, a pensar, a gênese do capitalismo, não como um fato isolado, mas enquanto produto das relações sociais, o qual procura envolver grandes descobertas, novas formas de relações sociais, de percepções da realidade, da necessidade do homem em transformar o seu mundo de desigualdades, através da práxis.

WEBER, por nos levar a pensar as conexões históricas existentes entre a sociedade tradicionalista - feudal - e a capitalista - burguesa -, a partir de um determinado "Ethos" religioso -"a Ética Protestante" - enquanto uma das causas da gênese do "Espírito do Capitalismo". Este autor nos levou também a refletir a passagem do jogo tradicional ao esporte moderno, a partir de uma ascese religiosa,

para um processo de racionalização crescente, onde os consumos e os costumes de práticas de jogos, enquanto brincadeiras, ludicidades e formas de satisfazer a Deus, cederam espaços à vocação do "ganhar dinheiro", mediante uma força de trabalho qualificada, racionalizada, quantificada, onde a "educação" era vista como o seu principal meio de superação.

Assim, com base nos estudos desses autores, GUTTMANN (1984) analisa as questões dos esportes medieval enquanto espelho da sociedade feudal e os esportes da era moderna enquanto produto do Liberal Capitalismo, da sociedade burguesa.

Para esse autor, os esportes da era medieval, foram desenvolvidos como espécies de instrumentos para servirem interesses da nobreza feudal - uma das detentoras do poder na idade média - bem como de meios que os senhores feudais se utilizavam para a manutenção do poder perante os trabalhadores em níveis convenientes de exploração.

Descreve as atividades lúdicas, desenvolvidas pela nobreza feudal, como conseqüência do mundo do trabalho, a qual envolvia diretamente aspectos advindos do trabalho produtivo, relacionando-se com realidades de poder político, além de formas de dietas alimentares e de sobrevivência que essa classe cultivava. Por exemplo: a pescaria, a caça, a corrida, a luta com os escravos dentre outras, configuravam-se como atividades desenvolvidas para a manutenção de habilidades - condicionamento físico - principalmente dos trabalhadores braçais, dos feudos.

Para HUIZINGA (1980:218), as competições, as formas de manutenção de habilidades, força e perseverança sempre ocuparam um lugar dos mais importantes em todas as culturas, quer em relação a um determinado ritual ou simplesmente como divertimento. Historicamente, segundo o autor, isto sempre se fez presente no "jogo da vida", pressupondo formas de conduta natural da sociedade humana, onde o jogo, de acordo com os níveis culturais, faz parte.

Diz ele:

***"No jogo existe alguma coisa 'em jogo' que transcende às necessidades imediatas da vida e confere um sentido à ação. Todo jogo significa alguma coisa...o simples fato de o jogo encerrar um sentido implica a presença de um elemento não material em sua própria essência".(p.4)***

Atribuindo, ainda, prerrogativas para o jogo como gesto, arte, beleza, prazer o qual "é diametralmente oposto a seriedade", HUIZINGA trata o jogo enquanto "não-seriedade". Isto não significa dizer: "o jogo não é sério". Para ele o jogo significa um fenômeno cultural que, dependendo de sua prática, pode ser "extraordinariamente sério".

Díscorre ainda que os "jogos", sob a forma de "esportes", foram sendo tomados como atividades cada vez mais sérias dentro do mundo capitalista. Ou seja, suas regras se tornaram cada vez mais rigorosas e complexas. O espírito do profissionalismo passou a sobrepujar o espírito lúdico tradicional da espontaneidade e despreocupação dos jogos, para o espírito da racionalidade e dos resultados sistematizados.

***"As estatísticas de vendas e de produção não podiam deixar de introduzir na vida econômica um certo elemento esportivo. A consequência disso é haver hoje um aspecto esportivo em quase todo triunfo comercial ou tecnológico...Os negócios se transformam em jogo...e o jogo se transforma em negócio<sup>16</sup> "***

Para GUTTMANN (1984), fazendo referência à sociedade burguesa, o modelo social burguês tinha como característica a pluralidade de condutas em uma sociedade que se identificava por modelos diferenciados de ações. Isto é, haviam diferentes

---

<sup>16</sup>. Ver Johan HUIZINGA. "Homo Ludens", 1980, p.222.

formas de governo, apesar das influências - heranças - recebidas de éticas das sociedades medievais. O relacionamento social, os modos de produção, os tipos e as concepções de esportes, também se apresentavam bem diferenciados, se comparados com os jogos da sociedade feudal.

Para o autor, foi a partir deste modelo da sociedade burguesa que o homem começou a perder controle do seu tempo e a ser dominado pela máquina. A disciplinarização do trabalho passou a exigir um modo de produção mais racionalizado e eficiente em qualidade e quantidade. A sociedade transformou-se com o processo de industrialização, com conseqüências diversificadas, assimiladas e transformadas pelo homem moderno.

### **Como justificar teoricamente essas questões?**

Marx, no *Capital*, no capítulo XIII em "A maquinaria e a indústria moderna", utilizando-se como marco referencial a Revolução Industrial, procura demonstrar momentos históricos distintos desse contexto, relacionando-o com tempo, espaço e trabalho.

Primeiramente, o tempo da manufatura, onde o homem, predominantemente, dominava o ritmo do seu trabalho, baseado pelas leis naturais. Não havia o tempo medido pelo cronômetro, mas o tempo vivido - o tempo da necessidade.

Em outro momento, o tempo da máquina-ferramenta, onde a ferramenta manual se transforma em máquina, cujo domínio é exercido sobre o homem, em função do aumento da produção e, conseqüentemente, no aumento do capital. A gestão do tempo passa a ser disciplinada, havendo:

***"(...)a diferença entre o homem na função de simples força motriz e o homem como trabalhador que exerce seu apoio manual à máquina(...)". (MARX, 1975:427-429).***

Como um novo fenômeno social, outros conceitos de tempo foram sendo identificados, assim como, diferentes lógicas internas que comandaram esse fenômeno. Por exemplo, no período considerado pré-industrial, a lógica que comandava grande parte da disciplina do trabalho era a tarefa, enquanto que a notação da disciplina do tempo possuía relação com os ritmos da natureza. As relações sociais e trabalho se interligavam e quase não haviam conflitos entre o trabalhar e o não trabalhar. Trabalho e lazer eram integrados e confundiam-se. A grandeza do homem estava na forma como, esse, percebia o seu mundo e como, dialeticamente, com seus atos e suas diversas formas de expressar, se interrelacionava com esse mundo - provavelmente, por não haver uma sistematização formal do tempo em relação ao trabalho e não trabalho.

Com a industrialização o tempo tornou-se sistematizado, em função da produtividade e restrito à lógica do capital. Trabalho e lazer normalmente começaram a ser vistos como possíveis momentos - "tempos" - antagônicos. Tanto a disciplina do trabalho, como a disciplina do tempo livre, passaram, aos poucos, a ser comandados pelo ritmo das máquinas<sup>17</sup>.

A notação do tempo passou a ser em função do ritmo de trabalho. A medição do tempo configurou-se como mais um dos atributos do capital - "tempo é dinheiro, é ouro" - meio de troca de mercadoria, e a maquinaria como sinônimo de força de trabalho produtivo e de disciplina nas operações industriais, em função desse capital.

A diversidade envolvente no mundo da educação, do trabalho, do lazer, do descanso, dos esportes no processo das relações sociais - enquanto tempo e atitude - remonta no homem e transcende, as vezes, a qualquer norma racional. Ou seja,

---

<sup>17</sup>. Não só pelo ritmo das máquinas existentes nas indústrias, nos momentos de trabalho, mas também por uma máquina poderosíssima que passou a comandar o tempo do indivíduo no seu dia-à-dia - o relógio.

inúmeras experiências demonstram que existem momentos em que essa relação do homem com o seu habitat e do homem com o seu semelhante, são intemporais - sincrônicas - irracionais e, até mesmo, incontroláveis. Diferentemente de outros momentos em que essas relações, naturalmente, passam a ser diacrônicas, tendo a ver com as transformações ocorridas ao longo do tempo, em função do domínio que o homem tenta exercer perante a natureza, pelo domínio da técnica.

Para LE GOFF (1992:485), o calendário é um exemplo típico do resultado desse diálogo complexo - lento mas não imóvel - entre a natureza e a história. É um sistema de domínio do tempo "totalmente social", apesar de submetido aos ritmos do universo e dependente do tempo cósmico. Este, logicamente, é resultado de observações e de cálculos provenientes do progresso das ciências e das técnicas, ao longo de suas histórias.

Normalmente ligado à crenças e manifestações religiosas - mitos - o calendário, "enquanto organizador do quadro temporal, diretor da vida pública e cotidiana, é, sobretudo, um objeto social" de poder. É objeto social pelo fato deste ser fruto da apreensão que as sociedades humanas fazem do tempo cósmico, utilizando-se como referenciais suas estruturas políticas e sociais, seus sistemas econômicos e culturais, bem como seus instrumentos científicos e tecnológicos. É também um instrumento de poder mitológico, pelo domínio que, este, exerce sobre o indivíduo e conjunto de indivíduos, fazendo com que, quase toda a vida cotidiana das sociedades humanas dependa dos seus calendários - uma nova trama social.

A socialização do controle do tempo entre o sistema de horário e do calendário é basicamente distinta. O sistema de horário, também controlado pelo tempo do calendário, define um tempo "simultaneamente coletivo e individual", dependente da máquina - o relógio - e necessita de manipulação subjetiva. O sistema de calendário define um tempo submetido aos ritmos do universo - do tempo cósmico - porém baseado em necessidades, anseios e valores sócio-culturais dos indivíduos.

Esse Historiador aponta, ainda, que a resistência ao poder do calendário, manifestou-se muitas vezes, profundamente radicadas às tradições no espírito e na prática dos povos, das nações e das sociedades. Cita como exemplo a Revolução Francesa. Os revolucionários compreenderam perfeitamente a aposta ideológica. Ou seja: a divisão do tempo enquanto uma das concepções mais ousadas e mais úteis do espírito humano, onde toda a vida cotidiana, afetiva e fantástica de uma sociedade, dependia do seu calendário. Logo, aqueles que conseguissem controlar o calendário, controlariam, indiferentemente, o trabalho, o tempo livre, as festas, dentre outras formas de condução social.

Estes argumentos nos reportam à sociedade contemporânea, onde nos diversos sistemas sócio-econômicos e políticos, o controle do calendário torna mais fácil a manipulação dos instrumentos essenciais de poder como: impostos, o poder estatal, as programações escolares, os períodos de trabalhos e não trabalhos, etc.

***"O calendário depende do tempo cósmico, regulador da duração que se impõe a todas as sociedades humanas; mas estas captam-no, medem-no e transformam-no em calendário segundo as suas estruturas sociais e políticas, seus sistemas econômicos e culturais e seus instrumentos científicos e tecnológicos". (LE GOFF, 1992:495).***

Para o autor, a grande complexidade dos problemas do calendário, não deriva apenas da relação entre o calendário e a sociedade global, mas das dificuldades com que deparam todas as sociedades no controle do tempo natural.; isto porque a primeira divisão do tempo natural que se apresenta aos homens é o dia, mas, este, é uma unidade muito pequena para permitir o controle de duração.

Nas sociedades contemporâneas, o ano torna-se cada vez mais o quadro de referência das finanças e do fisco - nasce um novo ritual burocrático do calendário. "O ano tornou-se portanto a medida da vida humana, as esperança de vida, a existência de fabulosos anciãos, o dia do aniversário natalício". Passou a ser, sobretudo, a

sucessão das estações, dos trabalhos e das festas; comporta, também, quatro aspectos essenciais dos problemas do tempo: o início do ano - o Ano Novo; o ritmo anual enquanto ritmo orçamental das sociedades modernas; o ano como unidade no cômputo da vida humana; e, o ano enquanto data, como ponto de referência de fatos históricos, constituindo-se como a unidade fundamental do calendário<sup>18</sup>.

***"(...) A civilização industrial não conseguiu ainda separar o dia de vinte e quatro horas do dia natural, com a sua dupla face de luz e sombra. Todavia, os turnos contínuos de oito horas em certas fábricas e o funcionamento de alguns serviços vinte e quatro sobre vinte e quatro horas, são apenas a negação da noite (...)"***.(LE GOFF, 1992:518)

Para LE GOFF (1992:518), uma das funções essenciais do calendário, também, constitui-se em ritmar a dialética do trabalho e do tempo livre, ou seja, o entrecruzamento entre esses dois tempos: o tempo regular, mas LINEAR do trabalho, mais sensível às mutações históricas, e o tempo CÍCLICO da festa, mais tradicional, porém mais permeável às mudanças da história.

***"O calendário necessita apenas de uma data de Ano-Novo, Este ponto fixo, a partir do qual se inicia a numeração dos anos, introduz no calendário um elemento linear. Este conduz a uma idéia de evolução positiva ou negativa. O ponto fixo é a ERA, que é também o sistema de datação do tempo. As eras são em geral acontecimentos com um valor mais ou menos mágico - um talismã.(...) são às vezes míticos, outras vezes históricos". Muitos povos inseriram um tempo cíclico dentro do seu tempo linear. Este tempo é geralmente sagrado ritual, religioso em todo o caso.(...) O tempo dos ciclos é aparentemente um templo circular".*** (p.523)

---

<sup>18</sup> .Ibidem,. "O cristianismo manteve o calendário Juliano, mas deslocou o início do ano. Por exemplo: o 1º. de Janeiro, em função do dia da circuncisão de Cristo; o 1º. de Março, início do ano religioso, e assim por diante. A anarquia do calendário é muito típica da igreja medieval".(p.505-507).

Segundo o que nos aponta esse pensador, o calendário nada mais é que o resultado de um diálogo complexo entre a natureza e a história, configurando-se como órgão de um tempo que recomeça sempre, conduz paradoxalmente a uma história cronológica dos acontecimentos - agarram-se aos acontecimentos - interrompendo, dessa forma, a monotonia das predições astrológicas, com tempos e ritmos diferentes, ora linear, ora repetitiva, que volta a ser do nosso tempo<sup>19</sup>.

Tanto o calendário, quanto o relógio - instrumentos de controle do tempo e do homem - são resultados da organização, do domínio e do controle da técnica, através da qual o homem, imaginariamente, pressupõe exercer domínio sobre a natureza. Isso significa dizer que, partindo da identificação do homem com a natureza, esse processo foi se diferenciando, se alicerçando na força do trabalho e, pressupostamente, exercendo uma relação de dominante e dominado.

Se analisarmos detalhadamente essas questões, verificamos que, dentre outras, três variáveis são importantes e estão interligadas nesse processo: tempo, atitude e informação. A variável tempo, indissociável da variável trabalho, está voltada para o domínio do ritmo de vida do homem, em relação à sua realidade.

A variável atitude - do grego "energeia" - significa ato, atividade, energia, norma de procedimento. Revela-se como uma forma de comportamento do homem diante de determinada realidade. A variável informação, como forma dialógica de comunicação, de troca de experiências, de fornecimento de dados a partir de um determinado referencial - uma realidade pré-concebida. É o estabelecimento do livre intercâmbio de idéias e conhecimentos a fim de promover o entendimento mútuo para propósitos sócio-culturais.

Observamos, ainda, nas questões relacionadas ao mundo do trabalho, do lazer e dos esportes - demasiadamente pluralizado - que tempo, atitude e informação, possuem significados e valores distintos. Com isto podemos afirmar que no mundo da

---

<sup>19</sup> . Ibidem, 1992, p. 524-525.

civilização industrial, com o dia de trabalho diuturno - distinto do dia natural - a semana passa a ser a grande invenção imposta no calendário. "A sua grande virtude é a de introduzir no calendário uma interrupção regular do trabalho e da vida cotidiana, um período fixo de repouso e de tempo livre, cuja periodicidade pareceu adaptar-se muito bem ao ritmo biológico dos indivíduos e também às necessidades econômicas das sociedades"<sup>20</sup>.

Com as questões da sociedade "disciplinar", "o dia de repouso" passa a ser um de seus problemas. Isto fica bastante caracterizada nas sociedades urbanizadas contemporâneas, onde o dia de repouso - anteriormente eleito pela igreja como o domingo, o dia do Senhor - tendeu a transformar-se num fim-de-semana de dois dias - o sábado e o domingo - correspondendo, hoje, a um fenômeno típico dos países desenvolvidos; a semana passou a configurar-se numa articulação importante do calendário - senão a mais importante - na divisão artificial que se insere facilmente nos anos e nos meses do calendário tradicional<sup>21</sup>.

Com essa sociedade disciplinar, principalmente a partir do século XIX, surge ainda o que GIRARDET (1987:94) chama de "mito do complô", cujo poder está vinculado ao mundo do trabalho, porém com fortes influências no indivíduo, na família e na sociedade de modo geral. "A sua tendência é a de preencher uma função social de importância não negligenciável. Ele é um organismo polimorfo vivo, só podendo ser compreendido se é intimamente vivido. Mas, vivê-lo impede dar-se conta dele objetivamente, pois, a tendência é esvaziar o seu conteúdo emocional, do essencial de si mesmo".

É, portanto, um organismo vivo, que continuamente vem surgindo com várias formas de domínio - são "as religiões", os "lazers", "os esportes", as "indústrias de lazeres, esportes e turismos" - pelo carisma, por formas tradicionais, por afetividade, por patriarcado, por legislação, entre outras. Ou seja, através dele, existem para um

---

<sup>20</sup> . Ver LE GOFF, em "História e Memória", 1992, p.515.

<sup>21</sup> . Ídem.

certo número de homens, as mesmas emoções a partilhar, os mesmos fervores e as mesmas esperanças. Estão presentes também, no calor de uma comunhão reconquistada, os mesmos apelos, as mesmas palavras de ordem, as mesmas referências e as mesmas certezas. Em torno dele uma vida coletiva se reestrutura, as trocas afetivas se restabelecem e uma nova trama social se consolida<sup>22</sup>.

Essa trama social passa a ser uma constante. Mais especificamente no campo dos esportes essas questões começaram a ficar bem definidas na sociedade burguesa - esportes dos ricos burgueses e esporte para os trabalhadores pobres. Os esportes mais usualmente praticados pelos ricos eram o golfe e o tênis; transformaram-se, muitas vezes, em ocasiões de discussões dos grandes negócios e demonstração de poder econômico. Já, o futebol e o baseball eram mais praticados pela classe trabalhadora, com o objetivo principal de maximizar a força produtiva do trabalhador. Com isto, o tempo de lazer dos trabalhadores, em geral, era determinado, na sociedade capitalista, pela reprodução da necessidade do poder da força produtiva e da força do trabalho dos indivíduos na sociedade.

Enquanto os esportes da classe trabalhadora configuravam-se como uma forma compensatória para o desgaste físico adquirido pelo trabalhador no seu dia-à-dia; na elite burguesa o esporte transformou-se num grande meio de socialização e poder, no qual podiam ser criadas e desenvolvidas regras para a manutenção de uma determinada liderança e domínio deste; para difundir aspectos morais ligados à uma hierarquia, subordinação e a aceitação à determinadas autoridades<sup>23</sup>.

GUTTMANN afirma que as primeiras nações industrializadas foram as primeiras a estabelecerem organizações nacionais do esporte moderno. Foi o caso da Inglaterra que em 1863 criou a Associação de Futebol, em 1869 a Associação Amadora de Natação, em 1878 a União dos Ciclistas, em 1879 a Associação Metropolitana dos

---

<sup>22</sup> . Ver GIRARDET, em *Mitos e Mitologias Políticas*, 1987, p. 95-96.

<sup>23</sup> . Foi baseado nesta ideologia que surgiram os técnicos das equipes, diretores, etc. Pessoas que detinham um certo poder, conheciam um determinado esporte e/ou possuíam um status social, passaram a ditar normas e/ou exercer domínio em equipes - por contrato ou não - em busca de resultados.

Remadores, em 1880 a União Atlética Amadora, dentre outras. Estes fatos também foram constantes nos Estados Unidos da América, na França, na Alemanha, na Suécia, e em outros países, principalmente, do bloco europeu. O esporte passa a adquirir força comercial, além de se transformar num veículo disseminador do militarismo, nacionalismo, imperialismo e internacionalismo.

Afirma, ainda, a transformação do esporte como sendo inevitável numa sociedade em que o modo de produção também se transformava. Outrossim, o esporte, além de continuar sendo um grande meio de socialização, por sua função recreacional, passou, também, a se constituir num elemento de segurança nacional e de produtividade econômica. Para o autor:

***"O Esporte Universal necessita remover todos os tipos de divisão social...O Esporte Para Todos assume a abolição de cada discriminação social, nacional, união de classes, sexual e racial. Os esportes cessam estando associados aos nacionalismo e imperialismo. Eles contribuem para a criação daquilo que os Marxistas se referem como o 'Novo Homem Socialista'".***

Depois da tentativa de apresentação de uma interpretação baseada nas idéias de Marx, GUTTMANN (1984) procura nos estimular, também, a pensar dados do modelo Weberiano, afirmando: "a grande vantagem do Modelo Weberiano é que ele nos capacita a ter uma visão, no microcosmos do esporte moderno, das características do macrocosmos da sociedade moderna, referendando-se no secularismo, igualdade, especialização, racionalismo, organização burocrática e quantificação. Estas seis características são independentes e, sistematicamente, relacionam elementos do **tipo ideal** da sociedade moderna. Elas derivam da noção Weberiana fundamental da diferença entre o status atribuído à sociedade tradicional e o status conquistado pela sociedade moderna".

Para GUTTMANN, uma outra vantagem da interpretação Weberiana está no fato de que, esta, não se reduz simplesmente ao determinismo econômico, pois a análise puramente econômica não é suficiente para explicar as questões da industrialização. Embora, reconheça que as primeiras nações industrializadas sejam, realmente as primeiras a desenvolverem organizações nacionais para o esporte moderno.

Nessa interpretação sociológica de Weber, a relação entre os esportes e a religião é uma particularidade muito difícil, assim como é o relacionamento entre a economia e a religião; motivo que optamos por analisar, primeiramente, as idéias de Weber, materializadas na "Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo", para depois compará-las com as interpretações de GUTTMANN.

Em concordância com MARSAL, observamos, também, nesses estudos de Weber que:

***"O puritanismo (...) é um tema central da sua obra. A ética protestante, a ética das seitas protestantes (...) é para Weber a única moral das grandes religiões conciliável com o êxito neste mundo, com o êxito econômico. (...) o místico ultramundano e o racional mundano são, em princípio opostos. Mas a idéia da predestinação protestante tornou possível conciliar a orientação ultramundana religiosa com o êxito econômico, ao considerar que este era um sintoma de predestinação. Esta interconexão originária entre as instituições do capitalismo e a ética protestante é tal que na situação norte-americana, Weber observa com muita agudez que o exclusivismo da seita protestante é nas suas origens o modelo que seguem as associações exclusivas de status norte-americanas". (MARSAL, p.23-24)***

Apesar do euforismo de MARSAL, Weber não demonstra fazer uma interpretação de que a causa única do capitalismo seja a ética protestante. Ele, apenas, acredita que esta tenha sido "uma das causas" certas das origens do capitalismo. Para esse pesquisador, a ética das seitas protestantes, sem o seu ingrediente, não se teria produzido o capitalismo, como efetivamente não se produziu

em outros contextos de condições materiais similares como na China, na Índia e outros países orientais.

Quando Weber tenta nos direcionar a refletir sobre o capitalismo, embasando-se nos aspectos de sua especificidade, hipoteticamente nos aponta, também, para a importância dessa concepção, enquanto uma efetiva orientação para um ajustamento dos lucros ao investimento, por mais primitiva que seja a sua forma - inclusive nos esportes.

***"... o Espírito do trabalho, o progresso, ou qualquer outro nome que lhe possa ser dado, (...) não deve ser entendido como alegria de viver, ou em qualquer outro sentido ligado ao Iluminismo". (p.26)***

Weber trata esta questão do "Espírito do Capitalismo", tentando correlacionar o seu significado à complexidade dos aspectos culturais, individuais e históricos que, gradualmente, deve ser estruturado a partir de partes individuais da realidade histórica que o constitui.

Percebemos que Weber utiliza, em sua obra, esta expressão como uma tentativa provisória de identificação de um determinado objeto de estudo - o espírito do capitalismo - mediante a elaboração de hipóteses e apreensões, não somente através de fórmulas abstratas, mas, de conjuntos genéticos de relações, de caráter individual e especificamente único, enquanto uma questão de ética (ethos) peculiar e particular.

Ao tentar encontrar a lógica que comanda esse Espírito do Capitalismo, recorre, muitas vezes, a Benjamin Franklin e lembra refrões do tipo: "tempo é dinheiro", "crédito é dinheiro", "o bom pagador é dono da bolsa alheia", "aquele que gasta inutilmente um `groat' por dia , desperdiça mais de cem libras por ano, que é o preço do uso de cem libras", dentre outros corriqueiramente citados por esse autor<sup>24</sup>

---

<sup>24</sup>.WEBER, 1967, p.31

**"Na verdade, o que é aqui pregado não é uma simples técnica de vida, mas sim uma ética peculiar, cuja infração não é tratada como uma tolice, mas como um esquecimento do dever. ESTA É A ESSÊNCIA DO PROBLEMA. O que é aqui preconizado não é mero bom senso comercial - o que não seria nada original - mas sim um ethos. ESTA É A QUALIDADE QUE NOS INTERESSA". (grifo meu)<sup>25</sup>.**

Para o autor, a lógica interna que comanda essa ética - "o summum bonum" - está completamente destituída de qualquer caráter eudemonista - processo que busca o bem estar, a felicidade - ou mesmo hedonista - que faz do prazer o fim da vida - pois é pensado tão puramente como "uma finalidade em si, que chega a parecer algo superior à 'felicidade' ou 'utilidade' do indivíduo, algo totalmente TRANSCENDENTAL e simplesmente IRRACIONAL".(WEBER)

**"O homem é dominado pela produção do dinheiro, pela aquisição encarada como finalidade última da sua vida. A aquisição econômica não mais está subordinada ao homem como meio de satisfazer suas necessidades materiais. (...) É evidentemente um princípio orientador do capitalismo o qual expressa um tipo de sentimento que está inteiramente ligado a certas idéias religiosas(...)". Ganhar dinheiro dentro da ordem econômica moderna é, enquanto for feito legalmente, o resultado e a expressão de virtude e eficiência em uma vocação (...) são os verdadeiros alfa e ômega da ética de Franklin(...)"<sup>26</sup>.**

Assim, este modo de produção capitalístico, ao guiar a liderança da vida econômica de que necessita, pela seleção econômica dos mais aptos - "escolhe empreendimentos e trabalhadores que tiver necessidade" - é o processo da seletividade, da elitização.

---

<sup>25</sup> .Ibidem, p.33

<sup>26</sup> . Ibidem, p.33.

***"Aqui (...) as limitações do conceito de 'seleção' (...) teve de se originar em alguma parte e não pareceu em indivíduo, mas como um modo de vida comum a grupos inteiros de homens - idéias originárias do materialismo histórico como um 'reflexo' ou como 'superestruturas' de situações econômicas".(p.34)***

Para Weber, a origem e a história de tais idéias são muito mais complexas do que supõem os teóricos da "superestrutura". Afirma a luta do "espírito do capitalismo" por sua supremacia contra um mundo de forças hostis - tradicionais - cuja essência encontra-se na racionalização, enquanto instrumento de desencantamento do mundo.

A diferença não repousa no grau de desenvolvimento de qualquer impulso de ganhar dinheiro. Não representa, absolutamente, a atitude mental da qual deriva o espírito capitalista moderno, enquanto um fenômeno de massa. Esse impulso era uma forma tradicional, aventureira, natural em todos os tipos de sociedade econômica.

O modelo capitalista foi mais uma forma de criatividade e recriatividade do homem na sociedade e, "o oponente mais importante contra o qual o espírito do capitalismo teve de lutar, foi esse tipo de atitude e reação à novas situações, que podemos designar como TRADICIONALISMO" (grifo meu)<sup>27</sup>.

Para Weber este fato já era inevitável. O processo para a utilização racional da força de trabalho e a organização do capital, na empresa, já se fazia necessário. O rompimento com o tradicionalismo não se deu abruptamente. Foi um processo histórico-cultural que levou à criação de meios e técnicas para assegurar a maior quantidade possível de trabalho por parte do trabalhador, bem como a necessidade de mão-de-obra qualificada.

Dentro dos sistemas tradicionais, normalmente, não era costume - "por natureza" - o desejo de ganhar cada vez mais dinheiro, mas simplesmente viver como estava acostumado a viver, e ganhar o necessário para este fim. Já, no modo de

---

<sup>27</sup>.Weber, 1967, p.37.

produção capitalista, a força do trabalho, o ganhar mais, usualmente está ligado ao aspecto da vocação, do trabalho excedente, da expropriação do lucro, do resultado da mais valia, da poupança, do capital, da burocratização, da tecnologia. Neste sistema, baixos salários não representam trabalho barato, conforme o que acontece no sistema tradicional. Isto significa dizer que, de um ponto de vista puramente quantitativo a eficiência do trabalho decresce com um salário que seja fisiologicamente insuficiente, que pode a longo prazo, equivar a uma "sobrevivência da incompetência".(p.39).

***"(...) Os baixos salários, mesmo de um ponto de vista puramente comercial, falham sempre que houver o problema da produção de mercadorias que requeiram qualquer tipo de trabalho especializado (...) O trabalho deve, ao contrário, ser executado com um fim absoluto por si mesmo - como uma vocação. Tal atitude, todavia, não é absolutamente um produto da natureza. Ela não pode ser provocada por baixos salários ou apenas salários elevados, mas somente pode ser o produto de um longo e árduo processo de educação. Estando com o domínio das rédeas nas mãos, o capitalismo, hoje, pode, em todos os países industriais, recrutar sua força de trabalho com relativa facilidade"***<sup>28</sup>.

Ficaram marcantes nas reflexões de Weber, sobre Espírito do capitalismo, que as oportunidades de superar o tradicionalismo, prioritariamente, se fez mediante um processo de educação - tradicionalmente mantida anteriormente pela educação religiosa protestante.

Contudo, o problema está em procurar saber: "como esta conexão de adaptabilidade do capitalismo a fatores religiosos pôde ter surgido na época do seu desenvolvimento inicial".<sup>29</sup>

<sup>28</sup>. Ver "A ética protestante e o espírito do capitalismo", p.39.

<sup>29</sup>. A mesma opinião foi apresentada por HOBBSAWM, 1992, quando trata das questões da Educação Formal da Sociedade Burguesa, p. 246.

**"(...) o modo de vida tradicional, a taxa tradicional de lucro, a quantidade tradicional do trabalho, a maneira tradicional de regular as relações com o trabalho, o círculo essencialmente tradicional de fregueses e a maneira de atrair novos. Tudo isso dominava a orientação do NEGÓCIO (...) na base do ETHOS deste grupo de homens de negócio (...). Ora, em determinada época esta vida de lazer foi subitamente convulsionada e freqüentemente sem nenhuma mudança essencial na forma da organização (...) a velha atitude de lazer e conforto para com a vida deu lugar à rija frugalidade que alguns acompanharam e com isso subiram, porque não desejava consumir, mas ganhar (...)". (p.44)**

Com a mudança da "regra do jogo" e com o advento do capitalismo, tempo passou a ser "dinheiro" e trabalho e lazer passaram a ser, também, tempos bastante distintos e rentáveis. O que não acontecia nos modelos tradicionais de trabalho, onde o processo de continuidade, algumas vezes, descaracterizava o LAZER - trabalho e lazer se confundiam. Com o modelo capitalístico, surge, portanto, um "novo espírito" (ethos) para comandar a lógica interna entre trabalho e lazer, no processo das relações sociais - "o espírito do capitalismo".

Com outras morais, com outras formas de orientar seu tempo de trabalho às necessidades laborais de cada sociedade e de suas relações com os ritmos que cada realidade impunha, os homens, aos poucos, foram obrigados a mudar de comportamento - de "regra do jogo". Por exemplo, houve uma forte mudança de qualidade ética, em que um tipo bastante diferente, gerador de desconfiança, às vezes, ódio, indignação moral, substituiu à uma ética tradicionalista, racional com relação a valores, onde a afetividade corriqueiramente se fazia presente neste mesclado de ações sociais do passado - eram ações prioritariamente comunitárias.

De acordo com aquele estudioso:

**"Somos tentados a pensar que estas qualidades morais pessoais não têm a mais superficial relação com quaisquer máximas éticas, para não falar de idéias religiosas, mas que a relação entre elas é negativa. A habilidade de se livrar da tradição comum (...) parece ser mais possivelmente a base mais adequada para o sucesso de um homem de negócio (...)". (p.45)**

A vocação para o "ganhar mais", "o lucro acima de tudo" foi, muitas vezes, um dos motivos de resistência e incompreensão do homem pré-capitalista, pelo fato dele estar ligado a dogmas, a éticas - principalmente religiosas - distintas do mundo capitalista. A tradição pré-capitalista, basicamente aquelas ligadas a movimentos protestantes, apregoavam que ao invés da vocação para o "ganhar mais", a sensação do "dever cumprido perante Deus", já o satisfazia plenamente.

Weber, ao analisar estas questões, tenta repassar a idéia de que, realmente, a lógica que comanda o espírito do capitalismo é a "devoção à vocação para ganhar dinheiro" e para isso não necessita mais do suporte de qualquer força mítica, religiosa, dogmática. O capitalismo existe onde haja a necessidade lucrativa - através da empresa - onde haja a necessidade de uma ordem econômica, mediante a racionalização de processamento dos dados econômicos, não se limitando a valores que envolvam afetividade, religiosidade, porque **"tudo é negócio, tudo é mercadoria"**. Este processo de racionalização - o trabalho a serviço de uma organização racional, em busca do lucro - é parte importante, também, para a busca de um provável "tipo ideal", dentro da moderna sociedade burguesa, segundo formas de dominação - "probabilidade de encontrar obediência a uma determinada ordem".

***"(...) Quem não adaptar sua maneira de vida às condições de sucesso capitalista é sobrepujado ou pelo menos não pode ascender (...) o capitalismo moderno tornou-se dominante e emancipou-se de seus antigos suportes. (...)" (WEBER, p.47).***

Neste processo, a "Ética protestante" foi considerada como mais um fato da história cultural da humanidade, que exerceu fortes influências na vida do homem moderno. O seu relacionamento se efetivou, predominantemente, a partir de formas afetiva e tradicional, "num estágio historicamente anterior ao desenvolvimento de uma filosofia puramente racional". Possivelmente, esta ética não teria espaço num modelo em que passou a predominar características fundamentalmente baseadas no cálculo

rigoroso, racionalizada e dirigida para o sucesso econômico. Pois, aparentemente, são éticas diferentes, em direções muito diferentes, em momentos diferentes.

Categoricamente, Weber afirma que foi, com esse conceito de vocação que se manifestou o dogma central de "todos os ramos do Protestantismo, em que a 'única' maneira de viver aceitável para Deus estava no cumprimento das tarefas do século, impostas ao indivíduo pela sua posição no mundo".

A adoção de um sentido enfaticamente moral e de prêmio religioso para o trabalho secular e profissional, talvez, tenha favorecido para que a concepção de "vocação" passasse a depender do desenvolvimento da religiosidade, com base em uma interpretação do tipo "tradicionalista".

Com a idéia de que a profissão concreta do indivíduo e o impulso para o ganho em função do suprimento das necessidades do indivíduo, passam a ser interpretados como vontade Divina, como um dom especial de Deus, novos pontos de vista passam a surgir, inclusive, novos pontos de vista éticos - um novo **Ethos**. Dessa forma, com a "vocação" sendo aceita como algo Divino, a qual cada sujeito devia adaptar-se, a questão da individualidade passou, também, a adquirir novos significados dentro do processo das relações sociais e, asceticamente, submissa ao mundo do trabalho.

WEBER aponta a concepção de "vocação", de Lutero, como aquela que exerceu grande influência - psicológica, mística, dogmática, etc. - entre os povos protestantes, porém que não foi a única. Procura apreender, ainda, esta concepção como uma espécie de retrocesso com relação aos místicos, pela suspeita ao ascetismo e a autodisciplina apregoada pela igreja<sup>30</sup>.

Em nossa opinião, os "Fundamentos Religiosos do Ascetismo Laico" foi mais uma das formas de dominação do indivíduo, através da igreja e em nome de um Deus, que exerceu fortes influências comunitárias, no processo das relações sociais.

---

<sup>30</sup>.O termo ascetismo é aqui entendido como processo de renúncia a valores nos diversos momentos das ações dos indivíduos na sociedade.

Sustentados por uma "Ética vocacional para o trabalho universal e de conduta humana, enquanto obra de Deus", estas forças religiosas tiveram influências decisivas na formação do "caráter nacional".

Estes fundamentos, segundo Weber:

***"(...) desenvolvem um anti-intelectualismo baseado na noção de que a fé é privilégio dos simples e faz ressurgir o velho milenarismo escatológico que cria a temática da 'destruição da razão', na qual a providência divina retoma a direção dos eventos acima do egoísmo individual.(...)"***.<sup>31</sup>

Relacionando a "Ascese e o Espírito do Capitalismo", Weber nos leva a pensar que, historicamente, um dos componentes fundamentais do Espírito da Moderna Sociedade Capitalista e de toda cultura moderna - conduta racional baseada na idéia da vocação - nasceu do espírito da ascese cristã, como conteúdo da ascese vocacional do puritanismo, apenas sem a sua fundamentação religiosa.

Com isto, esse pensador nos aponta que a limitação do trabalho especializado - vocacional - é também uma forma ascética de construção de "tipos ideais", porém com "Ethos" diferentes.

Por exemplo, enquanto que a ascese religiosa aceitava a vocação à riqueza e ao trabalho - desde que lícita - como obra divina; no Espírito do Capitalismo, a racionalização, em função do "desencantamento do mundo", passa a ser a sua "prisão de ferro", isto é, passa a ser um processo inexorável da administração da racionalização - prisão, jaula, gaiola de ferro - enquanto definidor da participação do indivíduo na sociedade, mascarando, assim, a idéia da alienação.

---

<sup>31</sup>. Ver "Max Weber: metodologia das ciências sociais", em que Maurício Tragtenberg faz a "Introdução à edição brasileira", p. XIII, 1992.

Ora, entendemos que essa tentativa de domínio do homem capitalista, pela vocação de ganhar dinheiro, como finalidade última de sua vida, é um outro exemplo típico de ascese que circunda a ética capitalista. É, também, um processo de renúncia de outros valores, nos diversos momentos das relações sociais, que não aqueles, simplesmente, ligados ao negócio e à mercadoria.

O processo de "ruptura" com o tradicionalismo - com o ascetismo religioso - segundo Weber, já se fazia necessário e aconteceu naturalmente, pela necessidade do indivíduo criar e recriar suas ações na sociedade. Favoreceu, também, para o aparecimento de outros tipos de "crenças, dogmas, mitos, ascetes", espelhados no "Espírito do Capitalismo", cuja "gaiola de ferro" passou a ser a racionalização - a burocratização - enquanto "tipo puro" de dominação legal.

Na verdade, não foi uma ruptura, mas um processo causal, de inter-relacionamento - dialético - acontecido entre valores da "Ética Protestante" - tradicional - e o "Espírito do Capitalismo" - racionalizado -, em momentos da História Universal, repletos de significantes e significados. Ou seja, "o místico ultramundano" - enquanto obra Divina - da "Ética Protestante", historicamente, passou a ceder espaços para o "racional mundano" capitalístico. A vocação do "cumprimento do dever perante Deus" - pelo trabalho - ou a "moral da responsabilidade X moral dos últimos fins", foi sendo substituída pelo "esquecimento do dever cumprido, da afetividade, do misticismo, do lazer", em função do ganhar mais, do lucro, da mercadoria - essência da ética capitalista.

***"O puritano queria tornar-se um profissional, e todos tiveram que segui-lo. Pois quando o ascetismo foi levado para fora dos mosteiros e transferido para a vida profissional, passando a influenciar a moralidade secular, fê-lo contribuindo poderosamente para a formação da moderna ordem econômica e técnica ligada à produção em série através da máquina, que atualmente determina de maneira violenta o estilo de vida de todo o indivíduo nascido sob esse sistema, e não apenas daqueles diretamente atingidos pela aquisição econômica, e, quem sabe, o determinará até que a última tonelada de combustível tiver sido gasta".<sup>32</sup>***

<sup>32</sup>. Ver a "Ética protestante e o espírito do capitalismo", 1967, p.131.

Como já tivemos oportunidade de observar, tanto o "Ethos" protestante, quanto o capitalista, são dependentes de "tipos de dominação", das mais diferentes espécies. Historicamente, foram legitimados por aquiescências entre "dominantes e dominados". Por exemplo, conforme já foi apresentado, na forma tradicional do homem pré-capitalista ocidental, a ascese religiosa e as questões ligadas a "Deus e ao Demônio", foi um tipo de dominação largamente difundida, manipulada e, inclusive, instrumento para mudanças de comportamento individual. Isso mesmo aconteceu com o homem capitalista, em que a burocratização passou a ser, também, o seu "Deus e o Demônio" e, em ambos os contextos históricos, o indivíduo se viu tolhido, preso por tipos de dominação, de obediências e submissões que, definitivamente, passaram a interferir em suas ações, dentro do processo das relações sociais.

Portanto, particularmente, entendemos que, em ambos os processos - tanto na "Ética Protestante", quanto no "Espírito do Capitalismo" - o indivíduo se viu preso por constelações de interesses, quer seja de considerações racionais de vantagens e desvantagens - referentes a meios e fins; quer sejam por dependências culturais de costumes, hábitos em função de comportamentos inveterados; ou, quer sejam por ligações afetivas, na mera inclinação individual.

Em todos esses tipos de dominação - identificados, por Weber, como "Legal", "Tradicional" e "Carismática"<sup>33</sup> - constatamos que a definição da expressão metafórica "gaiola de ferro" - para a burocratização - poderá, também, ser utilizada para outros tipos de dominação - principalmente ligado aos esportes, à Educação Física, ao sistema educacional etc. - porque, tanto na "Ética Protestante" quanto no "Espírito do Capitalismo", todos eles, segundo suas éticas, envolvem e aprisionam o indivíduo na busca de um determinado tipo ideal.

---

<sup>33</sup> .Ver "metodologia das ciências sociais", 1992, p.349-359.

**"(...) a procura da riqueza, despida de sua roupagem ético-religiosa, tende cada vez mais a associar-se com paixões puramente mundanas, que freqüentemente lhe dão o caráter de esporte".(WEBER, 1967:131).**

Ou seja:

**"Uma liberdade tão grande quanto possível, por uma dominação tão grande quanto possível". (WEBER)<sup>34</sup>**

Parafraseando GUTTMANN, somos, também levados a deduzir de que a ascensão do esporte se deu quase da mesma forma como aconteceu com a ética protestante e o espírito do capitalismo<sup>35</sup>. Ou seja, a passagem de um sistema tradicional - puritano - para um modelo que, acompanhando o desenvolvimento das relações sociais, passou a requerer burocratização, especialização, racionalização, igualdade, quantificação e secularismo, enquanto formas de dominação, via regras, medição do tempo, calendários, resultados, comercialização, expropriação do lucro, dentre outras.

Com o "tempo vivido" - dos jogos - cedendo espaços para o "tempo medido" - dos esportes - o cronômetro, o calendário e outras formas de medição transformaram-se em instrumentos necessários para a busca de "tipos ideais" em trabalhos cada vez mais especializados. A influência religiosa, ainda presente no calendário, passou a exercer outras formas de domínios junto aos indivíduos, adaptando-se ao novo modelo de sociedade. A competitividade entre as religiões passou a ser bastante marcante, as quais, também ,se utilizavam do esporte para a demonstração de suas capacidades de penetração e força. Por exemplo, GUTTMANN nos mostra, em duas tabelas, que na

<sup>34</sup>. Resumo da aspiração máxima de Weber, citada por J.F. Marsal, p.68.

<sup>35</sup>. Com isto não queremos afirmar de que a causa única da passagem do jogo ao esporte tenha sido a ascese religiosa. Assim como aconteceu com a passagem do sistema tradicionalista para o capitalista, a ascese religiosa foi "UMA DAS CAUSAS" influenciadoras desse processo.

Europa os esportes foram muito mais difundidos entre os protestantes do que entre os católicos ou outras religiões. Só na Alemanha havia um percentual geral da população de 52% de protestantes contra 44% de católicos, destes, 60% de protestantes contra 37% de católicos eram membros de clubes esportivos; 67% de protestantes em relação a 31% de católicos praticavam natação; e, 73% de protestantes contra 26% de católicos praticavam a natação de alto nível. Nos Jogos Olímpicos, 7.6% dos protestantes conquistaram 54.5% de medalhas de ouro, enquanto dos 23.6% participantes católicos conquistaram apenas 40% de medalhas de ouro.

Esta transformação do modelo tradicionalista para o modelo capitalista já se apresentava como inevitável no processo das relações sociais. A passagem do jogo ao esporte, também já fazia parte desse processo, tendo, historicamente, na ascense religiosa um dos componentes básicos para essas transformações culturais na sociedade.

Os costumes da prática do jogo, enquanto atividade simplesmente lúdica e de satisfação a Deus, passou a ceder espaços para uma outra atividade racionalizada, ascética - o esporte - onde tentando fugir de qualquer influência de afetividade, o ganhar passou a representar força de trabalho, poder, mão-de-obra qualificada, organização e tecnologia, cuja superação só deveria ser possível mediante um processo de educação.

A velha vida tradicional, religiosa, cedeu lugar à rija frugalidade da ascensão social, onde o consumidor rendeu-se ao ganhar mais. E, com esta mudança das "regras do jogo" - passagem da sociedade feudal para a sociedade burguesa - o homem começou a perder o controle do seu ritmo de vida, em função do mundo do trabalho. Tempo e espaço passaram a ser dinheiro, consumidos pelo mundo dos negócios, das mercadorias, inclusive pelo mundo dos esportes e dos lazeres.

THOMPSON (1991), em "O tempo, a disciplina do trabalho e o capitalismo industrial" procura fazer um contraponto e apresentar seus entendimentos sobre a

sociedade capitalista a partir de estudos que interrelacionam questões do tempo e do espaço vivenciados por indivíduos nas sociedades. Mais especificamente, trata de questões disciplinares vivenciadas no tempo de trabalho desde o tempo da manufatura e do trabalho artesanal, até o capitalismo industrial. Além disso, o autor procura comparar o domínio do ritmo do homem com relação ao espaço por ele conquistado. Em sua tematização primeira, adota conceitos com base no "tempo natural" - orientado pela ação da natureza - e o "tempo do relógio" - orientado pela máquina - enquanto um invasor da vida dos indivíduos e mais um dos elementos de controle do ritmo de vida de cada pessoa<sup>36</sup>.

O autor, nesse estudo, procura formular alguns questionamentos como: "de que maneira esta mudança do modo de encarar o tempo afetou a disciplina do trabalho? Se a transição para uma sociedade industrial desenvolvida, exigiu uma severa reestruturação dos hábitos de trabalho, até que ponto tudo isto se relaciona com a noção pessoal da passagem do tempo?".

Iniciando com a demonstração de formas de relacionamento, entre o tempo e o trabalho, utilizadas por alguns povos primitivos - como os Nuer, os Nandi, da Cabília (Argélia), do Chile, de Madagascar - tenta responder a esses questionamentos.

Diz o autor: "dentre esses povos o tempo era medido pela duração do ciclo de trabalho e das tarefas domésticas. Por exemplo: "O gado impõe o horário do dia e o cumprimento das tarefas pastoris; a hora do dia e a passagem do tempo de cada dia são para o Nuer a sucessão destas tarefas e a relação entre elas".(p.46)

Os exemplos apresentados marcam, desde os primórdios, a presença e o envolvimento do homem com formas de orientar seu tempo de trabalho, referendadas em necessidades laborais de cada sociedade e de suas relações com os ritmos "naturais".

---

<sup>36</sup>. Ver THOMPSON em "O tempo, a disciplina do trabalho e o capitalismo industrial", 1991, p.44.

Essa notação do tempo foi conceituada como "obrigações da profissão", tendo como ponto básico o agricultor ou o artesão independente. Para a compreensão das "obrigações da profissão", foram apresentados três pontos, onde o autor já procura fazer comparações entre o tempo, a disciplina de trabalho e o capitalismo industrial. Referindo-se à "obrigação da profissão", diz ele:

1 - Trata-se de uma coisa mais humanamente compreensível que o tempo medido pelo relógio, pois, o agricultor ou o trabalhador parecem atender a uma necessidade concreta;

2 - Numa comunidade em que a obrigação da profissão é comum, verifica-se pouca demarcação entre o "trabalho" e a "vida". As relações sociais e trabalho estão interligadas - o dia de trabalho estica ou encolhe de acordo com a tarefa - e não existe grande conflito entre trabalhar e "passar tempo".

3 - Para homens habituados a trabalhar pelo relógio, a obrigação da profissão parece ser inútil e sem caráter de urgência.

Para Thompson, essa questão da orientação pela tarefa, passa a ser mais complexa quando se trata da "venda do trabalho"; onde tempo e espaço adquirem novos significados, como:

***"toda economia familiar do pequeno agricultor poderá ser regulada através da orientação pela tarefa; mas na família poderá existir uma divisão do trabalho, uma distribuição de tarefas e relações disciplinares de empresário-trabalhador entre o agricultor e os filhos (...) o tempo começa a transformar-se em dinheiro - o dinheiro do empresário".(p.49)***

Com o aluguel dos braços de trabalho, a orientação passa a ser feita pelo relógio e, com o tempo transformando-se em dinheiro, começa-se a perceber uma nova forma de conceituá-lo.

Esta forma de medida do tempo passa a ser uma coisa complicada e dependente de uma série de variáveis - o tempo versus a produtividade torna-se dinheiro, portanto, ele não passa, GASTA-SE".

Thompson, ilustrando seu texto com um poema de Stephen Duck - "The Thresher's Labour" - num primeiro momento, procura chamar a atenção para a questão da intensidade do trabalho em relação ao tempo, bem como, a medição do tempo em relação à produção - mostrando contrastes da alienação do trabalho em relação às suas alegrias, o envolvimento do trabalhador e o antagonismo de interesses entre o trabalhador e o proprietário.

Num segundo momento, destaca "os hurras barulhentos pelo término da colheita", cuja moral dos trabalhadores era mantida graças aos bons ganhos que conseguiam nas colheitas.

Diz esse pesquisador que seria um erro ver a situação das colheitas simplesmente pelos estímulos econômicos, pois este era também o momento em que o trabalhador procurava aliar ao trabalho, alguns momentos de prazer, utilizados como formas psicológicas e de rituais da colheita. Havia, na ocasião, um profundo envolvimento do trabalhador com o trabalho - fato pouco constatado no trabalho industrial.

Sempre fazendo paralelos, em seu universo de análise, mais uma vez o autor destaca o relógio como uma máquina fundamental para a contagem correta do tempo que, juntamente com outras formas de controle - como os sinos das igrejas, buzinas etc. - lembravam aos trabalhadores a importância da manutenção de um determinado ritmo de trabalho.

O relógio, como privilégio de poucos, até passou a ser considerado um simbolismo de distinção de classe, nos velhos idos de 1797/98.

Historicamente, com o advento da maquinaria, o relógio passou a fazer parte de uma das NECESSIDADE dos indivíduos, do que propriamente luxo. E isso aconteceu no momento exato em que a Revolução Industrial exigia maior sincronização e cronologia do trabalho.

Transformou-se, da mesma forma, num instrumento de prestígio a quem o possuía; tornou-se no banco do pobre; símbolo de melhoria de vida do trabalhador; símbolo do dirigente sindical bem sucedido; símbolo de operário bom e disciplinado durante 50 anos de trabalho, dentre outros.

Voltando do relógio às tarefas, Thompson evidencia, na era da industrialização, a orientação do tempo no trabalho como dependente, em grande parte, da necessidade de sincronização do próprio trabalho. Ao mesmo tempo, recorda que no trabalho manual não havia exigência de um grau elevado de sincronização, pois prevalecia a orientação por tarefa. No entanto, a quantidade dessas tarefas eram surpreendentes, em relação à multiplicidade de trabalhos a serem executados por um trabalhador ou uma família, provocando uma irregularidade das normas de trabalho - tanto em tempo, como em espaço - não fazendo sentido as estimativas de duração de trabalho.

Esta irregularidade do ciclo de trabalho antes da indústria mecanizada - semanal e até do ano de trabalho - muitas vezes, provocou aos moralistas e mercantilistas dos séculos XVII e XVIII, postura de crítica quanto a forma destes trabalhadores controlarem suas próprias vidas de trabalho, os quais, alternavam períodos de intensa labuta com os de completa preguiça - como na "Santa Segunda-Feira".

Em relação a este aspecto, Thompson apresenta um escrito - "An Old Potter" (Um Velho Oleiro) - onde um pregador laico metodista, dito progressista, via como deplorável os costumes dos Oleiros de guardar a "Santa Segunda-Feira" - só crianças e mulheres trabalhavam. Tal afirmação era conseqüência da falta de mecanização das olarias. Defendia, ainda, a idéia que "a própria indisciplina no trabalho diário influenciava toda a maneira de viver dos operários e até suas organizações de classe", pois, "maquinaria é sinônimo de disciplina nas operações industriais". Ou seja, para ele "se uma máquina entra em funcionamento as seis horas de cada segunda-feira, os trabalhadores teriam de se submeter à disciplina, aos hábitos de regularidade

impostos pela indústria mecanizada (...) as máquinas obrigam estabelecer programas de trabalho".

A intencionalidade desse autor, ao apresentar este e outros exemplos, está em demonstrar o processo de transição vivenciado pelas sociedades a partir da revolução industrial, onde cada minuto passou a ser sinônimo de produção - dinheiro - enquanto que, para o trabalhador por tarefa, esse tempo não significava, apenas, fator de produtividade.

A partir do advento da industrialização, trabalho e lazer passam a ser tempos medidos e bastante distintos. O mesmo não acontecendo nos trabalhos agrícolas, onde o processo de continuidade descaracteriza o lazer e o tempo era vivido.

Fazendo críticas à expressão "pré-industrial", Thompson afirma que nunca houve um modelo único de transição, porque este foi um processo histórico construído em sociedades culturalmente diferentes.

Para o autor, é importante sabermos que o ônus dessa transição recai sobre a totalidade de uma cultura. A resistência às transformações e a concordância com elas, são os seus elementos envolvidos. Essa cultura inclui sistemas de poder, as relações de propriedade, instituições religiosas, relações interpessoais, dentre outras. A apreensão dessas idéias são necessárias para que não fiquemos numa análise superficial. "A transição não se faz para o industrialismo, mas para o capitalismo industrial (...) não estamos aqui para analisar só as transformações das técnicas fabris (...) mas o modo como essas transformações foram vividas na sociedade do capitalismo industrial nascente. Preocupamo-nos, simultaneamente, com o sentido do tempo nas suas condicionantes tecnológicas e com a medida do tempo como meio de exploração do trabalho".(p.66)

Continua afirmando: "pode, até, parecer que se trata de um problema de adaptação dos ritmos sazonais (amadurecidos) da vida do campo, com suas romarias e festividades religiosas às necessidades de produção industrial (...) ou pode também

parecer (...) que se trata da conservação da força de trabalho à custa da perpetuação de métodos ineficientes de produção - horários elásticos, intervalos de descanso irregulares (...) o problema principal parece residir na disciplina de uma mão-de-obra que só parcial e temporariamente se considera ligada à civilização industrial". (p.79)

De acordo com Thompson (1991), as sociedades industriais, dos vários tipos, estão marcadas pela economia do trabalho e por uma demarcação muito clara entre "trabalho" e "vida particular". Não se trata de considerar uma forma de vida superior à outra; devemos, antes, reconhecer que este é um terreno onde o conflito tem de ser profundo; teremos de reconhecer que a história não é apenas um registro de transformações tecnológicas neutras e inevitáveis, mas é, também, o relato da explosão e da resistência à exploração; e que os valores permanecem, até serem aceitos ou rejeitados. (p.80)

Criticando, ainda mais, os chamados "tecnocratas da provisão de orientação ideológica" e "os arquitetos do crescimento econômico", afirma: "é um problema em cuja companhia os países em desenvolvimento têm de viver e desenvolver-se. Esperamos que eles consigam reconhecer os desvios, os modelos de manipulação, que apresentam às massas trabalhadoras apenas como uma mão-de-obra inerte. E há também uma sensação (...) de que isto deixou de ser um problema do passado. Pois chegamos agora ao momento em que os sociólogos começam a discutir o problema dos lazeres, onde parte do problema é, precisamente, saber como é que isso se tornou problema".

Segundo Thompson, o Puritanismo, com o seu casamento de conveniência com o capitalismo industrial, foi o agente que converteu os homens em novas unidades de tempo; que ensinou as crianças a produzirem mais, em cada hora do dia; e que saturou a cabeça dos homens com a noção de que tempo é dinheiro.(p.81)

Será que o homem vai deixar de ser um apressado impenitente, que só concebe o gasto do tempo como forma de obter lucro? Será que as pessoas vão deixar de usar

o fardo da pressa, que agora transportam juntamente com o relógio de bolso ou de pulso?

Questiona ainda Thompson: se num futuro de automatização vamos passar a desfrutar de mais lazes, o problema que se põe não é: como é que os homens vão ser capazes de consumir todas essas unidades de tempo? Mas sim: qual será a capacidade de inovação dos homens que vão ter de viver uma parcela importante do seu tempo que não está vinculada a quaisquer obrigações de trabalho?

Esse pesquisador nos leva a refletir: se mantivermos uma valoração do tipo Puritano, é uma questão de saber como dar utilidade a este tempo, ou como é que este tempo vai ser explorado pela indústria dos tempos livres. Mas, se a noção de tempo útil se tornar menos compulsiva, os homens terão de voltar a aprender algo da arte de viver que perderam com a Revolução Industrial: O modo de preencher os interstícios dos seus dias com relações pessoais e sociais mais ricas e mais repousantes; o modo de quebrar uma vez mais as barreiras entre o trabalho e a vida pessoal.

Thompson conceituou esse fato como uma "nova dialética", onde algumas das velhas energias agressivas e disciplinas, emigram para nações recentemente industrializadas, enquanto que os velhos países desenvolvidos procuram redescobrir os modos de viver, esquecidos já antes de a História ser escrita.(p.82)

Mais uma vez citando os Nuer (p.82), o autor defende a idéia de que nenhuma cultura pode nascer sob as mesmas roupagens. Evidentemente, para Thompson, não existe um crescimento econômico sem que haja, simultaneamente um crescimento ou a transformação cultural, onde a consciência social faz parte desse processo natural de crescimento e, jamais, previamente planejada.

Da mesma forma como pensa Guttman, Thompson não vê nem o capitalismo nem, muito menos, o excessivo processo de racionalização e objetividade do trabalho, como uma solução única para a sociedade. Pois, para esse pesquisador, seria um

grave erro se olhássemos os modos de produções, simplesmente, pela óptica econômica. Thompson tenta alertar que além dos fatores econômicos, é no trabalho que o trabalhador, por sua subjetividade, procura aliar suas atividades laborais com o prazer. Nota-se que a preocupação desse autor está mais voltada para a qualidade de vida do trabalhador, a qual possui um forte inter-relacionamento entre "vida de trabalho" e "vida particular". E, é justamente nesse inter-relacionamento que começam a surgir os grandes conflitos. Ou seja, com o tempo controlado pela máquina, o homem passa a ser, cada vez mais, violentado em sua liberdade. Com a maquinização, os homens também se transformaram em unidades de tempo, surgindo os problemas dos lazeres em uma sociedade onde "tempo é dinheiro".

Baseando-se nessas argumentações, questiona: qual será a capacidade do homem de recriar alternativas para "gastar o tempo" que não esteja vinculado a qualquer obrigação de trabalho? Como dar utilidade a esse tempo? Como as indústrias dos lazeres explorarão mais esse mercado de trabalho?

De acordo com o que ficou evidenciado nos estudos de Marx, Weber, Hobsbawm, Guttman, Bourdieu e Thompson, a revolução burguesa não ficou apenas na Europa. Ela expandiu-se para outros continentes de diversas formas e tempos. Diante dos fatos, podemos, até, afirmar que ainda hoje estão ocorrendo revoluções burguesas. Pelo que se percebe na historiografia, essa revolução provocou uma série de transformações histórico-social de condutas.

Mas, de acordo com Marx e Weber, o capitalismo se apresentou como um processo capaz de provocar transformações no mundo. Conforme apontam os autores, ele nasce e renasce todos os dias, o que tem levado o capitalismo a adquirir formas diferentes. Por exemplo, hoje em dia ele já começa a se configurar de uma forma mais globalizada, universalizada no modo de produção social, enquanto processo de intercâmbio - apesar de desiguais em muitos casos. Assim, passamos a visualizar o capitalismo enquanto um processo civilizatório, não simplesmente economicista, mas cultural, político, social, impregnado de subjetividade e infinito de valores e

significados, com reflexos, também, nos campos esportivo e do lazer. Porém, de acordo com Thompson:

***"Se os homens têm de se conformar com as exigências de uma indústria altamente sincronizada e automatizada e, ao mesmo tempo, com períodos grandemente aumentados de tempos livres, eles terão de encontrar uma nova síntese, não baseada nas estações do ano ou nas exigências do mercado, mas fundamentada nos interesses humanos. A cultura tem de aprovar um modo de passar o tempo que não tenha apenas o lucro em vista"(THOMPSON, 1991:82).***

Assim, como aconteceu no século XIX, a sociedade contemporânea, buscando reconstruir seus novos modelos de condutas, encontrou nas questões do esporte e da educação os mais diversificados papéis. Especificamente, o campo dos esportes - tanto formal, quanto não formal - ao longo do tempo passou a ser eleito como uma das soluções para o preenchimento desses tempos de lazes que Thompson constantemente vem alertando. São fenômenos pertinentes, já que estamos nos referindo a um campo de produção, em função de valores, significados e interesses. Fenômenos relacionados com a urbanização, perda de espaços, tempo de lazer e de trabalho, provocados pela ascensão da sociedade capitalista, são vistas, também, como variáveis interferentes na qualidade de vida dos cidadãos, com valores de troca e de usufruto diferenciados.

Mais recentemente, GEBARA (1994) procurou abordar algumas relações que se estabelecem entre o conceito de tempo e as práticas de atividades ludoesportivas, focalizando uma questão teórica fundamental, na distinção entre o esporte moderno de um lado, e os jogos esportivos ou lúdicos de outro. Além disso, buscou discutir a possibilidade de integração estrutural entre o esporte, o lazer e o sistema econômico.

Segundo esse Historiador, é necessário atentar para uma consideração de natureza teórica que poderia passar despercebida: "a existência do tempo de trabalho, implica na existência de um tempo de não trabalho que, por não ter se

inserido no universo produtivo no mesmo momento histórico no qual o tempo de trabalho foi 'disciplinarizado', foi freqüentemente pensado enquanto tempo ocioso, como uma contrapartida à racionalidade do sistema econômico". (p.176)

Citando Marx, afirma ser perceptível uma certa tensão entre os conceitos de tempo livre e tempo disponível, isto porque, parece ser possível admitir que, ao falarmos de tempo disponível, provavelmente estejamos nos referindo ao tempo socialmente constituído em virtude do desenvolvimento das forças produtivas e em função da geração e do acúmulo de riqueza. Para Gebara, essa dimensão do desenvolvimento das forças produtivas não seria dada somente pelo tempo de trabalho, mas sobretudo pelo tempo disponível, produto acabado deste processo de incremento da riqueza existente e produzida; tempo que só pode ser consumido no conjunto da sociedade, cuja dimensão se verifica na medida em que seu desenvolvimento amplia o tempo disponível. Argumenta também que "o conceito de tempo livre seria o pressuposto de uma economia mercantil; seria aquele tempo que se defrontaria no mercado com o dinheiro, tornando-se, como trabalho livre".(p.179)

Como exemplo cita: um jogador de basquetebol profissional atuando em seu tempo de trabalho; o torcedor usufruindo de seu tempo livre; a televisão lucrando com o tempo socialmente disponível, que, crescentemente ela ocupa com eventos de interesse para o mercado patrocinador. Segundo ele, com este pequeno exemplo, dá para se dimensionar a forma pela qual, na sociedade contemporânea, atingiu-se o controle das atividades motoras do ser humano, inclusive em suas dimensões lúdicas e esportivas. Tenta demonstrar, ainda, ter sido este processo uma das formas que implicou, necessariamente, na divisão dos diferentes tempos vividos - o tempo de trabalho e o tempo de não trabalho - nos quais, articulados por um universo de consumo, o tempo disponível e o tempo livre se reinserem na mesma lógica que comandou a construção do tempo útil. (p.179)

Após fazer referências a Marx, Weber, Thompson, Rogek, distingue que "autores distanciados por referências teóricas bastante marcadas, convergem no

sentido de identificar os elementos estruturais na separação entre trabalho e lazer em tempos distintos. No exemplo relativo ao basquetebol, estendendo seu raciocínio para os Jogos Olímpicos posteriores a Los Angeles, destaca a lucratividade provocada pela mídia e um novo e decisivo componente que se interpõe para análise: "o marketing em escala mundial".

Alertando, ainda, aos seus interlocutores, Gebara (1994:182) afirma:

***"É necessário reter que existem inúmeras dimensões temporais de realidade; neste texto estamos explorando fundamentalmente, algumas questões articuladas em torno da temática dos tempos das ações motrizes de não trabalho. Não se trata de discutir a existência do lazer, ou mesmo do jogo e do esporte, antes da Revolução Industrial; trata-se sim de afirmar que, o controle do lazer, ou do jogo, ou do esporte, tornam-se tecnicamente e socialmente universalizados e efetivos, através dos mesmos mecanismos que comandaram a instauração do sistema fabril. (...) o que implica na presença do sistema capitalista como regulador das vidas pessoais (...). O tempo do ator, do atleta em performance, não tem a mesma dimensão do tempo da televisão, do telespectador ou mesmo do torcedor fanatizado pelo seu time favorito".***

Da mesma forma, demonstra não ser difícil, a partir deste percurso bibliográfico, estabelecer algumas conexões entre o tempo, o esporte e o lazer. Segundo seu entendimento, o jogo sempre foi possível sem o controle do tempo. No entanto, o tempo do jogo quando esportivizado é um tempo característico; é um tempo que, na condução dos modernos métodos de treinamento, requer fundamental controle da performance e define uma concepção de tempo igual ao tempo da produção. Para o autor, "o tempo do atleta profissional é, como o tempo do trabalhador, um tempo marcado por um ritmo não natural, no sentido de não se referir a um conjunto de tarefas articuladas pelo cotidiano; é um tempo marcado pelo artificialismo para permitir melhor aproveitamento do potencial genético e do treinamento". (p.187)

Argumenta, ainda, que o jogo, enquanto esporte moderno, é um componente do sistema produtivo que antecipa processos de disciplina, eficiência e controle de produtividade, sofisticando-se e consumido em forma de espetáculo e lazer.

Portanto, enquanto referência teórica para possibilitar uma abordagem histórica do esporte, do lazer e da Educação Física, de acordo com GEBARA, "o tempo é mais do que um componente de análise; é um conceito que deve ser necessariamente trabalhado, no sentido de permitir a explicação do que entendemos por esporte e lazer".

Diz ainda:

***"(...) Trata-se de colocar em discussão uma concepção mais abrangente do tempo de não trabalho; trata-se de propô-lo enquanto componente estrutural do mercado, quer como tempo livre, ou comercializável, quer como tempo disponível, ou construído pela riqueza socialmente produzida e potencializada. Em suma, no conjunto do sistema capitalista, não existe tempo perdido, pois na medida em que tempo é dinheiro, sua perda é a negação do próprio sistema".(GEBARA, 1994:189)***

De acordo com HUIZINGA (1980), a consequência disso é haver um aspecto esportivo em quase todo triunfo comercial ou tecnológico. Para esse autor, tudo se reveste em jogo; os negócios transformaram-se em jogos e os jogos transformaram-se em negócios - esportes. No jogo, o místico ultramundano mistura-se ou confunde-se com o racional mundano.

Relembrando Hobsbawm, o esporte, apesar de ser considerado atividade nova em ascensão, passou a ter papel importante no contexto social, bem como, exemplo de gradações de status social, enquanto mais um dos demonstrativos de poder, desenvolvido desde a sociedade burguesa. Ele passou a ser visualizado como uma das atividades de preenchimento de determinadas necessidades sociais, o qual, formalizado na Inglaterra, alastrou-se como um grande incêndio aos demais países.

## Capítulo II

### OLIMPISMO: um mito na luta pela dominação do mundo dos esportes.

O capítulo anterior tentou apresentar formas de apreensões e ordenações históricas da sociedade européia, com significados e valores diferenciados, ligadas à doutrinas e sistemas que contribuíram para a sua formação. Com a utilização de marcos teóricos, baseados em diversos autores, foram apresentadas reinterpretações de como se iniciaram alguns dos movimentos de transformações sócio-político-econômico e cultural na Europa. O momento estudado foi concernente à passagem de uma sociedade "consumista tradicional", para uma sociedade de "consumo racionalizado", num mundo em que já se prenunciavam os negócios, a disciplinarização do tempo e do trabalho, onde a riqueza européia, a educação formal e os esportes, também, demonstraram estar atrelados à reprodução cultural desses povos.

Dentro dos padrões teóricos apontados pelos autores, foi demonstrado, ainda, que outras formas de linguagens, de expressões, foram sendo construídas historicamente. O mundo da sociedade capitalista passou a exigir comportamentos e terminologias próprias, na maioria das vezes, ligadas à ordem econômica.

Percebe-se, também, a "instauração ou restauração" dos ideais olímpicos moderno como uma das resultantes dessas efervescências da sociedade burguesa, pertinentes ao processo de reprodução de ações, de esquemas convencionais e de recriação de outros esquemas influenciadores de conduta social, os quais inevitavelmente passaram a ser vivenciados a partir daquele momento histórico. Naquele contexto, o esporte também foi identificado como um dos componentes sócio-

culturais que, historicamente, passou por esse processo de construção, ebulição e de ascensão social<sup>1</sup>.

Diante da continuidade desses estudos, tentaremos, neste capítulo, reinterpretar fatos que marcaram a sociedade burguesa dos séculos XIX e XX, em seus diferentes sistemas de valores e significados, existentes no processo das relações sociais, correlacionando-os com a origem dos esportes e, conseqüentemente, com a origem dos Jogos Olímpicos e do Esporte Para Todos.

Discutiremos, ainda, questões do esporte, sob a óptica de conceitos e valores do Olimpismo, segundo perspectivas e princípios advindos de Pierre de COUBERTIN, como mais um dos marcos históricos, ou mito da humanidade que se tornou história, o qual vem inspirando ideais, assumindo papéis diversos no mundo contemporâneo.

A questão da mitologização na história do Olimpismo pode ser, também, explicada por GIRARDET (1987), o qual, introduzindo seu livro "Mitos e Mitologias Políticas", afirma que o mito torna-se história. "Ele é o impulso psicológico, a inspiração ideal, que pode conduzir os homens para o bem ou para o mal, mas que lhe é, de qualquer modo, indispensável".

Diz esse autor:

***"(...) é no quadro exclusivo da defrontação das doutrinas, do entrecruzamento ou do choque dos sistemas de pensamento que são percebidos e apreendidos os grandes debates onde se viram historicamente confrontadas as visões opostas do destino das Cidades. (...) os debates ideológicos implicam de conteúdo passional (...) a análise se acha sempre, ou quase sempre, reduzida de certo número de obras teóricas, obras classificadas em função do que a tradição lhes atribui em valor de intemporalidade e que se trata de situar umas em relação às outras, de explicar, comentar e de interpretar (...)". (p.9-10)***

---

<sup>1</sup>. Ver HOBSBAWM, em "A Era dos Impérios: 1815-1914". 1992.

Dentro do processo das relações sociais, esse autor evidencia historicamente a existência de "constelações mitológicas", onde, cada uma dessas "constelações", poderá surgir de pontos mais opostos do horizonte econômico, social e poderão ser projetadas independentemente de composições políticas. Afirma, ainda, que os papéis que lhes são atribuídos poderão variar, no tempo e no espaço, em função das vicissitudes de debates ideológicos ou, mesmo, de combates partidários.

Privilegiando o caso Francês e os limites cronológicos dos dois últimos séculos<sup>2</sup>, GIRARDET identifica quatro desses 'grandes conjuntos' mitológicos - "a Conspiração, a Idade do Ouro, o Salvador, a Unidade"<sup>3</sup>.(p.12)

O primeiro deles, o mais evidente mas não menos temível, é da ordem do vocabulário. Esse pesquisador, considerando a pluralidade de interpretações defende a idéia de que um persistente equívoco continua a cercar o próprio termo mito. Citando antropólogos e historiadores do sagrado, advoga que o mito deve ser concebido como uma narrativa: "narrativa que se refere ao passado (naquele tempo... era uma vez...), mas que conserva no presente um valor eminentemente explicativo, na medida em que esclarece e justifica certas peripécias do destino do homem ou certas formas de organização social". (p.12-13)

Demonstra que a noção de mito permanece, muitas vezes, confundida com desmistificação - ilusão, fantasma ou camuflagem - alterando os dados da observação experimental e contradizendo as regras do raciocínio lógico, interpondo-se como uma tela entre a verdade dos fatos e as exigências do conhecimento. (p.13)

Citando Georges Sorel, In "Reflexions sur la violence", GIRARDET afirma ser o mito essencialmente apreendido em função de animação criadora, enquanto conjunto

---

<sup>2</sup>. Conforme já vimos em HOBBSAWM, foi o período de ascensão da classe burguesa onde "a segregação residencial, o esporte e a educação formal" foram aspectos importantes para o pertencimento de classe.

<sup>3</sup>. Particularmente poderíamos acrescentar mais um conjunto mitológico: "Os Jogos Olímpicos". Ou mesmo considerar os "Jogos Olímpicos" como mais uma das "constelações mitológicas" de unidade, conspiração, idade do ouro e salvadora para algumas classes sociais.

ligado de imagens motrizes; apelo ao movimento; incitação à ação; e, aparece em definitivo como um estimulador de energias de excepcional potência<sup>4</sup>.

***"O mito político é fabulação, é deformação ou interpretação objetivamente irrecusável do real. Mas, na narrativa legendária, é verdade que ele exerce também uma função explicativa, fornecendo certo número de chaves para a compreensão do presente(...) se desdobra em um papel de mobilização: por tudo o que veicula de dinamismo profético, o mito ocupa um lugar muito grande nas CRUZADAS e também das REVOLUÇÕES. (...) é em cada um desses planos que se desenvolve toda mitologia política, é em função dessas três dimensões que ela se estrutura e se afirma..."***.(p.13)

Segundo esse pesquisador, as manifestações do imaginário mitológico apresentam certo número de traços comuns:

1 - Elas pertencem a um sistema particular de discurso; ou,

2 - a modos originais de expressão tão afastados, sem dúvida, da construção retórica quanto pode estar a linguagem musical das estruturas da formulação verbal. (p.14)

Para ele, as relações de analogia parecem poder ser legitimamente estabelecidas entre o procedimento mítico com o do próprio sonho; ou seja:

1 - Como o sonho, o mito se organiza em uma sucessão, em uma dinâmica de imagens e, não mais que para o sonho, não poderia ser questão de dissociar as frações dessa dinâmica: estas se encadeiam, nascem uma da outra, chamam uma à outra, respondem-se, confundem-se; demonstra tratar-se de um jogo complexo de associações;

---

<sup>4</sup> . Verificar nesse conceito como o autor "estimula o impulso da ação". Ou seja, o mito enquanto sinônimo de ação, movimento, história.

2 - Como o sonho ainda, o mito não pode ser abarcado, definido, encerrado em contornos precisos senão em consequência de uma operação conceptualizante, obrigatoriamente redutora, que sempre se arrisca a traí-lo ou a dele dar apenas uma versão empobrecida, mutilada, destituída de sua riqueza e complexidade<sup>5</sup>. (p.14)

GIRARDET, citando Claude Lévi-Strauss, nos lembra o seguinte:

***"seria ignorar totalmente a natureza da realidade mítica tentar aplicar ao seu estudo os princípios da análise cartesiana, isto é, os da decomposição em partes distintas, da divisão sucessiva e da numeração. Não existe limite para a análise mítica, unidade secreta que se possa apreender ao cabo do trabalho de decomposição. Os temas desdobram-se ao infinito; quando se crê tê-los desemaranhado uns dos outros, mantendo-os separados, é apenas para constatar que se ressoldam em função de afinidades imprevistas..."***.(p.14-15)

Advoga, também, a idéia de que os mitos políticos das sociedades contemporâneas não se diferenciam muito dos grandes mitos sagrados das sociedades tradicionais. A mesma e essencial fluidez os caracteriza, ao mesmo tempo que a imprecisão de seus respectivos contornos imbricam-se, interpenetram-se, perdem-se por vezes um no outro, formando espécie de "redes" - ao mesmo tempo sutil e poderosa de liames (**ligação**) de complementaridade - porém, não cessando de manter, entre eles, passagens, transições e interferências.

Assim, do mesmo modo que o mito religioso, o mito político aparece como fundamentalmente polimorfo. Isto é, uma mesma série de imagens oníricas (relativas a sonhos) poderá encontrar-se veiculada a mitos, aparentemente, dos mais diversos; é preciso igualmente entender que um mesmo mito é suscetível de oferecer múltiplas

---

<sup>5</sup>. O reducionismo quase sempre esteve presente em análises feitas sobre o EPT, por autores da Educação Física, Esporte e Lazer no Brasil. Na verdade foram discursos, de modo geral, empobrecedores, mutilados e destituídos de sua complexidade conceitual em termos da concretude teórica e prática do EPT.

ressonâncias, significações, não apenas complementares, mas também freqüentemente opostas<sup>6</sup>.

Para tentar explicar o jogo desse fenômeno em toda a sua amplitude e em toda a sua diversidade temática, o autor recorre a BACHELARD que diz:

***"Sonho de refúgio, de abrigo, de segurança, a casa pode tornar-se a imagem do calabouço, o símbolo da opressão carcerária, do amortalhamento, na verdade, da sepultura. (...) a serpente é ao mesmo tempo objeto de aversão, promessa de fecundidade e instrumento de sedução(...) As possibilidades de inversão do mito não fazem senão corresponder à constante reversibilidade das imagens, dos símbolos e das metáforas"(Op. Cit. GIRARDET,1987:16)'***

Conforme GIRARDET (1987), o discurso mítico, além de sua ambivalência e além de sua fluidez, possui uma lógica que o identifica como tal. Este não depende nem do imprevisto nem do arbitrário. Os mecanismos combinatórios da imaginação coletiva, parecem não ter à sua disposição senão um número relativamente limitado de fórmulas. O poder de renovação da criatividade mítica é, de fato, muito mais restrito do que as aparências poderiam fazer crer. Se o mito é polimorfo, se constitui uma realidade ambígua e movente, ele reencontra o equivalente de uma coerência a partir de uma sucessão ou combinação de fatos.

Com isso, esse autor demonstra que a existência reconhecida de uma lógica do imaginário pode representar a oportunidade de um primeiro ponto de apoio, oferecido à inteligência crítica; de uma primeira possibilidade de leitura proposta à vontade de

---

<sup>6</sup>. Este fato poderá ser identificado, também, como "Dialética dos Contrários", que parece constituir uma outra de suas especificações maiores: POLIMORFO, o mito é igualmente ambivalente.

<sup>7</sup>. O mito político não escapa a essa regra. O tema da própria conspiração não é necessariamente acompanhado de exclusivas conotações negativas: a imagem do complô demoníaco tem como contrapartida a imagem da Santa Conjuração

compreensão objetiva, a qual fornece, pelo menos, promessa de um fio condutor em função dessa lógica; a questão está em saber como servir-se desse ponto de apoio<sup>8</sup>.

Para reconhecer uma possível solução para o imaginário, na dimensão política, GIRARDET foi encontrar, primeiramente, nas propostas de Gilbert Durand, In "Structures anthropologiques de l'imaginaire", alguns contornos que DURAND chama de "CONSTELAÇÕES MITOLÓGICAS - conjunto de construções míticas sob o domínio de um mesmo tema, reunidas em torno de um núcleo central". (p.19-20)

Em um segundo momento, procura destacar a rede de correlações existentes. Ou seja, montar um quadro das linhas de convergência, estabelecer um inventário dos pontos de encontro e dos fatores de similitude construídas em torno dos mesmos "arquétipos" das mesmas "imagens" e dos mesmos "símbolos". O último momento esteve voltado para a necessidade de reinterpretação Histórica. (p.20)<sup>9</sup>

Diz o autor: "o mito só pode ser compreendido se é intimamente vivido, mas vivê-lo impede dar-se conta dele objetivamente. Enquanto objeto de estudo, ele tende, inversamente, a imobilizar-se em uma sucessão de dados estáticos; tende igualmente a se esvaziar de seu conteúdo emocional, ou seja, do essencial de si mesmo"<sup>10</sup>, cabendo ao historiador esse papel de tentar entendê-lo, sem jamais esquecer que:

<sup>8</sup> . A dissertação "Perspectivas Históricas do Movimento Esporte Para Todos no Brasil", provavelmente, seja um desses exemplos, pois a mesma levantou uma série de temáticas em busca de tentar desvendar a lógica interna que comandou o EPT no Brasil, embasando-se na legislação, na teoria e na prática que sustentou esse movimento.

<sup>9</sup> . Não podemos ignorar os riscos dessa intervenção. Por exemplo:

- 1 - A conduta do historiador de ocultar ou apagar fatos;
- 2 - reduzir à intemporalidade os fatos que se propõe a estudar;
- 3 - transformar a História em uma "ciência do passado" desobrigada do processo de evolução e mudança;
- 4 - ignorar ou falsear sua originalidade e/ou sua verdade histórica

<sup>10</sup> .Aconteceu no EPT, com a grande maioria dos -Agentes de Ligação das Unidades Federadas no Brasil"- eu me incluo nesse processo. A apreensão do EPT só foi acontecendo realmente, na medida em que o Agente vivenciava as ações práticas desse movimento em sua Unidade Federada. No entanto, a obsessão, o fanatismo, o prazer de vivenciar essas experiências impediram-nos de dar conta, objetivamente, do seu significado. A predominância estava na produção simbólica do seu agir, em detrimento do refletir. A ação, tanto de Agentes, como da comunidade, muitas vezes acontecia inconscientemente. Emocionalmente "empurrados" para essa "participação". Mas, a partir do momento em que alguns desses Agentes passaram a utilizá-lo como "objeto de estudo", o conteúdo emocional começou a ceder espaços, descaracterizar-se, imobilizar-se, provocando, até, a criação e a recriação de outras estratégias.

***"Para o historiador, em sua vontade de conhecer e compreender o desenrolar da aventura humana, através do tempo, não será, afinal, inútil que ele se lembre de que existem portas que não poderá jamais forçar, pois existem limites que não poderá jamais transpor...". (p.24)***

Assim, não podemos deixar de correlacionar o Olimpismo, o Movimento Olímpico e os Jogos Olímpicos como um dos maiores mitos da sociedade contemporânea; apontado pela história como um conjunto de práticas e teorias ligadas ao campo esportivo e, da mesma forma, dependente das relações de oferta, demanda e consumo; possuidor de valores e significados que necessitam ser desvelados por historiadores, como mais um "forçar de portas que, ainda, não foram abertas, mas que, ainda, poderão ser transpostas".

### **O idealismo olímpico: concepções e valores.**

De acordo com GIRARDET (1987:9), as questões ligadas ao Olimpismo, ao Movimento Olímpico e aos Jogos Olímpicos configuraram-se como mais um dos fatos e, ao mesmo tempo, moda em um período em que a Europa passou a apoderar-se de certas terminologias, tipos de vocabulários, de comportamentos, em função de importâncias atribuídas a fenômenos sócio-político-econômico-culturais. A reinterpretação histórica dessa sociedade Européia, do final do século XIX e início do século XX, nos fez entender tudo isso como produto de uma notável efervescência social e, até mitológica, vivenciada naquele contexto social, que não cessou de ser acompanhada por perturbações políticas desses dois últimos séculos<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> .O olimpismo foi um exemplo típico desse fato. Desde sua implantação, baseado em fundamentos éticos e morais, já sofria com as controvérsias sociais, demonstrando estar defasado num mundo cuja lógica girava rapidamente em torno dos modos de produção, do capital, do consumo e da mercadoria. Assim, entendemos que a restauração dos

Dessa forma, baseando-se em trabalhos de pesquisadores como: MCNEELY (1977), SZYMICZEK (1979), BOURDIEU (1983), YOUNG (1984), GIRARDET (1987), MÜLLER (1988), MOSHER (1991), BOULOGNE (1994), LANDRY et All (1994), McALOON (1991), dentre outros, objetivamos, com este capítulo, apresentar evidências que nos levem a refletir a origem do Olimpismo, bem como quais significados e/ou valores circundam a sua ideologia universal, a partir dos novos comportamentos da sociedade européia do século XIX.

Para tal, não podemos esquecer de que Olimpismo, Movimento Olímpico e Jogos Olímpicos possuem, historicamente, conceitos e valores distintos.

Para Norbert MÜLLER (1988), In "Olympism and Sport For All", o termo "Olimpismo" refere-se à dimensões pedagógicas e filosóficas do "Movimento Olímpico" e não à estrutura organizacional desse movimento, nem, muito menos, à dos Jogos Olímpicos.

***"O Olimpismo é uma plataforma filosófica de vida. Um sistema de princípios, valores e significados que tenta expandir idéias que lhes são intrínsecas, bem como propor valores relativos à ideologias econômicas, culturais, sociais e políticas".***

Quatro diferentes pontos de vistas compõem o objeto de análise desse pesquisador: - filosófico, histórico, pragmáticos e enquanto suas contradições. Todos eles estão baseados nos escritos de Pierre de Coubertin (1863-1937) e publicados pelo Comitê Olímpico Internacional<sup>12</sup>.

---

Jogos Olímpicos e a implantação do Movimento Olímpico foram outros produtos redescobertos nesse processo de condução social.

<sup>12</sup> O Prof.Dr. Norbert Müller foi o coordenador dessa pesquisa, em 1986. Esta obra foi considerada como a mais importante, das que trata dos escritos de Coubertin sobre educação, olimpismo e prática do esporte.

Relembrando, a primeira versão da "Carta Olímpica"<sup>13</sup>, elaborada por Coubertin, aproximadamente de 1898, alertou sobre a função do Comitê Olímpico Internacional, no sentido de: "Criar todos os esforços possíveis, para conduzir os esportes moderno a um adequado direcionamento".

Apresentou os princípios fundamentais desta carta olímpica, baseados nos seguintes objetivos:

- ***"Promover o desenvolvimento das qualidades físicas e morais, enquanto princípios básicos dos esportes;***
- ***Educar a população jovem, através do esporte, buscando estimular-lhe um espírito de melhor entendimento e de amizade, para a construção de um mundo melhor e mais pacífico;***
- ***Espalhar os princípios olímpicos, pelo mundo, para criar hábitos de bons exemplos a nível internacional;***
- ***Juntar, de quatro em quatro anos, os atletas do mundo, em um grande festival esportivo, os Jogos Olímpicos".***

Para esse autor, os estatutos olímpicos e a máxima Coubertiniana "Citius, Altius, Fortius," estão direcionados tanto para o "Esporte Para Todos" quanto para o "Esporte de Alto Nível", os quais, segundo Coubertin, deveriam buscar, encontrar e reconhecer seus próprios limites.

MÜLLER advoga que a não escolha de uma escola filosófica que norteasse seus próprios pensamentos fez com que Coubertin, ecleticamente, trabalhasse alguns ensinamentos da filosofia. De acordo com esse pesquisador, Marx foi um dos filósofos que mais influenciou Coubertin, principalmente quando ele tentava aprofundar questões voltadas para o processo das relações sociais; admitindo reconhecer, na

---

<sup>13</sup>.A "Olympic Charter" é a codificação dos princípios fundamentais, regras e regulamentos adotados pelo Comitê Olímpico Internacional. É ela quem rege a organização e a operacionalização do Movimento Olímpico e estipula as condições para a celebração dos Jogos Olímpicos.

sociedade, contradições e desigualdades existentes entre as classes burguesas e trabalhadoras, vislumbrando nos ideais olímpicos, uma forma dialética, de educação e de união da filosofia de vida de cada povo, com as idéias universais do Olimpismo, no sentido de tentar amenizar estas desigualdades sociais.

Citando o Professor Nikos Nissiotis, MÜLLER (1988) enfatiza as idéias de Coubertin como "uma explosiva filosofia de vida a qual jamais poderá ser determinada nem pela escola nem por um sistema filosófico"; motivo da não existência de uma definição clara desse fenômeno.

Complementando, diz para não pensarmos o Olimpismo apenas relacionando-o com significados e valores do corpo e da performance atlética, mas, pensá-lo enquanto uma totalidade de valores, os quais são desenvolvidos sobre e além da energia física. Ainda citando Nissiotis, e aventurando-se a uma nova definição, afirma o autor:

***"Olimpismo é uma espécie de excesso de esforço, de transcendência do homem enquanto uma unidade psicossomática, os quais revelados pela e na prática do esporte e ativado pelos constantes esforços do indivíduo em seguir princípios estéticos e morais, são encontrados na consciência, para integrar todos os valores humanos na educação do corpo e da mente".***

Estas palavras são corroboradas pelo Presidente da Academia Olímpica Internacional, em discurso proferido na abertura do 31º Encontro de Representações de Países, em Olympia-Grécia (16 a 31 de julho de 1991):

***"(...) o objetivo do Olimpismo é o de colocar o esporte a serviço do desenvolvimento harmonioso dos povos, com vistas à promoção da dignidade humana. Combinando o esporte com cultura e educação, o Olimpismo busca estimular uma vida baseada na alegria, no esforço, em valores de bons exemplos e respeito pelos princípios éticos universais".***

Conforme se constata na historiografia, estas palavras não são novas e não são do Presidente da I.O.A., pois, já vêm persistindo desde quando Coubertin passou a divulgar os ideais dos Jogos Olímpicos e do Movimento Olímpico Modernos, a partir de 1894, através dos quais, usualmente, procurou enfatizar questões do esporte enquanto dimensões sócio-culturais e meio de educação.

Para CHALIP (1991), Coubertin demonstrou, realmente, ter eleito a educação como a principal atividade - o pivô - da era moderna. No "The Revival of the Modern Olympic Games and Pierre Coubertin's Thoughts on Sport For All" cita uma mensagem de Coubertin, proferida na abertura do Congresso Olímpico, realizado em Praga, 29 de maio de 1925, para procurar dar maior sustentação teórica às suas argumentações. Ela:

***O futuro da civilização, neste momento , tão pouco repousa na política, nem em bases econômicas. Ela solidamente depende de uma direção a qual a levará para a educação...É minha crença que nenhuma educação, particularmente nos tempos democráticos, possa ser boa e completa sem o auxílio de atletas". (p.65).***

Isto se faz presente na maior parte das obras de COUBERTIN, mas é no "Pedagogie Sportive: Histoire d'Exercices Sportifs"(1972) que as questões da relação do esporte com a educação torna-se mais marcante. Nesta obra, ele afirma a não existência de apenas duas partes que dividem o homem - corpo e alma - mas que existem três partes - corpo, mente e caráter. Ao mesmo tempo, advoga a formação do caráter não pela mente, mas primariamente pelo corpo, tentando defender a tese de que o esforço físico do esporte serviria necessariamente para os objetivos educacionais<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> .Discurso realizado no Congresso de Sorbone e publicada no Boletim do Comitê Olímpico Internacional, em julho de 1894.

Nesse discurso proferido em 1894, ainda observa que no final do século XIX, "homens jovens não eram carentes, tampouco, de saúde nem coragem, mas da falta de uma direção e paixão para o cultivo e o abastecimento em prol da organização do esporte".

Com estas palavras COUBERTIN tenta concretizar a justificativa para o renascimento dos Jogos Olímpicos modernos, enquanto um evento de suplemento para o desenvolvimento de requisitos da infra-estrutura do esporte, de responsabilidade do Movimento Olímpico Internacional.

Diz COUBERTIN:

***"Eu vejo a necessidade de restabelecimento dos Jogos Olímpicos como uma suprema consagração do culto da prática atlética no mais puro espírito do verdadeiro esporte , ou seja, com orgulho, alegria e lealdade"<sup>15</sup>.***

Segundo suas próprias palavras, os Jogos Olímpicos são meios de condução ao provimento e à participação no esporte organizado. Para ele, o último produto do Movimento Olímpico não foram os Jogos em si mesmo, mas a oportunidade de participação de suas causas.

Diz ainda:

***"o brilhantismo dos Jogos Olímpicos não me cegaram nem um pouco. Eles, é claro, objetivam, atingir apenas uma elite, é para seus propósitos a honra e a exaltação daqueles atletas com excepcionais habilidades, necessárias para a manutenção das atividades esportivas de um modo em geral".***

---

<sup>15</sup> .idem.

Assim, segundo Coubertin, este ideal educacional não emergiu simplesmente como uma mera provisão do esporte. Nem resulta como uma consequência espontânea da mera participação no esporte, pois, esta não seria uma forma adequada, uma vez que o esporte deveria ter uma missão naturalmente educacional.

Fazendo uma relação com a Educação Física, afirmou não ficar surpreso por não podermos esconder o fato do Olimpismo ter uma certa rejeição pela educação física, pois seus objetivos são diferentes, onde os esportes são, também, atividades diferentes e considerados como exercícios autônomos e separados. Coubertin conceituava o Olimpismo como algo muito mais além de simples exercícios, mas como um complexo de participação, nos conduzindo à compreensão da educação esportiva acessível para todos, o qual entrelaçado com espírito de bravura e cavalheirismo, deveria implicar em manifestações estéticas e literárias, servindo como um motor para a vida nacional e um foco para a vida cívica.

Para o restaurador dos Jogos Olímpicos:

***"O esporte planta no corpo sementes de...qualidade (que) podem permanecer localizadas em torno do exercício trazendo-as para dentro do ser...Os educadores possuem a tarefa de pegar esta semente, portadora de fruto, e transportá-la para o organismo, em circunstância particular para uma completa coleção de circunstâncias advindas de categorias especiais de atividades para todas as ações individuais".(COUBERTIN)***

CHALIP (1991:66) aponta que Coubertin, para elaborar sua proposta, inspirou-se, também, no Clássico Ginásio Grego onde existia uma espécie de cooperação de temas - assuntos - esporte, higiene, ciência e arte, mesclados conjuntamente. A experiência física no esporte, para COUBERTIN deveria estar ligado explicitamente

para o cultivo do intelecto, sem descartar a hipótese dos significados e valores estéticos e de respeito que o esporte poderá proporcionar.

Segundo CHALIP (1991:69), para COUBERTIN a apreciação estética e o nacionalismo requereriam valores que levassem o atleta a um generalizado "respeito por excelência", o qual, embutido na Máxima Olímpica CITIUS, ALTIUS, FORTIUS - o mais rápido, o mais alto e o mais forte - deveriam ser performances respeitadas e admiradas.

Para o autor, estes foram alguns dos principais aspectos que levaram Coubertin a reconhecer o esporte como um dos componentes vitais da educação; vendo-o muito mais que um componente de provisão de oportunidade para o esporte e a promoção do esporte participação. Para esse autor, Coubertin advoga a implementação do esporte que conscientemente está ligado às experiências do treinamento físico e à competição para o cultivo da estética corporal - apreciação estética - estima à nacionalidade e o respeito por excelência. Esta chave não significa apenas uma mera promoção do esporte para todos; pelo contrário, é uma maneira de implementação de programas esportivos, criando oportunidades para apreciar a beleza, celebrar a diversidade e honrar esta questão por excelência". (p.70)

YOUNG (1984:57), introduzindo seu texto "Coubertin and the Modern International Olympics", utiliza-se de dois momentos - discursos - distintos para tentar demonstrar outras das intencionalidades e entendimentos político e social de Coubertin, ao tratar de questões conceituais dos Jogos Olímpicos:

**1 - "Jogos para a elite: uma elite de competidores, pequena em número, mas abrangendo os atletas campeões do mundo; para uma elite de espectadores, pessoas sofisticadas, diplomatas, professores, generais, membros do instituto. Para estas pessoas, que poderiam ser mais refinadas (delicadas), muito mais belas que o jardim de festas de Dampierre... (COUBERTIN, *Olympic Memories*, p.50; e.a)"**

**2 - "Tal como é visto, o desenvolvimento devia se localizar na instituição do Jogos Olímpicos Modernos...para exercitar, através dos esportes do futuro, que influências necessárias e benéficas deverão fazer para eles, enquanto meio de trazer para a perfeição, a força e a esperança jovem da nossa raça branca, assim como buscar a perfeição de toda a sociedade humana. (COUBERTIN, "Why I revived the Olympic Games," *Fortnightly Review* 90,1908: 115).**

YOUNG, critica Coubertin por essas afirmações e o rotula como "elitista" e "racista", alegando haver ambigüidades e não combinarem as questões de racismo e elitismo com o "Ideal Olímpico", tão exaltado por ele. Para esse autor, o discurso de Coubertin é uma demonstração de discrepâncias entre as teoria e prática apregoadas pelo cognominado "restaurador dos Jogos Olímpicos". Ao mesmo tempo, afirma que o racismo e o elitismo presentes em Coubertin estão muito mais arraigados e são muito mais fortes aos propagados por seus seguidores e/ou companheiros da aristocracia - cita como exemplo Whitney.

Definindo o "Barão Pierre de Coubertin" como um aristocrata Francês, herdeiro de uma família rica e detentora do título de nobreza desde 1477, YOUNG considera essas atitudes normais para a época e não sendo surpreendentes, pois faziam parte das características de sua classe social.

De acordo com esse pesquisador, inicialmente Coubertin não pensava em renovar os jogos olímpicos. O seu forte desejo estava voltado prioritariamente para a substituição e reformulação da educação Francesa, buscando na Inglaterra o seu modelo ideal<sup>16</sup>. Além disso, pensava estimular na França, via educação, a construção de um país de jovens, de uma elite - a juventude patriota francesa - intelectualmente e fisicamente preparada para a defesa da pátria.

---

<sup>16</sup>. Os costumes da nobreza inglesa, sua "cristandade muscular" e especialmente seus atletas amadores - atraíram as atenções do idealístico Barão Francês.

Com intenções voltadas para uma educação elitista, YOUNG afirma que Coubertin resolveu viajar para a Inglaterra, em 1883, para ver, ele mesmo e com seus próprios olhos, como funcionavam o sistema educacional e o relacionamento desse sistema com os esportes amadores Ingleses.

Ao retornar à França iniciou uma campanha para introduzir o modelo atlético Britânico nas escolas francesas e formar clubes atléticos amadores. Como sua tentativa foi frustrada, passou a direcionar seus esforços para as atividades atléticas competitivas, procurando conhecer mais de perto questões relativas à internacionalização dos esportes. Nessa época, ele ainda não tinha a noção dos jogos olímpicos.

Por uma autorização ministerial, datada de 17 de julho de 1889, foi conferido a Pierre de Coubertin a missão de visitar um certo número de universidades e escolas dos Estados Unidos e Canadá, a fim de estudar a organização geral, como também, o funcionamento das Associações Atléticas fundadas por jovens desses dois países.

Isto aconteceu no outono de 1889, quando Pierre de Coubertin visitou as cidade de Montreal e Quebec. Aproveitando-se desta oportunidade visitou, ainda, as Universidades de McGill e Laval. As numerosas experiências por ele vivenciadas e as observações feitas, quando desta estada a América do Norte, foram publicadas, sob a forma de relatório e apresentado a Armand Fallières, então Ministro da Instrução Pública da França.

Esta viagem deixou Coubertin bastante impressionado pela co-penetração de ideologias diversas que influenciavam a América do Norte, no final deste século, nas áreas da educação de modo geral, da educação física, dos esportes, e, de uma maneira mais global, nos estilos de vida e formas de comportamento dos seus cidadãos, os quais já demonstravam vivenciar uma franca ascensão do modelo econômico capitalista.

Novamente, viajou para a Inglaterra, em 1890, onde teve a sua oportunidade de presenciar, pela primeira vez, um evento denominado de "Olimpíadas". Tratavam-se dos Jogos Olímpicos Anuais, sob a responsabilidade do Dr. W. Brookes, em Shropshire, que conseguia congrega as mais tradicionais cidades inglesas.

Foi uma grata surpresa para Coubertin, pelas solenidades cerimoniais, pelas formas de competições, enfim, por tudo o que viu ali; chegando a admitir, que o nome dos seus "Jogos Olímpicos", como também de sua filosofia, não tinham vindo da Grécia, pois eles se identificavam muito mais com aquilo que presenciou na Inglaterra.

A respeito disso MacALOON (1991:31) critica Coubertin pelo fato de simplesmente associar e tentar comparar, por uma simples visita, os jogos da Inglaterra, da Rainha Victória, com os jogos da antiga Grécia - com o seu passado de glória - sem, sequer, nunca haver estado - "colocado os pés" - na Grécia. Isto só acontecendo quando de sua estada em Atenas, com o objetivo de negociar a organização dos Jogos Olímpicos de 1896. Ainda afirma o autor que, até então o seu conhecimento sobre a antiga Grécia era apenas superficial, baseado nos livros de história, de cultura e de literatura.

Para o autor, uma das conseqüências práticas desta influência foi, sem dúvida, confirmar a resolução de Coubertin em trabalhar a reforma do pensamento pedagógico Francês; de se servir da invenção do esporte moderno para dar um reforço internacional a um humanismo e a um ensinamento renovados. Menos de três anos mais tarde, por ocasião de uma conferência na Sorbone, em 25 de novembro de 1892, Pierre de Coubertin anunciou o restabelecimento dos Jogos Olímpicos.

A história demonstra que os destinos dos ideais Coubertinianos progrediram de diferentes aspectos no final do século XIX e transcurso do século XX - ora envolvido com as questões educacionais, ora com as questões dos esportes e, em outros momentos, em ambos aspectos. No entanto, a historiografia aponta que foi a sua idéia

de renovação dos Jogos Olímpicos a mais proveitosa e a que se desenvolveu com maior velocidade e com mais conseqüências ao nível mundial. Surgem assim, nos quatro cantos do mundo o Olimpismo, o Movimento Olímpico e os Jogos Olímpicos.

Para LANDRY (1994: xxix), após a visita de Coubertin ao Canadá, em 1889, "ninguém poderia prever uma globalização tão rápida do fenômeno esportivo, sua continuidade, ou, na verdade, o longo alcance e os efeitos culturais da idéia, germinada na mente deste célebre renovador".

Apesar de ter sido um movimento Eurocêntrico, o Movimento Olímpico passou a ter fortes influências na América do Norte e Central. Os americanos são seus participantes ativos desde os primeiros Jogos Olímpicos da era moderna e constituem-se entre os primeiros países a fundarem seus Comitês<sup>17</sup>.

### **A Ideologia Coubertiniana de 1894.**

Para LANDRY (1994), com a imensa constelação que constituem os esportes de competição a nível mundial, pode-se dizer que "os Jogos Olímpicos continuam brilhantes como a estrela de maior magnitude". Por razões evidentes, o Movimento Olímpico tem gozado de um enorme prestígio internacional. Dentro do seu transcurso histórico, ele tem feito, como todas as instituições que dão suporte à ideologia olímpica, com que a sua ética de integridade e respeito, originalmente proposta por Coubertin, seja divulgada.

---

<sup>17</sup>.O Comitê Nacional Olímpico do Canadá (COA-AOC) foi fundado em 1904 e o do México em 1923.(ver LANDRY, 1994: p.xxxi).

Ainda afirma: "O sucesso dos Jogos Olímpicos está normalmente, e cada vez mais, sendo usado como poder e eficiente meio para se adquirir notoriedade, prestígio e influência".

Segundo o autor, é um acontecimento de observação comum pelo fato de ser, também, repassado para a grande legião de atletas dos quatro cantos do mundo, como uma tentativa inequívoca para ilustrar, defender ou propagar, mundialmente, uma visão e uma filosofia advinda do homem e da sociedade.

Além disso, o Movimento Olímpico continua se expandindo e se configurando como uma das instituições de prestígio internacional e a mais bem sucedida economicamente em sua missão, apesar dos inúmeros obstáculos enfrentados desde o início do século.

Conforme apresenta esse pesquisador, uma das forças centrípetas que contribuiu para dar aos Jogos Olímpicos uma sistemática interna, decorreu da natureza da alta competição esportiva, caracterizada pela vitória, pela competitividade, envolvimento e esforço. Nesta perspectiva do esporte de alto rendimento, demonstra a vinda de uma forma particular de esforço, objetivando uma auto-afirmação que opera em situações artificiais, as quais requerem sempre o aumento do condicionamento físico, dedicação, esforço, motivação, perseverança, auto-sacrifício, respeito aos direitos e dignidade para com o adversário: "uma inequívoca característica e qualidade de uma natureza física, psicossocial e espiritual".

Outros autores também emitiram opiniões a respeito dessas questões. Por exemplo: para SZYMICZEK (1979:70) "o Olimpismo, o movimento olímpico e os jogos olímpicos deverão estar a serviço de ideais nacionalistas e de um internacionalismo pacífico, na promoção da paz social, de uma moral sadia e de uma saudável educação".(Op. cit. MOSHER, 1991:159).

MOSHER (1991) afirma que "o Olimpismo reconhece o esforço individual, mas não aceita a discriminação entre nações, raças, sistemas políticos e classes".

Entendemos, tudo isso, como exageros por parte dos autores, quando tentam abordar as questões dos Jogos Olímpicos e do Movimento Olímpico. Os conceitos apresentam ambigüidades e contradições se relacionarmos o conteúdo existente na "Olympic Charter", com discursos ideológicos de Coubertin; quase todos repletos de elitismo, discriminações, esteticismo, eticidade, comuns para aquele momento histórico.

Complementando, ainda afirma MOSHER: "a finalidade do Olimpismo é a promoção do entendimento internacional e o correto ensinamento do conceito de liberdade para a juventude, criando condições para a coexistência social".

Comprovadamente, este autor tenta adotar uma postura intelectual, na tentativa de demonstração de que a essência ideológica do Olimpismo adveio da educação do homem, segundo níveis de compreensão social, cultural, nacional e internacional.

Simon MCNEELY (1977:263), refere-se ao idealismo Coubertiniano - concretizado na carta olímpica - dando ênfase a questões voltadas para a eliminação da injustiça social. Para esse autor, o Olimpismo, além da dependência de programas governamentais, está dependente, também, da ação dos educadores, instituições e do povo em geral.

Referindo-se aos Jogos Olímpicos, diz ele: "os jogos olímpicos não surgiram para simples exibições de superioridade de performance atlética, todavia, como um veículo de transformação social e educacional". Esse autor, tampouco considera os "Jogos Olímpicos" como a principal atividade do Olimpismo, mas, o "Movimento Olímpico"; segundo ele: "externamente aberto a todas as idades, níveis de habilidades

atléticas, para todas as classes sociais, todos os homens e mulheres no qual poderão ser incluídos todos os esportes e jogos".

De acordo com o conceito elaborado por MCNEELY, o Movimento Olímpico deve ser aberto para todos e não deve sinonimizar, simplesmente, oportunidade para um número limitado de coletores de medalhas de ouro. Esta oportunidade deveria representar "participação", independente de idade, sexo, como também mais geral e aberto para todos - "Esporte Para Todos" - como um direito de todos.

Referendando-se em uma análise conceptual, esses autores nos levam a diferentes formas de apreensões e/ou interpretações, principalmente porque são conceitos demasiadamente genéricos - universais. Por exemplo, conceitos do tipo "O Movimento Olímpico é um princípio ético universal"; "o Movimento Olímpico está a serviço do desenvolvimento harmonioso de todos os povos"; "o Olimpismo busca criar uma base de vida", dentre outros. Da mesma forma, que estas interpretações, segundo níveis de apreensões, se apresentam relativizadas. Como exemplo dessas falácias temos expressões do tipo: "o Movimento Olímpico é externamente aberto para todas as idades"; "o Movimento Olímpico tem a finalidade de promover a dignidade humana", dentre outras.

Conceitos similares foram apresentados por vinte e sete "Select Students ", entrevistados por ocasião do "Second International Seminar For Graduate Students of Physical Education and History", promovido pela Academia Olímpica Internacional, de maio a julho de 1994, em Olympia-Grécia. Dentre estes podemos citar alguns como exemplo:

**1 -"Olimpismo é uma idéia a qual possui um relacionamento com valores de beleza, saúde e virtude. Olimpismo não significa somente competição, mas também significa não mais que o nosso contexto natural, o esforço em busca do alto padrão de vida, a conexão com a divina inteligência. Olimpismo não**

**só possui características materiais, mas conjuntamente possui características espirituais. Olimpismo significa estilo de vida" (MASTORA, 1994)**

**2 - "O Olimpismo é um movimento que objetiva juntar diferentes culturas e pessoas por meio de competições esportivas" (PAPAKONSTANTINOU, 1994).**

**3 - "Olimpismo é uma filosofia e uma pedagogia do esporte que tenta combinar os aspectos físicos e mentais da existência humana. Ele objetiva a auto-perfeição e a construção do caráter. No alto nível (elite) é internacional e deverá contribuir para a paz mundial"(HESSE, 1994).**

**4 - "Olimpismo é um ideal que esforça-se para trazer harmonia, respeito, cooperação e paz para o mundo por intermédios dos eventos esportivos"(FORBES, 1994).**

**5 - "Uma ideologia de vida. Um caminho, através do qual, busca-se desenvolver a paz e facilitar o progresso para o mundo. Um objetivo individual, mas também internacional, para o desenvolvimento mundial".((IOANNOU, 1994).**

Percebe-se aí, com estas e outras afirmações, que a moral aristocrática - "elaborada por aristocratas" e "garantida por aristocratas" - primordialmente contaminou os ideais olímpicos e a grande maioria dos seus pensadores, fornecendo-lhes uma representação simbólica muito forte. Apresentando-se, ainda, como um movimento multicultural, globalizado repleto de valores e significados, tenta influenciar condutas sociais, utilizando-se como instrumentos os esportes e os jogos, ditos como um dos meios de educação.

Evidentemente, essas formas de condutas sociais foram sendo adaptadas de acordo com as exigências de cada época. Com isto afirmamos o nosso reconhecimento na transformação do fenômeno esportivo, o qual, de simples exaltação do esporte enquanto "escola de caráter" - ócio, lazer - passou para a exaltação do esporte enquanto "negócio" - mercadoria de consumo, dependente de oferta e demanda.

Relacionando essas idéias sobre o Olimpismo à história do campo dos esportes e ao contexto em que essas idéias foram instauradas, podemos até perceber esses momentos enquanto uma representação simbólica de "ordem" e "desordem", carregada de ideologias, normalmente fundamentadas nos princípios éticos de Coubertin e de certa maneira até ingênua, pois já se apresentava anacrônica, desde sua implantação, em relação às exigências de uma sociedade em franca transformação e em grande ascensão capitalista<sup>18</sup>.

A simbolizamos enquanto representação de uma determinada ordem, a partir da simples tentativa de formalização de um movimento, cujas idéias foram materializadas na "Olympic Charter" e resultantes de experiências não só de Coubertin, mas advindas de outros sujeitos que construíram e vivenciaram as máximas olímpicas, desde o seu princípio. Foram idéias gerais e universais, repletas de um idealismo exacerbado, as quais não conseguiram acompanhar efetivamente o "gigantismo" olímpico, em torno dos consumos esportivos, ao longo de sua história. Símbolo de uma determinada desordem<sup>19</sup>, a partir do momento em que seu processo prático e teórico deixa de obedecer aos conceitos formais e universalizados desse movimento, materializados na Olympic Charter, e passa, desordenadamente, a vincular-se a movimentos singulares, relativos, específicos e dependentes de interesses e aspirações individuais e/ou coletivas, expressos, por indivíduos ou grupos, nas diversas realidades sócio-culturais<sup>20</sup>.

Por exemplo, percebemos a aplicabilidade das idéias expressas pelo Olimpismo ou pelo movimento olímpico como muito amplas e dificilmente poderão ser

---

<sup>18</sup>. Rever Marx, Weber, Hobsbawm, Guttman, Bourdieu. Todos autores já citados no primeiro capítulo desta pesquisa.

<sup>19</sup>. Quando falamos aqui de desordem não gostaríamos que fosse entendido como um termo pejorativo e com o sentido de "bagunça", mas como uma descontinuidade, uma "quebra da ordem", uma ruptura com o universal, com as idéias genéricas materializadas, atuantes subjetivamente e/ou intersubjetivamente, segundo níveis de especificidades.

<sup>20</sup>. Um dos exemplos desse fato é o "Esporte Para Todos" que possui uma "ordem" materializada enquanto um ideal do olimpismo e uma ação desordenada enquanto singularização, especificidade, relativização. Isto é, ações dependentes de realidades contextuais e aspirações populares.

generalizadas, como se todos os povos fossem iguais. Obrigatoriamente, deverão ser ajustadas, relativizadas em função das características culturais, interesses e aspirações específicas de cada sociedade, provocando, assim, uma espécie de "quebra" de uma ordem devidamente preestabelecida na carta magna do Olimpismo.

Tratam-se de representações simbólicas de fenômenos social, cultural, histórico - universal e/ou singular - inevitáveis, os quais dificilmente deixarão de ser percebidos.

Para BOULOGNE, o idealismo Coubertiniano foi um símbolo de exageros de significados e valores sobre o esporte e o ideal olímpico. Afirma o autor: "Coubertin não inovou, mas adaptou; não teorizou, mas aplicou". Este autor defende, ainda, a idéia de que, provavelmente, Coubertin tenha sido o grande defensor da globalização, da universalização, do esporte.

***"Coubertin exigiu um humanismo total e, para cada cultura, respeito social. Ele transformou-se no profeta da alegria universal, no poeta do ritual dos jogos olímpicos, no regenerador da 'raça', no apóstolo da abertura do Olimpismo, no último grande fundador e mito da humanidade" (1994:11).***

Criticamente, BOULOGNE (1994:14) define o Olimpismo como uma celebração ou uma religião da humanidade ligada à cultura. "Com idéias universais, se diz aberto para todos, mas, ao mesmo tempo, é discriminador. É um sistema construído e caracterizado por um conjunto de idéias que jamais poderão ser separadas de uma concepção cosmopolita de mundo - "pertencente a todos os cidadãos"<sup>21</sup>.

BRUNDAGE (1964), na abertura da 62ª Sessão do Comitê Olímpico Internacional, em Tokyo, admitiu ser o Movimento Olímpico mais uma religião do século XX.

---

<sup>21</sup> .GUTTMANN em "The Games Must Go On", 1984, também possui similar opinião.

Diz ele:

***"O Movimento Olímpico é uma religião do século XX. Uma religião com apelo universal a qual incorpora todos os valores básicos das outras religiões, uma moderna, excitante, viril, dinâmica religião. É a religião da qual Pierre de Coubertin, o Francês renovador das Olimpíadas, foi o profeta. Pelo idealismo de Coubertin foi aceso um archote que iluminou o mundo".(op. cit. GUTTMANN, 1984: x).***

GUTTMANN (1984:x), apologizando Avery Brundage afirma: "se Coubertin foi o profeta venerado, então o próprio Brundage deve alinhar-se, no mínimo, como um alto sacerdote no altar do Olimpismo". Segundo o autor, entender Brundage é ganhar entrada, não somente para a história das Olimpíadas Moderna, mas, também, para a "religião do Olimpismo", a qual construiu as possibilidades para a realização dos Jogos Olímpicos e vão muito além da "religião do Olimpismo"; transformado-se, até, em verdadeira zombaria.

Conforme foi observado, os historiadores nos apresentam formas diferenciadas de interpretações, mas, diferentemente dos autores tradicionais - Coubertinianos ortodoxos como Brundage, Whitney e outros - a grande maioria dos autores contemporâneos - mais heterodoxos - tenta repassar a idéia de que a alta competição esportiva foi o ponto básico para o sucesso dos Jogos Olímpicos, mas que não foi tudo. Pois, não se tratam apenas de esforços físicos, auto-sacrifícios de atletas que operam em situações artificiais. Estes, tentam repassar idéias, sobre a concreticidade dos Jogos Olímpicos, cujos valores vão além dessas categorias que o definem como esporte de "alto rendimento". Isto significa dizer que, além do "auto rendimento" atlético - necessário para a participação desse esporte de "alto rendimento" - exigem-se "altos rendimentos", altas performances econômicas, num mundo cravejado de negócios, onde o "esporte também passa a sinonimizar dinheiro".

São evidências, que demonstram, ainda, um Movimento Olímpico excessivamente geral em termos e/ou expressões, porém mesclado por um relativismo, uma singularização bastante crescente, quando desenvolvido de acordo com anseios e aspirações dos povos. Exemplo disso, é o relacionamento do Movimento Olímpico com o Esporte Para Todos e com a desescolarização, onde dois outros pontos dão suporte a estas argumentações: primeiro, o Esporte Para Todos enquanto idéia universal do Movimento Olímpico, o qual, com sua simplificação, se apresenta como práticas espontâneas e não formais. O segundo ponto de vista é o que trata o fenômeno da "desescolarização" enquanto um marco histórico presente na sociedade contemporânea e prática comum, rotineira no seu processo de relações sociais, enquanto formas consumistas presentes nessa sociedade capitalista. Isto significa dizer que grande parte dos indivíduos buscam alternativas de atividades físicas, fora de instituições, apesar de a escola oferecer normalmente práticas curriculares e/ou extracurriculares na Educação Física e no Esporte, quase que semelhantes as propagadas nos estatutos do Movimento Olímpico.

Caracteriza-se como mais um dos exemplos de relativização da influência do ideal olímpico na busca do "tipo ideal<sup>22</sup>". São exemplos de que os diversos interesses e aspirações para práticas de atividades motoras, demonstrados por indivíduos ou grupos, estão, quase sempre, acima dessa idéia universal do Olimpismo, expresso na "Carta Olímpica" - the Olympic Charter. Demonstram ser práticas ligadas à formas de condutas sociais, culturalmente identificadas, onde o praticante, normalmente, desempenha o papel de "ator" e "autor" de suas próprias atividades, procurando imaginariamente fazer trocas de valores e simbolismos, dentro de sua própria realidade.

---

<sup>22</sup>. Como um estado, uma situação, um dever ser; idéias que dominam indivíduos; diferentemente da versão Weberiana.

Da COSTA (1994) defendendo a idéia do multiculturalismo do esporte afirma: "...se o Esporte Para Todos representa a esportificação de estruturas sociais, os jogos tradicionais estão representando o papel de código simbólico desta transformação cultural"<sup>23</sup>.

Este pesquisador tenta demonstrar a volta de "novas ondas": na música e na dança populares; em promoções de campanhas e movimentos, em prol dos esportes e jogos tradicionais, como forma de preservação cultural, de revitalização do esporte moderno e da recreação. Fala da volta do Esporte Para Todos como representação desordenada, relativizada de ações intersubjetivas e não formais do esporte - enquanto jogo, recreação, atividades de lazer; e, os Jogos Olímpicos tradicionais como representantes da materialização, da ordem, do formalismo e das ações, predominantemente, objetivas dos esportes.

Diante das evidências apresentadas, foi possível identificar, no presente estudo, tendências para um Esporte Para Todos, ou Esporte Não Formal, ou Atividades de Lazer, apresentando-se, objetivamente, para promover um inter-relacionamento recíproco, dialético, entre os jogos tradicionais e as atividades do tempo de lazer; caracterizando-se como tipos de práticas fora do alcance - longe dos ideais - do universalismo olímpico; dentro de um não formalismo social; gerado por indivíduos ou comunidades - segundo valores culturais específicos; e, muito mais próximos de sua singularização. Tendências estas identificadas como práticas ligadas a tipos de atividades motoras, não somente comandadas por idéias formais e universais do Olimpismo, mas, predominantemente, configuradas como autônomas, espontâneas, repletas de participação popular, pensadas e propostas por Coubertin - como "Esporte Para Todos" - quando da elaboração da Olympic Charter.

---

<sup>23</sup> .Ver "Multicultural Olympism, or else?", estudo apresentado na International Olympic Academy, Olympia-Greece, em junho de 1994, por ocasião do 2nd International Seminar For Selected Graduate Students of Physical Education and History.

Após a análise histórica de questões sobre as origens dos Jogos Olímpicos e do Esporte Para Todos, encontramos algumas contradições conceituais: Se os Jogos Olímpicos estão associados ao esporte de alto rendimento, à regras universais, racionalidade, tecnologia, mercantilização, por que a continuidade do título desse evento como "Jogos Olímpicos", uma vez que os mesmos compõem-se de atividades esportivas, diferentemente do conceito de "jogo"?

O mesmo acontece com o "Esporte Para Todos". Se esse movimento depende da relativização de suas ações, das aspirações de indivíduos ou grupos, não possui regras formais definidas, é predominantemente não-formal, por que internacionalmente é aceito como "Esporte Para Todos"?

De acordo com GIRARDET, a permanência das questões "conceituais, ideológicas, pertinentes aos "Jogos Olímpicos", ao "Esporte Para Todos" e ao "Olimpismo", de modo geral, podem ser, também, explicados, encontrando toda sua legitimidade no fato de que, cada um deles, aparece historicamente carregado de valores e significados ilustrativos, lucrativos e, particularmente, sugestivos. Muito além da diversidade ou das contradições da inspiração ideológica, econômica, cultural, suas aproximações fazem aparecer uma espantosa identidade de estrutura - mesmo com conceitos ambíguos. Ou seja, um mesmo conjunto mitológico se destaca, coerente em sua arquitetura, imutável no traçado essencial de suas linhas de força e a tudo o que diz respeito à sua concreticidade.

A historiografia nos evidencia ter sido o Comitê Olímpico Internacional, desde sua implantação, um centro mitológico por excelência - uma espécie de igreja - onde impõe-se em primeiro lugar a imagem, temível e temida, da Organização. Este, compondo-se de uma gigantesca rede de controle e de informação, estendeu sua ideologia para as diversas sociedades do mundo, permanecendo, evidentemente, em um terreno privilegiado no sentido de não aparecer como um empreendimento sistemático de investida e de manipulação.

Mas na medida em que o fenômeno esportivo se ampliou, a partir do último século, imagens da conspiração começaram a ser mais e mais evidenciadas, em função de um mercantilismo e de um internacionalismo desenfreado. Com base num discurso ideológico cada vez mais repetitivo, essa ideologia olímpica foi sendo cada vez mais difundida à consciência das massas, com participação marcante da mídia - logicamente com seus patrocinadores - enquanto estratégia de manipulação multidimensional e de estímulo a mudança de hábitos. Estas idéias, expandidas para quase todos os domínios da vida coletiva, conseguiu adeptos da organização familiar, da sociedade, como também do sistema educacional e/ou dos vários mecanismos econômicos.

Historicamente encontramos a importância atribuída aos meios de informação como forma encontrada para garantir seu controle e a fetichização mitológica da importância do esporte na vida de cada indivíduo. A literatura e o jornalismo foram as duas primeiras forças educadoras importantes para a disseminação dessas idéias e, conseqüentemente, do Olimpismo Internacional, desde os primeiros momentos em que a restauração dos Jogos Olímpicos foi anunciada em 1894<sup>24</sup>".

***"(...)Nenhum empreendimento manipulador pode esperar atingir seus objetivos ali onde não existe, nos setores da opinião que ele se esforça por conquistar, uma certa situação de disponibilidade, um certo estado prévio de receptividade. O que significa, entre outras coisas, que em sua estrutura, em sua forma como em seu conteúdo, a mensagem a ser transmitida deve, para ter alguma possibilidade de eficácia, corresponder a um certo código já inscrito nas normas do imaginário. Aqueles mesmos que quisessem jogar com o imaginário se veriam obrigados, assim, a submeter-se às suas exigências. O mito existe independentemente de seus usuários eventuais; impões-se a eles bem mais do que eles contribuem para sua elaboração". (GIRARDET, 1987:.51)***

---

<sup>24</sup> .Não podemos esquecer de que estamos falando do século XIX; motivo da importância desses dois meios de comunicação.

Em suma, as expressões "Jogos Olímpicos e Esporte Para Todos", apesar de parecerem ambíguas em nossa língua Portuguesa, passaram, historicamente, a se constituir em neologismos e, ao mesmo tempo em "altos rendimentos", com significados internacionais próprios, enquanto um conjunto complexo e interligado de arquétipos, imagens e símbolos - "Olympic Games" e "Sport For All".

Com base em um quadro de linhas convergentes, transformaram-se em grandes "Marketings", cujos pontos de encontros, ao longo do tempo, passaram a estar ligados à fatores de similitudes econômicas - de oferta, demanda e consumo - construídas, principalmente, pela mídia, em torno dos mesmos "arquétipos", das mesmas "imagens" e dos mesmos "símbolos".

Assim, conforme ficou evidenciado, as questões mitológicas do Olimpismo, do Movimento Olímpico, dos Jogos Olímpicos, do Esporte Para Todos, enfim, de tudo o que hoje está sendo relacionado com a cultura e o consumo esportivo, não foi desenvolvido, exclusivamente, no plano de simples fábula, em um universo de pura gratuidade, de transparente abstração, mas, revelada historicamente com racionalidade; particularmente avaliada ao longo do tempo e fazendo com que suas manifestações e/ou expressões tenham sido exaustivamente analisadas - reinterpretadas - com o intuito de serem concretamente apreendidas - aceitas - e consumidas.(Ver GIRARDET, 1987)

## Capítulo III

### **Esporte Para Todos: o universalismo olímpico e a desescolarização.**

A seqüência dos capítulos anteriores nos levou a refletir, num primeiro momento, conceitos e valores norteadores da passagem do jogo ao esporte; proporcionou reinterpretar historicamente o contexto vivenciado na Europa no final do século XIX e início do século XX; e, induziu-nos a tentar identificar a lógica interna que comandou o Movimento Olímpico, a partir de 1894.

Algumas evidências foram desvendadas e nos levaram a repensar o Olimpismo, enquanto uma ideologia de grande influência internacional, no que diz respeito ao esporte de "alto rendimento", ao "Esporte Para Todos" e à "desescolarização".

Neste capítulo, serão discutidos pontos de vista e/ou formas de apreensões de diversos autores sobre o Esporte Para Todos internacional e no Brasil, e os seus entendimentos do esporte e do jogo, voltando essa análise, mais especificamente, para aspectos culturais e históricos, utilizando-se como referencial o Olimpismo.

Baseado em pesquisadores como DIECKERT (1984), PALM (1991), DaCOSTA (1993), PARLEBAS (1988), YALOURIS (1991), DESPOTOPOULOS (1991), FILARETOS (1991), CHALIP (1991), TROEGER (1991), BENTO (1992), dentre outros, este trabalho objetiva, ainda, buscar evidências que nos levem à compreender tipos de relacionamento entre o Esporte Para Todos e o Movimento Olímpico, que continuam perdurando, internacionalmente, principalmente a partir da década de 60.

Não obstante estes estudos preliminares sobre o Movimento Olímpico e a tentativa de buscar conceitos e evidências para identificar o Esporte Para Todos, enquanto um fenômeno internacionalizado, na dimensão cultural do esporte e/ou atividades motoras, pretende-se, neste capítulo, discutir pontos de vista de autores sobre o "Esporte Para Todos Internacional", na tentativa de desvendar a sua gênese; correlacioná-lo com o processo de desescolarização, enquanto outro fato histórico crescente e/ou caminhos para possíveis entendimentos desse fenômeno; e, procurar confrontá-los com os ideais universais do Olimpismo.

### **Esporte Para Todos: novas eras.**

A priori, segundo BOURDIEU, é prudente relembrar que a genealogia do campo do esporte, historicamente, é diferente da genealogia do campo da Educação Física ou do Lazer. Tanto o esporte, quanto a Educação Física e o lazer, repletos de valores e significados, fazem suas histórias independentes, porém economicamente sempre estiveram dependentes do relacionamento social de oferta e demanda.

Dessa forma, considerando-se o campo do esporte como um campo de competições entre agentes e interesses específicos, não seria precavido deixar de pensar nele, ou mesmo entendê-lo, sem relacioná-lo com movimentos sociais, econômicos, políticos e culturais. Isto porque tanto a história dos esportes, quanto da Educação Física, do Lazer, da Física, da Matemática, dentre outros campos, possuem tempos e espaços específicos, segundo suas formas de condução social.

Entremeado neste contexto, aparece o "Esporte Para Todos" como um dos movimentos protagonistas no campo do Esporte, o qual, com sua aparência de não

formalidade, passou direta ou indiretamente, a ser mais um dos componentes desse processo.

Historicamente, o esporte, de modo geral, tem recebido ao nível internacional várias conotações. Algumas vezes confundidas com o "desporto" - atividade formal - e, em outras vezes, encontramos inclusos, em seus conceitos, outros tipos de atividades - não formais - as quais são mais características da recreação, do jogo - como é o caso do Esporte Para Todos.

Segundo OLIVEIRA (1984), o termo esporte surgiu na França como "Desport", foi adotado na Inglaterra como "Sport", significando etimologicamente "prazer, descanso, divertimento" e, ao longo da história, foi entendido das mais variadas formas. Por exemplo, de modo geral, popularmente, ele tem sido entendido como "práticas metódicas de exercícios físicos" ou, simplesmente, como "práticas de exercícios físicos". Em ambientes acadêmicos, o esporte, geralmente, está sendo conceituado como "fenômeno sócio-cultural de comportamento humano, no que se refere a performances atléticas de movimentos".

PARLEBAS (1988:21), diz que é muito comum e tradicional buscar-se a razão de ser do esporte nas necessidades ligadas ao "funcionamento da máquina fisiológica, ou nos imperativos psicológicos de afirmação da personalidade". Para o autor o papel desses fatores são indiscutíveis, mas só que as práticas desportivas não devem ser reduzidas, apenas, a fenômenos biológicos ou psicológicos.

***"Cada desporto responde formalmente a um contrato social, o qual prescreve um sistema de obrigações muito precisas. Todo jogo desportivo é, antes de tudo, um sistema de regras e de obrigações que pré-orienta, de modo particular, os comportamentos de cada praticante potencial. Este é um sistema de ordem sócio-institucional".***

PARLEBAS (1988:49), propõe uma "definição operativa" afirmando: "o esporte é o conjunto finito e enumerável de situações motrizes, codificadas e institucionalizadas segundo formas de competições". Justificando este conceito diz, ainda, esse autor: "a situação motriz" é específica dos esportes, diferenciando-se, apenas, em relação ao jogo não esportivo. O esporte caracteriza-se como "competição" porque ele é regido por codificações ou legislações de competições. Ou seja, trata-se de um sistema de regras organizado que impõe um marco formal à atividade disputada. Por competição motriz, diz ele: "entendemos como sendo uma situação objetiva de disputa motora, submetida imperativamente à regras que definem seus limites, seus funcionamentos e, especialmente, os critérios de vitória ou de fracasso. O esporte é uma atividade institucionalizada, porque é oficializada"

Não obstante um discurso adotado, proferido em abril de 1984, no Estádio Olímpico de Roma, o Papa João Paulo II conceituou o esporte como sendo:

***"Um fenômeno humano e social de muita influência no comportamento e na mentalidade contemporânea e por isso é coeficiente para a formação do homem e componente de sua cultura e civilização...um elemento de convivência civil e pacífica entre as pessoas, as comunidades e os povos, na medida em que contribua para fazer penetrar, na sociedade, o amor recíproco, a fraternidade sincera e a autêntica solidariedade. O esporte é um fenômeno que pode proporcionar importantíssima contribuição na preservação da paz entre os povos, independente de qualquer discriminação de raça, língua ou nação".<sup>1</sup>***

Estas idéias são também defendidas pelo pesquisador Alemão, DIECKERT (1984:28), o qual, conceitualmente afirma: "o esporte não se limita, apenas, à competição entre excelentes atletas, mas representa uma oportunidade e também uma tarefa a ser realizada por qualquer indivíduo. A prática do esporte é uma questão

---

<sup>1</sup> . Este discurso foi publicado na íntegra pelo "Jornal Comunidade Esportiva", SEED/MEC, 1984, nº 11.

individual, pessoal a qual poderá ser realizada independentemente de normas e/ou regras genuínas do esporte competição, de alto nível. O esporte pode ser praticado em qualquer lugar e a qualquer hora, por qualquer pessoa, homem ou mulher, jovem ou velho".<sup>2</sup>

Esse pesquisador, analisando o fenômeno "esporte", o conceitua, ainda, enquanto arte de solucionar dificuldades auto-impostas, constituindo-se, em qualquer caso, numa performance individual. Ou seja, para DIECKERT (1984), no esporte, a performance tem outro conceito. A performance não é, simplesmente, sistematizada segundo a sua obra. Ela mantém-se variável segundo as pessoas e não é moldada e bloqueada em suas variações pela pressão da obra; ao contrário, grande parte de sua problemática reside na instabilidade das pessoas".

Diz, ainda:

***"A performance esportiva acontece por ela mesma, ou seja, por razões da própria pessoa; satisfaz-se por si mesma pelo fato de não produzir coisa alguma. Não sendo legitimada pelo produto, ela tem que receber um sentido por si mesma através da pessoa que a realiza: ela tem que proporcionar prazer".<sup>3</sup>***

Assim, de acordo com as idéias elaboradas por esse pesquisador, o Esporte Para Todos, apesar de representar "oportunidade e tarefa a ser realizada por qualquer indivíduo", da mesma forma, representa uma determinada "performance".

Se analisarmos, sintaticamente, a expressão "Esporte Para Todos", verificaremos, mais claramente, que o termo "esporte", complementado com a

---

<sup>2</sup>. Ver "Esporte e lazer: tarefa e chance para todos", 1984.

<sup>3</sup>. Ver Jürgen DIECKERT em "Esporte de Lazer: tarefa e chances para todos", 1984.

preposição "para" e com o adjetivo "todos", nos induz à conclusão de que o Esporte Para Todos é também performance.

Por exemplo, entendemos a preposição "para", gramaticalmente, traduzida como expressão de várias relações, de fim, de direcionamento, destino, de obrigação e de lugar. No Esporte Para Todos, também podemos entendê-la de formas variadas como: oferta, direito, espontaneidade, apropriado a, em benefício de, dentre outras. O adjetivo "todos" poderá ser traduzido como universalidade, pluralidade, generalidade, totalidade, como também poderá receber o sentido de massa, participação, aquele que não deixa nada de fora, toda gente, humanidade.

Dessa forma, se formos levar em conta o significado gramatical do "Esporte Para Todos", diríamos que este, conceitualmente, se caracteriza como um fenômeno humano, proporcionador de performances, variável segundo interesses e aspirações individuais<sup>4</sup>. Reconhecemos tratar-se de um conceito muito genérico - plural - o qual, somente através de singularizações poderemos encontrar significados e valores mais concretos.

Mas, o conceito de Esporte para Todos ou Esporte Não Formal, adotado por pesquisadores e, principalmente, pelo Movimento Olímpico, passou a ser configurado como símbolo de uma ideologia que propõe a transição entre o esporte formal e o não formal. Isto é, a transição entre a prática formal do esporte - como os Jogos Olímpicos, o esporte espetáculo - e a recreação de pessoas em seus momentos de lazer.<sup>5</sup>

Dessa forma, o Esporte Para Todos reapareceu enquanto uma ideologia dita Coubertiniana, mas que não era nova<sup>6</sup>. Reapareceu como um direito de todas pessoas para a prática do esporte, independente de classe social, idade, nação ou cor. Tratou-

---

<sup>4</sup>. É um conceito que poderá ser aplicado, também, ao "esporte de alto rendimento".

<sup>5</sup>. Pierre de COUBERTIN ao propor a "Olympic Charter", em 1894, já falava do "Esporte Para Todos".

<sup>6</sup>. Já havia sido defendida por antigos povos Gregos, bem como por Estóicos e outros povos das eras Medieval e Moderna. Ver BOULOGNE et al., em "For a Humanism of Sport", 1994.

se de uma proposta que buscou estimular recreação, comunicação e atividade motora em geral, para pessoas, durante o tempo livre ou disponível - o tempo de lazer.

Segundo DaCOSTA (1992:36), particularmente nos países em desenvolvimento, "reivindica-se um Esporte Para Todos, com o propósito de favorecer a igualdade de acesso às atividades esportivas, de todas as categorias da população, incluindo os deficientes físicos e mentais e os grupos mais desfavorecidos".<sup>7</sup>

Esse pesquisador brasileiro, ainda afirma que "a idéia do comprometimento do esporte de massa, iniciou com COUBERTIN, quem definiu plenamente o esporte como sinônimo de educação". Complementando, diz: "o esporte para todos é um propósito, um incentivo para os diversos esportes, sem vencedores ou vencidos, mas com participantes em torno de atividades que também busquem a saúde ou o lazer; improvisado por instituições ou em iniciativas comunitárias".<sup>8</sup>

Para DaCOSTA, o Esporte Para Todos conseguiu progredir internacionalmente, enquanto função social, extrinsecamente e/ou intrinsecamente, reconhecida, possuindo base em promoções voltadas para atividades culturais, específicas, proporcionadoras de prazer - bem-estar social.

TUBINO (1992:133), fazendo referências à "Carta Internacional de Educação Física e Esportes", publicada pela UNESCO, em 1978, admite a consolidação de três categorias de esportes: o esporte de rendimento - enquanto esporte negócio - o esporte participativo - caracterizado como Esporte Para Todos - e o esporte educativo - enquanto um esporte desenvolvido, na escola, por crianças e adolescentes. Para esse autor, esse novo conceito de esporte, a partir do pressuposto do direito de

---

<sup>7</sup>. Citação extraída da Carta Internacional de Educação Física e Esportes, publicada pela UNESCO, em 1978, feita por Lamartine Pereira da Costa, no texto "As ecologias da Educação Física e do Esporte no futuro", publicado no "Educação Física & Esportes: perspectivas para o século XXI", 1992, p.36.

<sup>8</sup>. Ver "How can the Olympic Movement to promote sport for all?", I.O.A., 1991.

"todos" às práticas esportivas, passou a contar, na sua renovada abrangência, com as seguintes manifestações distintas e inter-atuantes:

***"a) manifestação do esporte-performance, objetivando rendimento, numa estrutura formal e institucionalizada;***

***b) manifestação do esporte participação, visando o bem-estar para todas as pessoas, praticada voluntariamente e com conexões com os movimentos de educação permanente e com a saúde;***

***c) manifestação do esporte-educação, com objetos claros de formação, norteadas por princípios sócio-educativos, preparando seus praticantes para a cidadania e para o lazer".<sup>9</sup>***

Além das argumentações desses autores, a historiografia nos mostra que a apreensão do Esporte Para Todos, ao nível Internacional, tem sido freqüentemente ligada a atividades de lazer, participativas, ao mesmo tempo, interrelacionando-se e diferenciando-se do esporte espetáculo, enquanto forma de conduta sócio-cultural, com características não-formais.

A existência de programas, campanhas, projetos e/ou movimentos com objetivos voltados para o desenvolvimento e o estímulo à práticas de atividades lúdicas, não formais em diferentes sociedades, independentes da rotulação "Esporte Para Todos" - Sport for all - tem sido uma constante.

Assim, diante da relativização e/ou especificidade de suas propostas, o Esporte Para Todos - descaracterizando-se de seu universalismo olímpico - tem recebido, ao longo de sua história, uma grande variedade de denominações. Por exemplo: TRIM (Noruega, Dinamarca e Holanda), TRIMMY (Alemanha e Islândia), CONTAMOS

---

<sup>9</sup>. Ver capítulo 1 do "Educação Física & Esportes: perspectivas para o século XXI", em "Uma visão Paradigmática das perspectivas do Esporte para o início do século XXI", TUBINO, 1992, p.133.

CONTIGO (Espanha), PARTICIP-ACTION (Canadá), FIT-AKTION (Áustria), SPORT POUR TOUS (França), DEPORTE POR TODOS ou DEPORTE PARA TODOS (Chile, Argentina, bem como grande parte dos Países Sul-Americanos), LIFE. BE IN IT (Austrália), PHYSICAL FITNESS AND SPORTS (Estados Unidos), e ESPORTE PARA TODOS ou DESPORTO PARA TODOS (Portugal, Brasil e outros Países de língua Portuguesa), RUN FOR RUN, JOINTLY ACTIVE, dentre outros movimentos, ainda, em constituição. Todas essas denominações o identificam como elemento de transição entre práticas oficiais, competitivas e de alto desempenho - características dos esportes de espetáculos - e a recreação - esportiva ou não - de pessoas em seus tempos específicos de lazer.

São programas, que refletem a busca - o direcionamento - do homem contemporâneo para o recrear e o recriar. Isto representa focar a necessidade da humanidade de utilizar-se de criatividade para suas ações, para o contato e a comunicação com outras pessoas, durante o tempo de não trabalho. De modo geral, são programas que recomendam a prática não formal de atividades motoras, como estratégia para o preenchimento de vazios existentes na vida pessoal e como instrumento de preservação da saúde e prevenção contra determinados tipos de doenças, hoje em dia comuns em sociedades tecnologicamente mais desenvolvidas - é o caso das doenças cardiovasculares.

Observa-se que a adesão a estas propostas<sup>10</sup>, historicamente, vem sendo, aos poucos, construída pelos mais variados segmentos da sociedade. Por exemplo: a historiografia demonstra que com a ascensão do mundo capitalista, empregadores passaram, também, a despertar interesses com a boa saúde e a positiva atitude mental de seus trabalhadores<sup>11</sup>, relacionando-as com questões da força produtiva. O Estado, a mídia e agências de promoções sociais, freqüentemente, passaram a promover tipos

---

<sup>10</sup> .Sabemos que de acordo com o ponto de vista de análise e da experiência de quem as analisa, estas propostas poderão ter uma série de interpretações ou rótulos, tais como: utilitarista, manipuladora, falácia, discurso ideológico ou, então, como propostas progressistas, construtivistas, socialista etc.- discutidas maniqueisticamente ou não.

<sup>11</sup> .Visando a produtividade ou não. São hipóteses que aparecerão sempre.

de atividades, coerentes com estas propostas, principalmente como forma estratégica de mobilização político social, com predominância quantitativa de público<sup>12</sup>. Aparentemente, estamos vivenciando um mundo das "indústrias" - do lazer, do esporte, do entretenimento, das contradições, das desigualdades, dentre outras - o qual, dependendo do ponto de vista de análise, poderá identificar-se, para uns, como uma das grandes soluções para minorar problemas do homem contemporâneo; para outros, em mais um dos problemas a ser vivenciado por indivíduos, comunidades e sociedades, neste mundo onde a racionalização das condutas sociais se faz cada vez mais presente, porém, muito mais cheio de conflitos.

Jürgen PALM, em 1977, já alertava para algumas evidências relacionadas com o progresso tecnológico versus espaço urbano e com os perigos pelos quais estava passando a humanidade industrializada, no que se refere à capacidade motriz do homem contemporâneo.

Afirmava esse autor, que a inatividade física havia crescido significativamente nos últimos tempos, acompanhando o desenvolvimento tecnológico da indústria, do comércio. Até no ambiente familiar essa redução da atividade física já se apresentava muito marcante. Conseqüentemente, o progresso tecnológico e a redução dos espaços urbanos, principalmente nas grandes cidades, transformaram-se em elementos básicos para que as atividades físicas estivessem, a cada dia, decrescendo.

A título de ilustração, PALM cita trabalhos realizados nas Universidade de Berlim e Kiev, os quais apresentam resultados bastante significativos a esse respeito. Dentre estes, que "o uso muscular havia sido diminuído, nos últimos 100 anos, em aproximadamente 90% do total de energia expendida por indivíduos", provenientes de que "as gerações atuais passam, cada vez mais, parte de seus tempos sentadas. Ou

---

<sup>12</sup> .Podemos citar como exemplo os grandes movimentos de massa, como passeios de bicicleta, à pé etc. com uma grande participação da mídia e com uma grande participação popular - consciente ou não.

seja, em média são, aproximadamente, 150.000 horas de suas vidas sentadas"<sup>13</sup>. Consequentemente, se for levado em conta de que o ano possui aproximadamente 8.640 horas, chegamos a uma média de 17,36 anos de vida, com predominância de inatividade muscular.<sup>14</sup>

PALM (1977) afirma, ainda, que "a inatividade física é tão nefasta quanto o analfabetismo e que ambos devem ser combatidos, pelos países, com a mesma intensidade". Para o autor, um dos caminhos, para a minimização desses problemas, é o estímulo à prática popular - não formal - de atividades motoras - esportivas ou não.

Logicamente, além desses, outros problemas estão imbricados na vida de cada indivíduo, colaborando, também, para que tais fatos aconteçam. São problemas de ordem econômica, social, cultural, contextual, política, inevitáveis, mas que não poderão deixar de ser desvendados e, dentro do possível, solucionados.

Evidentemente, reconhece-se nas atividades motoras não formais - identificadas também como Esporte Para Todos - um tipo de representação de relativismo ou singularização de práticas populares. Internacionalmente aceitas; consideradas importantes por grande parte dos povos; e, com grande emergência social em países ditos desenvolvidos e em desenvolvimento. Ao nível internacional, a história nos mostra que são práticas diversificadas e independentes de um único rótulo - marketing - que suas idéias possam adquirir.

Assim, o Esporte Para Todos, enquanto um movimento internacional "aberto às experiências" e por suas características de não formalidade, poderá correr o risco de inúmeras interpretações - criatividade, experiência, permanência, máxima participação

---

<sup>13</sup> Ver Jürgen PALM, em "A Visão e a Realidade. Revista Brasileira de Educação Física e Desportos, n° 35, 1977, p.28.

<sup>14</sup> Entendemos serem dados realmente alarmantes. Apesar de terem sido apresentados há quase 20 anos atrás, já se tornavam uma preocupação para alguns pesquisadores. Atualmente, segundo fontes específicas como as do Conselho Mundial da Saúde, estes dados continuam aumentando, apesar do padrão de vida do homem contemporâneo, nos países industrializados, estar sendo avaliado, por essas instituições como melhor. Eis aí mais uma problematização para os homens das ciências, ainda em aberta e para ser exaustivamente pesquisada.

ou, mesmo, falácia, manipulação, maniqueísmo etc. - se levarmos em conta de que se trata de um movimento altamente carregado de ideologia, valores e significados.

SAMARANCH<sup>15</sup>, fazendo sua mensagem de abertura da 31ª Sessão Internacional da Academia Olímpica Internacional, em Atenas-Grécia, de 16 a 31 de Julho de 1991, que tratou de discutir "The Sport For All and the Olympic Philosophy", relembra Coubertin e diz: "...o objetivo do Olimpismo é colocar o esporte a serviço do desenvolvimento harmonioso dos povos de todas as nações, com vistas à promoção da dignidade humana. Combinando esporte com cultura e educação, o Olimpismo objetiva criar uma vida baseada no esforço da busca da alegria, no valor do bom exemplo e respeito com os princípios éticos universais". Reportando-se ao Esporte Para Todos afirmou:

***"Bem organizado, o Esporte Para Todos faz precisamente isto. Nos anos recentes, o Comitê Olímpico Internacional e o Movimento Olímpico têm sido altamente ativos em seus apoios ao Esporte Para Todos e já têm contribuído para o desenvolvimento dele em alguns países do mundo. O Dia Olímpico da Corrida, celebrado por mais de uma centena de países, é um bom exemplo".***

YALOURIS (1991:52)<sup>16</sup>, in "The Olympic Games in Antiquity", fazendo alusão ao Esporte Para Todos, exageradamente afirma: "Os únicos povos a praticarem o axioma do Esporte Para Todos foram os antigos Gregos. Pois, somente na antiga Grécia existiam educações, advindas do alvorecer da história, baseadas nos princípios do **treinamento atlético para todos**. A **Palaestrae** e a **Gymnasia** foram as instituições básicas absolutamente indispensáveis as quais toda cidade, por pequena que fosse, tinha que ter próxima de seus templos e de sua **Ágora**<sup>17</sup>. O Esporte e o

<sup>15</sup> .Presidente do Comitê Olímpico Internacional.

<sup>16</sup> .Nikos YALOURIS e ex-Diretor de Antigüidades e Vice-Presidente Honorário da Academia Olímpica Internacional.

<sup>17</sup> .Segundo YALOURIS (1991), "Templos, Agora, Palaestrae-Gymnasia eram espaços devidamente planejados e construídos, situados em meio aos demais edifícios, com finalidades específicas - uma cidade Grega era inconcebida sem eles". A Palaestrae e a Gymnasia eram freqüentadas, ambas, por adolescentes e homens maduros. Lá, eles

espírito de competição prevaleciam em cada indivíduo e em todas as cidades da antiga Grécia., constituindo-se em seu principal interesse e sua atividade meio, principalmente nos tempos de paz".

Recorrendo à mitologia, afirma que os Deuses do Olympus não somente foram os fundadores dos jogos, mas também os primeiros a lutarem contra o caos e a desordem. As competições atléticas e ginásticas não ocorreram meramente como ocupação do homem, mas como um dever, deste, para com os Deuses, segundo suas próprias origens divinas. Assim, diz esse historiador: "o desenvolvimento harmonioso do corpo e do intelecto humano era tido, para os antigos povos da Grécia, como um caminho de virtude para a vida".(p.53)

Recorrendo, também, às idéias dos filósofos gregos diz: "Platão acreditava que o objetivo básico de uma educação física deveria ser permanente na preparação do cidadão para as maiores competições, para a defesa do reino mas sem a criação do atleta profissional. Ou seja, cidadãos com capacidades de proteção de suas cidades contra ameaças militares e, até, de endemias.

Segundo ele, Platão acreditava, ainda, que o objetivo do exercício físico e da educação era criar um homem perfeito, com perfeito equilíbrio entre o corpo e a mente. Um homem harmoniosamente equilibrado e formado não só pelos exercícios musculares, mas com a combinação de estudos da filosofia, da arte, da música para a sua redefinição como um homem não só de massa muscular, mas, um homem sensitivo, intelectual.

***"Demonstrava ser uma educação baseada no princípio de que o homem é uma entidade consistida de funções, interconectadas a fatores, ambos mental e físico, os quais buscam uma totalidade de funções e habilidades".(p.52-58)***

---

gastavam a maior parte de seus dias. Jovens e homens maduros satisfaziam-se em suas atividades atléticas, enquanto homens velhos supervisionavam e corrigiam os treinamentos. Ao mesmo tempo homens jovens eram levados a praticar também a leitura, a aritmética, a dança e a música nestas mesmas premissas. (p.52).

Segundo YALOURIS (1991), Platão rejeitava o treinamento intensivo e especializado, porque este progressivamente diminuía o desenvolvimento intelectual do homem para o resto da vida. O treinamento excessivo era visto como uma forma de "estupor intelectual" para o homem. Para Platão, o mais importante era a preparação - tanto do homem, quanto da mulher - para a boa cidadania, onde as atividades físicas eram tarefas complementares para todos.

Cita ainda Aristóteles, como um defensor do esporte como um dos conteúdos da educação, e diz: "para Aristóteles os elementos importantes de educação são quatro: ler e escrever, a ginástica e a música, podendo ser acrescentado, ainda, um quinto elemento: a pintura". Afirma, ainda que para Aristóteles, o objetivo da Educação Física deveria ser exclusivamente pedagógico e estético, sem nenhum exagero atlético, porque estes exageros poderiam destruir ou prejudicar a harmonia e a simetria do corpo humano, provenientes de uma severa disciplina e de um desumano grau de treinamento.

YALOURIS (1991:51) destaca uma das citações desse filósofo, na "Política", onde aponta a Educação Física como uma "ciência" que deveria se preocupar com tipos de treinamentos susceptíveis "para todos" os homens - uma espécie de "Educação Física Para Todos".

Transcrevendo idéias desse filósofo, destaca:

***"A Educação Física é a ciência que examina que tipos de treinamentos são susceptíveis para o maior número de homens e, se possível, todos os homens, visto que o objetivo básico da Educação Física é levar a educação para grande número de indivíduos e não somente para aqueles que naturalmente são dotados".(ARISTÓTELES, op. cit. YALOURIS, 1991:55).***

DESPOTOPOULOS (1991)<sup>18</sup>, diz que a idéia dos antigos jogos olímpicos estavam acopladas a simbolismos de virtudes e de unidade nacional. A participação "ecumênica" nos jogos olímpicos foi um privilégio dos antigos gregos, em um tempo de grandes dificuldades de comunicações, mesmo entre os povos que adotavam as mesmas línguas. Assim mesmo, o esporte foi tido como um importante componente, com especiais características, para a civilização grega. Não somente como forma de competição nos jogos olímpicos, mas como elemento importante na formação da personalidade dos seus cidadãos. Dele participavam, além dos membros da alta nobreza, quase todos os cidadãos, além de crianças e adolescentes.

Tanto para YALOURIS, como para DEPOTOPOULOS, os povos da Antiga Grécia foram os predecessores dos Jogos Olímpicos e do Esporte Para Todos. No entanto, não podemos ficar atribuindo, apenas aos Gregos, este tipo de prática. A história tem demonstrado que Egípcios, Estóicos, Romanos e outros povos, também tinham hábitos culturais voltados para as atividades lúdicas, tendo nos jogos uma de suas atividades predominantes de ocupação do tempo e como forma de educação.

Para HUIZINGA (1980) isto não se constitui em nada além do natural; "o jogo é o fato mais antigo que a cultura, pois, esta, mesmo em suas definições menos rigorosas, pressupõe sempre a sociedade humana". Para esse pesquisador, é no jogo e pelo jogo que a sociedade busca seu desenvolvimento. Procura retratar, ainda, que foi através dele que o homem primitivo, na tentativa de dar conta do seu mundo, mitologicamente, atribuiu-lhe fundamentos divinos.

***"Ora, é no mito e no culto que têm origem as grandes forças instintivas da vida civilizada: o direito e a ordem, o comércio e o lucro, a indústria e a arte, a poesia, a sabedoria e a ciência. Todas elas têm suas raízes no solo primitivo do jogo". (HUIZINGA, 1980:7)***

---

<sup>18</sup> .Prof. K. DESPOTOPOULOS, Historiador e Membro da Academia de Atenas, dedicou-se ao estudo da História da Antiga Grécia, seus filósofos e a relação com o esporte.

Em mais um dos seus exemplos, HUIZINGA (1980:198) aponta a sociedade romana como "uma sociedade que não podia viver sem os jogos". Segundo esse autor, os jogos eram tão importantes e tão necessários para a existência daquela sociedade, quanto o pão era para o alimento do homem. Este grau de importância estava em função de que "eram jogos sagrados e o direito que o povo tinha sobre eles, também eram direitos sagrados", logo, ambos, tanto o jogo, quanto o direito do povo, eram sagrados. Os jogos foram tão significativos na vida dos romanos que em todas as novas cidades, por eles erigidas, existiam os "anfiteatros" onde os espetáculos aconteciam<sup>19</sup>.

Fazendo mais um caminhar histórico em suas exemplificações, HUIZINGA (1980:200), aponta, também a sociedade medieval como "saturada por jogos populares desenfreados, os quais, permeados de elementos pagãos, haviam perdido seu significado sagrado para se transformarem em puro humor e bufonearia" - palhaçada. Logicamente, existiam momentos pomposos, solenes como aconteciam com alguns jogos da cavalaria, mas, caracteristicamente na sociedade medieval os jogos eram predominantes populares<sup>20</sup>.

Outros exemplos já foram apontados, em capítulos anteriores, quando da tentativa de compreensão da lógica de comando das sociedades moderna e contemporânea e a relação existente entre o jogo e o esporte nos seus processos de conduta social.

---

<sup>19</sup> .Grande parte da sociedade contemporânea, principalmente a Européia e a Americana, recebeu fortes influências dos romanos, no que se referem às políticas públicas de construções dos seus ginásios ou de suas praças esportivas. Normalmente, são construções monumentais, muitas vezes fugindo à sua realidade contextual.

<sup>20</sup> .Ver HUIZINGA, Homo Ludens, 1980, p. 198-201.

Para FILARETOS (1991:25)<sup>21</sup>, apesar do mundo contemporâneo vivenciar avanços tecnológicos nos meios de comunicação de massa, a comunicação entre as pessoas nunca foi tão difícil ou superficial como tem ocorrido hoje em dia. A busca de contato com outras pessoas, o individualismo e o relacionamento interpessoal, combinado com o fenômeno social do tempo de lazer, têm levado cidadãos, especialmente aqueles que vivem em áreas urbanas, a procurar novas alternativas para elevar a qualidade de vida em seu ambiente social. Para ele, "...o Movimento Olímpico acima de tudo, e o Esporte Para Todos, nas últimas décadas, têm oferecido soluções alternativas face estes problemas, pelo Olimpismo e pela educação através do esporte". (.p.25)

Referendando-se nos antigos filósofos gregos, tenta argumentar a relação existente entre a ginástica, os esportes e os jogos como "ferramentas educacionais" bem conhecidas; cujos méritos asseguram virtude e moralidade; forma a alma e o caráter do homem; e, quando praticadas com moderação, busca desenvolver valores humanos fundamentais de respeito e mútua estima entre seus praticantes.

Relembrando idéias de humanistas da Renascença e Filantropistas do período neoclássico, FILARETOS procura alicerçar o caminho da educação pela introdução do esporte no sistema escolar e, ainda, diz: "com o advento da revolução industrial, o problema da felicidade, o problema do tempo de lazer começaram a preocupar trabalhadores, empregadores, Estados, cientistas e agências sociais". (p.25)

Segundo esse autor, por intervenção de todos esses segmentos, em direções diferentes, para diferentes motivações, nasceu o Esporte Para Todos, o qual vem sendo descrito, hoje, como um fenômeno social altamente significativo. Por seus valores, grande parte dos cientistas das ciências humanas e sociais, vêm nele uma oportunidade para educar e formar cidadãos, não somente na infância ou

---

<sup>21</sup> .Nikos FILARETOS foi membro do Comitê Olímpico Internacional e Presidente da Academia Olímpica Internacional, em 1991. Este texto fez parte do discurso por ele apresentado quando da abertura da "Thirty-First Session of the International Olympic Academy", Olympia-Greece.

adolescência, mas após os 20 anos de idade, com vistas à prevenção contra doenças, manutenção da saúde e melhoria da qualidade de vida.

FILARETOS (1991:25) ainda relembra que é comum, no mundo contemporâneo, "cidadãos buscarem recreação, criatividade, contatos com outras pessoas e comunicação durante seus tempos livres; empregadores diretamente interessados com a boa saúde e a positiva atitude mental dos trabalhadores; o Estado e as agências sociais promoverem atividades para grandes massas de pessoas, principalmente por razões de estratégias sócio-políticas".

Identificando o Movimento Olímpico como idealista, procura ligar o renascimento dos Jogos Olímpicos ao direito de todos os cidadãos para o esporte, independente de classe social, nação ou cor.

E, diz o autor:

***"Esporte para todos não é um fenômeno de nossos tempos, mas um fato cujas causas devem ser investigadas em profundidade. Existem numerosas questões concernentes as quais estão muito presentes à nossa frente, propostas de soluções alternativas e providas de respostas".(FILARETOS, 1991:26)***

Após estas afirmações, procura elaborar uma série de questionamentos, tais como: existe uma teoria, uma ideologia ou filosofia que dê sustentação ao movimento Esporte Para Todos? Existe uma ideologia ou filosofia norteando este movimento? Quais são seus princípios e valores? Qual é a sua relação com o Movimento Olímpico? Existe um comum sistema de princípios e valores pertinentes a estes dois movimentos esportivos? Podemos considerar o Esporte para Todos como uma faceta do Movimento Olímpico e seus princípios como derivativos da Filosofia Olímpica? Quais são as mudanças socio-políticas que têm contribuído para o desenvolvimento do

Esporte para todos? Que tipo de pessoas tentam experimentá-lo e quais são seus objetivos?"(p.27)

Complementando os questionamentos, defende a idéia de que deveríamos também examinar o impacto que queremos que o Esporte Para Todos tenha no Movimento Olímpico, bem como, o meio pelo qual o Movimento Olímpico possa sustentar e favorecer o Esporte Para Todos. Isto porque:

***"...intelectuais dos países desenvolvidos vêm o Esporte Para Todos como um meio para salvar o costume esportivo tradicional de seus países e de enriquecimento de sua tradição cultural, bem como, um meio de promover suas identidades nacionais ao nível da civilização mundial". (p.27)***

Para FILARETOS (1991:27), o Esporte Para Todos, por seus princípios, inclui o direito voluntário de participação, a idéia do bem-estar, o respeito para com os outros, tem como objetivo específico a coexistência da promoção de cooperação, de entendimento e da paz social, estimulando pessoas ao amor à natureza, e ao espaço onde vivem. O Esporte para todos aparece como uma das soluções ideais de atendimento às necessidades da sociedade contemporânea, mediante a oferta de práticas esportivas não formais e estímulo aos cidadãos para uma melhor qualidade de vida.

***"Esporte para todos, contudo, significa também direito alienável de todos os cidadãos aos esportes, independente de sexo, idade, ou classe social. Significa o direito dos indivíduos aos exercícios físicos e o amor ao esporte desde a infância. Como resultado disso, ele representa também a necessidade de provisões de facilidades para os exercícios físicos e os esportes".***

Assim, Esporte Para Todos e Educação Olímpica representam, para o então Presidente da Academia Olímpica Internacional, "os objetivos fundamentais do Movimento Olímpico para criar perfeitas condições humanas, capazes de levar o cidadão a usufruí-las de forma harmoniosa e integrada em seu ambiente social, as quais deverão contribuir para a coexistência de um mundo pacífico".

CHALIP (1991), sempre fazendo alusão e reforçando idéias do cognominado renovador dos Jogos Olímpicos da era moderna - Pierre de Coubertin - demonstrou expectativas ligadas à questões da "participação", onde o Movimento Olímpico, responsável pelo enaltecimento dessa participação, deveria, também, trabalhar em função da promoção do Esporte Para Todos.

Tentando sustentar suas argumentações, destaca o discurso de Coubertin na abertura do Encontro do Comitê Olímpico Internacional, em 1920:

***"Vamos trabalhar para facilitar a prática diária do esporte, para multiplicar oportunidades favoráveis que atraiam os indivíduos à prática do esporte, para destruir barreiras e para simplificar os complicados regulamentos. Vamos colocar os serviços do esporte para todos os povos, para aperfeiçoá-los e baratear seus custos. Vamos tentar trazer formas diferentes de esportes e conjuntamente combiná-los, exaltá-los, pelo prazer, em seus contrastes ou pela harmonia de suas similitudes. O Olimpismo é um complexo de participação...ele advoga a compreensão da educação esportiva acessível para todos, o qual entrelaçado com...espírito de bravura e cavalheirismo, tem implicado em manifestações estéticas e literárias, servindo como um motor para a vida nacional e um foco para a vida cívica".***

CHALIP (1991) acredita que o Esporte Para Todos já fazia parte dos ideais de Coubertin com relação ao esporte, antes da elaboração dos estatutos que comandam o Olimpismo. Para ele, o competidor olímpico deveria ser visto, acima de tudo, como um exemplo, tendo no esporte um de seus meios de educação. Segundo o autor,

Coubertin questionava e afirmava ser incompleta uma educação sem a atlética. Para ele, a mente e o corpo requeriam articulações e mútuas instruções; motivo que defendia um Movimento Olímpico na promoção do Esporte, não simplesmente para uma elite de competidores, mas para uma população em geral.

***"Esta chave não significa apenas uma mera promoção do esporte para todos; pelo contrário é uma maneira de implementação de programas esportivos...criando oportunidades para apreciar a beleza, celebrar a diversidade e honrar esta questão por excelência".(CHALIP, 1991:70)***

TROEGER(1991)<sup>22</sup>, in "Sport For All: aims and expected influence on the Olympic Movement", defende a tese de que "Programas de Esporte Para Todos existiram sem o Comitê Olímpico Internacional e certamente ainda continuarão a existir". (p.72)

Para este estudioso Alemão, o Movimento Esporte Para Todos desenvolveu-se por suas características de pluralidade e complexidade advindo de fora do Movimento Olímpico. O pluralismo de suas atividades não demonstra ter prejudicado o seu desenvolvimento, pelo contrário, pela grande variedade de suas estruturas e objetivos, tem favorecido para o aumento de sua coordenação e cooperação mundial.(p.72)

Segundo TROEGER a definição dos termos que identificam o Esporte Para Todos, não é nada uniforme, nem, muito menos, universalmente conclusiva; Esporte de Massa para o público em geral, continua sendo a base para o esporte. Razões pelas quais, o Comitê Olímpico Internacional decidiu continuar usando a expressão Esporte Para Todos, por suas estruturas e atividades, além da concordância manifestada fora dos limites de sua própria organização.

---

<sup>22</sup> .Presidente da Comissão de Esportes Para Todos e Membro do Comitê Olímpico Internacional.

Fazendo um relato histórico, apresenta a origem dos esforços organizacionais, em relação ao Esporte Para Todos, datados dos últimos 35 anos. Revela, ainda, que uma das primeiras tentativas de busca de um conceito para o Esporte Para Todos, foi de iniciativa do Conselho da Europa, enquanto parte de seus programas para o desenvolvimento cultural de seus países membros. Este conceito já criava a ligação entre o esporte de alto-nível e o esporte de massa, cuja ideologia foi fundamentalmente implementada entre 1966 e 1976. (p.73)

Descreve, também, que em 1985 o Esporte Para Todos passou a fazer parte de uma Comissão oficial do Comitê Olímpico Internacional, por sugestão do Presidente do Comitê Olímpico Nacional da Tchecoslováquia, Antonin HÍML. A partir daí, foi intitulada como Comissão de Esporte Para Todos do Comitê Olímpico Internacional. (p.73)

Segundo a interpretação desse autor, esta Comissão passou a se preocupar com três objetivos básicos:

- 1 - Dar apoio àqueles países que estimulam iniciativas para o desenvolvimento de programas do Esporte Para Todos;
- 2 - apoiar os Comitês Olímpicos Nacional na organização, no desenvolvimento e na implementação de programas que se identifiquem com os do Esporte Para Todos, fora da Organização Olímpica; e,
- 3 - por último, a necessidade substancial de se desenvolver ações, em alguns países, principalmente do terceiro mundo, que procurem informar aos cidadãos sobre a importância da prática de atividades do Esporte Para Todos nos momentos de lazer.

Segundo a apresentação de TROEGER, institucionalmente, estavam lançadas as sementes do Esporte Para Todos Internacional, cujos frutos ficam na dependência dos aspectos culturais, das ansiedades, das aspirações e das singularidades que identificam cada povo.

Jürgen PALM<sup>23</sup> (1991:79) destaca que o "espectro do esporte", no final deste século, tem sido um fenômeno sócio-cultural dos mais diversificados. A cada dia ele se transfigura - cada vez mais elitista e cada vez mais popular - exerce influência e passa a se constituir num dos elementos importantes na vida da grande maioria dos cidadãos do mundo. Questiona o autor: "qual será o futuro dessa confusa diversidade? Que forças e dinâmicas existem por detrás dos seus milhões de participantes? Existe um esporte, uma unidade situada entre o herói olímpico e indivíduos comuns, anônimos, não menos heróis? Existe alguma coisa que nos leve ao entendimento do mundo dos nossos atletas corredores, medalhistas olímpicos, e o mundo dos mais lentos, dos milhões de praticantes do 'jogger'? Será que o Movimento Olímpico nos fornece subsídios suficientes para um entendimento comum? Como traduzir isto para todas as línguas?".

Para PALM (1991), estas são questões importantes que nos levam a algumas respostas e dúvidas. São problemas que merecem uma especial atenção e suas discussões deverão ser estimuladas pelos países do mundo, uma vez que o Movimento Olímpico, somente ele, não possui as devidas condições de nos oferecer uma resposta concreta sobre cada fenômeno esportivo que tem acontecido pelo mundo. Segundo esse pesquisador, as idéias do Movimento Olímpico são muito universalizadas, genéricas e, somente, correlacionando-as e buscando suas singularizações, relativizações, é que nos aproximaremos de suas possíveis respostas. Isto em função, também, de que cada país detém uma estrutura organizacional a qual, de uma forma ou de outra, procura tratar essas questões.

Mas, para o autor, o grande desafio do mundo contemporâneo, tanto para o Movimento Olímpico, quanto para os países mais desenvolvidos, tem sido o "Esporte Para Todos". PALM, particularmente, diz acreditar que os ideais olímpicos são valiosos

---

<sup>23</sup> Jürgen PALM é o atual Presidente da "Trim and Fitness International Sport For All Association (TAFISA)-fundada em março de 1990. Foi, também, o primeiro pesquisador a transmitir idéias a respeito do Esporte Para Todos Internacional para profissionais brasileiros (Ver Perspectivas Históricas do Movimento Esporte Para Todos no Brasil).

pelo fato de tratarem o esporte como um elemento de importância educacional e social para a humanidade. Para ele, Coubertin estava certo quando defendia o esporte como um meio de educação. De acordo com sua opinião, o esporte de elite e o esporte para todos deveriam caminhar juntos e se constituírem em elementos complementares. Ou seja, o elitismo esportivo deveria ser complementado pela democratização do Esporte Para Todos e vice-versa.

Complementando esta análise, PALM (1991:79) cita Coubertin:

***"O esporte não é um luxuoso passatempo ou atividade para os poucos gozadores do lazer; para todo homem, mulher ou criança ele oferece uma oportunidade de auto-realização". (COUBERTIN)***

Baseando-se nessas afirmações, esse pesquisador concorda com JU-HO CHANG, Presidente da Academia Olímpica da Korea, quando, em 1989, no Seminário de Esportes Olímpicos de Seoul, definiu o Esporte Para Todos como "a cura para o Movimento Olímpico Internacional, no que se refere à busca de equilíbrio entre o esporte de alto rendimento e o esporte participação".(JU-HO CHANG op.cit. PALM, 1991:81)

Apresentando um quadro com dados numéricos, PALM (1991:81) observa que 92 países do mundo já aderiram à idéia do Esporte Para Todos; 62 possuem campanhas específicas em caráter nacional; e, 50 já são membros da "Trim and Fitness International Sport For All Association (TAFISA), desde sua fundação em 1990.

Uma outra pesquisa internacional, apresentada em 1988, em Praga, no Congresso de Esporte Para Todos e uma outra pesquisa efetivada por esse próprio autor para: "Toronto Trim and Fitness Conference", em 1989, estimaram em mais de um bilhão de pessoas do mundo participando, de uma forma ou de outra, do esporte.

PALM destaca a Europa, com 29 nações, como a líder em participação de campanhas, movimentos e/ou programas de Esporte Para Todos. Em seguida vêm o Continente Asiático com 24 países; a África com 17, a América Latina com 16, toda a América do Norte e apenas três países da Oceania.

Para a pesquisa apresentada em Toronto, dentre outras, foi feita a seguinte pergunta: "Em que o Esporte Para Todos contribui para a Educação Física e o Esporte Espetáculo?". Os maiores valores atribuídos pelos representantes dos países foram os seguintes: para a saúde (52); recreação pessoal (32); contribuição para a comunidade (25); bem-estar pessoal (24); contribui com o desenvolvimento pessoal (14); Esporte Para Todos é visto como um direito primário do homem (12); como um meio para o desenvolvimento da cultura física (10); e, a minoria (8) nomeou o Esporte Para Todos como uma base de melhoria do esporte de elite.

Segundo o autor, nesta pesquisa, o Esporte Para Todos foi definido como "um programa de contribuição para com benefícios social e individual".

Para BENTO (1992:113), em "Acerca da necessidade de revitalizar o lema do 'Desporto Para Todos': a Cidade Desportiva", publicado no "A Ciência do Desporto a Cultura e o Homem", pela Universidade do Porto/Portugal:

***"Cada época tem seu desporto, resultante de mutações sociais, sobretudo no plano dos valores, dos direitos, dos interesses, dos problemas e das necessidades. Não admira, pois, que procuremos renovar o desporto neste dealbar do século(...) Muita coisa tem mudado no desporto. Mas talvez a maior de todas as mudanças seja aquela que está consubstanciada no lema do 'desporto para todos', ou seja, na evolução do desporto singular para o desporto plural".***

Sumariando as idéias dos diversos autores, somos induzidos a pensar o Esporte Para Todos como um fenômeno que ainda está, internacionalmente, em

constituição e possui dimensões multiculturais. Isto é, não se limita aos números de esportes olímpicos, nem, muito menos, possui uma base comum de ações. Hegemonicamente, aparenta estar muito mais presente na Europa do que em outras partes do mundo. É um fenômeno com tendências diversificadas, as vezes inovadoras, outras vezes com atividades desconhecidas e programas adaptados, o qual tem recebido adesões dos mais variados segmentos sociais.

A história mostra experiências do Esporte Para Todos que lidam com o menor carente, com a marginalidade, com o deficiente, com o clube, com idosos, presidiários, prostitutas, intelectuais, dentre outros. São experiências desescolarizadas<sup>24</sup> - tradicionais ou não - que apresentam lógicas específicas e um vocabulário vastíssimo de significados e valores, cujos entendimentos de seus termos, expressões e/ou ações estão ligados, predominantemente, às suas características de não formalidade de conduta social.

Dentro desse processo das relações sociais, com menos excelência - elitização - porém, com mais alegria, prazer de participação; e, com menos "esporte"- trabalho - porém, com mais "jogo"; identificamos o Esporte Para Todos como um dos caminhos de intervenção sociológica, de socialização do esporte, aberto à experiência e com possibilidades de acesso "para todos".

Não obstante esse processo, entendemos o Esporte Para Todos como um fenômeno que se encontra em progressiva constituição ao nível internacional. Constituição essa, motivada pelo fato de que, cada vez mais, na sociedade contemporânea os indivíduos, de modo geral, buscam uma nova identificação pessoal com o corpo e com o movimento, passando haver uma constância de estímulos à pessoas ou grupos de pessoas à práticas de atividades físicas das mais variadas. A obsessão pelo consumo do corpo por questões estéticas, de medo do envelhecimento, da melhoria da qualidade de vida e de um melhor conhecimento de si próprio, têm sido

---

<sup>24</sup> .Apesar de, muitas vezes, serem desenvolvidas em ambientes escolares, porém, sem o comando da escola.

algumas das justificativas mais corriqueiramente apresentadas no sentido da prática individual ou coletiva dos esportes e atividades físicas em geral.

Nesse contexto, o esporte tem adquirido papel fundamental para mudanças de comportamento ou preenchimento do tempo social na vida do homem contemporâneo. Ou seja, o esporte como uma resposta de impacto e como condições que pode ir de encontro aos problemas mais amplos vividos pelos indivíduos em seus contextos sociais. Por exemplo, conscientemente sabemos que o mundo capitalista mudou muitas das regras do jogo do trabalho e conseqüentemente do modo de vida do trabalhador. Em função da maquinaria e de uma racionalização crescente, o número de horas e dias de trabalho se tornaram cada vez mais reduzidos; com uma jornada de trabalho menor, os finais de semana ficaram mais prolongados; os dias de férias e folgas aumentaram e a aposentadoria, normalmente, passou a ser estimulada, também, para pessoas, ainda, produtivas. Com as mudanças de comportamentos e hábitos na sociedade, começaram a surgir os cognominados "perigos do consumismo" nesse novo estilo de vida. Enfim, são motivos que têm levado grande parte das pessoas a se preocuparem e, conseqüentemente, a conceberem o esporte como um dos meios confortáveis de preenchimento do tempo livre e disponível, assim como uma forma auxiliar - de impacto e de prevenção - contra os perigos que as novas condições de vida têm proporcionado.

Nesse mundo de quantidades de práticas esportivas, relacionadas com situações econômicas da sociedade e onde o progresso econômico tem, também, demonstrado propiciar chances para que um grande número de pessoas pratiquem os mais variados tipos de atividades esportivas, encontramos as mais diversificadas situações. Se, por um lado, o esporte é visto como um dos maiores meios de investimento, com retornos rápidos; por outro lado, encontramos outras formas de consumos esportivos, independentes de altos ou baixos investimentos econômicos ou de altos ou baixos rendimentos. Na verdade, estamos nos referindo àqueles

investimentos privativos de cada indivíduo - rico ou pobre - cujos consumos e comandos de suas atividades - esportivas ou não - pertencem a ele - à sua vontade. São de sua propriedade privada, relativizados, singularizados, específicos, adaptados, dependentes exclusivamente de ansiedades, prazeres, aspirações, bem como, do contexto em que cada indivíduo está inserido.

### Então, como conceituar o Esporte Para Todos?

Segundo BENTO (1993:113) "o postulado do 'desporto para todos'<sup>25</sup> implica conseqüências tanto ao nível dos princípios e conceitos, como ao nível de sua concretização".

Para esse autor, com o advento do "Esporte Para Todos", passou-se à descaracterizar a idéia tradicional do esporte estar somente ligado ao atleta, à masculinidade, à competição. Ele veio nos remeter a outras perspectivas conceituais e práticas, em função da pluralidade, da subjetividade e do respeito à individualidade.

***"Como praticantes de desportos são hoje requeridos os homens e as mulheres na pluralidade e diversidade dos seus estados de desenvolvimento, de comportamento e rendimento; são, por isso, crianças e jovens, adultos e idosos, maridos e esposas, pais e mães, avós e avôs, cultos e incultos, formados e não formados, ricos, pobres e remediados, solteiros, casados e divorciados, saudáveis e doentes, 'normais' e deficientes"*<sup>26</sup>.**

---

<sup>25</sup> .Como já vimos, anteriormente, Desporto para Todos é a expressão usada em Portugal e alguns países de língua Portuguesa para designar a prática não formal - sem elitização -do esporte e/ou das atividades físicas por, indivíduos ou grupos, preservando-se as características culturais de cada povo.

<sup>26</sup> .Ver Jorge BENTO em "A Ciência do Desporto a Cultura e o Homem", 1993, p 114.

Da mesma forma, alerta que esta mensagem de pluralidade, de subjetividade e de individualização não significa "abandonar cada um à sua sorte", nem apologia de benefícios da prática esportiva "para todos os cidadãos", nem, muito menos, querer ser "bandeira de modernidade jurídica e constitucional". Isto porque "Desporto para todos é uma divisa da essência social e democrática da prática desportiva, comprometedora e responsabilizadora do Estado como instância garante da aceitabilidade e moralidade dos processos distributivos. Corporiza, portanto um postulado ético, um imperativo social, no sentido de que cada cidadão deve ter acesso fácil a uma prática desportiva que corresponda à sua situação social e financeira, às suas disponibilidades temporais, aos seus interesses e estado de competência". (p.114)

Diante do exposto, encontrar um conceito universal, único, que se adeque à todas as linguagens será muito difícil e tarefa quase impossível. Nem num mesmo país, ou numa mesma região, podemos afirmar a existência de um único Esporte Para Todos, por sua pluralização em seus significados e valores; isso só será possível a partir da relativização de suas práticas - individualizadas ou em grupos com as mesmas aspirações, objetivos, interesses e com as mesmas características sócio-culturais.

O Movimento Olímpico, a partir de Coubertin, tentou elaborar um conceito universal adequado, mas ficou simplesmente no discurso e longe da realidade concreta de cada povo. Mas mesmo assim, não podemos descartar a idéia de que o Esporte Para Todos, ainda se encontra em constituição e estando em constituição, se torna, na concepção do Movimento Olímpico, uma de suas estratégias de alimentação do Olimpismo, demonstrando configurar-se numa via de acesso para tentar estimular a idéia de que a massificação produz a qualidade.

Esta, tem sido uma das grandes discussões realizadas por representantes dos países, quando de encontros do Comitê Olímpico Internacional.

Mais recentemente, no "Centennial Olympic Congress: Congress of Unity"<sup>27</sup>, realizado em Paris, em setembro de 1994, quando das comemorações do centenário do Comitê Olímpico Internacional, essas questões fizeram parte da agenda de discussões desse evento internacional.

Por exemplo, no tema "Contribuição do Movimento Olímpico para a sociedade moderna", quando da discussão sobre "O Olimpismo e sua ética: estruturas do Movimento Olímpico", os participantes concordaram em reafirmar que "a organização e a direção do esporte, em todos os níveis, deveria continuar sendo controlado por organizações reponsáveis pela administração do esporte a níveis nacional ou internacional". No entanto, quando trataram do "futuro dos jogos olímpicos, seus programas", resolveram adotar como um dos principais critérios para a inclusão no programa olímpico, a "universalidade" e a "popularidade" dos esportes, levando em consideração os seus desenvolvimentos na sociedade contemporânea, bem como o respeito às tradições.

Com relação ao Esporte Para Todos, apontaram três tópicos básicos:

- 1 - O Esporte Para Todos, conforme sua própria descrição implica, deve proporcionar a prática do esporte mais acessível para todas as categorias da sociedade, sem distinção de idade ou gênero. Ele engloba todos os tipos de esportes, exceto o de alto nível.
- 2 - O Esporte Para Todos é de responsabilidade de todos. O Movimento Olímpico deve, contudo, assumir um papel signficante em seu desenvolvimento, devendo promover a cooperação entre as várias organizações do Esporte Para Todos e encorajá-las a coordenar suas atividades. O apoio da mídia deve ser procurado.
- 3 - A atenção das autoridades públicas deve estar voltada para a necessidade de encontrar caminhos e meios para assegurar a extensão do Esporte Para Todos, como um fator de saúde e desenvolvimento social.

---

<sup>27</sup> Este Congresso foi presidido por Juan Antonio SAMARANCH, President of I.O.C., e debatido por 3247 participantes, dos quais: 101 membros e membros honorários da I.O.C., 132 representantes das 48 Federações Internacionais, 407 representantes dos 191 Comitês Olímpicos Nacional, além de atletas, técnicos, jornalistas, árbitros, dentre outros.

De acordo com aquele documento, o Movimento Olímpico demonstra, ainda, não ter encontrado condições de assumir o comando das questões do Esporte Para Todos, nem, muito menos de suas organizações, exceto em procurar apoiar iniciativas. Cremos, também, que isto seja uma das tarefas mais difíceis para o Movimento Olímpico, se levarmos em conta a polimorfia, o multiculturalismo e as múltiplas histórias do Esporte Para Todos.

Em relação a esses aspectos, poderíamos discorrer, aqui, inúmeros exemplos. No entanto, pelo fato de maior proximidade, resolvemos utilizar fatos do Movimento Esporte Para Todos no Brasil, para tentar demonstrar algumas evidências que pudessem dar sustentação à essas argumentações.

## Capítulo IV

### ESPORTE PARA TODOS (EPT) NO BRASIL.

A partir de concepções anteriores em torno do relacionamento do Movimento Olímpico e do Esporte Para Todos Internacional, tentamos a compreensão e a reinterpretação daqueles campos do conhecimento, a partir de suas configurações históricas.

A título de exemplificação, intencionalmente, retornamos ao estudo elaborado na dissertação "Perspectivas Históricas sobre o Movimento Esporte Para Todos no Brasil", tentando reanalísá-lo, também, à luz de sua historicidade, bem como tentar explicitar - ou deixar um pouco mais evidente - aos nossos interlocutores, aspectos ligados à singularização desse Movimento no Brasil, não procurando ficar restrito, unicamente, aos seus fatores universais, conforme tem sido apresentado pelo Movimento Olímpico Internacional.

Assim como nos revela BOURDIEU (1983:136-52), ao tratar da questão do "campo esportivo", a pesquisa "Perspectivas Históricas do Movimento Esporte Para Todos no Brasil" apresenta indícios de que a gênese do Movimento Esporte Para Todos, nesse País, foi também resultante de mais um jogo produtivo de bens simbólicos, próprio do processo de relações sociais, verificado ao longo da história na Educação Física e nos Esportes. Mediante experiências sócio-culturais pré-concebidas e historicamente construídas de práticas do esporte, essas experiências foram ofertadas aos agentes sociais - mais tarde agentes EPT - destinando-se ao encontro

de uma certa demanda mercadológica existente no contexto social brasileiro, a partir da década de 70.

Da mesma forma como ocorre na Educação Física, na Educação, no Esporte e no Lazer, o Movimento Esporte Para Todos, em alguns momentos acadêmicos, foi conceituado como mais uma mercadoria<sup>1</sup> da sociedade de consumo, "dotada de lógica e de história próprias que, mesmo estando articulada com outros eventos contemporâneos, possuiu seu próprio tempo, suas próprias formas de evolução, suas próprias crises e cronologia específica"<sup>2</sup>.

Dentro desta perspectiva, o EPT brasileiro foi entendido enquanto resultado de apreensões do conhecimento de um "produto" imaginariamente criado na sociedade Norueguesa, em 1967 - o movimento de marketing TRIM - e "consumido", de formas diferentes em outros países, inclusive no Brasil<sup>3</sup>.

No Brasil, grande parte dos pesquisadores o vêem como mais uma inspiração ética e/ou estética, materializada em propostas funcionalistas e/ou utilitaristas, relacionada à importância da prática popular, lúdica e não formal de atividades físicas e esportivas, para serem consumidas, por indivíduos ou grupos, em momentos de lazer.

A historiografia do EPT brasileiro demonstra, da mesma forma, que a percepção desse conhecimento por profissionais da área, estimulada pela ânsia de apresentar alguma inovação metodológica na prática da Educação Física e do Esporte, provavelmente tenha sido um dos pontos de partida do EPT, na tentativa de acelerar mudanças, ou mesmo apresentar uma nova/possível alternativa para os modelos vigentes, tanto na Educação Física, quanto no Esporte, até a década de 70.

---

<sup>1</sup> ."Mercadoria" não num sentido puramente economicista, material, mas por seu valor de uso, resultante da força de um trabalho social, com seus significados, história, revelando uma ação social, porque ela é, também, uma relação social.

<sup>2</sup> .Ver texto de BOURDIEU "Como é possível ser esportivo?". In Questões de sociologia, 1983, p. 136-52.

<sup>3</sup> .Ver dissertação de mestrado "Perspectivas Históricas sobre o Movimento Esporte Para Todos no Brasil", 1993.

A pesquisa "Perspectivas Históricas do Movimento Esporte Para Todos no Brasil" não chega a afirmar que o modelo adotado no Brasil tenha sido simples cópia do movimento europeu. Mais que isso, os argumentos desenvolvidos demonstram ter tido o EPT brasileiro, senão gênese própria, motivação e ambiente próprios, reforçados pela predisposição e cultura da maioria das comunidades brasileiras.

Analisando objetivamente e intersubjetivamente algumas das características do EPT, evidenciadas no Brasil, esta pesquisa demonstrou, dentre outras questões, ainda, ter sido o Movimento Esporte Para Todos, intencionalmente difundido como mais um dos bens simbólicos estimuladores de "prazer" e de qualidade de vida para o povo brasileiro. Só que, a universalização desse prazer tornou-se algo praticamente impossível, tendo em vista a pluralidade de sujeitos, de idéias e polimorfia das ações sociais e comunitárias que estavam imbricados nesse movimento<sup>4</sup>.

Esta pesquisa, levando em conta, também, aspectos inerentes à lógica da sociedade de consumo, com suas formas de conduções, tenta concretizar - decodificar e codificar - a imagem do EPT, enquanto um bem materializado - como no Esporte, no Turismo, no Lazer etc. - apreendido dos mais variados pontos de vista, inclusive, como mais uma das "máquinas" do mundo contemporâneo capitalista, dita produtora de prazer, que utilizou-se dele como um dos seus condicionantes no tempo de lazer.

Não obstante esta perspectiva, esse processo obedecendo à regra geral, possivelmente tenha enveredado para o que LEFEBVRE (1991:91), em "A vida cotidiana e o homem moderno", chamou de "obsolescência da necessidade" e CASTORIADIS (1982) denominou de "vínculo do imaginário radical com o efetivo", ou

---

<sup>4</sup>. Tenho insistido nos termos "comunidade" e "sociedade" pela forma como os apreendo, enquanto processo de ações sociais. Ou seja, considero que essas ações se organizam em dois níveis: em comunidade e/ou em sociedade. Em comunidade, quando a ação humana, subjetivamente, provida de sentidos, se refere ao comportamento de outros sujeitos. Por exemplo, o fato de pessoas saberem conviver amigavelmente com outras pessoas, ou não, são formas de comportamentos reais ou pensados como potencialmente possíveis e dependentes de ações intersubjetivas. Em sociedade quando esta ação se orienta em função de um mundo societário, contratual, regulamentado racionalmente com relação a fins. Por exemplo, o Estado é fruto de um contínuo recriar da sociedade, eleito como o agenciador de um determinado contrato social.

seja, as coisas são criadas, tornam-se obsoletas, são recriadas e transformam-se, em função de um dito progresso "sem fim"<sup>5</sup>.

CASTORIADIS (1982), também aborda essa questão afirmando: "o ser humano está sendo empurrado pelo jogo dos bens simbólicos e pela manipulação do imaginário. A instituição imaginária da sociedade é um exemplo típico desse bem simbólico. A hierarquia, as leis, as normas, a disciplina, a bandeira, o hino, a mídia, dentre outros, configuram-se como alguns dos representantes desses jogos de bens simbólicos e de manipulação do imaginário na sociedade".

Assim, para esse autor, cada bem material poderá ser entendido como símbolo causador de prazer, ou não. Ficarà na dependência de que esse bem material transforme-se numa máquina de prazer, condicionando, até, esse prazer à posse de coisas.

Com base nesse papel das significações imaginárias, esse autor deixa bem claro o entendimento de que os corpos são, também, marcados pelos processos de relações e de poder da sociedade. Diz ele: "quando eu olho ou me apresento a alguém penso estar me remetendo a alguma coisa. Provavelmente eu me pense capaz de transmitir quem sou eu, esperando do meu interlocutor a percepção da minha representação". Estes tipos de argumentações, levaram CASTORIADIS a afirmar estar sendo o mundo social, cada vez mais, constituído e articulado em função de sistemas de significações - é o que ele denomina de "imaginário efetivo". Ou seja, as idéias materializadas, fazem parte da nossa realidade, possuem significados, são articuladas e marcadas por processos de relações e de poder da sociedade.

Dentro desse prisma, a pesquisa "Perspectivas Históricas do Movimento Esporte Para Todos no Brasil" aponta indícios de ter sido, também, o EPT brasileiro, "um projeto governamental organicista" - que nasceu, cresceu, desenvolveu-se e

---

<sup>5</sup>. Essa "obsolescência é programada" e, segundo os autores, normalmente ocorre quando o indivíduo ou grupo de indivíduos entram no chamado "stress do prazer".

morreu - assim como, provavelmente, tenha acontecido com outros projetos políticos do porte do EPT. Provavelmente, isto tenha acontecido, da mesma forma, em função de um dinâmico processo de contradições de políticas públicas - entre o "prazer" e o "stress do prazer", causando um "não prazer" - as quais passaram a ser articuladas segundo um determinado momento de intervenção social e de poder político diante da sociedade, em confronto com os interesses das instituições governamentais. Como exemplo disso, foi citado, naquela pesquisa, a atitude do Ministro Ney Braga que, por pressões políticas, estipulou um prazo de 48 horas para que a então "Campanha Esporte Para Todos", de responsabilidade do Movimento Brasileiro de Alfabetização, fosse desativada<sup>6</sup>. Os motivos alegados foram os gastos excessivos, com uma Campanha que já havia atingido, mais de seis milhões de pessoas e três mil novecentos e cinqüenta e três municípios brasileiros.

Naquela época, o evento de impacto tinha sido eleito como uma das principais estratégias utilizadas pela Campanha para a mobilização popular. O objetivo era estimular a prática de atividades físicas informais, com base em iniciativas locais, conferindo, à massa, papel de mídia principal para a mobilização e motivação dos participantes. A mídia eletrônica também desempenhava papel de relevância para o desenvolvimento dessa Campanha. Estas estratégias foram se avolumando e o MOBREAL já não tinha mais como efetivar um controle absoluto das ações. Assim, este movimento de massa passou a não agradar a maioria dos políticos que apoiavam o Governo Militar, motivo de sua desativação. Apesar de estarmos vivenciando um dito período de distensão política do Presidente Geisel, foi mais uma das demonstrações de que o Governo Militar não tinha interesse que acontecessem mobilizações e adesões em massa, como aquelas que já estavam acontecendo no Brasil, pois, essas manifestações eram vistas como ameaçadoras do poder, naquele momento histórico.

---

<sup>6</sup>. Ver Dissertação de Mestrado "Perspectiva Histórica do Movimento Esporte Para Todos no Brasil", 1993, p.93.

Aquela pesquisa aponta, que enquanto teoria e prática, o Esporte Para Todos, mesmo com a desativação da Campanha, não deixou de se desenvolver no Brasil. Esta afirmativa torna-se verdadeira quando verificamos que a idéia do EPT ainda está se constituindo na sociedade brasileira - estão havendo novas descobertas - independentemente da obrigatoriedade de rótulos e diferentemente com o que aconteceu com o projeto governamental original.

Vários autores como DaCOSTA com estudos sobre o não-formal e as questões multiculturais do esporte; DIECKERT e HILDEBRANDT estimulando estudos para a Educação Física e Esportes abertos à experiência; MARCELLINO e OLIVEIRA com estudos sobre o lazer; GEBARA, coordenando um grupo de estudos de História do Esporte, Lazer e Educação Física na UNICAMP, preocupado com essas discussões<sup>7</sup>; e, TAFFAREL, dentre outros pesquisadores, também preocupada com os aspectos pedagógicos do esporte e da Educação Física na Escola, nos demonstram essas tendências.

Ficou constatado que a década de implantação do EPT brasileiro -década de 70 - foi um marco histórico para a Educação Física e o Esporte no Brasil; período em que profissionais da área começaram a demonstrar predisposições à discussões em torno de problemas metodológicos e pedagógicos da Educação Física, do Esporte e do Lazer - principalmente por aqueles que estavam adentrando no mercado de trabalho. Tal fato ficou evidenciado quando o autor levou em conta de que foi o período em que o fenômeno COOPER estimulou praticantes para a corrida de rua e, da mesma forma, passou a estimular profissionais a uma tendência de busca para valores mais científicos e metodológicos. Na área pedagógica dos cursos de formação profissional foi introduzida a disciplina "Treinamento Desportivo". Além disso foi o período da criação do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte; de cursos de Pós-Graduação; da implantação dos primeiros laboratórios de fisiologia; e, da mobilização de profissionais

---

<sup>7</sup>.Ver Coletâneas do I e II Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física.

da área para esses cursos, quando parte do problema estava em saber como é que essas áreas se tornaram problemas.

Segundo a historiografia da Educação Física e do Esporte brasileiros, essas discussões, normalmente, giravam em torno de tensões conceituais no interior desses campos do conhecimento e, quase sempre, relacionadas à "crise de identidade", formação profissional e dos desequilíbrios existentes em suas formas de condução social.

Aparentemente, percebia-se uma certa angústia e um certo descontentamento de profissionais, com o modelo adotado no Brasil. Modelo este que, a cada dia, aparentava esvaziar-se de toda sua significação e legitimidade.<sup>8</sup>

Em discursos apresentados na literatura, por alguns desses profissionais, dá para se perceber, em determinados momentos, que a "nossa" área específica, parecia tornar-se a "deles". Isto é, de outras áreas, como foi o caso da educação que exerceu e ainda exerce grandes influências, principalmente na Educação Física Escolar e no processo de formação do profissional, demonstrando, com isso, uma certa desmobilização ou um certo desconforto em relação ao projeto vigente da Educação Física no Brasil. Existiam intencionalidades de estímulos à mudanças, por parte de uma pequena elite de profissionais, mas, suas idéias, de modo geral, confundiam-se com o modelo vigente e não eram bem assimiladas pela grande maioria dos profissionais da área<sup>9</sup>.

Com estas idéias possivelmente sendo minadas e tomando um certo impulso, a partir desses grupos minoritários, ditos insatisfeitos, ameaçados, oprimidos e com

---

<sup>8</sup>. Lembro-me que na época eu, particularmente, não mais aceitava plenamente os modelos de Educação Física repassados pelo Curso de Educação Física da Universidade Federal de Alagoas e os adotados como sendo os melhores para o desenvolvimento de uma Educação Física Escolar - calistenia, método Francês, método desportivo generalizado, método natural austríaco, etc.

<sup>9</sup>. Sugerimos leitura do "Diagnóstico de Educação Física/Desportos no Brasil", publicado por L. P. DaCOSTA. Ver, também, obras de MARINHO, RAMOS, FARIA Jr., SIMRI, DaCOSTA, DIECKERT, TUBINO, GAELZER, GOUVÊA, REQUIXA, bem como publicações do DED, da Revista Brasileira de Educação Física, anais de congressos, Revista do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, dentre outras.

distorções prático-teóricas, passou-se a vislumbrar outros significados que iam de encontro aos instaurados no, então, projeto vigente na Educação Física e no Esporte brasileiros. Estes grupos de profissionais - muito poucos - principalmente após participarem de estudos na Pós-Graduação, procuraram demonstrar ser possível uma consciência em torno de novas singularidades, valores e significados para a Educação Física, o Esporte e o Lazer; motivo que nos leva a crer, ter sido a implantação de cursos de Pós-Graduação, na década de 70, um dos pontos de partida para novas/possíveis interpretações desses campos de conhecimento no Brasil.

E, foi nesse momento histórico - fase da "crise de identidade" - de confusão conceptual e de amplas discussões entre profissionais da Educação Física, que o Esporte Para Todos foi implantado no Brasil. Com propostas alternativas e menos formais, o EPT surgiu como uma espécie de elemento estimulador, tanto para a Educação Física quanto para o Esporte desenvolverem práticas mais popularizadas, nas comunidades e, também, pelas comunidades.

Como já foi comentado anteriormente, isto aconteceu no momento em que grande parte do povo brasileiro sofria um certo traumatismo social, cultural, econômico, político e, até, psíquico, em função do modelo governamental - definido como ditatorial - instaurado no Brasil desde 1964.

A implantação da então "Campanha Esporte Para Todos", foi considerada, por uns, como um meio dito econômico de tentativa de mobilização popular e considerada, até, como de manipulação popular, através da prática de atividades físicas. Para outros, um momento histórico propício para reforçar o processo de mobilização de alguns movimentos populares já existentes. Por exemplo, as organizações de associações de bairros, centros comunitários, associações comunitárias, dentre outras, que, conjuntamente com "o novo sindicalismo", constituíram-se como alternativas de planejamento para reivindicações de direitos às condições básicas de sobrevivência para as classes trabalhadoras do Brasil, naquele momento de distensão

política. Realmente configurou-se como um período de grandes movimentos de massa, vivenciado no Governo Geisel. Por isso mesmo, motivo pelo qual levou o autor a acreditar ter sido este "um momento histórico propício para a implantação do EPT no Brasil"<sup>10</sup>.

Na verdade, o que essa Campanha fez, nada mais foi do que incorporar e adaptar experiências de iniciativas comunitárias, jogos e alguns tipos de esportes, tais como: o futebol pelada, o voleibol de praia, a corrida de rua, passeios a pé e de bicicleta, manhãs e ruas de lazer, entre outras, já praticados no Brasil. Os esforços iniciais estiveram centrados na capacitação de voluntários esportivos, nas promoções locais, na divulgação do que já acontecia no país em termos de práticas não-formais e na mobilização popular para os eventos (de impacto, de sustentação e permanente). O respeito à cultura local foi, desde seu início, identificado como seu princípio ético básico.

Ficou, ainda, evidenciado que além da existência de uma espécie de predisposição para a mobilização da população, haviam investimentos de recursos econômicos em projetos como os do MOBRAL, neste período final do chamado "milagre econômico brasileiro", onde o governo participava, apenas como gestor, normatizador e não como mobilizador.

A demanda para implantação de movimentos populares que estimulassem a prática de atividades lúdicas e não formais do esporte, marcadamente, estava presente naquele "momento histórico" brasileiro.

Exemplo disso, foram outros movimentos surgidos, através da mídia, todos eles anteriores à implantação da Campanha Esporte Para Todos. Esses movimentos - polimorfos - variavam de significado e função social, quando referendados à valoração

---

<sup>10</sup> .Foi a partir da Campanha Esporte Para Todos que começou-se a pensar, mais especificamente, sobre a importância do não-formal na Educação Física e no Esporte. Principalmente, essas discussões passaram a ser mais constantes em Cursos de Graduação dessas áreas.(Ver dissertação de Mestrado "Perspectivas Históricas do Movimento Esporte Para Todos no Brasil", 1993).

que diferentes classes davam aos diferentes esportes. A lógica dessas diferenças, em relação à prática esportiva no tempo de lazer, estava alicerçada, não só em aspectos sócio-culturais, mas, também, em aspectos econômicos, distintamente identificados neste contexto - o que justifica as diversas manifestações intencionais de indivíduos em relação à valoração desse tipo de prática esportiva, no tempo de lazer.

Assim, a idéia de que a gênese do Movimento Esporte Para Todos no Brasil tenha sido, apenas, uma iniciativa de pioneiros, foi totalmente descartada por aquela pesquisa. Como também seria um grande risco atribuir ao EPT uma idéia-força de um programa governamental, com características simplesmente burocráticas. Os fatos demonstram que a essência do EPT brasileiro, a partir da propalada crise da Educação Física e do Esporte, foi sendo progressivamente construída no Brasil - estando ainda em constituição<sup>11</sup>. Essas construções demonstram ter sido alicerçadas, também, em aspirações e interesses atribuídos a profissionais da área - enquanto seus intelectuais orgânicos - advindas de experiências comunitárias específicas, baseadas em fatos culturalmente identificados - como é o caso do futebol pelada, desde 1910; recreação pública, com Gaelzer, em 1920; colônias de férias para crianças, em 1930; ruas de lazer, em 1950; iniciativas de lazer comunitário, em Sorocaba, com Bramante, desde 1970; e, outras milhares iniciativas acontecidas no País, ao longo de sua história.. Evidentemente, o EPT passou a constituir-se, também, num movimento educacional de grandes aprendizagens e descobertas essenciais para profissionais e comunidades, em prol da concretização do que chamamos de "novo esporte" - o esporte participação. "Afim de contas, a essência do. EPT no Brasil, é contribuição da cultura brasileira e não se esgotou nos protagonistas do EPT"<sup>12</sup>,

---

<sup>11</sup>. Os próprios eventos científicos recentemente realizados no Brasil demonstram isso. É o caso do ENAREL, da ALATIR, dos Congressos do CBCE, dos Encontros de História do Esporte, Lazer e Educação Física, do Simpósio Internacional de Esporte Para Todos e Cidade-Esporte sob o patrocínio do SESC/SANTOS, além das costumeiras discussões em Cursos de Graduação e Pós-Graduação. Só não conhecemos manifestações do Comitê Olímpico Brasileiro.

<sup>12</sup>. Testemunho de Lamartine Pereira da Costa, ao autor, em 30/11/91.

apesar das idéias terem sido originalmente trazidas do exterior para o Brasil, por alguns profissionais da área.

Assim como aconteceu com outros movimentos do Esporte Para Todos Internacional, ao nível das idéias, o EPT brasileiro também possuiu estatutos próprios - concretizado como: "documento básico do EPT" - elaborado desde a então Campanha Esporte Para Todos, do Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBRAL. Esse "documento básico do EPT"<sup>13</sup>, apesar de ter sido uma espécie de balizador das ações epetistas, ao mesmo tempo, pelas próprias características do contexto em que foi elaborado, foi identificado, naquela pesquisa, como conservador e possuidor, muitas vezes, de argumentações do tipo: "a ordem fazia parte de sua hierarquia e o progresso representava uma construção sucessiva dessa ordem"<sup>14</sup>. Ou seja, nessa realidade "epetista" haviam idéias que permitiam obediências a uma determinada hierarquia. Estas, apresentando propostas gerais e amplas - determinadas por uma constelação de interesses - transpareciam um inter-relacionamento social viável de vantagens e/ou desvantagens. Mas, por sua amplitude, dificilmente conseguia identificar o ponto central, ativo e dinâmico, do conjunto de transformações e relações vivenciadas por indivíduos ou grupos em suas realidades contextuais.

Na prática, por sua pluralização, aconteciam os vários EPT's, com suas características, histórias próprias e relativamente autônomas. Por sua polimorfia, não havia como adotar um único receituário para uma enorme quantidade de ações comunitárias, nem, muito menos, a obrigatoriedade de um único rótulo. Assim, como já foi mencionado, havia uma grande variedade de EPT's, muitas vezes, uns mais formais que outros; uns mais manipuladores do que outros. Enfim, tudo isso fazia parte desse movimento, o qual cada vez mais complexo de entendimentos e ações, não tinha como

---

<sup>13</sup>. Ver dissertação "Perspectivas Históricas do Movimento Esporte Para Todos no Brasil", FEF/UNICAMP, 1993.

<sup>14</sup>. Visão altamente positivista.

se evitar, isto porque "o respeito à cultura local" favorecia para que estes tipos de conduta social acontecessem.

Não obstante os aspectos éticos apresentados no "Documento Básico do EPT", na prática, algumas formas de dominação normalmente passaram a ser identificadas no Movimento Esporte Para Todos brasileiro - comuns, também, na Educação Física, no Esporte e no Lazer. A partir do processo das relações sociais; determinadas legalmente ou em razão de hábitos de comportamentos, esses tipos de dominação usualmente aconteceram por mero costumes, afetividades, obsessões e/ou por mera inclinação pessoal, de aspirações, interesses e carências individuais e/ou grupais.

Tomando como referencial teórico algumas idéias de Weber<sup>15</sup>, dá para se perceber que três tipos básicos de dominação nortearam o EPT. Estas, quase sempre ligadas à questões voltadas para a qualidade de vida dos indivíduos, na busca de um determinado **tipo ideal**. São elas: a dominação de ordem legal, tradicional e a carismática.

No EPT brasileiro, entendemos que, historicamente, a "dominação legal" ficou caracterizada enquanto modelo organicista governamental, gestor, racional, estatutário, o qual serviu como referencial societário para as ações de indivíduos ou grupos de indivíduos em suas formas de condutas sociais. Este, apesar de ter sido, de início, estimulado por um modelo Norueguês, foi predominantemente baseado em documentos da UNESCO, do Conselho da Europa, da ONU, definido oficialmente no Brasil, como "Desporto de Massa", pela Lei 6.251 de 08/10/75 e materializado no "documento básico do EPT" - orientador teórico para suas práticas. A partir de 1988<sup>16</sup>, o Esporte Para Todos foi definido, na Constituição Federal do Brasil, como "prática recreativa de jogos e exercícios físicos entre as diversas opções de lazer que se produzem nas comunidades"<sup>17</sup>. Este foi um fator importante para o EPT brasileiro,

---

<sup>15</sup> Ver Metodologia das Ciências Sociais, 1992.

<sup>16</sup> Foi o ano em que aconteceu a desativação da Central de Difusão da Rede EPT.

<sup>17</sup> Ver BRASIL/MEC/SEED: "Esporte Não Formal: propostas de programas para municípios", p.7.

porque a legitimação institucional de sua prática já havia sido consolidada desde as últimas décadas; passando da prática não institucionalizada - como manifestação cultural da população - para a prática de eventos organizados, produzidos ou patrocinados por entidades governamentais ou privadas, com base em iniciativas locais.

A "dominação tradicional" verificou-se na prática dos EPT's. As experiências práticas deixaram transparecer que esta existiu em função do respeito à crenças tradicionais das comunidades e, praticamente, de poderes e/ou fascinações que as ações do EPT proporcionavam à grande parte das comunidades envolvidas. Baseando-se, quase que exclusivamente, no comunitário, no relacionamento intersubjetivo, adquiria, em alguns casos, características semelhantes ao tipo de dominação patriarcal; estimulando o respeito mútuo entre os indivíduos, com base em suas características culturais dos contextos existentes.

A "dominação carismática" existiu e foi marcante no EPT brasileiro, em função de uma determinada crença afetiva ligada a líderes carismáticos - aos cognominados Agentes EPT. Na verdade, os Agentes, juntamente com a mídia, se transformaram em elementos básicos de sustentação desse movimento no Brasil.

Nas ações do EPT, o tipo de dominação carismática foi marcante e apresentou-se, quase sempre, mesclada de aspectos objetivos e intersubjetivos ou, então, predominantemente intersubjetivos. Por exemplo, as questões de oferta, demanda e consumo do EPT, possuíram muitas diversificações e, muitas vezes, ficaram na dependência de ações dos Agentes EPT, quando da abordagem a uma determinada comunidade, da capacitação de recursos humanos ou da divulgação desse Movimento nas comunidades<sup>18</sup>.

---

<sup>18</sup> Segundo Weber a dominação carismática se concretiza quando de uma determinada crença voltada ao extra-cotidiano, ao inaudito e ao arrebatamento emotivo que constituem uma possível fonte de devoção pessoal

Conforme foi evidenciada na pesquisa "Perspectivas Históricas do Movimento EPT no Brasil", os sucessos eram obtidos mediante predisposições entre seus interlocutores, para a troca de interesses, idéias, bem como, da forma como, carismaticamente, os Agentes - atores e autores do EPT - se conduziam nas comunidades.

Esses tipos de dominação se expressaram difusas diante dos indivíduos e das comunidades. Aquela pesquisa cita como exemplo, o "Decálogo" - o ideário do EPT no Brasil - como uma das poucas coisas, senão a única, que se manteve constante, intacta, desde sua implantação. Por contágio de emoções, por nostalgia ou mesmo obsessão, ficou clara sua mitificação pela maioria dos Agentes Institucionais, principalmente os das Unidades Federadas, a partir do momento em que elegeram-no como um ideário composto de um sistema de crenças, coerente e completo. A provável razão de sua permanência quase intacta, deve ter acontecido pelo fato de ter sido este ideário pouco discutido com a grande maioria das comunidades, bem como, pela comunidade acadêmica. A sua interpretação variava no tempo e no espaço, em função do próprio nível de conhecimento dos Agentes envolvidos, bem como dos momentos históricos vivenciados pelo próprio movimento ao longo de suas histórias. Mas, assim mesmo, o Decálogo foi um ideário que procurava conservar um valor eminentemente explicativo, na medida em que tentava justificar e fornecer uma série de "chaves" para a compreensão das ações desse movimento no Brasil<sup>19</sup>.

Entre os "Agentes EPT"<sup>20</sup> esses tipos de dominação se fizeram presentes e se apresentaram mesclados. Possuidores de determinados carismas, devido suas lideranças comunitárias e/ou institucionais, esses Agentes procuravam incorporar e difundir o EPT segundo os contextos de seus relacionamentos sociais - em

---

<sup>19</sup> Ver análise da Carta de Compromisso do EPT - espécie de código de ética elaborada por Agentes de Ligação das Unidades Federadas, em 1983 - na dissertação de mestrado "Perspectivas Históricas do Movimento Esporte Para Todos no Brasil", FEF/UNICAMP, 1993, p.121.

<sup>20</sup> A Carta de Compromisso do EPT identificava quatro tipos específicos de Agentes: Endógeno, Independente, Profissional e o Agente Teórico.

comunidades, em escolas, em universidades, em colônias de pescadores, em favelas, na zona rural etc. Por exemplo, o "Agente Endógeno" foi reconhecido como o agente comunitário nato, advindo da própria comunidade; o "Agente Independente" como autônomo, atuando independentemente de qualquer vínculo institucional; o "Agente Profissional ou Semi-Profissional" como aquele que possuía vínculo institucional e se configurava no Agente Estadual - cognominado de "Agente de Ligação das Unidades Federadas" - e nos Agentes Municipais - ligados às Prefeituras dos Municípios; e, o "Agente Teórico" configurado na pessoa do intelectual orgânico e dos críticos do EPT brasileiro. Eram considerados Agentes Teóricos os pesquisadores, estudiosos e Professores Universitários que elaboravam críticas e propostas teóricas relacionadas a esse movimento. Algumas vezes, esses tipos de agentes se mesclavam, assim como seus tipos de ações.

Ficou caracterizado, ainda, que O EPT brasileiro foi um movimento que procurou estimular, não só as ações comunitárias, mas pesquisas, foros de debates entre profissionais da área, áreas afins e entidades representativas. Por outro lado, com a implantação da Rede EPT, em 1982, este fato foi mais evidenciado; a comunicação foi definida como elo importante para o desencadeamento do processo. A Rede EPT adotou uma Central de Difusão a qual, através de seus veículos de comunicação, passou a ser um espaço aberto ao profissional da área e áreas afins para o desempenho da crítica; constituiu-se, numa espécie de canal de circulação de informações, visando a integração de idéias e práticas, de oportunidades, de pessoas, grupos e/ou entidades mobilizadas e adeptas do EPT no Brasil. Além de eventos populares, procurava estimular a realização de pesquisas, congressos, cursos, eventos científicos.

Com a criação da Rede EPT, os Agentes tiveram, também, oportunidade de expor suas criatividades para a difusão desse movimento nas comunidades brasileiras. Vários exemplos populares foram constatados, dentre eles: no município de Arapiraca-

Alagoas, criaram, até, uma "Bandeira do EPT", enquanto representação simbólica, desse movimento, naquele Município; em Maceió, foi criada a "Jangada Esporte Para Todos" como uma forma de divulgação artesanal; no Estado de São Paulo as ações de divulgação do EPT já eram mais sofisticadas; no Piauí, o trabalho estava mais voltado para a escola; no Mato Grosso do Sul para as ações comunitárias. Enfim, havia uma infinidade de ações que essa pesquisa identificou como "os vários EPT's".

Em todos os Estados e na maioria dos municípios brasileiros, a simbologia do EPT já tinha sido estampada e difundida das mais diversas formas. Subjetivamente ou objetivamente, difundia-se o EPT no Brasil, enquanto teoria, práticas e/ou publicidades artesanais ou eletrônicas, segundo características regionais e/ou locais. Nessas ações do EPT, por suas próprias características de não formalidade, como já foi enfocado, havia uma forte predominância de dominação carismática, mesclada de dominação legal e, até, tradicional.

Ficou evidenciado, naquela pesquisa, que a Rede EPT, não só procurou difundir o EPT nas comunidades, mas também marcadamente esteve presente na prática pedagógica da Educação Física e nos Esportes no Brasil, construindo, estimulando e acumulando fatos. Na verdade, a Central de Difusão da Rede Esporte Para Todos constituiu-se num grande centro de memórias para os campos da Educação Física, do Esporte, do Lazer e do EPT<sup>21</sup>.

Da mesma forma, a história mostra que o EPT, enquanto um projeto de Governo - na sua forma e conteúdo - não foi um dado diferente dos demais projetos desenvolvidos na Educação Física e no Esporte, no Brasil. Suas idéias, em alguns momentos, apresentaram-se de forma tradicionalista; e, em outros momentos, constituíram-se como adaptáveis e, as vezes, avançadas em relação ao momento brasileiro - fazia parte desse jogo. Mas, se levarmos em conta ter sido ele um projeto

---

<sup>21</sup> .Hoje em dia, grande parte do material da Rede EPT, por iniciativas dos Professores Lamartine Pereira da Costa, Edison Francisco Valente e Ademir Gebara - então Diretor da FEF/UNICAMP - foi recuperado e encontra-se na Biblioteca daquela Faculdade de Educação Física, da Universidade Estadual de Campinas, desde 1992.

político, e que a política normalmente é sempre uma resposta a alguma coisa, este projeto EPT, da mesma forma, foi reprodutor teórico de conceitos hegemônicos - como eugenismo, higienismo, positivismo, idealismo, sistemismo, funcionalismo, utilitarismo etc.- que permearam a História dos Projetos de Educação Física e Esporte, elaborados por Governos brasileiro, até aquele momento histórico. De modo geral, o projeto EPT tentou estimular uma prática recreativa e recreativa, a partir de iniciativas tradicionais que já aconteciam no Brasil. A diferença, realmente, foi constatada quando de suas formas de condução ao nível comunitário, onde a riqueza desse projeto mudou de conteúdo e forma; esteve, muito mais centrada em sua experiência empírica do que em princípios teóricos, constitutivos do seu projeto de base. Mesclada de racionalidade com irracionalidade, ou mesmo, de consciente com inconsciente coletivo, sua prática foi sendo construída ao longo do tempo e incorporada pelo projeto. Essa construção histórica propiciou para que o entendimento do EPT passasse a adquirir variadas configurações, com significados, funções, valores próprios e comunitariamente autônomas<sup>22</sup>.

### **EPT: o mito.**

Conforme foi observado, as experiências do EPT brasileiro, demonstraram possuir amplitude maior do que as comentadas por autores na literatura, ou mesmo, as existentes em documentações.

---

<sup>22</sup> .Ver periodização elaborada na dissertação "Perspectivas Históricas do Movimento Esporte Para Todos no Brasil", 1993. A lógica interna que nos referimos aqui foi baseada na própria periodização do EPT. Por exemplo: metodologicamente essa pesquisa foi dividida em três momentos distintos, ou seja em tempos distintos. Entre esses tempos, existem espaços onde se verificam os processos históricos. Portanto, foi tentando entender a dinâmica que comandou a lógica interna do processo em cada espaço de tempo, que desenvolvemos o nosso estudo.

Analisando objetiva e intersubjetivamente o Movimento EPT no Brasil, constatamos que tanto as ações objetivas, quanto as intersubjetivas constituíram-se em formas de dominação - legal, carismática, tradicional - na busca de determinados tipos ideais.

As ações objetivas foram enfaticamente marcantes, a partir de sua definição enquanto projeto de Governo, com normas legais e éticas, como ato ou efeito reguladores de condutas direcionadas para ações intersubjetivas - apesar de, intencionalmente, tentar reconhecer a personalidade de cada indivíduo ou grupo de indivíduos. A análise do Documento Básico do EPT evidenciou a existência de uma produção imaginariamente simbólica, hierarquizada, baseada no Estado, na sociedade civil, na família, no indivíduo, dentre outras. Demonstra, inicialmente, prioridades preestabelecidas, objetivamente elaboradas e de interesses ideológicos e governamental.

As ações intersubjetivas configuraram-se a partir do momento em que os "atores" do movimento buscaram formas alternativas de ações e passaram a ser identificados, também, como seus "autores". Independente do tipo de dominação existente, a forma de condução das atividades sociais passou a ter uma intencionalidade e/ou iniciativas individuais ou de grupos de indivíduos; características das formas de dominação, predominantemente, tradicionais e carismáticas.

Na verdade o que se constata, em tudo isso, é um Movimento Esporte Para Todos - principalmente após 1982, com a Rede EPT - enquanto um organismo vivo, o qual agigantando-se, transformando-se e/ou reconstruindo-se, configurou-se como uma espécie de "mito do complô" ou "mito da conspiração" para os campos de conhecimento da Educação Física e dos Esportes, no Brasil. Tal afirmação poderá ser comprovada se refletirmos este movimento, levando em conta o seu crescimento prático-teórico, bem como, a introdução de uma proposta de não-formalidade e informalidade, em um contexto onde tipos de formalidades, predominantemente, já se

faziam presentes há mais de 50 anos e, praticamente, não demonstravam mudar. Não foi à-toa que essa alternativa tenha provocado uma possível ruptura, ou mesmo, uma deformação interpretativa naquilo que estava sendo apresentado como "modelo de Educação Física e Esportes brasileiros", na década de 70.

Com seu discurso original, o EPT apresentou-se como um movimento polimorfo em suas ações prático-teóricas, onde sua idéia-força adquiriu uma imagem e uma simbologia inovadora de "não formalidade e informalidade" - uma identidade - procurando fortalecer-se e, cada vez mais, dar consistência à lógica interna que comandou esse movimento no Brasil.

Para a justificativa de sua implantação no Brasil, algumas dimensões foram observadas: sociais, psicológicas, econômicas, políticas, educacionais e de saúde.

Enquanto dimensão social, foram utilizados argumentos relacionados ao reconhecimento de uma urbanização acelerada no Brasil trazendo problemas de massificação sócio-cultural, provocado pelo crescimento da marginalização de alguns segmentos; pela ampliação do tempo de lazer como resultado do desenvolvimento tecnológico; da necessidade de ocupação do tempo livre dos jovens quando estão fora da escola, dentre outras. As dimensões psicológicas do EPT estiveram ligadas a "arquétipos" de prazer, vontade, competição, jogo, ludicidade, criatividade, recriatividade e de relacionamento entre o consciente e o inconsciente coletivo, como sublimadores de indivíduos e/ou grupos sociais. As dimensões econômicas estiveram relacionadas às dependências de oferta, demanda e consumo que o mundo dos esportes, dos lazeres, do turismo, da propaganda proporcionam - seria uma das formas de acompanhamento das exigências da sociedade capitalista. Suas dimensões políticas abordaram mais as questões voltadas para a necessidade da sociedade estar comprometida com o "emblema nacional"- uma produção simbólica nacional mais globalizada - e, mesmo, de exaltação à nacionalidade e de apoio ao Governo. As dimensões de saúde e educacionais estiveram voltadas para o esporte enquanto um

dos meios de educação - dentro e fora da escola - bem como em torno do maior esclarecimento da população sobre os benefícios da atividade física - esportiva ou não - da vida ao ar livre, dos malefícios da inatividade e do esporte como um dos meios de prevenção contra determinadas doenças cardiorespiratórias.

Com base nessas e outras dimensões, foi criado "O Decálogo do EPT"; um ideário eleito, pelos Agentes, como uma espécie de código de ética e de referências para iniciativas locais. Esse Decálogo, possuiu influências Paulofreirianas; foi resultado de uma produção simbólica do decálogo adotado pelo MOBREAL e, também, esteve repleto de termos e/ou expressões de ordem, como: lazer, saúde, desenvolvimento comunitário, integração social, civismo, humanização das cidades, valorização da natureza, adesão à prática esportiva, adesão ao esporte organizado, valorização do serviço à comunidade<sup>23</sup>. Considerado quase imutável em seu conjunto, o Decálogo do EPT foi um ideário que tentou transcrever e transmitir intencionalidades de suas idéias-força. A existência reconhecida de uma lógica baseada no não-formal e no informal, foi, também, um dos pontos de apoio oferecido aos Profissionais da área para possíveis/novos entendimentos metodológicos e pedagógicos nos campos da Educação Física, do Esporte e do Lazer - escolar e não escolar. Cremos que com essas dimensões e a partir das propostas do EPT no Brasil, o "vírus" da desescolarização já havia contaminado a sociedade brasileira, principalmente nos grandes centros urbanos.

Levando em conta essas considerações, historicamente, somos induzidos, também, a identificar o EPT enquanto uma "constelação mitológica", que veio contribuir com idéias para serem adicionadas àquelas que, até então, estavam, tradicionalmente, sob o domínio da Educação Física e dos Esportes. Entendemos o EPT como mais uma das tentativas de reunião de saberes em torno de um núcleo

---

<sup>23</sup> Não podemos deixar de levar em conta de que, apesar do Decálogo ter sido eleito, por Agentes EPT, como espécie de "código de ética", não podemos enquadrá-lo naquilo que Weber denominou para a burocratização: uma "gaiola de ferro". Pois, na verdade, não se constituía em um conjunto de "códigos ou normas", mas apenas como um ideário de referências para as iniciativas comunitárias e de apoio para os trabalhos de capacitação de recursos humanos.

central - estímulo à melhoria da qualidade de vida dos indivíduos, utilizando-se como ferramentas educacionais, práticas de atividades físicas não formais, para os momentos de lazer.

Num primeiro momento, o EPT, realmente, conseguiu ser reconhecido por alguns profissionais, como um provável instrumento estimulador, necessário a possíveis mudanças metodológicas da Educação Física, do Esporte e do Lazer no Brasil. Mas, em outros, foi altamente criticado, como um suposto projeto de qualidades duvidosas e, até mesmo, negativas em suas aspirações; contraditório em suas intencionalidades, de contraposição e expressão invertida, o qual veio estabelecer-se, pejorativamente, como mais uma nova trama social.

Com a Rede EPT - a partir de 1982 - essas questões subjetivas ficaram, cada vez mais, marcantes - esclarecidas para uns e não esclarecidas para outros. Mas, a historiografia mostra uma forte descaracterização das ações objetivas - identificadas no projeto original - dando espaço a modelos criados e recriados espontaneamente por indivíduos em suas comunidades. Por outro lado, "as idéias, do estímulo à não formalidade e à descentralização de atividades físicas no lazer, foram bastante receptivas, envolvendo os mais diversos segmentos da população brasileira<sup>24</sup>.

A história revela, ainda, que a influência do não-formal e do informal, propagada pelo EPT, foi receptiva, também, ao nível escolar. Isto começou a acontecer a partir do momento em que alguns ideários escolares passaram a propor práxis heterogeneizadas, criativas, libertárias, abertas às experiências - tal qual o discurso comum sustentado por teóricos do EPT - como DaCOSTA, BRAMANTE, MATIAS, TAKAHASHI, STEINHILBER etc. - e por progressistas da Educação Física - como FARIA JÚNIOR, TUBINO, CAMPFILDE, OLIVEIRA, MEDINA etc. - em contraposição ao modelo homogêneo e padrão, até então vigente em escolas brasileiras.

---

<sup>24</sup> .Ver considerações finais da dissertação "Perspectivas Históricas do movimento Esporte Para Todos no Brasil", 1993.

Alguns cursos de Educação Física passaram a adotar procedimentos metodológicos, referendados no discurso do EPT, abrindo espaços ao não formalismo, como um processo de relação dialética entre as práticas formais da Educação Física e dos Esportes. no processo de formação profissional. Os fatos demonstram, ainda, ter sido a disciplina Recreação, dos cursos de graduação, um dos ambientes favoráveis para a discussão e difusão da filosofia "epetista" junto a profissionais e acadêmicos da Educação Física, pelas próprias características de seus conteúdos e objetivos. Segundo VALENTE (1985:9), "não havia outra alternativa, senão a maior integração entre os Agentes de Ligação e os Professores de Recreação das Universidades". Segundo esta pesquisadora, "tanto o EPT, quanto a Recreação, possuem características fundamentalmente não-formais e informais, não existindo, praticamente, qualquer diferenciação em suas atividades" (p.58). Essa pesquisadora ainda afirma: "foi a partir deste elo de ligação - Professores de Recreação e Agentes de Ligação do EPT - que surgiu o fio condutor que proporcionou o início de uma determinada revisão de ações da disciplina Recreação, em alguns Cursos de Educação Física, bem como, fortaleceu o significado dessa relação entre o Esporte Para Todos e a Recreação"<sup>25</sup>.

***"O EPT oportunizou também, ao profissional da Recreação, a iniciação de um trabalho mais sistematizado e científico. Esses estímulos foram repassados em encontros de capacitação de recursos humanos, onde a tônica principal girava em torno dessas alternativas. Como exemplo disso podemos citar, dentre outros, o encontro de Natal-RN, realizado em fevereiro de 1984"***<sup>26</sup>.

Atualmente, grande parte dos profissionais da área, que está trabalhando com Recreação e Lazer, tanto no nível secundário quanto na graduação e Pós-Graduação,

---

<sup>25</sup>. Ver monografia "Recreação: um discurso teórico-prático do Movimento Esporte Para Todos", de Márcia Chaves Valente. Santa Maria: UFSM-RS, 1985.

<sup>26</sup>. Testemunho da Professora Márcia Chaves Valente, em abril de 1992.

são advindos de experiências adquiridas no Movimento EPT e/ou em movimentos ou programas similares, como os do SESI, SESC, MUDES, MEXA-SE , entre outros.

Essas experiências - do EPT e/ou programas similares - tanto a nível da objetividade, quanto da intersubjetividade, são expressões externa e internamente bastante presentes, atualmente no Brasil, na graduação, na Pós-Graduação e em diversos movimentos ou programas, independente das rotulações adquiridas<sup>27</sup>.

Conforme ficou evidenciado, as ações objetivas foram identificadas como materiais e produzidas simbolicamente pela codificação de idéias - no documento básico, nos projetos da Rede e outros projetos similares, nos textos destinados à capacitação de recursos humanos, na Carta de Compromisso, em currículos das disciplinas Recreação e Lazer, dentre outros. Foram codificações processadas, decodificadas e transportadas aos indivíduos mediante formas de linguagens e símbolos; expressões em linguagens materializadas e identificadas como predominantemente objetivas.

As ações intersubjetivas do EPT, configuraram-se como sendo aquelas com capacidade de inspirar o indivíduo no seu agir, pensar e expressar, através de uma decodificação lingüística material, embasada na imagem, nas idéias-força do EPT. Como já foi mencionado, são ações, muitas vezes, mescladas de racionalidade e de irracionalidade - de consciente e inconsciente coletivos - próprias desses tipos de relações sociais, formas de dominações e de vontade individual.

Ficou claramente evidenciado que o inter-relacionamento dessas produções objetivas e intersubjetivas no EPT brasileiro se fizeram bastante presentes; caracterizado como "uma vasta relação dialética estabelecida entre a teoria e a prática do EPT; relação na qual o projeto orientou a ação e esta alterou o projeto, fazendo com que houvesse estímulo a uma evolução desse processo" (p.164).

---

<sup>27</sup>.Hoje em dia estão sendo mais identificados como "políticas públicas".

Evidentemente, foi uma dinâmica contínua, mas não linear, impulsionada por necessidades e interesses individuais e/ou institucionais, tendo como ponto básico, uma práxis intermediada culturalmente, por formas de condução social formal, não formal e/ou informal, em constante recriação. Os acontecimentos foram frutos de experiências anteriores, mas que sofreram transformações históricas, mediante outras bases referenciais, independentes se foram, ou não, propagadas pelo decálogo, pela Rede EPT ou instituições.

Não foi à-toa que indivíduos, inseridos em seus contextos, tenham adotado o EPT - ou similares - como forma alternativa de prática de atividades físicas no lazer. Este fato talvez possa ser constatado, a partir da própria prática obsoleta de alguns segmentos dos campos da Educação Física e dos Esportes no Brasil, ao adotarem modelos tradicionais advindos dos anos 20; prática esta, identificada, também, como uma das causadoras de um certo desconforto junto a profissionais da área e uma provável estimuladora do desprazer para a grande maioria de seus praticantes.

Portanto, com o auxílio da mídia e Agentes, o EPT também conseguiu implantar suas idéias de não formalismo e informalismo na grande maioria das comunidades e segmentos brasileiros. Em seu processo de relações, tentou unir estratégias políticas, procurando estabelecer vínculos quase permanentes de significantes e significados, de tradicionalismo e de racionalismo, de simbolismos, ações e de autonomias comunitárias, onde essas significações passaram a se expressar das mais diversas formas - nos vários EPT's.

Pela demonstração de evidências historiográficas, estamos convictos de que o estímulo à "desescolarização de atividades físicas" no Brasil configurou-se a partir de mais uma das tramas sociais de oferta, demanda e consumo, mitificada via EPT ou movimentos similares<sup>28</sup>.

---

<sup>28</sup>. Quando introduzo, aqui, o termo "desescolarização", não gostaria que fosse entendido como um processo ou uma teoria que tentasse destruir a "escolarização". Gostaria, sim, que fosse entendido como um processo - produto - da

A Elaboração dessa hipótese está em função de que sua animação criadora de não formalidade, de apelo ao movimento e de incitação à ação - refugiados, talvez, no esteticismo - apareceram como elementos estimuladores de energias, de grande aceitação popular, não curricular, nem obrigatória, legitimando-se, principalmente a partir da década de 70, como um movimento que procurou estimular e até propor uma marcante ebulição conceptual nos campos da Educação Física, do Esporte e do Lazer no Brasil.

---

**apreensão de idéias advindas de experiências adquiridas tanto na Educação Física e nos Esportes escolares, quanto as praticadas por indivíduos em seus contextos sociais - apreensões de experiências adquiridas e praticadas fora da escola, democratizada, desinstitucionalizada.**

## Capítulo V

### **A desescolarização: significados e evidências.**

Após as discussões sobre conceitos e valores do Movimento Olímpico e do Esporte Para Todos, neste tópico, pretendemos refletir a desescolarização, a partir da escolarização da Educação Física e Esportes, utilizando-se, como referencial básico, conceitos e valores emitidos por pesquisadores, bem como, experiências brasileiras vivenciadas, na escola e fora da escola, nos últimos anos. Metodologicamente, as incursões que fizemos nas Histórias do Movimento Olímpico e do Esporte Para Todos, foram estratégias utilizadas para, também, tentarmos entender o fenômeno da desescolarização.

No entanto, antes de adentrarmos para estudar os fenômenos da desescolarização da Educação Física e Esportes, necessitaremos revisar alguns aspectos das epistemologias de Marx e Weber, no sentido de procurarmos historicizar nossa tematização e melhor nortear nossas discussões, em relação à sociedade contemporânea, onde as questões da globalização se fazem, cada vez mais, presentes. Ou seja, como podemos refletir questões sobre a desescolarização sem entendermos as relações de tempo e espaço presentes nos fenômenos contemporâneos, principalmente nas sociedades desenvolvidas e em desenvolvimento?

Para tentarmos responder a esse questionamento, resolvemos partir de algumas concepções Marxistas e Weberianas, de sustentação teórica deste trabalho, para depois recorrermos, basicamente, às discussões de KURZ (1993) sobre a

globalização; LEFEBVRE (1991) sobre a vida cotidiana; ILLICH (1988) sobre a sociedade sem escolas; dentre outros.

Como já tivemos oportunidade de discutir, tanto em Marx quanto em Weber, o Capitalismo foi, e ainda é, um processo capaz de provocar grandes transformações no mundo, apesar da dúvida que pairava, para esses pensadores, sobre sua transitoriedade. Ambos os autores tentam dar um sentido explicativo à essa realidade e criam conceitos que, em alguns momentos, são contrários e, em outros, são convergentes - Marx a partir da Revolução Industrial e Weber pela Ética das Seitas protestantes.

Se levarmos em conta outros exemplos, verificaremos que, para Marx, o Estado está atrelado às classes, é a expressão de uma sociedade incompleta pelas tensões e contradições entre as classes dominantes e dominadas; bem como um produto do contínuo recriar da sociedade para administrar, equilibrar essas tensões sociais - produto de uma ação recíproca dos homens que formam a sociedade. No entanto, para ele, nesse contexto os homens não são livres para escolher suas forças produtivas, porque as forças produtivas são adquiridas - compradas.

Para Weber, o Estado, é a expressão da sociedade, enquanto organismo vivo e organizado, pela racionalização progressiva de interesses pessoais; susceptível de ser racional e democrático, para a contemplação dos interesses sociais. Este pensador cita como exemplo a substituição do Estado Feudal pelo Estado Moderno - o Estado Civil - determinado pelo político. Com este exemplo, Weber tenta demonstrar uma das formas de organização do Estado, partindo do singular para o universal, embasando-se no processo das relações sociais da sociedade civil, com suas hierarquias, tensões e crises, onde a educação formal constituía-se num dos seus fatores primordiais. Percebe-se que o tratamento dado por esse pesquisador teve um intuito político de demonstrar a atividade contínua, criativa e recriativa do Estado, para a legitimação de sua constituição e códigos, bem como para a manutenção de suas leis vigentes.

Dentro do processo de racionalização, nas relações sociais, aponta a burocratização como uma "nova servidão" - uma "jaula de ferro"; enquanto expressão racionalizadora do mundo ocidental, apesar de considerá-la como uma verdadeira ditadura - "a ditadura do funcionário". Para o autor, este fenômeno da burocratização não é exclusivo do capitalismo, mas é próprio daquilo que ele chama de "imperialismo socialista, enquanto mais uma das etapas desse processo de racionalização.<sup>1</sup>

Weber procura demonstrar, ainda, que esta passagem do sistema feudal para o sistema burguês, deu-se progressivamente no processo das relações sociais, por uma questão vocacional - a vocação para o ganhar mais, para o lucro acima de tudo - dentro de um modelo social que passou a exigir mais qualificação, quantificação, racionalidade, tecnologia; enfim, dentro de um modelo que não mais admitia qualquer força mítica, religiosa, dogmática<sup>2</sup>.

Diante desses fatos, Weber demonstra o interesse em descobrir quem foi o pai intelectual da forma concreta e particular de pensamento racional da qual desenvolveu-se a idéia de vocação e a divisão do trabalho na vocação, enquanto uma das características da cultura capitalista.

Enquanto tarefa de investigação, Weber tenta, inicialmente, conhecer a gênese do termo "vocação". Historicamente, verificou que esta palavra obteve uma série de significados, inclusive junto aos povos católicos. No entanto, para aquilo que hoje chamamos de "vocação" - no sentido de um plano vida, de uma determinada área de trabalho - este significado só começou a existir entre todos os povos predominantemente protestantes. No entendimento de Weber, esta palavra originou-se, em seu sentido contemporâneo, das traduções da Bíblia, da mentalidade do tradutor, e não do texto original.

---

<sup>1</sup> .Para Weber, o socialismo foi mais uma etapa do processo de racionalização.

<sup>2</sup> .Estamos retomando algumas das nossas discussões, realizadas no capítulo I, quando introduzimos as questões Weberianas sobre a "vocação".

Segundo esse pensador, o termo vocação "Aparece pela primeira vez na tradução de Lutero, num lugar do Jesus Sirach (II, 20 e 21), usada completamente de conformidade com o nosso sentido contemporâneo". (p.52)

Diz ainda:

***"Da mesma forma que o significado da palavra (...) o pensamento subjacente é novo e é um produto da reforma (...) Indubitavelmente nova era, sem dúvida, esta valorização do cumprimento do dever dentro das profissões seculares, no mais alto grau permitido pela atividade moral do indivíduo. Foi isso que deu pela primeira vez este sentido ao termo vocação, e que, inevitavelmente teve consequência a atribuição de um significado religioso ao trabalho secular cotidiano". (P.52)***

Para Lutero o trabalho secular era algo eticamente semelhante ao ato de comer e de beber, tendo na vocação uma expressão de amor ao próximo, indicação de tarefa cumprida e o único caminho para satisfazer a Deus - desde que fosse lícita.

Contudo, para WEBER, isto não sinonimiza um indicativo que possa levar a comparar as idéias de Lutero ao "Espírito do Capitalismo", pois, essa idéia de "vocação", baseada num sentido religioso possuía, também, inúmeras interpretações que levariam a inúmeros significados e valores. A título de exemplo, cita uma passagem expressa no Velho Testamento: "cada um deve preocupar-se com o seu próprio sustento e deixar os ateus correrem sozinhos atrás do lucro". (p.56)

O segredo estava no carisma, enquanto forma provocativa, porém de caráter eminentemente autoritário e dominador. Na verdade, essa sociedade tradicional estava permanentemente sujeita a uma erupção carismática. Com a sociedade vocacionada a aceitar o modelo capitalista, esse domínio carismático, místico, religioso, passa a ceder espaços para a racionalização enquanto um elemento altamente forte na História, pelo seu poder de penetração nas instituições sociais - com bases no direito.

Com essa incursão feita nas idéias de Marx e Weber, fomos estimulados a pensar o mundo contemporâneo. Ambos os autores nos levaram a perceber que, da mesma forma como a sociedade européia passou de um sistema, artesanal, para um sistema feudal e, esta, para um modelo capitalista; a sociedade contemporânea também tem passado, gradativamente, por um processo de ebulição em seu processo de relações sociais.

Segundo KURZ (1995:5), atualmente, "a palavra de ordem é globalização - globalização dos mercados, do dinheiro, do trabalho<sup>3</sup>". Dizemos ainda mais: globalização, também, das indústrias dos esportes, lazeres, educação.

***"É claro que o mercado mundial existe desde o século 16, mas a economia de mercado moderna cresceu sobretudo dentro do espaço funcional das 'nações' criadas no século 18; com base no vultoso estoque de capital nacional, surgiram Estados nacionais dotados de sistemas jurídicos nacionais, infraestrutura etc. O mercado mundial era visto como comércio externo e restringia-se a um plano secundário. Tal processo, que marcou o surgimento de novas nações e economias nacionais, estendeu-se também pelo século 20 e impregnou sua história".(KURZ, 1995:5).***

Para esse sociólogo ensaísta alemão, foi partir da década de 80, que um novo sistema de coordenadas<sup>4</sup> surgiu para tentar mapear desafios do mundo contemporâneo. Com uma rapidez impressionante, impulsionado pelos satélites, pela microeletrônica, por uma nova tecnologia em comunicação e em transportes, bem como pela queda dos custos energéticos, para além dos limites nacionais, percebe-se que a sociedade contemporânea demonstra estar vocacionada para um outro tipo de mercado - um mercado único e global. A globalização passou a produzir novos fatos.

---

<sup>3</sup>. Ver Robert KURZ em "Colapso da Modernização", 1993, p.16-29; e/ou em "Perdedores Globais", Caderno Mais!, Jornal Folha de São Paulo de 01 de outubro de 1995, p.5.

<sup>4</sup>. Entendemos esse sistema de coordenadas que KURZ apresenta, como aquilo que WEBER denominou de "vocaçào". Por exemplo, hoje a sociedade contemporânea está vocacionada para o processo de globalização.

***"Tudo passou a ser negociado a qualquer momento e em toda parte: dívidas do Terceiro Mundo (brandy bonds), autopeças, mão-de-obra barata, órgãos humanos"(...) Assim nasceram as empresas multinacionais, mas nem por isso a coesão das economias nacionais foi posta em questão<sup>5</sup>".***

Historicamente, o autor apresenta que foi a partir da década de 60 que o comércio mundial expandiu-se com maior rapidez. Essa expansão deu-se muito mais rapidamente do que a produção mundial. Com isso houve uma aparente autonomização do comércio, o qual ganhou novo alento no início dos anos 80. Tal fenômeno, por suas características, foi entendido como resultado da globalização. Cita como exemplo, a produção das fábricas de montagem Japonesas na América Latina e na Europa - cuja tarefa única era a de montar componentes semi-prontos, com a utilização mínima de produtos locais - a qual aparecia como exportação do México para os Estados Unidos ou da Inglaterra para a Espanha. Kurz afirma que "em tais casos, na verdade não se trata de exportação ou importação de bens de consumo ou investimento entre diversas economias nacionais, mas de uma nova divisão de trabalho dentro das próprias empresas multinacionais".

Segundo esse sociólogo, a repartição das funções produtivas não se acha mais concentrada num único lugar, mas difunde-se por vários países e continentes. "Todos os componentes do processo produtivo e do sistema financeiro perambulam pelo globo. O mercado consumidor também teve de expandir-se por todo o mundo, pois quanto maiores os investimentos em tecnologia avançada e quanto maior a racionalização por meio da "**lean production**"<sup>6</sup>, tanto maior é o desemprego e tanto menor o valor da força de trabalho e do poder de compra nacional".

---

5. Ídem.

6. Ver KURZ, em o "Colapso da Modernização", 1995 e/ou em "Perdedores Globais", caderno Mais!, 101/10/995, p.5. Para o autor "Lean Production" é aquela produção seca, robotizada que está afastando cada vez mais o homem desqualificado do sistema de produção.

***"A concorrência, portanto, exige ao mesmo tempo o marketing global e o global outsourcing, sempre em busca de custos mais baixos e maiores vendas - não importa em que região do mundo. Segundo a revista especializada Alemã Wirtschaftswoche significa dizer: 'Produzir onde os salários são baixos, pesquisar onde as leis são generosas e auferir lucros onde os impostos são menores'"<sup>7</sup>.***

De acordo com KURZ, o capital das empresas não integra mais o estoque de capital nacional, mas internacionaliza-se. A fidelidade à economia nacional, segundo ele, "vai por água abaixo". A filosofia da marca de qualidade desloca-se igualmente dos limites econômicos nacionais para um nível mais globalizado. Por exemplo, não mais encontraremos "Made in Germany", mas "Made in Mercedes".

Segundo o autor, as conseqüências, sem dúvida, são absurdas e perigosas. A economia privada avança todos os limites, mas o Estado permanece restrito às fronteiras territoriais: Citando Marx diz: "o Estado é cada vez menos o capitalista ideal, com voz de comando ativa sobre o estoque de capital nacional". Demonstra ainda que a velha economia política transformou-se em política econômica. Quando a política deseja impor limites à ação desenfreada do mercado, as empresas globalizadas ameaçam com um "êxodo ao Egito".

Parafraseando Le Goff, percebemos que os nossos tempos são outros e não se restringem apenas ao relógio ou ao calendário. Nós estamos cada vez mais vocacionados a um diálogo muito mais complexo entre a natureza e a História, configurando-se, inevitavelmente, como um órgão de tempo microinformatizado, robotizado, muito mais dependente da máquina e muito menos do homem, o qual tem sido ultrapassado em seus limites pelas próprias ferramentas que ele criou.

---

<sup>7</sup>. Ídem.

De acordo com KURZ (1995:5),

***"(...) Nos dias de hoje, parece que a filosofia capitulou definitivamente ante a barbárie do mercado total. (...) O que nos falta, na verdade, é a globalização de uma nova crítica social".***

Para LEFEBVRE (1991:7), em **A Vida Cotidiana no Mundo Moderno**, o inventário do cotidiano faz-se acompanhar de sua negação pelo sonho, pelo imaginário, pelo simbolismo, negação que supõe também a ironia diante dos símbolos e do imaginário. "O objeto e o sujeito clássicos da filosofia lá estão, pensados, concebidos. Quer dizer que as coisas e as pessoas, de modo geral, são pensadas e concebidas em função do objeto e do sujeito da filosofia clássica. No entanto, esse objeto e esse sujeito modificam-se, enriquecem-se e, também, empobrecem-se. O objeto estático, simples, posto diante de nós (nós: o filósofo e seu leitor) dissolve-se com a evocação de atos e de acontecimentos de uma outra ordem'<sup>8</sup> - como temos testemunhado com o fenômeno da globalização.

Para esse pensador, o tempo é uma espécie de fluxo heraclítico sem cortes, principalmente entre o cósmico - objetivo - ou o subjetivo. Por exemplo, para o autor, a história de um dia engloba a do mundo e a da sociedade; tempo esse, cuja origem não se revela jamais, porém, simboliza-se perpetuamente. (p.8)

Fazendo referência ao século XIX e ao estudo efetivado por Marx, no *Capital*, diz: "no século XIX, o centro da reflexão desloca-se; deixa a especulação para aproximar-se da realidade empírica e prática, dos 'dados' da vida e da consciência. A obra de Marx e as ciências sociais nascentes nessa época delineiam esse traçado. Marx estudou, entre outros 'sujeitos, no quadro social do capitalismo de livre

---

<sup>8</sup>. Ver Henri LEFEBVRE, em *A Vida Cotidiana no Mundo Moderno*, 1991, p. 7-8.

concorrência, a vida real dos trabalhadores e seu duplo aspecto: atividade produtora e ilusões a superar". (p.17).

***"Não esqueçamos de que o 'homem' e o 'pensamento' não saltaram de repente do destino cego para a liberdade. No século XIX, com a era industrial, a vida social emerge lentamente de condições que dominaram durante milênios: penúria, dominação incerta e cega das leis naturais". (LEFEBVRE, 1991:29)***

Fazendo um retorno às fontes, ou seja, às obras de Marx, afirma que, com esse pensador clássico, o termo produção readquire um sentido amplo e vigoroso. Sentido esse que se desdobra. A produção não se reduz à fabricação de produtos. De acordo com Lefebvre, o termo produção designa, de uma parte, a criação de obras (incluindo o tempo e o espaço sociais), resumindo-se na produção 'espiritual'; e, de outra parte, a produção material, a fabricação de coisas. Para o autor, esse termo designa também a produção do 'ser humano' por si mesmo, no decorrer do seu desenvolvimento histórico. Isso implica a produção de 'relações sociais'. Enfim, tomado em toda sua amplitude, o termo envolve a 'reprodução'. Não apenas, a reprodução biológica (e conseqüente aumento demográfico), mas também a reprodução material dos utensílios necessários à produção, instrumentos técnicos e, ainda, reprodução das relações sociais - pela práxis - até que uma desestruturação as quebre, as torne obsoleta, necessitando de novas práxis. (p.37)

De acordo com Lefebvre, é na vida cotidiana que situa-se o núcleo racional, o centro real da práxis - ela é cultural - enquanto uma fonte de ações e de atividades ideologicamente motivadas. Afirma esse autor:

*"(...) Existe passagem de uma velha cultura alicerçada na limitação das necessidades, na 'economia' na administração da escassez à nova cultura baseada na abundância da produção e na amplitude do consumo, mas através de uma crise generalizada. É nessa conjuntura que a ideologia da produção e o sentido da atividade criadora se transformaram em ideologia do consumo. Essa ideologia destruiu a classe operária de suas idéias e valores, conservando a superioridade para a burguesia para a qual reservou a iniciativa. Ela apagou a do homem ativo, colocando em seu lugar a imagem do consumidor como razão de felicidade, de racionalidade suprema, como identidade do real com o ideal (do 'eu' ou 'sujeito' individual, que vive e que age, com o seu 'objeto')". (p.63)*

Continua afirmando:

*"Não é o consumidor, nem tampouco o objeto consumido que têm importância nesse mercado de imagens, é a representação do consumidor e do ato de consumir, transformado em arte de consumir. Ao longo desse processo de substituição e de deslocamento ideológicos, conseguiu-se afastar e até apagar a consciência da alienação, acrescentando-se alienações novas e antigas (LEFEBVRE, 1991:63).*

Ainda procura nos advertir para a existência de um extraordinário fenômeno no qual nós (cada um de nós), cotidianamente, estamos mergulhados: a ocorrência de uma liberação de enormes massas de **significantes** mal ligados a seus significados ou separados deles (palavras, frases, imagens, signos diversos), os quais flutuam à disposição da publicidade e da propaganda. Diz ele: "o sorriso torna-se símbolo da felicidade cotidiana, o do consumidor esclarecido e a idéia de pureza aderem à brancura obtida pelos detergentes. Quanto aos significados deixados de lado (os estilos, o histórico, etc.) eles se cuidam como podem. Algumas pessoas os redescobrem em nome de uma alta cultura quase clandestina e reservada à elite. Outros tentam recuperá-los para transformá-los em bens de consumo.(...) Assim eles ocupam(...)um nível de realidade social". (p.64)

Argumenta, LEFEBVRE (1991:67), que a vida cotidiana apresenta-se fragmentada. Os fragmentos da vida cotidiana recortam-se, separam-se em seu próprio terreno e acomodam-se como as peças de um quebra-cabeça. Cada um deles - o trabalho, a vida privada e a vida familiar, os lazeres, o processo educacional - é explorado de maneira racional, incluído-se aí a novíssima organização (comercial e semiplanificada) dos lazeres. Historicamente, o "espetáculo do mundo" torna-se "consumo de espetáculo" e "espetáculo do consumo", o que fornece um bom exemplo de torniquete, uma espécie de pleonasma que, para esse autor, alguns dos racionalistas da organização tomam por um equilíbrio (feedback) satisfatório. Configuram-se entre as peças de um jogo estratégico que não têm nada de gratuito nem de desinteressado, pois, servem duplamente: na prática e na ideologia.

Argumenta ainda: "há um século o individualismo dominava; ele fornecia aos filósofos e sábios (historiadores, economistas etc.) categorias e representações. Hoje as ideologias mudaram; elas têm nome: funcionalismo, formalismo, estruturalismo, operacionalismo, cientificismo. Elas são apresentadas como não-ideologias, misturando-se mais sutilmente do que antes ao imaginário. Elas marcaram o fato fundamental, isto é, o fundamento de fato: tudo importa, tudo tem peso sobre a cotidianidade, que revela o 'tudo' em questão (ou seja, que sua análise crítica mostra o tudo colocando-o em questão)"<sup>9</sup>.

De acordo com as discussões apresentadas por Marx, Weber, Kurz, Le Goff e Lefebvre, dá para perceber que, historicamente, o mundo sofreu grandes modificações, principalmente após a revolução burguesa. Com a mutação do mercado e do padrão produtivo, estes autores nos levaram a pensar que na sociedade contemporânea, principalmente após o surgimento da microeletrônica - com nova unidade de tempo, espaço e comunicação - as distâncias encurtaram-se, outros

---

<sup>9</sup>. Ver Henri Lefebvre, 1991, p. 71-81. As questões do Olimpismo, dos esportes, do EPT, da desescolarização, dentre outros, também demonstram passar por esses princípios e jogos de estratégias verificadas no cotidiano. São práticas e ideologias historicamente construídas pelas sociedades, misturando-se e mascarando-se com outras ideologias.

significados e valores, em função do modelo de significados e valores ligados à mercadoria, ao sistema de produção e ao capital, passaram a ser apreendidos, dando origem a uma outra ética que passou a nortear a lógica interna de comando desse novo processo global; provavelmente, uma nova tentativa de mapeamento do mundo contemporâneo.

Conforme nos aponta Lefebvre (1991:80),

***"(...) A tecnicidade serve de álibi para a tecnocracia, e a racionalidade, aos fundamentos que giram em torno de si mesmos (pleonasmos sociais). O sistema(...)esconde-se embaixo dos subsistemas(...). A natureza fornece um álibi àqueles que querem fugir das contradições ou dissimulá-las. A cultura da elite é álibi da cultura de massas, e assim por diante".***

Da mesma forma que a concorrência global, combinada com a produtividade contemporânea, demonstra ter tornada obsoleta grande parte das atividades produtivas do nosso mundo; enfraquecendo o capital estatal, favorecendo, de modo geral, para o surgimento de uma sociedade cada vez mais injusta, cujo modelo não é "para todos"<sup>10</sup>.

Em resumo, sem poder escapar inteiramente das conseqüências das acumulações desse processo de globalização, a evolução do cotidiano, com vistas à transformação e adaptação a esse novo ethos social, tende a obedecer a ritmos que, muitas vezes, não coincidem com o tempo da acumulação, em espaços que não se identificam com os campos desses processos cumulativos. Um exemplo claro desse fenômeno verifica-se no processo de educação.

---

<sup>10</sup> . Ver Robert Kurz, em "O colapso da modernização", 1993, p.16-30.

Assim, em função desse processo de globalização, como ficam as questões ligadas à educação, à saúde, à habitação, ao lazer, aos esportes? Especificamente, como pensar numa educação globalizada que tente atender às exigências desse novo ethos da sociedade contemporânea?

Segundo ILLICH (1988:18) "o ethos da sociedade deveria ser desescolarizado". Para esse autor, é impossível uma educação universal somente sendo realizada pela escola; seria muito mais apropriado que a sociedade culturalmente procurasse critérios e/ou outras instituições as quais, seguindo o estilo das escolas atuais, buscassem uma educação desescolarizada, num meio desescolarizado. Ou seja, seria buscar "esclarecer aquelas metas pessoais que poderiam fomentar o advento de uma **Era de Lazer (schola)** em oposição a uma economia dominada pelas indústrias de serviço"<sup>11</sup>, isto porque ainda, na sociedade atual, de modo geral:

***"O aluno é 'escolarizado' a confundir ensino com aprendizagem, obtenção de graus com educação, diploma com competência, fluência no falar com capacidade de dizer algo novo. Sua imaginação é 'escolarizada' a aceitar serviço em vez de valor. Identifica erroneamente cuidar da saúde com tratamento médico, melhoria da vida comunitária com assistência social, segurança nacional com aparato militar, trabalho produtivo com concorrência desleal". (ILLICH, 1988:21).***

O autor, em todo momento, apesar de muitas generalizações, demonstra posicionar-se criticamente em relação ao processo de educação da sociedade contemporânea. Tanto que suas idéias sobre "educação" e "escolarização" configuram-se como fenômenos históricos distintos, porém não isolados.

---

<sup>11</sup> . Ver Ivan ILLICH, em "Sociedade sem Escolas", 1988, p.19.

Esse pesquisador Austríaco afirma, da mesma forma, que a igualdade de oportunidades na educação é meta desejável e realizável, porém, **"confundi-la com obrigatoriedade escolar é confundir salvação com igreja"**.

Diz ainda:

***"A escola tornou-se religião universal do proletariado modernizado, e faz promessas férteis de salvação aos pobres da era tecnológica. O Estado-nação adotou-a, moldando todos os cidadãos num currículo hierarquizado, à base de diplomas sucessivos, algo parecido com os ritos de iniciação e promoções hieráticas de outrora"*<sup>12</sup>.**

DIECKERT (1984:125) defende a premissa de que "a escola tem a missão de preparar o cidadão para a não escola". Por outro lado, DEWEY (1978), em "Vida e Educação", ratifica as idéias de que o fenômeno da educação deve ocorrer mediante um equilíbrio entre a "educação não-formal" - fora da escola - e a "educação formal" - das escolas. Propõe, ainda, em sua teoria da educação, que "a escola não pode ser, simplesmente, a casa onde se vão estudar alguns fatos e algumas habilidades mecânicas, previamente determinadas em programas fixos, ela tem de se transformar em um meio real de experiências reais e de vida real".

### **A Escolarização da Educação Física e dos Esportes.**

Interessantes foram os questionamentos e hipóteses elaboradas pelos autores ao abordarem aspectos da educação, da escolarização e desescolarização, em um

---

<sup>12</sup>.Íbidem, p.35. Illich compara a escola com uma antiga casa de iniciação e promoção religiosa, com seus ditames específicos.

processo de relações sociais cada vez mais complexo, cuja exigência norteia em torno da qualificação profissional e da qualidade dos meios de produção. Assim, didaticamente, fomos aos campos da Educação Física e dos Esportes - pelo fato de estarmos mais ligados - para tentar melhor entender alguns desses fenômenos característicos da sociedade contemporânea, desse final de século, e como relacioná-los com essas áreas do conhecimento. Dessa forma, neste tópico tentaremos buscar exemplos nos campos do conhecimento da Educação Física e Esportes para discutir seus processos de escolarização e desescolarização e relacioná-los com acontecimentos contemporâneos. Ainda, utilizando-se dos pressupostos de Marx, Weber, Kurz, Lefebvre, Illich e demais autores, neste tópico, estaremos, mais uma vez, recorrendo à historiografia brasileira, para tentarmos buscar exemplificações que nos conduzam, mais claramente, à questões envolventes da Educação Física e Esportes no Brasil, enquanto busca de possibilidades que nos levem a interrogar essas realidades, bem como o próprio fetiche norteador desses campos, os quais, por muito tempo, têm sido naturalizado e suportado pela sociedade brasileira, sem muito questioná-los.

Baseando-se nessas argumentações e recorrendo à literatura, observamos que a Educação Física, no Brasil, não está fora das inquietações apresentadas por ILLICH (1988) e demais autores. Diferentemente do Campo do Esporte, ainda, apresenta valores e fins diversificados, não muito claros, ao tempo em que, deslumbrada com sua aparente função de "mente sã em um corpo sã", está se tornando um fim em si mesma e suas ações estão, predominantemente, girando em torno dela mesma.

Experiências prático-teóricas demonstram, ainda hoje, que ela encontra-se numa situação estranha, pois, fala-se em "Educação" mas parece não fazer parte da Educação; identifica-se, muito mais, com instrução, treinamento, obrigatoriedade - as vezes, castigo - do que com educação. Com interpretações confusas, como algo

intermediário, chega a transformar-se num instrumento para chegar-se a objetivos, muitas vezes, situados fora dela mesma<sup>13</sup>.

Enquanto força de trabalho, ILLICH (1988) demonstra que a educação escolar apresenta uma certa anacronia - contradição - em relação ao seu próprio mercado de trabalho. Ainda hoje, podemos afirmar que tanto a Educação, quanto a Educação Física, assim como outras áreas, aparentemente, tentam amoldar-se a esse mercado de trabalho. Só que este mercado de trabalho é muito mais dinâmico do que o verificado no processo de desenvolvimento desses campos do conhecimento<sup>14</sup>. Com isto queremos reconhecer que, com os modelos até então adotados, somos pessimistas em afirmar que este amoldamento torna-se, praticamente, muito difícil e tende a proporcionar um relacionamento cada vez mais desigual, arcaico, injusto.<sup>15</sup>

No Brasil, tanto a Educação Física, quanto o Esporte Para Todos, ainda demonstram apresentar alguns ranços dos seus diversos momentos históricos aos quais estiveram ligados. No Esporte Para Todos, pelo fato de ter sido um projeto de governo, implantado e implementado no período de domínio do poderio militar, instaurado na década de 60. Na Educação Física, não muito diferente, por idéias do tipo "ser forte para fazer uma Nação forte", advindas da década de 20; da desportivização, oriunda da década de 40 e bastante enfatizada nas décadas de 70 e 80.

Com o advento do Esporte Para Todos e outros exemplos de práticas, ditas libertárias, influenciadas por pesquisadores da área da Educação, como Paulo Freire,

---

<sup>13</sup> .É comum ouvirmos falar que a Educação Física é a área que mais preenche os vazios existentes nos horários escolares. Seus profissionais, muitas vezes, são verdadeiros "coringas" na escola ; escalados para treinar ordem unida, ou assumir funções de disciplina; e, promover as festinhas da escola, dentre outras dezenas de atividades.

<sup>14</sup> .Quando falo em anacronismo, me refiro ao processo desigual de acompanhamento da Educação Física, enquanto prática social, ao desenvolvimento societário, comunitário e de mercado de trabalho. Pela dinamicidade desses segmentos, podemos, até, arriscar em afirmar que o desenvolvimento da Educação Física verificou-se em progressão aritmética - 1...2...3... - enquanto que tanto o da sociedade, quanto o do mercado de trabalho, desenvolveram-se em progressões geométricas - 2...4...6...

<sup>15</sup> .Apesar de entendermos a "contradição" como uma variável altamente importante para as interrogações e busca dos nexos dessa realidade.

Saviani, Gadotti, dentre outros, a literatura demonstra a existência de uma espécie de ebulição nos campos do conhecimento da Educação Física e dos Esportes no Brasil.

A diversidade de compreensão de seus objetos de estudo - homem, corpo, expressão corporal, motricidade, corporeidade, qualidade de vida, dentre outros - embasadas em várias interpretações do senso comum e misturando-se com tentativas de amoldá-las à determinadas tendências filosóficas - empírica, idealista, fenomenológica, materialista etc. - provavelmente tenha sido uma das formas de conduzir, a grande maioria dos profissionais, a um embaraço epistemológico e a não ter clareza de seus objetos de estudo.

Se, por um lado, a não racionalização ou não transparência de uma realidade específica - de um espaço concreto do conhecimento - em torno, principalmente, do objeto da Educação Física - tenha sido o fio condutor para que grande parte de seus profissionais tivessem permanecido no senso comum, por outro lado, deva ter servido de estímulo e/ou forma de forçar buscas, em outras áreas do conhecimento, principalmente na Educação e na Saúde, para argumentações que tentassem identificá-la no processo das relações sociais.

Exemplificando um pouco mais essa questão, verificamos que a própria expressão "Educação Física" aponta, num primeiro instante, para uma realidade muito limitada. Então vejamos: "Educação" é um substantivo que identifica uma realidade fundamental do homem. Ele demarca uma necessidade caracterizada pelo processo de adaptação do homem ao seu contexto; de inter-relacionamento deste homem com sua realidade específica; e, para a necessidade do homem criar e recriar alternativas de transformação do seu mundo. Se levarmos em conta a ideologia da English Public School, do Século XIX, **Educação** sinonimiza "Anti-Physis", contra-natureza, contra-esforço; processo de ensino-aprendizagem, com base em um conhecimento formal; poderá significar, também, disciplina, retidão, docilidade escolar etc.

Já, o adjetivo "Física", historicamente tem atribuído ao substantivo "Educação" uma qualidade específica, limitando automaticamente suas dimensões ao termo "Physis" - corpo, natureza corporal, matéria, energia, força, coragem, estética etc. Aparentemente, a nomenclatura Educação Física induz-nos a percebê-la com alguma distinção. Ou seja, deverá haver uma "Educação", no mínimo, que não seja "Física", dando margem, até, ao pensamento Cartesiano de "Mente e Corpo".

DIECKERT, discutindo algumas das ambigüidades no discurso da Educação Física, na década de 80, já procurava traçar um paralelo entre "o que é" e o que "deve ser" a Educação Física escolar.

Afirma o autor: "a Educação Física escolar,

<u>É</u>	<u>DEVE SER</u>
↓	↓
"Ditatorial	Democrática
Mecanicista	Natural
Formal	Informal/funcional
Importada (xerox)	Original/criativa (brasileira)
Dualista	Global
Programada	Aberta/liberal
Não individualizada	Individualizada
Separação por sexos	Coeducativa
Não aplicada	Adequada
Segregatória/discriminativa	Integrada" <sup>16</sup> .

<sup>16</sup> .Ao nosso ver, quadro não muito modificado até o final dos anos 90.

Não obstante essas questões conceituais, a história mostra, ainda, algumas das transformações sofridas pela Educação Física no Brasil; as diversas funções adquiridas por esta área, enquanto projetos: políticos, culturais, científicos e/ou ideológicos, vivenciados segundo tipos de contextos - acadêmicos ou não. Como exemplo podemos citar: as "Educações Físicas" higienista, eugenista, desportivizada, progressista, construtivista, crítica, libertária, a cinesioantropometria ou cinesioantropologia, a ciência da motricidade humana, a corporeidade, enfim, uma série de rótulos que, de uma forma ou de outra, conquistaram determinados espaços, em dados momentos históricos, aparentando tentativas de dar-se conta de suas questões ontológicas e epistemológicas.

Se aprofundarmos um pouco mais essas questões, vamos verificar, também, que o tempo da Educação Física é o tempo da sociedade disciplinar, diferentemente dos tempos vividos, por exemplo, na Grécia Antiga em que a Educação Corporal - Educação Física - fazia parte do processo de educação dos indivíduos e configurava-se como uma necessidade dos indivíduos; antes de qualquer outra forma de educação, o conhecimento do seu próprio corpo, de seu espaço, de seus limites, habilidades, eram tidos como fatores necessários para a sobrevivência daqueles povos; motivo do grande interesse pelos jogos, os quais passaram a se constituir em grandes instrumentos de prazer e demonstração de poder.

Da mesma forma, somos estimulados a admitir que estamos muito longe de encontrarmos uma "ciência da Educação Física" - mas "ciência na Educação Física" - mesmo porque uma ciência não se constrói de um dia para o outro, é um processo em construção inacabado, o qual, para algumas áreas do conhecimento, mesmo as mais definidas epistemologicamente, isto não se faz rapidamente, enquanto que para outras, esse processo torna-se muito mais lento, em função da não clareza de seus objetos.

Assim, pela polimorfia de suas ações, somos obrigados a admitir de que não existem sistemas de Educação e de Educação Física absolutos, assim como não existe um único Esporte Para Todos, mas "Educações", "Educações Físicas", com suas pluralidades e infinitudes - campos de atividades práticas e teóricas - todas dependentes de contextos sócio-culturais e formas de apreensões individualizadas, independentes de serem escolarizadas ou não.

Estimulados pelos autores estudados, fomos induzidos a refletir sobre a constituição de um campo específico de conhecimento, como o da Educação Física, do Esporte, do Lazer etc. Essas reflexões proporcionaram um entendimento de que qualquer campo específico do conhecimento precisa apoiar-se na busca dos seus nexos, porque ele é carregado de sentidos, de significados, cujos princípios explicativos dessa realidade "não pode fundar-se, simplesmente, num único projeto, individual ou coletivo, para a busca de suas soluções, isto porque a própria análise dessa realidade é altamente complexa e subjetiva". Ou seja, o desvelar dos nexos que constituem a realidade do "Campo da Educação Física", significa conhecê-la cada vez mais e aquilo que, ainda, está opaco precisa tornar-se transparente para seus interlocutores. Logicamente, esse caminhar não se faz unicamente pelo "senso comum", mas mediante outros tipos de conhecimentos, como o filosófico e o científico, evitando-se, assim, que a aparência dessa realidade seja enganosa em suas reflexões.

WEBER (1973), lembra que é através do conhecimento que o homem tenta efetivar a transformação do seu mundo, mediante sua práxis, a qual é infinita de articulações e expressões. Afirma, ainda, para que possamos conhecer melhor a realidade social, primeiramente, precisamos compreender aquilo que nos rodeia; desvendar os nexos que comandam a sua dinâmica; e, procurar conhecer as causas que nos levam a esses nexos.

Assim, referendando-se nas idéias desses pensadores, reinterpretar cientificamente o "Campo da Educação Física" - ou mesmo do Esporte, do Lazer ou do Esporte Para Todos - poderá sinonimizar sair das aparências, do senso comum - doxa -, em busca do seu significado, da sua episteme. Poderá significar um constante interrogar de sua realidade, através do qual, possa-se enveredar para outras possíveis verdades ainda não desveladas; a outras Educações Físicas, a outros contextos, cronologias e/ou realidades. No entanto, continuar em função da aparência não representa, para nós, um bom caminho. A aparência nos leva a juízos pré-concebidos, pressupostos preliminares daquilo que se apresenta diante de nós, levando-nos, apenas, a uma interpretação superficial e reduzida dessa realidade.

Sabemos que a busca de um dado conhecimento de uma realidade específica, como Educação Física, Esporte, Lazer ou Esporte Para Todos, não é tarefa fácil por sua infinitude, pluralidade e poliformia - mas é tentadora.

Ao mesmo tempo, somos realistas - ou pessimistas - em reconhecer a escolarização obrigatória da Educação Física - igual para todos; utopicamente definida como "**atividade que desperta, desenvolve e aprimora forças físicas, morais, cívicas, psíquicas e sociais do educando**" - como impraticável, pelo fato da escola já ter demonstrado não possuir condições de, sozinha, dar conta dessas metas. Muito menos, o seu tradicional modelo, expresso na legislação vigente, constitui-se em "um dos fatores básicos para a conquista da Educação Nacional", por ser genérico, sem muita clareza em suas definições e objetivos, enfim, por ser um modelo que apresenta-se como utópico para a maioria dos intelectuais orgânicos da área, podendo, até, estar induzindo, a outra grande parte dos seus profissionais ao ativismo e à repetitividade de suas ações. Segundo Manuel Sérgio isso é comum quando não existe uma teorização da prática - "quem não teoriza, repete".

A pesquisa "Esporte... 'para todos': conceitos e preconceitos" (1985:30)<sup>17</sup>, já alertava que essa obrigatoriedade da Educação Física escolar impunha, ao educando, condições gerais, com vistas ao simples cumprimento das disposições regimentais da escola e daquilo que preceituava a legislação vigente. Dentro dessas perspectivas, a "atividade Educação Física", mascarada na escola como símbolo de saúde, higiene, aptidão física, foi conceituada por uma grande parte dos estudantes, no momento daquela pesquisa, como castigo, sacrifício, dor, cansaço, fadiga muscular, dentre outros conceitos; configurando-se como um sistema inadequado às realidades daquela clientela; deixando transparecer que a Educação Física, da escola pesquisada, possuía uma sistemática predominantemente desfavorável para o atendimento de seus alunos. Conceitos como: "não liberdade de escolha", "obrigatoriedade", "sistema não participativo", "atividades inadequadas", "práticas discriminativas" foram os mais apontados.

Esta não foi a única pesquisa realizada em escola brasileira, nem, muito menos, estas manifestações ficaram restritas a essa escola; constituíram-se, logicamente, em "mais uma das" pesquisas e manifestações acontecidas no cotidiano escolar, nos últimos tempos, e detectadas, principalmente, após a consolidação da Educação Física no 3º grau, no País.

A escolarização da Educação Física no Brasil, segundo GEBARA (1992:21), "significou tanto a explicitação de um projeto educacional, quanto a elaboração de um conjunto de leis voltadas para a implementação da prática obrigatória da Educação Física nas escolas brasileiras".

Diz, ainda, esse historiador:

---

<sup>17</sup>. Foi um estudo de caso, realizado na Escola Técnica Federal de Alagoas, em 1985, onde foram entrevistados 320 alunos, matriculados regularmente nos turnos diurno e noturno. Esta pesquisa foi apresentada, pelo autor, à Universidade de Santa Maria, como pré-requisito para a obtenção do grau de "Especialista em Esporte Para Todos".

***"Esse processo de escolarização da Educação Física no Brasil, processo que, de forma bastante marcante, acabou por configurá-la no País, perduraria até os anos 60, quando um conjunto de fatos indicaria a configuração de um novo patamar no desenvolvimento histórico da Educação Física. Dentre esses fatores, podemos citar o movimento Esporte Para Todos e a consolidação da Educação Física no 3º grau, especialmente com a configuração de um sistema de Pós-Graduação..."<sup>18</sup>.***

DaCOSTA (1992:44) revela que essa busca de um propósito comum para a Educação Física, recreação e esporte, nos anos 60, iniciou-se com o Conselho da Europa e a Federação Internacional de Educação Física; incorporando-se, posteriormente, a Federação Internacional de Medicina Esportiva e o Comitê Olímpico Internacional. Fazendo uma projeção para o século XXI, afirma: "a Educação Física, a recreação e o esporte no Brasil...já exercitam seus antecedentes há duas décadas...Dentro desse quadro de referência, a hesitação incide nas relações com o esporte não-formal (Esporte Para Todos) e com o desenvolvimento da Educação Física holística". Para esse pesquisador, essas questões são decisivas para a definição de: "quem construirá o futuro - os profissionais ou os praticantes de acordo com suas próprias necessidades e aspirações?".<sup>19</sup>

Estas são questões que já vêm sendo discutidas, há alguns anos, na Educação Física e no campo dos esportes, no Brasil, principalmente após o advento do Esporte Para Todos e cursos de Pós-Graduação. Mais recentemente, essas discussões têm sido levadas à reflexões ainda mais complexas, como são as questões que se relacionam com os aspectos da "liberdade", ou seja, em como são discutidas as questões do fenômeno da liberdade nos campos da Educação Física, Esportes e Lazer.

---

<sup>18</sup> .Ver "Educação Física & Esportes: perspectivas para o século XXI", 1992, p.21.

<sup>19</sup> .Íbidem, p.44-45.

Estudos apontam que a liberdade, enquanto uma das marcas próprias dos seres humanos, é uma das grandes questões a ser discutida principalmente no processo educacional; Ou seja, a liberdade no pensar, no agir, no escolher, no praticar etc., como condutora do homem à igualdade. Isto porque se não conseguimos perceber os seus valores e significados, bem como se isso, na prática, não acontece, a tendência será haver um processo de desigualdades sociais e, como conseqüência, o homem poderá ser violentado, tratado de forma desigual, como se fosse um objeto qualquer.

Levantamos a problematização porque, esta violação da liberdade é um fenômeno que também tem acontecido, quase que freqüentemente, na Educação Física Escolar e no Esporte. Cremos que seja um dos motivos para o aparecimento, em pesquisas, de conceitos como: "não liberdade de escolha", "obrigatoriedade", "sistema não participativo", "atividades inadequadas", "práticas discriminativas".

Percebe-se, também, na literatura, discussões a respeito da obrigatoriedade da Educação Física Escolar. A nossa hipótese é de que enquanto houver a obrigatoriedade - imposição - da Educação Física, ela não se legitimará enquanto um fenômeno educacional, nem muito menos como um fenômeno cultural. Concordamos com muitos pesquisadores, como CHAUI, IANNI, dentre outros, quando afirmam que "nenhuma autoridade será legítima se ela for imposta", logo, nenhum poder legado à Educação Física será legitimado se ele for imposto, obrigatório.

Pela lógica poderemos deduzir: nesse jogo de poder, enquanto não houver liberdade para o aluno criar e recriar o possível; de inventar o novo; ter oportunidade para explorar suas experiências; possuir liberdade no agir, no escolher, no praticar, no pensar; ele constantemente estará sendo violentado na escola; motivo que repudiamos o chavão "igualdade para todos na Educação Física Escolar" - expresso na legislação brasileira - se ele, a partir da "obrigatoriedade" e da "Aptidão Física" - enquanto seus fatores fundamentais - vem alimentando a "desigualdade social". É baseado nesse tipo

de coisa, que faço minhas as preocupações do Professor Lamartine Pereira DaCOSTA: "quem construirá o futuro? Somente os profissionais? Ou os profissionais, juntamente com os praticantes, de acordo com suas próprias necessidades e aspirações? Somente na instituição 'escola'? Ou a 'não-escola' é, também, fator importante nesse processo?".

TAFFAREL (1993:41), tem opinião própria a esse respeito. Apontando limites de abordagens feitas por Hildebrandt, em relação ao projeto histórico e sua articulação com uma dada prática pedagógica que materialize, no cotidiano, a cosmovisão de homem, mundo, sociedade e realidade - enquanto projeto superador do capitalismo - afirma ser a "concepção de aulas abertas à experiências", uma das propostas, no âmbito da pedagogia do Esporte e da Educação Física, que, apesar de ainda estar em constituição, poderá responder às questões levantadas, anteriormente, pelos pesquisadores, sobre a Educação Física, a Recreação e Esportes desenvolvidos no Brasil. Além de Hildebrandt, utiliza-se, como referenciais básicos, os trabalhos de Jürgen Dieckert, desenvolvidos em nosso País, a partir da década de 80; ao nível institucional, dos trabalhos desenvolvidos, primeiramente, pela Universidade Federal de Santa Maria-RS; seguindo-se de cursos de pós-graduação, sob a orientação desses dois professores; além de Universidades, Departamentos de Educação Física; e, por pesquisadores brasileiros<sup>20</sup>.

Segundo TAFFAREL(1993:43), na perspectiva de aulas abertas a experiências, a aula em si, poderá sofrer alterações, reinterpretando-se os sentidos e os significados dos critérios, regras e normas vigentes, em relação à definição dos objetivos da aula da Educação Física. Dentro desse processo, duas ordens de interesses são consideradas, as quais devem estar, sempre, presentes nesse processo: "os interesses institucionais" e os "interesses dos sujeitos que constroem, objetiva e

---

<sup>20</sup>.Ver "Concepção de aulas abertas a experiências em Educação Física: discussão de pressupostos em relação a fins e objetivos, à luz da realidade da Educação Física Escolar brasileira", Revista Motrivivência, nº 4, ano 4, junho 93, p.41.

subjetivamente, o fenômeno social aula". Essa concepção, propõe um processo dialógico, crítico na ação, de superação das contradições, onde os sujeitos envolvidos são estimulados a desenvolver possibilidades de redefinição de suas relações, buscando alterações nas formas de condutas sociais, a partir de experiências adquiridas, tanto no cotidiano escolar, quanto no não-escolar<sup>21</sup>.

Entendemos que a proposta efetivada por TAFFAREL, em parte, está de acordo com ILLICH (1988:37), quando este pesquisador advoga a idéia de que as pessoas adquirem a maioria de seus conhecimentos mediante experiências fora da escola, visto que, o ensino contribui, apenas, para determinadas espécies de aprendizagem.

Com a análise das idéias dos autores, fica evidenciado, cada vez mais, de que numa sociedade global o fenômeno da escolarização, apesar de ambíguo e anacrônico, marcadamente ainda deva fazer-se presente na sociedade - tanto na Educação Física, no Esporte, na Recreação, no Lazer, quanto em outras formas de educação - no entanto que, esta, não seja configurada como a única forma. Pois, com as mudanças sofridas pela sociedade - com base nesse processo galopante de globalização - e pela própria incapacidade da escola de comandar todos os conhecimentos exigidos por essa sociedade, somos obrigados a reconhecer, também, que o crescimento da desescolarização apresenta-se como uma das alternativas primordiais para o processo de educação do homem contemporâneo - fora dos recintos da escola e longe da obrigatoriedade curricular.

A história mostra, ainda, que, além da não clareza dos objetivos da Educação Física escolar, em suas ações, outros problemas vivenciados pela sociedade brasileira contemporânea - como segurança, moradia, alimentação, saúde - em relação à qualidade de vida, têm levado indivíduos e famílias a buscarem essas alternativas fora da escola. Trata-se de um fenômeno crescente, inclusive ao nível internacional, o qual

---

<sup>21</sup> .Como exemplos mais marcantes, são citados os trabalhos desenvolvidos pelo Projeto Vasco da Gama, junto a populações urbanas da Cidade do Recife e os trabalhos efetivados pelo Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco.

vem se constituindo tanto em preocupação, quanto em solução para os mais diversos segmentos das sociedades.

Assim, procuramos entender a desescolarização enquanto um fenômeno estratégico de amplitude muito maior do que aparentemente apresenta-se, na medida em que a escola, na sociedade capitalista, passou a esgotar o seu potencial de gerador único de conhecimento e essa sociedade passou a exigir mais democratização - um outro reordenamento - em seu processo de educação. Dessa forma, de simples complementadora da educação familiar, a escola, inexoravelmente, começou a se apresentar anacrônica em relação ao desenvolvimento social. Como já vimos, ela não tem conseguido dar conta de grande parte das exigências do mercado de trabalho, na sociedade capitalista, tais como: qualificação profissional, racionalização, força de trabalho produtivo, quantificação, dentre outros, que giram em função da tecnologia, do capital, da mercadoria, do sistema de produção, mais valia, dentre outras características exigidas.

A constituição esportiva é um outro bom exemplo. As regras, os juizes, os dirigentes, os jogadores, os torneios, etc., tudo isso nascia dentro da escola, no entanto, em função do "alto rendimento" e dos "altos rendimentos", tudo isso passou a exigir um outro locus - que não a escola.

O sentido de desescolarização que estamos tentando discutir, passa pelo fato de que o comando do sistema sai das hostes da escola. Na verdade, o termo "desescolarização", começa com o prefixo "des", vindo do Latim, com significados e valores distintos como: separação, transformação de intensidade, ação contrária, negação e privação. Não obstante esses enfoques, o termo desescolarização é aqui utilizado como mais uma das representações simbólicas - uma metáfora - de transformação, de mudança de locus do processo educacional.

Não estamos querendo negar a importância do papel da escola. Entendemos que negar a importância da escolarização, no mundo contemporâneo, seria uma tremenda ingenuidade, seria como negar a própria história. Realmente, reconhecemos que a escola tem papel importante nesse processo; motivo pelo qual não pensamos a desescolarização enquanto uma forma para acabar com a escola. Ou seja, consideramos a escola como inevitavelmente necessária para o processo educacional, mas não é a única. Além disso, ela precisa encontrar outras estratégias que acompanhem e se adequem às exigências do novo mundo. Pois, esse novo mundo impõe processos novos de aprendizagens, de convivência com o saber e com a construção de conhecimentos que a escola não está dando conta. Aparentemente, quando se fala em desescolarização dá, até, para se pensar, de imediato: "precisamos inventar uma outra escola". Mas é isso mesmo que as sociedades desenvolvidas e em desenvolvimento precisam - novas instituições que auxiliem em novas propostas educacionais. Assim, sem querer negar a existência e o papel da escola, mas identificar as atividades educacionais necessariamente desenvolvidas fora da escola, fora das estruturas tradicionais de educação e longe das obrigações curriculares e/ou extracurriculares da escola, é que identificamos a importância da desescolarização no processo de educação dos indivíduos.

Não podemos, também, deixar de levar em conta que "desescolarização" não é um termo novo, mas, trata-se de um fenômeno altamente crescente em países desenvolvidos e em desenvolvimento, na medida em que, cada vez mais, suas sociedades exigem tecnologia, qualidade, quantificação e/ou racionalidade nas formas de conduta social.

A literatura apontando, da mesma forma, outros fatores, que não o curricular, tem estimulado pessoas à busca de atividades fora da escola. Por exemplo: questões de segurança, saúde, preenchimento do tempo disponível ou livre, economia, dentre outras, são consideradas as mais destacadas. Enquanto as atividades físicas são

consideradas como entre as mais significantes, porque se encontram entre as mais procuradas<sup>22</sup>.

Assim, historicamente, temos observado que o fenômeno da desescolarização - mesmo sendo caracterizado e/ou identificado por outras metáforas - vem se configurando num fato histórico crescente e marcante em sociedades contemporâneas.

Quando tratamos as questões do EPT, do movimento olímpico, do jogo, do esporte, em geral, e os relacionamos com o fenômeno da desescolarização, estamos alertando e tentando nos referir, não somente à questões ideológicas, conceituais, mas à outras formas de estímulo à desescolarização, as quais, partindo de idéias universais do Olimpismo, do esporte, do EPT, da educação etc., demonstram adquirir formas relativizadas, singularizadas, individuais, privatizadas em suas práticas; assumindo identidades específicas; referências importantes as quais poderiam ser utilizadas pelo processo de educação.

Convém salientar, ainda, que a questão da desescolarização não está vinculada, unicamente, com a Educação Física, o Esporte, o Esporte Para Todos, a Recreação ou ao lazer. Trata-se de uma questão muito mais ampla, a qual deverá ser abordada, também, amplamente por outras instâncias do saber, enquanto componentes dessa sociedade global.

Mas, especialmente nas áreas do lazer e do esporte, é onde deduzimos que o fenômeno da desescolarização esteja cada vez mais se concretizando. Isto porque, o sistema escolar continua demonstrando possuir natureza de centralizador de poder. Apesar de que, em alguns casos, o problema da desescolarização possa se dar, até, no ambiente escolar, porém, fora do domínio da organização curricular da escola. Por exemplo, na UNICAMP, principalmente na Faculdade de Educação Física, os espaços

---

<sup>22</sup> .Consultar pesquisas de opinião pública, autores como LOVISOLO, DaCOSTA, dentre outros.

são abertos para as comunidades. Lá, as pessoas encontram várias opções de práticas. Contudo, embora essas pessoas estejam no ambiente escolar, o comando não é da escola, ou seja, não está vinculado a um currículo, mas autogerido para práticas de atividades, caracteristicamente, não escolar<sup>23</sup>.

Conseguimos conviver com outros exemplos desse fenômeno, no Estado de Alagoas, quando programas do tipo "LAZER NA ESCOLA", planejados, inicialmente, pela Secretaria da Educação, depois com adesões de outras instituições como a Universidade Federal de Alagoas, foi assumido, por último, pela comunidade, atingindo mais de 60 mil pessoas durante cada período de férias escolares. Nesse caso específico, a Secretaria da Educação e algumas instituições transformaram-se, apenas, em instituições de apoio às iniciativas, com a liberação da merenda escolar e dos espaços escolares onde suas programações eram desenvolvidas. Este programa serviu de exemplo para que outras iniciativas, mais permanentes, fossem realizadas nos espaços escolares, com a autogestão da comunidade, e serviu, até, de fontes para aquisições de experiências práticas e de estudos por parte de professores e alunos da Universidade daquele Estado.

No Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, com os Clubes 4S, estimulados pela EMBRATER - Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural - também aconteceram iniciativas permanentes. Baseados nas diretrizes daquela Empresa, os Clubes 4 S adotaram princípios interdisciplinares de assistência técnica, econômica e social, com políticas direcionadas para a saúde, a educação, a habitação, o lazer, enfim, todas voltadas para a melhoria da qualidade de vida do homem do campo. Estas e milhares de outras evidências espalhadas pelo Brasil, demonstram a predisposição e a receptividade das comunidades, de modo geral, por atividades desescolarizadas.

---

<sup>23</sup> .Tanto ao nível internacional, quanto no Brasil, temos milhares de exemplos semelhantes.

Essa necessidade da sociedade ser cada vez mais desescolarizada é encontrada, também, nas propostas de BENTO (1993:115) em "A Cidade Desportiva: uma referência para a humanização da cidade". Este pesquisador Português tenta apresentar algumas das possíveis soluções sobre a relação do homem e a cidade. Inicia sua abordagem com conceitos sobre cidade e cidadania; e, diz:

***"A cidade não é um mero conceito administrativo, geográfico ou físico, mas antes um conceito sociológico, cultural, humano e legal. A cidade e a cidadania são cenário e forma de construção, de afirmação e concretização de projetos de vida, de direitos e de necessidades".***

Especificamente, elege o "desporto moderno" como um fenômeno urbano, "um elemento da civilidade e cultura cidadinas, uma parcela da urbanidade e do civismo"<sup>24</sup>; e, o "desporto para todos" como um convite a ser "cidadão por inteiro", ou seja, um convite aos indivíduos para demonstrarem formas de expressões de cidadania, enquanto um direito para a qualificação de vida dos cidadãos. Porém, para tal, argumenta a necessidade da busca de alternativas que não sejam tão limitativas quanto aquelas que, de modo geral, são encontradas em sociedades urbanizadas desordenadamente. Em uma sociedade em que "as linhas da humanidade e da urbanidade" não venham a colidir, bem como a "relação entre desporto e cidade" não adquira tendências de uma "relação de tensão".

A proposta que esse autor faz, gira em torno da necessidade de se buscar alternativas concretas de inter-relacionamento entre os espaços urbanos informais e formais. Espaços, esses, propensos e convidativos para práticas desportivas, que satisfaçam e atendam necessidades motoras diárias "à realização da movimentação pessoal...tão reprimida no quotidiano cidadão". Apresenta outra alternativa, a qual, da

---

<sup>24</sup> .Ver Jorge BENTO, em "Ciência do Desporto a Cultura e o Homem", 1993, p.115.

mesma forma, deverá estar interrelacionada com as idéias anteriores. É o plano do "espetáculo esportivo", enquanto um expoente cultural de apresentação e digno de ser desfrutado pelos cidadãos.

***"O problema, tanto para a sociedade quanto para elementos sociais tão importantes quanto a Cidade, é evitar as metáforas organicistas sem perder de vista o conjunto e, ainda, sem esquecer as distorções, lacunas, rachaduras e buracos". (LEFEBVRE, 1991:81)***

### **A Desescolarização de práticas corporais: algumas evidências.**

Não obstante os aspectos enfocados nesse estudo, outras evidências deverão ser necessárias para o entendimento da "desescolarização". Nesse momento, o ponto de referência será algumas experiências vivenciadas no contexto escolar brasileiro.

Os referenciais teóricos serão os trabalhos do Professor Lamartine Pereira da Costa - "Child, youth and sport"- publicado pela ICSSPE-UNESCO, em 1993; das pesquisas efetivadas por LOVISOLO, na Rede Escolar do Rio de Janeiro, e outra realizada pelo autor dessa tese, na Escola Técnica Federal de Alagoas, em 1985; e, o "Metodologia do ensino da Educação Física", publicado no Brasil, em 1992, por um coletivo de autores.

DaCOSTA (1993), procurou apresentar uma análise do clube esportivo no Brasil e examinar a imaginária base piramidal, sistemática e organizacional, dos Jogos Escolares Brasileiros - JEBs - enquanto prática extracurricular do esporte competição, a nível escolar, desde 1969. Diz ele:

***"A prática do esporte por crianças e jovens até 18 anos no Brasil, hoje em dia, está muito mais relacionado com o clube esportivo e o sistema escolar como uma atividade extracurricular, enquanto eventos independentes dos programas de Educação Física. São formas alternativas não-formais e recreacionais e de envolvimento, segundo condições proporcionadas em cada ambiente e/ou meio sócio-cultural".***

Segundo ele, os JEBs foram competições escolares anuais que procuraram concentrar o maior número possível de atletas, alunos de primeiro e segundo graus, representativos de cada Estado do Brasil. A partir de 1989, esses jogos foram considerados a principal referência do esporte escolar brasileiro e transformados numa espécie de sistema educacional paralelo, por instituições de ensino de primeiro e segundo graus.

Ainda observa este autor: "os JEBs foram tentativas de adaptações a partir de sua base piramidal. Ou seja, foram adaptações feitas de acordo com os níveis econômicos de cada região brasileira - rica ou pobre".

Naquele estudo, DaCOSTA, procura demonstrar, ainda, que, entre 1984 e 1985, o número de participantes em competições escolares, realizadas nas diversas escolas do Brasil, aumentou de 4.693.885 para 6.078.889, assim como aumentando, também, o número de participantes nos programas de Educação Física, o que foi avaliado como muito significativo.

Da mesma forma, apresenta outras evidências para tentar demonstrar o crescimento e o aumento de interesse, no meio estudantil, em torno da prática do esporte. Segundo dados coletados pelo autor, durante 1984 foram registradas, pelo sistema escolar, 143.304 competições tendo, em 1985, estes números ampliados para 183.575 competições.

Referindo-se a estes fatos, afirma:

***"O crescimento de importância dos JEBs, na década de 80, está vinculado à prática e a expansão do esporte, tendo como protagonistas crianças e adolescentes matriculadas no sistema escolar, segundo última avaliação realizada pelo Governo Federal. "Os JEBs trouxeram outras motivações para a Educação Física e o Esporte Escolar no Brasil, principalmente para alunos de primeiro e segundo graus". (DaCOSTA, 1993).***

Para esse pesquisador, os JEBs, provavelmente, tenham sido o grande ponto de convergência de motivação para o trabalho da maioria dos profissionais da Educação Física e do Esporte no Brasil, servindo inclusive como riquíssima fonte de pesquisas para uma outra minoria dos profissionais que atuaram e, ainda, atuam nesses campos.

Em 1992, autores como SOARES, ESCOBAR, TAFFAREL, CASTELLANI, BRACHT, dentre outros,<sup>25</sup> propuseram uma apropriada troca de nomenclaturas, conceitos e valores relacionados com a prática do esporte ao nível escolar. Para esses autores torna-se muito mais apropriada a utilização da expressão "**o esporte na escola**" do que "**o esporte escolar**". Percebe-se que esses pesquisadores intencionalmente procuraram encontrar um sentido mais singular - relativo - para a prática do esporte na escola, levando em consideração, além das questões pedagógicas, condições sócio-econômica, cultural, histórica da realidade escolar brasileira, aspectos institucionais e populacionais.

Demonstraram, também, compreender o esporte escolar sem procurar alimentar um universalismo exacerbado, conforme normalmente tem-se encontrado no próprio Movimento Olímpico, nem, muito menos, superestimar ou subestimar o esporte competição.

No entanto, esse não foi o único trabalho, pois, anteriormente a ele, principalmente entre os períodos de 1980 e 1993, com a consolidação dos cursos de

---

<sup>25</sup> .Ver Metodologia do Ensino da Educação Física/Coletivo de Autores, 1992.

pós-graduação, outros trabalhos acadêmicos procuraram refletir contextos de práticas da Educação Física e do Esporte escolares no Brasil.

Com a pesquisa "Esporte... 'para todos': conceitos e preconceitos", tentamos, em 1985, através de um estudo de caso, no Nordeste brasileiro, levantar evidências sobre a prática escolar da Educação Física, colhendo informações de 320 adolescentes, alunos da Escola Técnica Federal de Alagoas. Dos dados coletados, os mais representativos foram: 95.0% dos alunos demonstraram praticar, regularmente, a Educação Física na escola. Destes, 31.8% demonstraram estar totalmente satisfeitos com as aulas; 61.0% não estavam totalmente satisfeitos; e, 7.2% demonstraram insatisfação absoluta. Com relação ao gostar da prática de atividades físicas, 80.0% afirmaram gostar de praticar atividades físicas; 2.5% responderam não gostar de praticar atividades físicas; e, 17.5% afirmaram que só praticam a Educação Física na escola "por obrigação". Dos 320 alunos, apenas 15.0% consideraram as práticas da Educação Física naquela escola como "adequadas totalmente"; 30.0% "adequadas parcialmente"; e, 55.0% consideraram suas práticas "totalmente inadequadas". Com relação ao critério de opções de escolha de atividades, 83.7% dos alunos afirmaram que gostariam ter a "liberdade de escolha" das atividades da Educação Física; 2.5% demonstraram não gostar de escolher as atividades; e, 13.8% demonstraram indiferenças com relação ao critério de escolha. Desses alunos, 70.0% elegeram a Educação Física como uma atividade de grande importância para a formação do homem; 25.9% concordaram parcialmente; e, 4.1% discordaram totalmente. 86.4% responderam ser a Educação Física importante para a integração do aluno na escola. 72.5% dos alunos gostariam, também que as aulas de Educação Física fossem mais alegres, onde todos os alunos pudessem participar. Segundo a ordem de preferência da prática de atividades na Educação Física, foi a seguinte: atividades esportivo-recreativas (53.1%); atividades somente recreativas (20.0%); atividades esportivo-competitivas (15.0%); corridas (5.6%); ginástica (5.0%). Um outro dado significativo foi

que 80.0% dos alunos opinaram pela mudança da sistemática da Educação Física na escola, por sua diretividade e obrigatoriedade.

Os resultados dessa pesquisa levaram o autor a concluir da necessidade de mudanças da prática obrigatória da Educação Física daquela escola, por uma prática menos discriminativa e diretiva, mais participativa, predominantemente recreativa, alegre, menos formal, onde o aluno tivesse liberdade de optar por suas atividades; e, a sugerir "o EPT como uma das soluções inovadoras e transformadoras da Educação Física escolar, voltada para uma prática contínua, permanente e para além da escola".(p.59)

Quase 10 anos depois, LOVISOLO (1993) apresenta evidências quase similares, na Região Sudeste do Brasil, quando constatou da ampla adesão de crianças e adolescentes<sup>26</sup>, do Rio de Janeiro, ao esporte participação - prática não formal do esporte.

Segundo esse pesquisador, 87,86% de crianças e adolescentes praticam alguma forma de esporte "**fora da escola**", dos quais, 86,12% desse mesmo grupo participam de atividades extracurriculares "**dentro da escola**". Esta pesquisa demonstra, ainda, que as opções por atividades esportivas, expressas por crianças entre 10 e 14 anos<sup>27</sup>, são feitas tanto na escola, como atividades curriculares e/ou extracurriculares, quanto fora da escola, enquanto atividades extracurriculares e participativas. Por exemplo, a corrida (23,95%), a ginástica (22,70%), o basquetebol (13,58%), o voleibol (10,65%) e o handebol (6,94%) foram as principais preferências dos estudantes para práticas "**dentro da escola**". Por outro lado, o futebol (19,32%), a ginástica (16,82%), o voleibol (12,36%), a dança (9,00%), a natação (6,56%) foram as

---

<sup>26</sup> .Pesquisa realizada por LOVISOLO, na Rede Escolar do Rio de Janeiro, entre 1992 e 1993.

<sup>27</sup> .Idem

principais opções apresentadas por esses mesmos alunos para práticas **"fora da escola"**.

Percebe-se que ambas as opções apresentadas - na escola e fora da escola - revelaram uma certa tradição cultural com relação ao esporte, e uma busca de inter-relacionamento social, tendo, na prática do esporte, um de seus veículos condutor.

Outros dados apresentados por LOVISOLO (1993), demonstraram que a influência dos pais, nesse processo, foi outro fator importante para a participação desses estudantes em atividades fora da escola. Isto porque grande parte das famílias estavam preferindo pagar pelo envolvimento de seus filhos com atividades esportivas fora da escola, do que com outras atividades. Muitas vezes, esses pais demonstraram que estas despesas não estavam sendo compatíveis com o montante total da renda familiar mas, assim mesmo, estavam sendo vistas como valores socialmente emergenciais e preventivos.

LOVISOLO (1993) apresenta outro resultado importante da pesquisa, quando trata "sobre a existência de diferença entre a Educação Física e o Esporte". Dos alunos entrevistados, 47,5% responderam não existir qualquer diferença entre a Educação Física e o Esporte; 34,7% sentiram-se incapazes de emitir qualquer opinião a respeito; e, 12,8% declararam existir diferenças entre a Educação Física e o Esporte, porém, estes não foram capazes de mencionar quais são estas diferenças. Assim, de acordo com os resultados obtidos, LOVISOLO (1993) identificou que "a Educação Física perdeu sua especificidade, repartindo sua identidade com o esporte".

Em relação ao nível de preferência, frente às demais disciplinas da escola, a Educação Física foi eleita como a primeira das opções que os entrevistados demonstraram "mais gostar" (382), seguido da Matemática (318) e Português (315). No entanto, com relação ao nível de "prioridade" a Matemática (439), seguida de

Português (432) e ciências (292) foram escolhidas como as mais importantes; a Educação Física ficou em sétimo lugar, dentre as eleitas.<sup>28</sup>

Ao se referir à pesquisa de Lovisolo, DaCOSTA considerou os dados coletados como significativos, bem como afirma a existência de outros dados obtidos por pesquisadores brasileiros, cujos resultados se assemelham aos encontrados por pesquisas similares realizadas em países europeus. Como exemplo disso cita o trabalho realizado pelo Conselho da Europa "Sport in European Society: a Transnational Survey Into Participation and Motivation", publicada em 1982; o estudo desenvolvido por McINTOSH & CHARLTON (1985) que trata do "Impacto da Política do Esporte Para Todos no período de 1966 a 1984"; a pesquisa social realizada na Bélgica e publicada em 1991, com o título "The Sporting Practices of Young People in the French Community of Belgium"; e, o relatório de pesquisa do Comitê Olímpico Nacional da Itália, em 1991, tratando de fatores que influenciam a população jovem Italiana à participar da prática esportiva - "Survey of Young People and Sport: the factors Influencing Participation by Young People". Todos esses trabalhos, comparados com os resultados obtidos por pesquisadores brasileiros, revelam o seguinte:

**- "crianças e adolescentes brasileiros compartilham com as Européias no que diz respeito à aceitação do esporte como uma chave social importante de suas vidas diárias, dentro e fora da escola";**

**- "A grande adesão ao esporte escolar tem acontecido em virtude do grande apoio e estímulo dos pais, das famílias, bem como por parte de Professores de Educação Física, muito mais, como uma forma de reação cultural emergente de valores e, muito menos, como objetivos da escola, enquanto instituição de ensino".**

**- "No Brasil, as diferenças sociais ou o baixo nível econômico de famílias urbanas não, necessariamente, têm sido fatores de redução do nível de participação da prática esportiva, dentro ou fora da escola. A competição é uma das atividades mais evidentes entre as famílias urbanas pobres".**

---

<sup>28</sup> . Apesar de, legalmente, a Educação Física ser definida como "atividade obrigatória".

**- "As principais práticas do esporte, seguem um perfil similar aos encontrados em comunidades Italianas, Francesas ou na população Belga, na faixa etária dos 10 aos 14 anos, o que pode significar que os fatores culturais afetam, primeiramente as escolhas feitas pela população jovem, mais que os fatores psicológicos".**

De posse dessas evidências, percebe-se a existência de um relacionamento ou um sincronismo entre práticas de atividades da Educação Física e dos Esportes, dentro e fora da escola, como um processo sócio-cultural cada vez mais emergente, com graus ou níveis de predominâncias, segundo uma interdependência de relacionamento, entre a **escolarização**<sup>29</sup> e a **desescolarização**<sup>30</sup> dessas práticas, tanto a nível individual, quanto em grupo.

Portanto, com relação ao objeto de estudo específico desse trabalho, cremos ter deixado claro que o termo desescolarização é, aqui, entendido, também, como interpretação de fenômenos sócio-culturais de práticas de atividades motoras - esportivas ou similares da Educação Física - fora da escola, sem obrigação curricular, espontaneamente optada e/ou aceita. Logicamente, percebe-se que não se trata de um processo que busca destruir a escolarização, pelo contrário, mas um processo que, também, convive e interrelaciona-se com ela. Trata-se, pois, de entender a desescolarização enquanto um produto emergente, apreendido e advindo do contexto sócio-cultural, repleto de valores e significados - tanto quanto a escolarização - o qual passou a ser interpretado, por alguns segmentos da sociedade, como uma das

---

<sup>29</sup> .Entendemos a "escolarização" como práticas específicas e programadas na e pela escola, levando-se em conta de que a escola é uma instituição cujo objetivo fundamental é a socialização dos conhecimentos formalmente e historicamente acumulados.

<sup>30</sup> .Mais uma vez alertamos: o termo "desescolarização" deve ser aqui entendido como interpretação de fenômenos sócio-culturais de práticas de atividades, esportivas ou não, "fora da escola"; fazem parte do processo de educação do indivíduo, informalmente ou não-formalmente. Não devemos confundir desescolarização, com deseducação ou subeducação.

exigências ou mesmo uma das necessidades impostas, cotidianamente, pela sociedade contemporânea.

Levando-se em conta, ainda, as evidências apresentadas, os questionamentos e hipóteses formuladas, nessa pesquisa, sobre a "desescolarização" das atividades físicas - esportivas ou não - somos obrigados a concordar, em parte, com ILLICH"(1988:135) quando afirma:

***"Se quisermos desescolarizar, devemos inverter as tendências. O meio ambiente físico geral deve tornar-se acessível e os recursos físicos de aprendizagem que foram reduzidos a instrumentos de ensino devem tornar-se disponíveis a todos para a aprendizagem autodirigida. Usar as coisas apenas como parte de um currículo pode ter efeito pior do que simplesmente removê-las do meio ambiente em geral. Isto pode corromper o procedimento dos alunos".***

Para esse autor a escolarização obrigatória, inevitavelmente, polariza uma sociedade e hierarquiza nações, segundo um sistema internacional de castas. Para ILLICH o nascimento da desescolarização se dá dentro da própria escola, a partir do momento em que essa instituição passa a perder o comando de ações que a sociedade exige.

Como foi visto, a desescolarização passou, nos tempos da globalização, a configurar-se em fator importante no processo de educação, isto porque a escola, em função da mudança de conduta social, deixou de ser vista como a única instituição capaz de promover o conhecimento universal. Com a mudança dessa lógica, a democratização desse processo educacional passou a ser vinculada, também, para a necessidade de participação de outras instituições e/ou outras formas de participação nesse processo.

Especificamente na Educação Física e nos Esportes, as atividades com características não formais passam, a cada dia, ser adotadas e/ou aceitas, abrindo espaços para esse fenômeno da desescolarização; o EPT, por suas características de não-formalidade e democratização da prática esportiva, da mesma forma, foi configurado, neste trabalho, como um dos elementos mediadores da desescolarização da Educação Física e Esportes, tendo no Movimento Olímpico um dos seus maiores protagonistas. Este fato, historicamente tem sido verificado, por possuir o Movimento Olímpico um grande poder de penetração internacional, o qual, desde sua implantação no século XIX, passou a defender o esporte enquanto um dos grandes veículos de educação para as gerações dos mundos moderno e contemporâneo, o qual, juntamente com os grandes veículos de comunicação de massa, passou a difundir-lo no mundo. Ou seja, a adoção do Esporte Para Todos, foi mais uma das estratégias, utilizadas também pelo Movimento Olímpico, para a promoção da democratização da prática esportiva para todos os povos, sem discriminações ou qualquer preconceito. No entanto, se formos analisar detalhadamente essas questões, pela lógica que comanda a sociedade contemporânea - pelo ethos da globalização - as estratégias promocionais podem, até, estar bem articuladas, porém, para atingir esse "para todos" torna-se algo impossível, porque não dependem unicamente das instituições, mas de substratos culturais, enquanto componentes individuais e/ou grupais. Dessa forma, por tratar-se de um fenômeno sincrético, a existência do Esporte Para Todos passa a ser justificada por seu aspecto mitológico e/ou a partir da relativização de sua prática cultural individualizada - subjetiva ou intersubjetiva - essencialmente infinita.

Dentro dessa mesma perspectiva, vemos, também, o fenômeno da desescolarização como uma das formas alternativas - não formais - para o atendimento às necessidades e aspirações multiculturais de uma sociedade mundial, globalizada, caótica, cheia de valores e significados, onde predominam aspectos ligados ao cotidiano, à racionalização, à tecnologia, à secularização, à quantificação, à qualificações constantes e crescentes, que buscam metodologicamente configurar

seus tipos ideais; ao mesmo tempo somos obrigados a admitir de que, essa alternativa, não se constitui como a única capaz de dar respostas à questões presentes nesse processo de relações sociais. Pela existência de uma diferença de nível - desigualdade - que se impõe a essa realidade e não, somente, à unidade racional das necessidades do consumo, da produção e da comunicação, essa diferença de nível adquire várias configurações - organizando-se, planejando-se e/ou adaptando-se - segundo os aspectos culturais que identificam e caracterizam cada sociedade.

## Conclusões.

A revolução burguesa não se restringiu apenas à Europa, ela expandiu-se para outros continentes em diversas formas e tempos. Os fatos não aconteceram isoladamente - de forma independente - eles ainda têm sido constituídos como mais um dos componentes do jogo das relações sociais, adquirindo concreticidade em suas identidades.

Em WEBER, essas identidades refletem momentos históricos, produzidas por indivíduos no conjunto de suas relações sociais e dependentes de tipos de dominação. Para MARX, a instituição dessa identidade teve seu "a priori" na interrogação dessa própria sociedade, procurando buscar significados mediante suas contradições. Com isso, Marx afirma que a gênese do capitalismo não se constituiu - e ainda não se constitui - como um fato isolado, mas apresenta-se enquanto produto das relações sociais, com suas contradições, interrogações, sendo fruto de ações humanas conscientes - na necessidade de um agir e/ou um interagir em busca de transformações - pela práxis.

De acordo com o que vimos em Marx e Weber, o capitalismo ainda tem sido um processo capaz de provocar transformações no mundo. Ele nasce e renasce todos os dias, adquirindo formas - identidades - diferentes. Hoje ele é a universalização do modo de produção social enquanto processo de intercâmbio - desigual em grande parte dos casos. Assim, baseado nesses pensadores, passamos a visualizar, também, o capitalismo enquanto um processo "civilizatório", não simplesmente economicista, mas cultural, político, social, impregnado de subjetividade e infinito de valores e significados, onde as questões dos esportes e dos lazeres também estão presentes.

O início dessa revolução provocou uma espécie de transformação histórico-social de condutas, com aceleração de tempos e espaços, onde os centros de poder deixaram de ser, exclusivamente, "os capitais nacionais" e passaram a ser, também, "as capitais" - os locais - onde se adotam decisões. Verifica-se, então, que esse poder de decisão está se globalizando.

A literatura tem apontado que esse fenômeno da globalização demonstra ser mais um dos desafios da sociedade contemporânea, atingindo também o mundo dos esportes, do lazer, da Educação, da Matemática, da Educação Física - dentre outros campos do conhecimento - como mais uma das estratégias utilizadas para a superação das barreiras regionais; razão pela qual pensar as questões da desescolarização desses campos do conhecimento é uma imposição dos novos tempos.

São fatos presentes e fazem parte do "inventário desse cotidiano"; acompanhados de suas negações, de suas ambigüidades e/ou contradições - pelo sonho, pelo imaginário, pelo simbolismo. As questões relacionadas com o tempo - um dos fluxos Heraclítico - são alguns dos bons exemplos desse inventário, o qual passou a exercer influência na vida de grande parte dos indivíduos nas mais diversas sociedades. Ou seja, a história de um dia engloba a do mundo, a da sociedade e a de cada indivíduo. O tempo, simbolizado perpetuamente pelo calendário, pelo relógio e/ou pela microeletrônica torna-se parte integrante da vida cotidiana.

Se retornarmos às obras de Marx e Weber, vamos verificar que estes autores procuram dar um sentido amplo e vigoroso à vida cotidiana, atribuindo novos entendimentos às questões vinculadas à produção, em relação aos tempo e espaço conquistados pelos indivíduos em seus processos de relações sociais. Reconhecemos que essas iniciativas não ficaram presas, apenas, a um entendimento restrito, mas buscaram, concomitantemente, designar, de uma parte, a criação de obras, incluindo-se o tempo e o espaço sociais que Lefebvre procura denominar de "produção

espiritual"; e, de outra parte, a "produção material", relacionada à fabricação de coisas. Na verdade, são produções do ser humano, no decorrer do desenvolvimento histórico, que estão imbricadas enquanto produção de relações sociais, não se reduzindo, simplesmente, à **fabricação de produtos** ou ao econômico, mas a um processo muito mais complexo.

Lefebvre aponta, no cotidiano, a grande mudança, a grande transição ainda em constituição, a qual não estaria limitada somente à passagem dos tempos da escassez para a abundância, mas também à passagem de outros tempos, dentre estes o de trabalho para o não trabalho. Para ele, os "lazers" entram como necessidades e modificam as necessidades preexistentes na sociedade, onde, diante das fadigas da vida moderna, tornam-se indispensáveis em função da necessidade de práticas lúdicas como o divertimento, a distração, a distensão. Um exemplo bastante presente, hoje, na vida cotidiana da classe trabalhadora, tem sido demonstrado em relação ao valor que esta classe tem dado ao tempo destinado às férias - fenômeno praticamente recente em toda a escala social - o qual veio trazer modificações de comportamentos nessa sociedade.

***"(...) Na verdade, os valores antigamente ligados ao trabalho, ao ofício, ao qualitativo na ação criadora se dissolvem. Os valores ligados aos lazeres estão começando a nascer. Que as pessoas pensem nas suas férias durante todo o ano, isso não quer dizer que um estilo tenha surgido dessa situação e que esse estilo tenha dado um sentido novo ao lazer. Talvez esse estilo esteja sendo procurado no âmbito das cidades de lazer, mas não é evidente. O não trabalho contém o futuro e é o horizonte, mas a transição se anuncia longa, confusa e perigosa. Somente uma automatização integral da produção tornaria possível a sociedade de lazeres". (LEFEBVRE, 1991:61)***

No inventário cotidiano dessa sociedade capitalista, o lazer não tem sido configurado simplesmente como a festa ou a recompensa do labor; nem, também,

como a atividade livre que se exerce para si mesma, enquanto espetáculo generalizado: televisão, cinema, turismo, clubes, programas institucionais; mas, tem sido identificado por organismos internacionais - UNESCO, Comunidade Européia etc. - como um dos tempos sociais prioritários, tanto quanto são os do trabalho, da educação, da saúde, da habitação. Sem suprimir as imposições cotidianas que pesam sobre o trabalhador, o lazer, passou a ser antes de tudo e para todos, ou quase todos, "a ruptura (momentânea) com o cotidiano". Além do mais, são necessidades individuais, mas não são "objeto" de um saber desinteressado. A maneira de estudá-lo age sobre essas necessidades, faz parte de uma prática social e as cristaliza. Aliás, a ação sobre as necessidades dispõe de meios mais poderosos que o estudo de mercado e das motivações"<sup>1</sup>.

Entendemos que a explicação para esse fenômeno, sustenta-se na passagem de uma velha cultura alicerçada na limitação das necessidades, à nova cultura baseada na abundância da produção e na amplitude do consumo - na ideologia do consumo -. destruindo, dia a dia, a classe operária em suas idéias e/ou valores e conservando a superioridade da burguesia. A imagem do homem ativo passou a ser apagada, colocando em seu lugar a imagem do consumidor como razão de felicidade, de racionalidade suprema, como identidade do real com o ideal. Não é apenas o consumidor, nem tampouco o objeto consumido que têm importância nesse mercado de imagens, é a representação do consumidor e do ato de consumir, transformado em arte de consumir. Ao longo desse processo de substituição e de deslocamentos ideológicos, conseguiu-se afastar e até apagar a consciência de um determinado tipo de alienação, posto que ocorre uma liberação de enormes massas de significantes mal ligadas a seus significados ou separados deles como palavras, frases, imagens, signos diversos, os quais flutuam à disposição da publicidade e da propaganda. Por exemplo, o sorriso torna-se símbolo da felicidade cotidiana do consumidor esclarecido e a idéia de pureza adere à brancura obtida pelos detergentes; o corpo atlético torna-

---

<sup>1</sup>. Conceito extraído de Henri Lefebvre, em "A Vida Cotidiana no Mundo Moderno", 1992, p.62.

se símbolo de saúde, vigor, energia, determinação, jovialidade. São simbolismos, altamente trabalhados pela mídia, os quais, muitas vezes, conseguem levar algumas pessoas a redescobri-los em nome de uma alta cultura, quase clandestina e reservada à elite. Outros, tentam recuperá-los - com simulacros ou não - para transformá-los em bens de consumo, ocupando assim um determinado nível de realidade social.

Este estudo indica que no campo dos esportes - tanto formal, quanto não formal - esses fatos não foram diferentes. Ao longo do tempo, esse campo foi sendo apresentado como um fenômeno pertinente de consumos - já que estamos nos referindo a um campo de produção - em função de valores, significados e interesses que passaram a emergir no cotidiano de cada sociedade.

Com a globalização da sociedade capitalista - sociedade de consumo e de produção ilimitados - o indivíduo, a cada dia, tende a perder a sua individualização, em função dos processos de despersonalização, de competição na sociedade; de expansão do mercado capitalista em suas áreas geográficas e/ou da expansão da produção capitalista, onde aponta-se uma mercantilização cada vez mais crescente. Ao mesmo tempo, dá para se perceber que as questões ligadas ao consumo, extrapolam ao campo estrito do econômico e passam, também, a depender de outros valores com extremas multiplicidades e muito mais coletivizados - não só ligado à produção de consumo pela ideologia, mas também ao nível sincrético do cultural, combinado pelos mais diversos sistemas. Motivo pelo qual passamos a visualizar a linguagem do consumo como um fato concreto, porém, muitas vezes aparente e até mentirosa, em função da grande quantidade de simulacros existentes, tendo na mídia um dos seus maiores sustentáculos.

Mais especificamente relacionado ao consumo dos esportes, isto ficou muito mais caracterizado a partir de práticas corporais advindas do esporte espetáculo, enquanto consequência de uma "verdadeira" revolução cultural do corpo, quando a valorização da prática corporal passa a ser um campo de mercado e de investimento.

A difusão do consumo e da produção das práticas esportivas passa a configurar-se como uma linguagem impositiva nos grandes centros e, ao mesmo tempo, uma leitura sócio-cultural vinculada à qualidade de vida do cidadão<sup>2</sup>.

Outras questões como a urbanização, a perda de espaços, o tempo de lazer e de trabalho, dentre outras, passaram a adquirir valores de troca e de usufruto, da mesma forma como aconteceu no tempo em que, na sociedade burguesa, compravam-se títulos e status para o pertencimento de uma dada classe social.

Enquanto que, no início do século XX, o esporte era tido como uma forma de ascensão social, nos tempos atuais, além disso, passa também a ser reconhecido internacionalmente como um dos componentes e/ou uma das necessidades destinadas ao consumo de quase todos os segmentos sociais - principalmente àqueles ligados aos grandes centros. Tudo reveste-se em jogo; os negócios transformaram-se em jogos e os jogos transformaram-se em negócios - esportes. No jogo, o místico ultramundano mistura-se ou confunde-se com o racional mundano e transforma-se numa mercadoria que deverá ser consumida de acordo com as identidades e necessidades sócio-culturais, sem que este consumo esteja ligado a uma única lógica; isto porque na sociedade capitalista existem lógicas, multiculturalizadas, multifacetadas, as quais independem de uma única lógica econômica - seus valores e significados são infinitos.

Percebemos, também, que no jogo do Esporte Para Todos, a idéia do respeito ao trabalho, ao progresso, à cultura individual, ao inter-relacionamento entre o formal e o não formal, dentre outras, tendencialmente tem sido estimulada à estar interagindo com a alegria de viver, com o prazer, com a liberdade de escolha, com a participação, bem como com a ideologia do consumo. Isto torna-se inevitável porque, da mesma forma, como vem acontecendo com outras formas de conduta social, o Esporte Para Todos configura-se como um dos símbolos mitologizados nessa sociedade

---

<sup>2</sup>. Ver Di GIOVANI, em "Mercantilização das Práticas Corporais: o esporte na sociedade de consumo de massa", Coletânea do III Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física, 1995.

consumista, é parte integrante dela e assume as mais diversificadas formas desses consumos. Por esses motivos e por seu sincretismo cultural, tem sido identificado, pela maioria de seus estudiosos, como um estimulador de consumo da prática esportiva para os mais diversos segmentos, independente do fato de ser o mais apto ou não.

As idéias difundidas pelo movimento EPT, favorecem para a escolha de empreendimentos e ações no sentido de que cada pessoa tenha liberdade de opção, segundo suas aspirações, sem se preocupar com a competitividade, seletividade e/ou elitização. Com essas características já configuradas, verifica-se a existência de um aproximado consenso entre pesquisadores no sentido de que, no EPT, o conceito de seleção tende a transformar-se em "opção" - ou aquisição - possuindo uma característica individual de "participação" - ou consumo. A sua essência demonstra estar voltada para a **qualidade de vida** - via práticas corporais predominantemente não formais - e o **desencantamento do mundo** é visto como **privativo de cada indivíduo**, segundo critérios de liberdade, vontade e prazer de viver; são tidas como formas de **produção do ser humano**, no decorrer do seu desenvolvimento histórico, bem como formas de **produção de condutas sociais**, voltadas, prioritariamente, para a interrelação entre o formal, o não formal e o informal - espécie de mimetismo entre o tradicional e o racional.

Dessa forma, contrapondo-se ao que exige o sistema capitalista, o EPT não rompeu com o tradicionalismo; pelo contrário, demonstra ter procurado conviver com ele; isto é, tradicionalismo e racionalismo foram sendo incorporados - ajustados culturalmente - passando a conviver dialeticamente ou ecleticamente em suas ações.

Do mesmo modo, o EPT tem sido, ainda, apontado como uma das soluções alternativas democráticas - mediadoras - para os lazeres e/ou cotidiano do homem contemporâneo. As justificativas, em torno desse fato, apontam o EPT como um fenômeno em constituição ao nível internacional, o qual possui dimensões multiculturais; não se limitando aos números - recordes - dos esportes olímpicos, mas

esforçando-se em conviver com eles; não possuindo uma única base comum de ações - as vezes se apresenta mais formal, outras vezes menos formal - mas demonstrando-se dependente da cultura popular assim como da organização político-social de cada povo.

Uma das características marcantes do EPT é aquela relacionada à não formalidade e/ou à democratização da prática esportiva. Ou seja, dá nitidamente para perceber concepções do Esporte Para Todos enquanto símbolo de democratização da prática esportiva, tendo na desescolarização sua ferramenta ou seu instrumento básico para a sua consolidação. Apesar de já ter sido adotado por algumas instituições e/ou pesquisadores como uma das alternativas de educação- por sua singularização - o EPT demonstra possuir um vocabulário vastíssimo de significados e valores no processo das relações sociais; este é, provavelmente, um dos motivos pelo qual o Movimento Olímpico não conseguiu comandar os movimentos EPT's.

Apesar do seu gigantismo, o Movimento Olímpico Internacional, ao longo de sua história, demonstrou-se limitado e, com o processo de globalização cada vez mais ascendente, perdendo o comando das ações ligadas aos esportes, em função da grande complexidade que esse mundo do espetáculo esportivo passou a estar revestido - cada vez mais racionalizado com o advento da microeletrônica.

Como vimos, o EPT - não obstante toda essa parafernália que cotidianamente vem sendo apresentada pelo mundo do esporte espetáculo - apesar de vivenciado em uma sociedade globalizada, demonstra estar cada vez mais atualizado; não se limitando a extremismos normalmente existentes nessa sociedade, em relação ao econômico, enquanto um universalismo abstrato. Ele - o EPT - cada vez mais, apresenta-se como uma das representações da democratização desse mundo esportivo, por continuar convivendo com suas contradições.

Da mesma forma que compreendemos o capitalismo como um processo capaz de provocar transformações no mundo, nascendo e renascendo todos os dias, bem como adquirindo identidades diferentes, este estudo nos levou a perceber que a conexão entre o Movimento Olímpico, o Esporte Para Todos (EPT) e a desescolarização aconteceu e ainda continua acontecendo das mais diversas formas - com as mais diversas roupagens - estando, cada vez mais, enraizado no cotidiano cultural de cada sociedade.

Percebe-se com isso que, com o advento do Esporte Para Todos - principalmente a partir da década de 60 - o próprio Movimento Olímpico, contraditoriamente, passou a ser um dos estimuladores para o exercício da desmitificação da idéia tradicional do esporte espetáculo. Isto já configura-se como parte integrante dessa dependência de identidade cultural, cujos significados e valores são estabelecidos exclusivamente por indivíduos ou grupos, segundo formas de conduta social. Esse fato tem sido percebido, freqüentemente, ao nível do campo da musica. Por exemplo, o retorno, às grandes paradas, da música folk, das músicas dos anos 60, convivendo, ao mesmo tempo, e, até mesmo, misturando-se com as músicas tidas e/ou ditas como da nova geração.

Assim, entendemos que essa conexão entre o Movimento Olímpico, o EPT e a desescolarização, identifica-se: por questões de identidades culturais; ligadas ao consumo do esporte e das práticas corporais; pela mercantilização do esporte espetáculo; por outras noções do tempo; pelo aumento dos tempos de lazer e sua industrialização; por interferências da mídia e de outros meios de comunicação; por interferência e/ou mediação de instituições governamentais; por iniciativas particulares de indivíduos ou grupos, enquanto forma de conduta social culturalmente emancipatória; por preencher algumas das necessidades da vida cotidiana, enfim, por aspectos inumeráveis, tão complexos quanto a própria definição do Esporte Para Todos e quanto a própria quantidade de "roupagens sócio-culturais" existentes.

O fenômeno da desescolarização da prática de atividades corporais, concomitantemente, foi sendo cada vez mais produzido e reproduzido socialmente. O mesmo acontecendo com o fenômeno educacional, principalmente quando a relação entre as exigências da sociedade contemporânea tornou-se cada vez mais globalizada e caracterizada mediante um processo no qual também exige-se uma educação mais descentralizada - a escola deixou de ser vista como a única instituição capaz de promover a educação - e onde, predominantemente, o não formal passou a ser identificado como um dos grandes mediadores - ou substrato social - de condução à democratização dessa prática educacional.

No campo dos esportes esses fatos foram semelhantes. Somos induzidos até a admitir que Coubertin estava certo quando elegia o esporte enquanto "um dos meios de educação". Frase que, repetida por diversos autores, sintetiza as relações que estamos apontando.

No Brasil, o fenômeno EPT expandiu-se tanto por suas características intersubjetivas quanto por suas características objetivas. Isto significa dizer que tanto ele voltou-se para a sua legalização, quanto configurou-se como um movimento "carismático" - desescolarizado - o qual procurou incorporar atividades tradicionais e esportivas mais praticadas culturalmente pela população brasileira, difundindo-as mais abertamente, no sentido de buscar motivação para a participação e despertar nessa população a necessidade da prática de atividades físicas não formais - esportivas ou não - nos momentos de lazer e no cotidiano de cada cidadão. Por seu gigantismo - assim como normalmente tem acontecido ao nível internacional - possuiu contradições e ambigüidades, inevitáveis num movimento desse porte. Ainda hoje, pelo que se percebe na literatura e por depoimentos apresentados em eventos científicos, uma grande parte dos intelectuais da Educação Física, do Esporte e do Lazer no Brasil, demonstra, não entender esse fenômeno EPT. Discursos aparentes e, muitas vezes, arraigados na militância política - em função de que o EPT foi implantado no Brasil no

período de domínio militar - procuram contestá-lo evasivamente, sem argumentações comprovadamente científicas, ficando simplesmente no campos das hipóteses e/ou do senso comum.

Uma outra argumentação a ser considerada, defende a idéia do EPT constituir-se em uma das "facetas" de sustentação preliminar do Movimento Olímpico, com princípios derivativos da materialização de idéias populares, incorporadas pelo movimento e oficializada pela Olympic Charter. Não temos como negar esse fenômeno, uma vez que, o Olimpismo procurou incorporar idéias e práticas tradicionais de jogos populares, para implantá-las nos Jogos Olímpicos. As questões da racionalização dos esportes, a criação de suas regras e, metodologicamente sendo determinadas por "tipos ideais" - como: qualificação, quantificação, tecnologia, secularização, racionalização - tornaram-se necessárias, a partir do momento em que a desportivização dos jogos foi acontecendo; o amadorismo passou a ceder espaços ao profissionalismo e os Jogos Olímpicos passaram a ser um "campo de batalha internacional" - meio de demonstração de força, poder - tendo no esporte um de seus pontos de apoio e uma de suas alavancas.

A literatura é muito genérica e eclética no trato dessas questões. Assim, encontrar um conceito único para o EPT, seria, também, uma tarefa reducionista e aparente para procurar entender um objeto altamente complexo, multiculturalizado e em constante reconstrução e reprodução. Seria muito arriscado tentar explicar as realidades epetistas com um argumento único. Trata-se apenas de mais uma das tentativas de taquigrafar um "conceito ideal", para a explicação do real - mas que não é o real - em um processo inacabado e infinito que exige critérios rigorosos de abordagens e definições complexas, dependentes do ponto de vista de análises - político, social, individual, histórico, antropológico, econômico etc. - de uma realidade muito mais complexa, infinita, caótica, múltipla do que aquelas taquigrafadas como conceitos ideais, expressos na literatura.

Outro ponto importante a ser lembrado é que a realidade esportiva, apesar de, também, ser fruto da sociedade de consumo capitalista, não está, unicamente, articulada com o econômico. Entendemos ser a questão econômica fator social importante, mas não significa tudo. Ela não pode ser considerada como a causa única, fundante dos diversos argumentos que norteiam esse movimento internacional.

Concordamos com Troeger (1991) quando levanta a hipótese de que o Esporte Para Todos adveio de fora do Movimento Olímpico e, por sua pluralidade e complexidade, seus conceitos não permaneceram uniformes, não ficaram presos institucionalmente e nem, muito menos, foram conclusivos. Esta hipótese poderá ser confirmada, se levarmos em conta a variedade de estruturas e objetivos que têm favorecido o aumento de sua coordenação e cooperação mundial.

Assim como a escola passou a perder o comando único do processo educacional, abrindo espaços para a desescolarização - enquanto alternativa de reordenamento da educação dos indivíduos nos diversos contextos sociais - o Movimento Olímpico Internacional também perdeu o comando do Esporte Para Todos. Na verdade, por sua pluralidade de ações, o EPT passou a se constituir em um movimento internacional que, historicamente, tem demonstrado ser um dos desmitificadores do idealismo atribuído aos Jogos Olímpicos e ao esporte-espetáculo, de modo geral. Isto aconteceu, basicamente, a partir do momento em que seus esforços passaram a estar direcionados para práticas menos elitizadas, menos discriminadoras.

Se para WEBER, as identidades dos jogos de relações sociais constituíram-se em momentos históricos, produzidas por indivíduos no conjunto de suas ações para a constituição da sociedade; e, para MARX, a instituição da sociedade teve seu "a priori" na interrogação dessa própria sociedade - procurando buscar seus significados ; afirmamos que as instituições de fenômenos sócio-culturais que formam historicamente as identidades do Movimento Olímpico, do Esporte Para Todos e do

próprio fenômeno da desescolarização, surgiram a partir de interrogações de suas próprias produções e reproduções; não se constituindo como um fato isolado, mas enquanto produto das relações sociais onde foram envolvidas descobertas, formas de relações sociais e formas de percepções de cada realidade concreta.

Ao mesmo tempo percebemos o Olimpismo enquanto um posto avançado de expansão - inclusão/exclusão - do mercado capitalista no âmbito dos esportes. O Olimpismo, mais que aspiração da sociedade capitalista européia, apresenta-se como uma espécie de mito no campo do esporte; nascente desse mercado capitalista constituído no final do século XIX.

Se levarmos, ainda, em conta algumas categorias como: tempo, espaço, trabalho, produção, consumo, poderemos verificar que para se fazer a conexão entre o Olimpismo, o Movimento Olímpico, os Jogos Olímpicos, o Esporte Para Todos e a desescolarização, necessariamente existam rupturas interpretativas diferenciadas - em alguns momentos mais hedonistas, em outros mais ascéticas.

Não obstante essas questões, procuramos, apontar indicadores que nos levassem a refletir aspectos relacionadas ao universalismo olímpico e ao EPT, para em seguida pensarmos na desescolarização da Educação Física e dos Esportes, sem pretensões de chegarmos à conclusões definitivas. Em síntese, percebemos que:

a) Todos eles - Olimpismo, Movimento Olímpico, Jogos Olímpicos, Esporte Para Todos e o próprio fenômeno da desescolarização - são formas de produção, reprodução e consumo, trabalhadas com notações de tempo e espaço diferenciadas, onde a relação tempo-espaço-trabalho apresentam-se como seus a priori - também diferenciados;

b) Tanto o tempo dos Jogos Olímpicos, quanto o da escola e da própria Educação Física foram exaltados como tempos disciplinadores; o tempo do capital, formalizado, dependente do calendário, da máquina - hoje, também, da microeletrônica

- e baseado em grandes momentos simbólicos que exigem, metodologicamente, qualidade, quantidade, tecnologia, racionalização. O tempo do EPT apresenta-se com alguma modificação, voltando-se, prioritariamente, para a ocupação do tempo de lazer. Dependendo de sua forma de conduta - mais formal, menos formal - o EPT, muitas vezes, tem demonstrado a necessidade de conviver com o tempo disciplinado, o qual, dependente do calendário, apresenta-se, também, enquanto uma forma dialética de relacionamento entre o tempo formal e o tempo não formal. Já, o tempo "livre da desescolarização" demonstra ser privativo e depende do tempo individual, enquanto tempo vivido - do indivíduo - independe do tempo medido - maquinado;

c) Tanto os Jogos Olímpicos quanto o Movimento Olímpico e o Esporte Para Todos, de uma forma ou de outra, apresentam-se genealogicamente institucionalizados, a partir de idéias incorporadas por Pierre de Coubertin, quando da instauração do Comitê Olímpico Internacional, em 1894, as quais foram concretizadas, codificadas e/ou decodificadas na Olympic Charter - ao nosso ver "a gaiola de ferro" do Comitê Olímpico Internacional e do próprio Movimento Olímpico Internacional.

Historicamente mitologizados, apresentam-se com programas e objetivos universalizados de tentativa de divulgação e promoção dos esportes - de elite ou não - para serem consumidos das várias formas, nos mais diversos países do mundo - como negócio.

d) O Esporte Para Todos, diferentemente dos Jogos Olímpicos e Movimento Olímpico, tem sido visto, por grande parte dos autores, como advindo de fora do Movimento Olímpico - desescolarizado - adquirindo uma ideologia norteadada por conceitos e valores ligados à práticas não formais e informais dos esportes, objetivando estimular indivíduos, ou grupos, ao exercício de atividades corporais, independente de sexo, idade, cor, raça, credo ou qualquer outra discriminação. Tem, ainda, procurado, de uma forma ou de outra, incitar o respeito aos aspectos culturais e

contextuais de cada sociedade, utilizando-se do esporte de lazer - não formal - como uma de suas ferramentas educacionais de incentivo à melhoria da qualidade de vida;

e) A desescolarização dos esportes e/ou das práticas corporais, aqui entendida como uma das alternativas de consolidação - concretização - das idéias epetistas na sociedade global, demonstra sua efetivação a partir do momento em que, autonomamente, indivíduos ou grupos de indivíduos buscam desmitificar, desinstitucionalizar, descentralizar e democratizar formas tradicionais de condução social. Ou seja, quando encontram alternativas independentes, privadas, enquanto expressão e direito de liberdade individual e de cidadania. Na verdade, a desescolarização, aqui apontada, deverá ser entendida como um fenômeno produzido historicamente na vida cotidiana de indivíduos no conjunto de suas relações sociais.

Assim, não obstante outros fatores globalizantes e norteadores da sociedade contemporânea, a desescolarização das práticas corporais e esportivas, configura-se como um fenômeno social marcadamente presente em diversas sociedades - principalmente na sociedade Européia - cujos significados e valores são muito mais complexos do que aqueles expressos na literatura. Na verdade, a desescolarização é um fenômeno já consagrado internacionalmente e apresentando-se recheado de ações e idéias muito mais amplas que a própria expressão metafórica "Esporte Para Todos" possa representar. Sua riqueza está no fato de ser multiculturalizado, desinstitucionalizado, sincrético e, predominantemente, dependente de aspirações, interesses, anseios, vocações que permeiam cada realidade contextual e cultural em que os indivíduos estão inseridos - entendemos como um fenômeno internacional culturalmente emancipatório.

Com a globalização, o Movimento Olímpico, o Olimpismo, os Jogos Olímpicos - incluímos também o Esporte Para Todos - transformaram-se em fenômenos avançadíssimos no mundo dos negócios e do ócio, em um mercado, cada vez mais, em expansão; e, abrindo espaços para o fortalecimento internacional do fenômeno supranacional de desescolarização das práticas corporais.

## Bibliografia:

- ALVES, R. **Filosofia da ciência: introdução ao jogo e suas regras.** São Paulo: Brasiliense, 5ª ed, 1984.
- ALBAROZ, S. **O que é trabalho.** São Paulo : Brasiliense, 1986.
- ALMEIDA, M. A.V. **História da educação brasileira - o problema de sua periodização.** Rio de Janeiro. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Brasília-DF: jan/abril de 1988.
- APLLE, Michael. **Educação e poder.** Porto Alegre : Artes Médicas, 1989.
- AZEVEDO, Fernando de. **Da Educação Física.** São Paulo-SP: Melhoramentos, 3a.ed, obras completas, volume I.
- BAZARIAN, J. **O problema da verdade.** São Paulo: Símbolo, 1980.
- BENTO, Jorge & MARQUES, António. **A Ciência do desporto, a cultura e o homem.** In "Acerca a necessidade de revitalizar o lema do 'Desporto Para Todos': a Cidade Desportiva". Universidade do Porto/Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, 1992.
- BERCITO, Sônia de Deus R. **Ser forte para fazer uma nação forte.** Dissertação de mestrado apresentada na USP-São Paulo: novembro de 1990.
- BLOCH, Marc. **Introdução à história.** Trad. Maria Manuel e Rui Grácio, Lisboa-Portugal: Europa-América, 4a.ed, 1965.
- BOBBIO N. et alii. **Dicionário de política.** Brasília: EUB, 1986.
- BOULOGNE, Y. P. et alii. **For a humanism of sport.** Comite National Olympique et Sportif Français: Editions Revue EP.S, 1994.
- BOURDIEU, P. **Como é possível ser esportivo?.** In Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- \_\_\_\_\_. **Sociologia.** (Org.) Renato Ortiz. São Paulo: Ática, 1983.

- BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e capital monopolista**. Rio de Janeiro: Guanabara, 3ª ed, 1987.
- BUENO, Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo-SP: LISA, 3a.ed, 1989.
- BURGOS, M.S. **Esporte Para Todos nas comunidades e na Escola Superior de Educação Física de Santa Cruz do Sul**. Revista Comunidade Esportiva, nº 35, nov/dez de 1985, p. 18-23. Rio de Janeiro: Rede Esporte Para Todos, 1985.
- BUTLER, George D. **Recreação - Uma introdução à recreação na comunidade**. Rio de Janeiro: Lidador, 1973.
- CAMARGO, Luiz O. Lima. **O que é lazer**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CARVALHO, M. Cecília M. **Construindo o saber : técnica de metodologia científica**. Campinas, SP: Papyrus, 2ª ed, 1989, 180p.
- CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade**. (Trad) Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2ª ed, 1982.
- CAVALCANTI, Kátia Brandão. **Esporte Para Todos: um discurso ideológico**. São Paulo-SP: IBRASA, 1984.
- CECCON, Claudius et alii. **A vida na escola e a escola da vida**. São Paulo-SP: vozes, 7a.ed, 1983.
- CHALIP, L. **The revival of the modern Olympic Games and Pierre de Coubertin's thoughts on Sport For All**. In Sport For All and the Olympic Philosophy. I.O.A/Ancient Olympia-Greece: 1991.
- CHAUÍ, Marilena de S. **O que é ideologia**. São Paulo-SP: Brasiliense, 18a.ed, 1984.
- I CONGRESSO BRASILEIRO E PANAMERICANO DE ESPORTE PARA TODOS. **Anais**. Brasília-DF: SEED/MEC, 1983.
- II CONGRESSO BRASILEIRO DE ESPORTE PARA TODOS. **Anais**. Brasília-DF: SEED/MEC, 1984.
- III CONGRESSO BRASILEIRO DE ESPORTE PARA TODOS. **Anais**. Secretaria Municipal de Cultura e Esportes de Campo Grande e SEED/SUEPT/MEC. Campo Grande-MS: 1986.

- COUBERTIN, P. **Pedagogie Sportive: Histoire d'Exercices Sportifs**. Librairie Philosophique J.Vrin, 1972.
- CURY, Carlos R. Jamil. **Educação e contradição: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.
- DaCOSTA, L.P. **How can the Olympic Movement promote Sport For All? I.O.A.- Ancient Olympia/Greece: 31st session, 16th-31st of July, 1991**.
- \_\_\_\_\_. **Multicultural Olympism or else? I.O.A.- Ancient Olympia/Greece: 2nd International Seminar for Selected Graduate Students: may-june, 1994**.
- \_\_\_\_\_. **Child, youth and sport**. Stockholm: Book Project Workshop. ICSSPE-UNESCO: Sport and Leisure Committee, May 7-8th, 1993.
- \_\_\_\_\_. **A reinvenção da Educação Física e do desporto, segundo paradigma do lazer e da recreação**. Lisboa-Portugal: Desporto e Sociedade: nº 6, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Educação Física e Esportes não formais**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1988.
- DALLARI, Dalmo de Abreu. **O que são direitos das pessoas**. São Paulo-SP: Brasiliense, 1984.
- DESPOTOPOULOS, K **The Ancient Greek Philosophers and Sport**. In I.O.A. - Ancient Olympia-Greece: 31 st Session, 16th-31st of July, 1991.
- DEWEY, J. **Vida e educação**. São Paulo: Melhoramentos, 10ª ed. 1978.
- DIECKERT, J. **Esporte de Lazer: tarefa e chance para todos**. Rio de Janeiro/Brasil: Ao Livro Técnico, 1984.
- DI GIOVANNI, Geraldo. **Mercantilização das práticas corporais: o esporte na sociedade de consumo de massa**. In III Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física. **Coletânea**. Curitiba-Paraná: Universidade Federal do Paraná et all, 1995, p. 15.
- EKER, G. **Leisure and lifestyle in selected writings of Karl Marx: a social and theoretical history**. San Francisco: EMTText, 1991.

- I ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA E DO ESPORTE. **Coletânea.** FEF/UNICAMP-Campinas/SP: Grupo de História do Esporte, Lazer e Educação Física, 1994.
- II ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA. **Coletânea.** Ponta Grossa-Pr/ DEF/UEPG-FEF/UNICAMP: Grupo de História do Esporte, Lazer e Educação Física, 1994.
- III ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA. **Coletânea.** Curitiba-Pr/DEF/UFPR-DEF/UEPG-FEF/UNICAMP: Grupo de História do Esporte, Lazer e Educação Física, 1995.
- FEIJÓ, M. César. **O que é política cultural.** São Paulo-SP: Brasiliense, 1984.
- FENELLON, Déa. **Pesquisa em história: perspectivas e abordagens.** In Metodologia da Pesquisa Educacional. São Paulo-SP: Cortez, 1989, Biblioteca da Educação, v. II.
- FILARETO, N. Conferência de abertura da 31ª Sessão Internacional da I.O.A., Atenas-Grécia: 1991. In **Sport For All and the Olympic Philosophy.** I.O.A., Olympia, 1991.
- \_\_\_\_\_. **The educational requirements of Olympism in its present philosophical dimension and commercialization in sport.** Ancient Olympia-Greece: IOA, thirthy-second session, 1992, p.44.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança.** Rio de Janeiro-RJ: Paz e Terra, 5a.ed, 1982.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FREITAG, Bárbara. **Escola, Estado & Sociedade.** São Paulo: Moraes, 1980.
- \_\_\_\_\_. **Sociedade e consciência. Um estudo piagetiano na favela e na escola.** São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1984.
- FRIEDMANN, Georges. **O trabalho em migalhas.** São Paulo: Perspectiva, 1982.
- FRIGOTTO, G. **Educação e a crise do capitalismo real.** São Paulo: Cortez, 1995.
- GAMBOA, Silvio A. Sánchez. **Epistemologia da pesquisa em educação.** Tese de doutorado apresentada na Universidade Estadual de Campinas- UNICAMP\_SP: 1990.

- GAMBOA, Silvio A. Sanchez. **As concepções de tempo e a questão da historicidade do objeto na pesquisa em ciências sociais.** Coletânea do I Encontro Nacional de História da Educação Física e do Esporte/ Grupo de História do Esporte, Lazer e Educação Física/FEF/UNICAMP, 1994.
- GEBARA, Ademir. **Educação Física tempo e historiografia.** Anais do II Simpósio Paulista de Educação Física. São Paulo-SP: UNESP/Rio Claro, 1989.
- GEBARA, Ademir et alii. **Educação Física e Esporte na universidade.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Física e Desportos, 1988.
- \_\_\_\_\_. **Educação Física e Esportes no Brasil: perspectivas para o século XXI.** (Org.) Wagner Wey MOREIRA. Campinas/SP: Papirus, 1992.
- \_\_\_\_\_. **O tempo na construção do objeto de estudo da história do Esporte, do Lazer e da Educação Física.** II Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física. **Coletânea.** Ponta Grossa-PR: Grupo de História do Esporte, Lazer e Educação Física DEF/UEPG-FEF/UNICAMP, 1994.
- GELPI, Ettore. **Lazer e educação permanente.** São Paulo:SESC, 1983.
- GIRARDET, R. **Mitos e mitologias políticas.** (Trad.) MACHADO, M.L. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GIROUX, Henry. **Teoria Crítica e resistência em Educação.** Rio de Janeiro. Petrópolis, 1986.
- GODBEY, Geoffrey. **Leisure in your life: an exploration.** Oxford: State College. Pa.: Venture Publishing, 1985.
- GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história.** Rio de Janeiro-RJ: Civilização Brasileira, 4a.ed, 1981.
- GUARANÁ, Cecília. **Participação e democracia no cotidiano escolar.** n universidade , escola e formação de professores, Brasiliense, 2ª ed. 1987.
- GUTTMANN, A. **The games must go on: Avery Brundage and the Olympic Movement.** New York: Columbia University Press, 1984.
- \_\_\_\_\_. **The Olympics: a history of the modern games.** Chicago: University of Illinois Press, 1992.
- \_\_\_\_\_. **From ritual to record: the nature of modern sports.** New York: Columbia University Press.

- HABERMAS, Jurgen. **O discurso filosófico da modernidade**. Lisboa-Portugal: Dom Quixote, 1a.ed, 1990.
- HILDEBRANDT, Reiner. **O esporte como fenômeno social e a análise social crítica do esporte**. Texto mimeografado [S.L; s.n.]
- \_\_\_\_\_. **Configuração pedagógica do movimento esportivo no ensino da Educação Física escolar**. Revista da Educação Física/UEM. v.1, nº 1. 1990. Maringá.
- HILDEBRANDT, Reiner & LANGING, Ralf. **Concepções abertas no ensino da educação física**. (Trad) Sonnhilde Von der Heide. Rio de Janeiro: Livro técnico, 1986.
- HOBBSAWM, E. J. **A era dos impérios: 1875-1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 3ª ed, 1992.
- \_\_\_\_\_. **A era das revoluções: 1789-1848**. (Trad.) Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 9ª ed., 1994.
- HUIZINGA, J. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. (trad.) João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 2ªed., 1980.
- ILLICH, I. **Sociedade sem escolas**. Petrópolis-RJ: Vozes, 8ª ed. 1988.
- KERLINGER, F.N. **Metodologia da pesquisa em ciências sociais: um tratamento conceitual**. São Paulo: EPU, 1986.
- KOSIK, K. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2ª ed, 1976.
- KURZ, R. **Perdedores Globais**. Folha de São Paulo/Caderno Mais!, fl.5, 01/10/95.
- \_\_\_\_\_. **O colapso da modernização: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2ª ed., 1993.
- LANDRY, F. et alii. **SPORT...The third millennium**. Sainte-Foy-France: Les Presses de L'Université Laval, 1991.
- LEFEBVRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.
- LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas-São Paulo: UNICAMP, 2ª.ed., 1992, 553p.
- LIBANEO, José Carlos. **Democratização da escola pública**. São Paulo: Loyola, 3ª ed, 1986.

- LOVISOLO, H.R. **Transformações sócio-culturais na Educação Física, Esporte e Lazer.** Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Educação Física: arte da mediação.** Rio de Janeiro: SPRINT, 1995.
- MacALOON, John J. **The turn of two centuries: sport and the politics of intercultural relations.** In Sport...The third millenium. (Edit.) Fernand LANDRY et all. Les Presses de L'Université Laval: Saint-Foy-France, 1991, p.31.
- \_\_\_\_\_. **Sponsorship policy and Olympic ideology: toward a new discourse.** Ancient Olympia-Greece: Thirty-second Session of International Olympic Academy, 1992, p.62
- McNEELY, S. **The other aspects of Olympism.** Ancient Olympia/Greece: I.O.A., 18th Session, 1977.
- MARCELLINO, Nelson de Carvalho. **Lazer e humanização.** Campinas-SP: Papirus, 1983.
- \_\_\_\_\_. **Lazer e Educação.** Campinas. SP: Papirus, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Lazer e escola.** Tese de doutorado apresentado à UNICAMP. Campinas-SP: 1988.
- MARSAL, J.F. **Conhecer Max Weber e a sua obra.** Tradução de Manoel Seabra. Portugal: Ulisseia [s.d.].
- MARX. K. **O capital.** São Paulo: Civilização Brasileira: livro 1, vol 1, 1ª ed, 1975.
- MOSHER, J. **Sport For All and the Olympic Philosophy.** I.O.A.- Ancient Olympia/Greece: 31st session, 16th-31st of July, 1991.
- MÜLLER, N. **Olympism and Sport For All.** Ancient Olympia-Greece: International Olympic Academy, 1988.
- \_\_\_\_\_. **Olympic Congresses 1894-1994: idea, function, evolution.** Ancient Olympia-Greece: International Olympic Academy, 1994.
- OLIVEIRA, Vitor Marinho. **O que é educação Física?** São Paulo: Brasiliense, 3ª ed, 1984.
- \_\_\_\_\_. **Educação Física humanista.** Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1985.
- \_\_\_\_\_. (Org). **Fundamentos pedagógicos da educação física.** Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1987.

PALM, J. **New Sport For All, Programmes and the Olympic Movement.** I.O.A.- Ancient Olympia/Greece: 31st session, 16th-31st of July, 1991.

\_\_\_\_\_. **A Visão e a Realidade.** Revista Brasileira de Educação Física e Desportos, N° 35, 1977, p.28.

PARKER, Stanley. **Sociologia do lazer.** Rio de Janeiro: Zarár, 1978.

PARLEBAS, P. **Perspectivas para una Educación Física moderna.** UNISPORT ANDALUCIA - Junta de Andalucía, 1987.

\_\_\_\_\_. **Elementos de sociologia del deporte.** UNISPORT ANDALUCIA - Junta de Andalucía, 1988.

PARO, V. H. **Administração Escolar: introdução crítica.** São Paulo: Cortez, 5ª ed., 1991.

RICOEUR, P. **História e verdade.** Rio de Janeiro: Forense, 1968.

ROGEEK, C. **The capitalism and leisure theory.** Londres: Tavistok Publication, 1985.

RUIZ, João Alvaro. **Metodologia científica.** São Paulo: Atlas, 1985.

SCHAFF, Adam. **História e verdade.** Lisboa-Portugal: Estampa, 1974.

SAHLINS, M. **Ilhas de história.** . Bárbara Sette (Trad.) Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

SALVADOR, Ângelo Domingos. **Métodos e técnicas da pesquisa bibliográfica.** Porto Alegre: Sulina, 10ª ed, 1982.

SAMARANCH, A. J. **Sport For All and the Olympic Philosophy.** Quotation from address of the IOC President for the opening of the 31st International Session of the International Olympic Academy in Athens-Greece: IOA, 1991.

SANTIN, S. **Reflexões filosóficas sobre a Educação Física.** Santa Maria-RS: Revista Kinesis, n° 1, 1980.

\_\_\_\_\_. **Universidade comunidade e tempo livre ( aspectos filosóficos e antropológicos).** Brasília: MEC/SEED, 1988.

SANTOS, J.L.dos. **O que é cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1984.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia: Teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação e política.** Cortez, 1986.

- SELTZ, C. et al. **Métodos de pesquisa nas relações sociais.** São Paulo: EPU, 1960.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Cortez, 15ª ed, 1989, 239 p.il.
- SOARES, C.L. et alii. **Metodologia do Ensino de Educação Física/Coletivo de Autores.** São Paulo:Cortez, 1992.
- SZYMICZEK, O. **Olympism, Olympic Movement, Olympic Games.** Ancient Olympia-Greece: I.O.A, 20th Session, 1979.
- \_\_\_\_\_. **Olympism Today.** Ancient Olympia-Greece: IOA, 29th Session, 1989.
- TAFFAREL, C.N.Z. **Esporte para todos - em busca de uma nova filosofia do esporte.** In Revista Comunidade Esportiva. Rio de Janeiro: MEC/SEED/SUEPT/REDE EPT, nº 37-ano VI, 1986,p.3.
- \_\_\_\_\_. **Concepções de Aulas Abertas à Experiência em Educação Física: discussão de pressupostos em relação a fins e objetivos à luz da realidade da Educação Física escolar brasileira.** Aracaju-Sergipe: Revista Motrivivência, nº. 4, 1991.
- THOMPSON, E.P. **O tempo, a disciplina do trabalho e o capitalismo industrial.** In Trabalho, educação e prática social: por uma teoria da formação humana. SILVA T.T.da (Org.) Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- TROEGER, W. **Sport For All: aims and expected influence on the Olympic Movement.** In Sport For All and the Olympic Philosophy. I.O.A/Ancient Olympia-Greece: 1991.
- TUBINO, M.J.G. **Uma visão paradigmática das perspectivas do esporte para o início do século XXI.** In Educação Física & Esportes: perspectivas para o século XXI. Wagner Wey Moreira (Org.). Campinas-SP: Papirus, 1992.
- VALENTE, Edison. F. **Perspectivas históricas sobre o Movimento Esporte Para Todos no Brasil.** Campinas-SP: Caderno 1/FEF/UNICAMP, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Uma questão de tempo.** Anais do IV Simpósio Paulista de Educação Física. Rio Claro-SP: Maio/1993.
- \_\_\_\_\_. **Metodologia da pesquisa histórica.** Coletânea do I Encontro de História da Educação Física e Esportes. Campinas: EF/UNICAMP, Out/1993.

VALENTE, Edison F. **EPT: metodologia e desescolarização.** Anais do V Encontro Nacional de Recreação e Lazer. Bertioga-SP: Out/1993.

\_\_\_\_\_. **Sport For All: unschooling of Physical Education and the Olympic Universalism.** Ancient Olympia-Greece: 2nd Seminar For Select Students of Physical Education and History of International Olympic Academy/IOA, 1995.

\_\_\_\_\_. **Deporte Para Todos: la desescolarización de la Educación Física Y el universalismo olimpico.** Universidad de Concepción-Chile: Resúmenes de I Primer Congreso Internacional "Deporte Para Todos y Su Inserción En El Desarrollo Socioeconomico de America Del Sur", 1994.

\_\_\_\_\_. **Esporte Para Todos e Olimpismo.** Curitiba-Paraná: Coletânea do III Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física, 1995, p.134.

VALENTE, Edison F. & VALENTE, Marcia C. **Uma conversa com Lenea Gaelzer.** Revista Brasileira de Ciências o Esporte, tema: Lazer. Número 3, 1992.

VALENTE, Márcia C. **Recreação: um discurso teórico-prático do Esporte Para Todos.** UFSM-RS: Monografia do Curso de Especialização em Esporte Para Todos, 1985.

\_\_\_\_\_. **A Disciplina Recreação e Lazer no Processo de Formação de Profissionais de Educação Física.** Dissertação de Mestrado/FEF/UNICAMP/CAMPINAS, 1993.

VERA, A. **Metodologia da pesquisa científica.** Porto Alegre-RS: Globo, 1983..

WEBER, Max. **Metodologia das ciências sociais.** (Trad.)Augustin WERNET. Campinas: UNICAMP; São Paulo: Cortez, partes 1 e 2, 1992.

\_\_\_\_\_. **A ética protestante e o espírito do capitalismo,** Cap. II. São Paulo: Pioneira, 1967.

\_\_\_\_\_. **Economia e sociedade.** Brasília-DF: UNB, vol. 1, 1991.

WHITE, H. **Meta-História: a imaginação histórica do século XIX.** (Trad.) J.L. de MELO. São Paulo: EDUSP, Coleção Ponta, v.4, 1992.

YALOURIS, Nikos **The Olympic Games in antiquity.** In Sport For All and the Olympic Philosophy. International Olympic Academy. Ancient Olympia-Greece: 1991.

YOUNG, David C. **The Olympic Mith of Greek amateur athletics.** Chicago: Ares Publishers, INC., 1984.